

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**A CULTURA MATERIAL DO GUARANI MISSIONEIRO
COMO SÍMBOLO DE IDENTIDADE ÉTNICA**

FERNANDA BORDIN TOCCHETTO

Orientadora: Prof^a Esther Jean Langdon
Co-Orientador: Prof^o Arnó Alvarez Kern

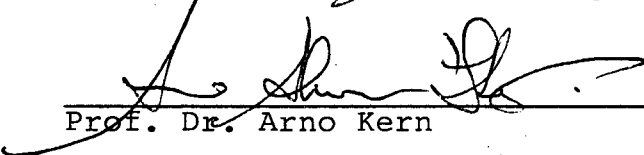
Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Florianópolis, SC, março de 1991.

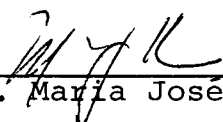
Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em antropologia . Aprovado pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:



Profa. Dra. Esther Jean Langdon - Orientadora



Prof. Dr. Arno Kern



Profa. Maria José Reis

Florianópolis, 29 de Abril de 1991.

"E Nanderuvucū achou Nanderū Mbaecuaā junto de si. E Nanderuvucū disse a Mbaecuaā: 'Achemos uma mulher!' Então Nanderū Mbaecuaā falou: 'Como podemos achar uma mulher?' Disse Nanderuvucū: 'Nós a acharemos na panela de barro'. E ele fez uma panela de barro e ele cobriu a panela de barro. Algum tempo depois Nanderuvucū disse para Mbaecuaā: 'Vá ver a mulher na panela de barro' Nanderū Mbaecuaā foi e verificou; a mulher estava na panela de barro. E ele a trouxe consigo".

(Nimuendajū, 1987:143)

AGRADECIMENTOS

A trajetória de desenvolvimento desta dissertação, foi acompanhada por pessoas que, por terem sido fundamentais, merecem meus sinceros agradecimentos.

Agradeço à Orientadora, **Profª Esther Jean Langdon** pelo incentivo e apoio durante todo o processo.

Ao Co-Orientador, **Prof. Arno Alvarez Kern**, pelo constante estímulo, crítica e auxílio indispensáveis para a consecução deste trabalho e por possibilitar o pleno acesso à documentação material e à bibliografia.

Ao especialista em cerâmica Guarani, **Prof. José Proenza Brochado**, pela orientação quanto à análise e interpretação do material cerâmico, sem a qual seria impossível o desenvolvimento da proposta apresentada.

Ao coordenador do Centro de Estudos e Pesquisa Arqueológicas da PUCRS, **Prof. Guilherme Naue**, por permitir a utilização do espaço, materiais e bibliografia do laboratório necessários à pesquisa.

Ao Diretor do Instituto Anchietano de Pesquisas da UNISINOS, **Prof. Pedro Ignácio Schmitz**, por possibilitar a pesquisa na documentação jesuítca desta Instituição.

Aos meus amigos e companheiros pelo contínuo apoio e questionamentos essenciais à finalização do trabalho e, finalmente, ao **Luigi, Caetano e meus pais** pelo carinho, compreensão e incansável estímulo ao longo deste percurso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	005
1 A REDUÇÃO DOS GUARANI NA BACIA DO RIO DA PRATA	011
1.1 <u>O cotidiano e as manifestações de resistência étnica nos povoados missioneiros</u>	020
1.2 <u>A cultura material Guarani no espaço social da casa e nas atividades cotidianas e especiais</u>	044
2 ARQUEOLOGIA HISTÓRICA EM SÍTIOS DE CONTATO INTERÉTNICO EURO-INDÍGENAS	054
2.1 <u>Considerações sobre as manifestações materiais dos sítios de contato</u>	064
2.2 <u>A Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço Mártir</u> ...	072
2.2.1 Atividades arqueológicas	075
2.2.2 Abordagem etnoarqueológica	079
3 O PROCESSO DE PRODUÇÃO CERÂMICA PELO GUARANI NA REDUÇÃO DE SÃO LOURENÇO MÁRTIR E SUAS CLASSES FUNCIONAIS	086
3.1 <u>Vasilhames modelados pela superposição de roletes</u> ...	089
3.2 <u>Vasilhames e outros artefatos torneados</u>	131
3.3 <u>Artefatos cerâmicos modelados a partir de um bloco de argila, moldados e reaproveitados</u>	148
3.4 <u>Considerações preliminares</u>	151
4 A PRODUÇÃO E O USO DOS IMPLEMENTOS LÍTICOS NA REDUÇÃO DE SÃO LOURENÇO MÁRTIR	212
4.1 <u>Considerações preliminares</u>	231
CONCLUSÃO	260
BIBLIOGRAFIA CITADA E CONSULTADA	263

INTRODUÇÃO

O tema dessa dissertação desenvolve-se sobre o significado da cultura material produzida e utilizada pelos Guarani nos povoados missioneiros, interpretada como símbolo visível de identidade étnica. Tal leitura das manifestações materiais realizou-se sobre os vestígios arqueológicos cerâmicos e líticos da Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço Mártir, alicerçada nas informações históricas da documentação jesuítica.

No início da conquista ibérica na Bacia Platina, espanhóis e portugueses depararam-se com populações falantes da língua Tupi-Guarani dispersadas pela banda oriental das áreas banhadas pelos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. A partir do século XVIII, com o estabelecimento da Província Jesuítica do Paraguai, começaram a ser instaladas as missões jesuítico-Guarani sob a responsabilidade de missionários espanhóis em catequizar e "civilizar" os grupos indígenas.

As missões jesuíticas representaram uma complexa situação de contato interétnico, no qual estavam em interação parcialidades étnicas com valores e padrões sócio-culturais e econômicos profundamente antagônicos. A ação evangelizadora e civiliza-

dora encontrou a resistência dos Guarani em sujeitar seu modo de ser (seu teko) ao preconizado pela sociedade européia e cristã. Tal resistência é demonstrada pelas situações de conflito étnico e pela manutenção de determinados princípios e costumes tradicionais realizados a elementos não materiais e materiais da cultura.

A persistência dos indígenas em preservar traços característicos da sua etnia nos modos de fazer e usar artefatos no cotidiano do povoado, caracteriza-se igualmente como uma manifestação de resistência. Este trabalho é um "estudo de caso" cuja proposta consiste em analisar mostras de restos cerâmicos e de peças confeccionadas em pedra resgatadas no sítio arqueológico de São Lourenço Mártir, buscando evidenciar e interpretar os elementos Guarani originais que persistiram na produção e uso dos objetos. A linha norteadora deste estudo refere-se ao significado simbólico destes elementos, considerados como um referencial de identidade étnica.

A interpretação dos conteúdos simbólicos da cultura material concentra-se principalmente nas pesquisas efetuadas em grupos etnográficos atuais, demonstrando a necessidade de buscar esta compreensão igualmente nos vestígios materiais oriundos dos sítios arqueológicos. As possibilidades desta abordagem são maiores nos sítios históricos, os quais possuem respectiva documentação escrita, complementando e subsidiando a investigação dos testemunhos materiais. Os trabalhos de Arqueologia Histórica desenvolvidos em sítios missioneiros são relativamente

poucos, principalmente sob a perspectiva de mudança e, ou manutenção de elementos materiais contextualizados numa situação de contato interétnico (ver Brochado, 1969b, 1974 e Rovira, 1989). O material arqueológico utilizado neste trabalho pela primeira vez passou por um processo de análise, contribuindo assim para as pesquisas que possivelmente realizar-se-ão sobre a Redução de São Lourenço Mártir ou sobre os demais sítios missioneiros.

O desenvolvimento desta abordagem seguiu a orientação metodológica da Etnoarqueologia, a qual, em termos gerais, implica no uso de analogias etnográficas na interpretação arqueológica (perspectiva teórica trabalhada por Chang, 1967; Gould, 1978; Kramer, 1979; Stanislawiski, 1973; Hodder, 1982, entre outros). Para a reconstituição dos processos relativos à confecção e utilização dos artefatos cerâmicos e líticos empregamos a analogia "histórica direta", através das informações históricas e etnohistóricas sobre os Guarani e sua produção dos séculos XVII, XVIII e XIX, e a analogia "comparativa geral", através dos dados etnográficos e etnohistóricos de diferentes etnias, principalmente os grupos do tronco lingüístico Tupi. O estudo sobre os Guarani missioneiros é favorecido pela possibilidade da utilização do primeiro tipo de analogia mencionado, onde há correspondência cultural entre os elementos arqueológicos e etnográficos.

O material arqueológico foi analisado segundo os procedimentos usuais empregados nas pesquisas arqueológicas nacionais, privilegiando os aspectos qualitativos sobre os quantita-

tivos e concentrando esforços na reconstituição dos vasilhames cerâmicos para a interpretação da relação entre forma e função (cf. La Salvia e Brochado, 1989).

Paralelamente à análise dos vestígios cerâmicos e líticos, procedemos ao levantamento de informações históricas indicadoras de situações de conflito e resistência étnica no interior das reduções jesuíticas. Estes fenômenos vêm complementar e sustentar a interpretação sobre o significado simbólico da cultura material do Guarani missioneiro. A pesquisa, sob a perspectiva traçada, caracteriza-se pela sua abordagem multidisciplinar, combinando os conhecimentos da Arqueologia, História e Antropologia.

Devido à complexidade, acima exposta, desta pesquisa, realizamos, num primeiro momento, o levantamento das informações históricas referentes aos componentes materiais e não-materiais dos Trinta Povos Missioneiros nas fontes bibliográficas e documentais jesuíticas. Num segundo momento, procedemos à análise das pesquisas efetuadas em sítios arqueológicos de contato interétnico, traçando considerações sobre as manifestações materiais — manutenção e mudanças ocorridas em consequência dos contatos entre indígenas e europeus, bem como ao relato dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos na Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço Mártir e da abordagem teórica aplicada sobre a cultura material do sítio. Já num terceiro momento, realizamos a análise dos fragmentos de objetos cerâmicos quanto às técnicas de confecção, tratamento das superfícies e formas dos arte-

fatos. Por último, com relação aos implementos líticos, levantamos as matérias-primas empregadas, as técnicas de manufatura e as formas, classificadas segundo sua provável funcionalidade. A reconstituição dos processos de produção dos artefatos líticos e cerâmicos e sua utilização foi apoiada nas informações etnográficas históricas e atuais.

O período delimitado pelo objeto desse estudo — a cultura material do Guarani nos povoados missioneiros — compreende os séculos XVII, XVIII e XIX. Apesar de, especialmente, ser analisado um material proveniente da Redução de São Lourenço, cuja fundação ocorreu no final do século XVII, foram utilizadas várias informações referentes aos Trinta Povos. Pesquisas efetuadas em determinadas reduções parecem indicar que as interpretações dos vestígios arqueológicos possam ser ampliadas, justificando a abrangência do período. O século XIX inclui-se neste limite temporal pelo fato de que, mesmo após o abandono das reduções pelos jesuítas em meados do século XVIII, os povoados continuaram sendo habitados, embora parcialmente, por indígenas. Parte dos objetos ou fragmentos coletados em São Lourenço provavelmente sejam provenientes deste último período de ocupação. Esta situação não invalida a hipótese do "estudo de caso"; ao contrário, reforça a constatação de que os Guarani persistiram nos modos de fazer e usar seus objetos.

A região em enfoque compreende os atuais territórios do Paraguai, leste da Argentina e Uruguai e sul do Brasil. A Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço Mártir localiza-se no no-

roeste do atual estado do Rio Grande do Sul, área de ocupação das aldeias Guarani pré-históricas, concentradas principalmente junto aos rios Uruguai e Ijuí.

A interpretação do conteúdo simbólico dos elementos materiais originalmente Guarani presentes no contexto reducional, repousa na fundamentação da identidade étnica: auto-identificação e identificação pelos outros. A identidade é uma construção coletiva e mesmo que variem no tempo e espaço elementos culturais característicos da etnia, ela é preservada. O grupo mantém sua identidade enquanto é capaz de "... atribuir a si próprio e fazer serem atribuídas pelos outros adscrições enunciadoras de diferenças étnicas" (Brandão, 1986:105). A preservação da identidade étnica do Guarani numa situação de contato intenso e contínuo, como a estabelecida nos povoados missioneiros, é visível em tais adscrições, materializadas em traços e situações que marcam o Guarani como um grupo étnico distinto.

O levantamento de informações históricas nas fontes bibliográficas e documentais priorizou as manifestações que demonstram as diferenças dos Guarani com o outro, representado pelos jesuítas europeus. Por outro lado, a identidade também é transparente em elementos da cultura material, que identificam o indivíduo e o grupo como uma linguagem visual, um código. Sob esta perspectiva desenvolveu-se a presente dissertação: a compreensão da cultura material produzida e utilizada pelos indígenas no interior das missões como símbolo de identidade étnica.

1 A REDUÇÃO DOS GUARANI NA BACIA DO RIO DA PRATA

A Região Platina oriental, banhada pelos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, era ocupada, na área compreendida entre os paralelos 30° e 20°, por grupos Guarani. Oriundos da Amazônia Central, estabeleceram-se nas florestas tropicais e subtropicais dos vales dos grandes rios há aproximadamente 2000 AP¹ nos atuais territórios do Paraguai, leste da Argentina e Uruguai e sul do Brasil, principalmente os estados do Paraná e Rio Grande do Sul. Sendo sua horticultura adaptável somente às regiões quentes e úmidas instalaram-se, no Rio Grande do Sul, nas várzeas, nos bordos ocidental e meridional do Planalto Sul-Brasileiro e nas encostas do Escudo Cristalino, nunca ultrapassando 700m de altitude. Não penetraram nos topos do Planalto, onde localizavam-se os Guaianã (Gê) e nas planícies do Pampa, território dos Charua e Minuano (Kern, 1985, 1989(b); Souza, 1987).

No início da conquista ibérica na Bacia Platina, espanhóis e portugueses depararam-se com populações falantes da

¹ As datações radiocarbônicas mais antigas de um sítio arqueológico Guarani encontram-se no Alto Paraná, fase Cambarã, com 80 + 100 AD e no Rio Grande do Sul (rio Jacuí), fase Guaratã, com 150 + AD (Brochado, 1984:410-14, 543).

língua Tupi-Guarani, com diferenciações a nível lingüístico, representadas nos dialetos e com relativa homogeneidade cultural. As especificidades sócio-culturais manifestavam-se na organização territorial dos Guarani em nucleações regionais autônomas, por vezes inimigas, denominadas pelos espanhóis de "províncias". Outras tantas nucleações eram chamadas de "comarcas". A identificação destas unidades sócio-políticas estava associada a acidentes geográficos ou a nomes de alguns chefes de prestígio (Meliá, 1986, 1988; Santos, 1988).

Dentro desta paisagem natural e organização espacial dos grupos Guarani é que iniciaram, no século XVI, os contatos étnicos, entendidos como "... relações que tem lugar entre indivíduos e grupos de diferentes procedências 'nacionais', 'raciais' ou 'culturais'" (Oliveira, 1976:1), entre as populações indígenas e os colonizadores. Contatos que, já no princípio do século XVII, resultaram num verdadeiro genocídio: "... los indios guaranies del Paraguay estaban considerablemente disminuidos por las 'malocas', pestas y malos tratos que habían sufrido. Aun los que estaban libres em sus montes y selvas, eram considerados objetos de encomienda (...). La Ciudad Real de los españoles, en más de cien leguas de una y otra bandas del Paranā, no tenía un indio, 'que todos estan consumidos', decía un informe de un Jesuita, em 1620. La mortandad era especialmente fuerte en los yerbales de Mbaracayū, por las condiciones inhumanas del trabajo. 'Tiene la labor de esta yerba consumidos a millares de indios, y testigo soy de haber visto que aquellos montes osarios bien grandes', testificaba el padre Montoya (1892:35), y todavía

había españoles que vendían 'piezas', o sea, esclavos, a los mismos portugueses" (Meliã, 1987:52).

Inicialmente com as expedições de reconhecimento, seguidas da fixação do conquistador à terra com o objetivo de explorar as riquezas, implantando um sistema de exploração e subjugação sócio-econômica imposto pela encomienda², e da captura de escravos pelos bandeirantes paulistas, estabeleceram-se relações bastante conflituosas entre índios Guarani e representantes da sociedade colonizadora luso-espanhola.

Em meio a esta situação, na segunda metade do século XVI, missionários percorriam as aldeias Guarani batizando milhares de índios. Estas missões itinerantes, entretanto, não apresentavam os resultados desejados em vista de que, logo os religiosos afastavam-se das aldeias, os indígenas retomavam seus costumes tradicionais. A solução possível para tornar a cristianização efetiva foi, no final do século (1580), o estabelecimento das Missões Religiosas no Paraguai concretizadas, primeiramente, pelos franciscanos. Nestas os índios eram catequizados e orientados para o serviço da encomenda (Meliã, 1987:50).

A partir de 1609, com o estabelecimento da Província Jesuítica do Paraguai, desmembrada da Província do Peru em 1607,

² Cf. Santos (1988:70), "as encomiendas eram concessões de um certo número de índios a um colonizador branco, sob a forma de tributo ou trabalho. A partir de 1551 já se verificava na região do Paraguai estas concessões para prestação de serviço".

começaram a ser instaladas as missões jesuíticas a pedido do governador de Assunção, Hernandarias de Saavedra. Apesar de distante do envolvimento das reduções franciscanas com o sistema encomendeiro, os povoados fundados pelos jesuítas, além de caracterizarem-se como uma empresa religiosa, com a intenção explícita de conversão dos Guarani ao cristianismo, também serviam aos interesses do Colonato e da Coroa. Obtida a confiança dos "pagãos", os missionários levavam-no a jurar obediência ao rei e à fé. Conforme Haubert (1990:76), a redução dos índios objetivava colocá-los sob o jugo permanente da Igreja e do Estado, segundo prescrição das Leyes de Indias. A redução, vista como um método missionário, foi a alternativa para o aproveitamento colonial da população indígena, integrando-a dentro do sistema principalmente nas regiões de conflito territorial dos dois impérios ibéricos (Souza, 1989:45; Meliá, 1982:229).

As missões jesuíticas expandiram-se, num primeiro momento, em três áreas — Guaíra (no Paraná), Itatim (no Mato Grosso) e Tape (no Rio Grande do Sul). Com o ataque dos bandeirantes paulistas, as missões retraíram-se forçando o êxodo das populações indígenas e jesuítas do Guaíra e Tape em direção às regiões próximas de Assunción e Buenos Aires. As expedições paulistas, segundo uma cédula real de Madrid, apreenderam mais de 300.000 índios entre 1612 e 1638 (Bruxel, 1978:25). Somente após 1641, com o Combate de Mbororé, a atividade escravagista diminuiu sensivelmente na região da Bacia do Rio da Prata. Instaurada a calma, sem as inesperadas incursões das bandeiras, as reduções localizadas na esfera de influência da Espanha continua-

ram a florescer e, a partir do final do século XVII até 1707 jesuítas e Guarani voltaram a radicar-se na margem esquerda do rio Uruguai, nos chamados Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai, estendendo os limites orientais das missões. Com o estabelecimento dos últimos povoados, elevou-se novamente a trinta o número de reduções. Os Trinta Povos compreendiam áreas do atual Paraguai (8), Argentina (15) e Brasil (7), distribuídos pelos vales dos rios Uruguai e Paraná.

A partir de 1750, com o Tratado de Madrid, os Trinta Povos iniciam sua etapa final com a passagem da região dos Sete Povos à esfera portuguesa. Por esta razão, aconteceu a guerra guaranítica, na qual morreram muitos índios, e os povoados foram sendo ocupados forçando os índios a sujeitarem-se à nova administração ou buscarem outras alternativas de sobrevivência. Os jesuítas foram expulsos em 1768 e as missões, lentamente, abandonadas (Kern, 1982, 1989(b); Meliá, 1987; Bruxel, 1978).

A implementação do sistema reducional, que perdurou aproximadamente 150 anos, representou uma empresa religiosa e a construção, com a participação indígena, de um novo padrão sócio-cultural e econômico introduzidos pelos jesuítas, traduzidos em aglomerados organizados de índios Guarani, tanto na produção econômica quanto na motivação religiosa. A conversão à fé cristã pressupunha a conversão dos elementos básicos e estruturais da sociedade indígena marcada pelo etnocentrismo que fundamentou toda a atividade missionária. O conceito de reduções elaborado pelo Pe. Antônio Ruiz de Montoya [1639] demonstra as

intenções da empresa: "Nota-se que chamamos 'Reduções' aos 'povos' ou povoados de índios que, vivendo à sua antiga usança em selvas, serras e vales, junto a arroios escondidos, em três, quatro ou seis casas apenas, separados uns dos outros em questão de lēguas duas, três ou mais, 'reduziu-os' a diligência dos padres e povoações não pequenas e à vida política (civilizada) e humana, beneficiando algodão com que se vistam, porque em geral viviam na desnudez, nem ainda cobrindo o que a natureza ocultou" (1985:34).

A missão significava para o jesuíta transformar os indígenas em seres "políticos" e "humanos", passando do estágio de "costumes bárbaros e selvagens" e de "infidelidade", à vida política concebida pela sociedade européia e cristã. A estrutura e organização original da sociedade Guarani em todas as suas esferas deveriam ser modificadas e moldadas conforme os padrões da civilização ocidental; os comportamentos tradicionais substituídos pelos considerados ideais pelo modelo cristão. "Para uma perfeita cristianização, era necessário levá-los a viver 'politicamente', a reduzi-los, pois somente a Redução poderia remediar a sua 'irracionalidade' de andarem dispersos pelos montes e matas, vivendo com feras e adorando 'falsos ídolos'" (Meliá, Bartolomeu. *Las Reducciones jesuíticas del Paraguay: um espacio para una utopia colonial. Estudios Paraguayos, Assunción, 6(1):157-8, 1978 in Kern, 1982:100*).

A concretização destas intenções deu-se através de uma ação civilizadora e evangelizadora com a implantação de valores e práticas européias muitas vezes de forma autoritária como a vassalagem do indígena ao monarca espanhol, pagamento do tribu-

to e a instalação do Cabildo, condição para a liberação do serviço pessoal e escravidão (Kern, 1982). Apesar de opositores ao genocídio colonial dos indígenas, segundo demonstra a documentação colonial, os jesuítas, através da constante e persistente atividade catequizadora, promoveram uma violentação da cultura original Guarani, identificada como etnocídio (Souza, 1989: 5-6).

Os jesuítas, na implantação do projeto missioneiro, logo perceberam a necessidade de estruturar a proposta reducional sobre aspectos originais da sociedade Guarani. Souza (ibidem, p. 16) comenta que a documentação colonial mostra que esta organiza o trabalho como atividade coletivizada e realização sócio-religiosa e que os jesuítas utilizaram estes elementos na concretização dos objetivos reducionais. A produção planejada, com a manutenção dos cultivos tradicionais, equilíbrio entre as hortas familiares e trabalhos comunitários; distribuição igualitária dos produtos e, ainda, o misticismo e a ritualização da vida Guarani, rito na vida religiosa, no trabalho, quando as crianças iam em procissão à lavoura; no comer e nas diversões, paradas militares e representações alegóricas, auto sacramental e balet (Meliá, 1988:82; 1986:120-21, 248) foram aproveitados orientados porém, ao funcionamento de uma sociedade moldada sob valores cristãos e necessidades materiais européias.

A ação transformadora dos jesuítas sobre a sociedade Guarani entretanto, esbarrou na resistência dos seus líderes espirituais. Os xamãs rapidamente compreenderam, desde o início do

contato, as conseqüências da atividade evangelizadora, sobre a cultura, sobre o ñande reko Guarani (o nosso modo de ser). Na Redução de São Francisco Xavier, um xamã manifesta-se contrário ao sistema reducional no discurso e mantém suas práticas numa casa construída afastada do pueblo: *"Vivamos ao modo dos antepassados! Que razão tem os padres em acharem mal o termo mulheres em abundância?! É de certo loucura que, deixados os costumes e o bom modo de vida de nossos maiores, nos sujeitemos às novidades que estes padres querem introduzir! O melhor remédio que descubro para esse mal, é tirarmos a vida a este padre"* (Montoya, 1985:195).

As manifestações dos xamãs contrárias as atividades missionárias, inicialmente em situações de confronto direto, entre outras demonstrativas de afirmação étnica e preservação de valores e costumes tradicionais Guarani no contexto reducional, caracterizam o tipo de contato. O contato interétnico entre grupos etnicamente diferentes leva à conformação de uma situação de contato que, na verdade, constitui um sistema interétnico de relações. Os grupos étnicos em contato contínuo e sistemático desvendam relações interétnicas que só podem ser "(...) rendosamente apreendidas se inseridas num 'sistema social' de caráter interétnico, que as condiciona, determinando sua própria estrutura e desenvolvimento (...)" (Oliveira, 1976:53). Situações de contato e sistema interétnico são categorias científicas de explicação das relações entre brancos e índios, segundo Roberto Cardoso de Oliveira.

O mesmo autor, para fins analíticos, identifica três modalidades de situações de contato e o que parece adequar-se ao contexto em estudo é aquele que "envolve unidades étnicas assimetricamente relacionadas, mas presas a um sistema de dominação e sujeição (nas áreas de fricção interétnica ou como bem representam as relações entre índios e brancos na forma em que se dão em contextos coloniais...)". O sistema interétnico de natureza marcadamente assimétrica configurado nos povos missioneiros funda-se numa ordem diversa de relações, e esta modalidade é explicada por um modelo de fricção interétnica, no qual "... as unidades étnicas guardam relações de 'contradição' no sentido de que a própria existência nega a existência da outra, por inconciliáveis que são suas posições no interior do sistema interétnico" (idem, *ibidem*, p.56-7).

Num sistema interétnico caracterizado pela contradição entre modos de vida e projetos sociais antagônicos de parcialidades étnicas diferentes, a indígena procura reagir e desenvolver estratégias de resistência (Brandão, 1986:98). As informações levantadas sobre o cotidiano nos povos missioneiros priorizam as diferenças, procuram marcar situações de conflito étnico onde, mesmo não organizada e conscientemente, e participante de um sistema de profundas alterações de elementos originais autóctones, o Guarani manteve um sentimento de ser e permanecer índio.

Apenas com o relacionamento dos dados fornecidos pelas fontes históricas primárias e secundárias, etnohistóricas e ar-

queológicas, há condições para uma reflexão sobre as relações interétnicas e o significado das manifestações materiais da cultura Guarani no contexto reducional.

1.1 O cotidiano e as manifestações de resistência étnica nos povoados missioneiros

A tentativa de reconstituição do cotidiano da população missioneira faz-se fundamental neste estudo. Embora realizado resumidamente, o levantamento das atividades diárias, da forma como desenvolviam-se e das manifestações comportamentais de resistência dos indivíduos operantes ou demonstrativas das diferenças étnicas, é necessário a fim de integrarem-se à interpretação dos testemunhos arqueológicos e reforçar a hipótese desencadeadora do trabalho.

A vida cotidiana nas reduções realizava-se num sistema planejado e acentuadamente regular. Cada atividade tinha seu "lugar" e sua "hora" para acontecer: local para o trabalho, outro para o lazer, outro para comer, outro para o culto, outro para a família... e a ocupação de cada um desses espaços, regida pelo toque do sino e pelos relógios ou quadrantes solares (um ou dois por povoado). O tempo nas missões dividia o cotidiano em momentos de práticas religiosas, desempenho das tarefas econômicas e lazer; um "tempo 'social' que se cruza com os lugares igualmente 'socialmente determinados' (...)" (Neves, 1978:130).

A organização do espaço urbanístico, no qual desenrolava-se o dia-a-dia da população, seguia um plano geral, com adaptações específicas a cada povoado, mas que não comprometiam o modelo padrão. A fundação das reduções no século XVII seguia a mesma orientação de uma cidade espanhola; comparando os planos de cada uma, percebe-se que são quase idênticos devido ao modelo que originou-os, regulamentado pela Recopilación de las Leyes de Indias, implantada desde o México até a Patagônia. As estruturas arquitetônicas das missões são, assim, muito semelhantes entre si, entre quase todas as cidades espanholas e povoações indígenas em contato (Kern, 1982:212).

O traçado do conjunto de casas indígenas, entretanto, diferenciava-se do modelo padrão, conforme disposições das Leyes de Indias, cujas instruções originais indicavam que ao traçar as ruas e quadras, se desse "*una cuadra a cuatro indios, un solar a cada uno y que cada casa tenga su huertezuela*" (Gutiérrez, 1974:118, cf. Pe. Torres). Nos povoados missioneiros, as habitações caracterizavam-se em um agrupamento de seis a sete casas (compartimentos), enfileiradas sob o mesmo teto, circundado por ruas. Segundo supõe o autor citado, esta estrutura foi resultado da influência indígena ("*emplazamiento se ceñía a las sabias disposiciones indianas, la referente a la Iglesia y Colegio, a lo sugerido por el Provincial de la Orden (...) y las viviendas, 'a gusto de los indios'*" (idem *ibidem*, p.119).

As casas indígenas configuraram-se como um dos elementos substanciais no processo de civilização e catequização nas

missões jesuíticas. A organização e estabelecimento dos Guarani em compartimentos habitacionais para cada família nuclear, representou a "redução" da grande casa comunal característica da época pré-colonial, não só em tamanho, mas também das funções e significações simbólicas, onde, originalmente, era abrigada a família extensa, unidade social fundamental da sociedade Guarani. Separaram-se "famílias" de "famílias", o trabalho ficou disperso em locais determinados segundo uma nova prática econômica, o "lugar vazio" deslocou-se do centro da casa para outros espaços... (Neves, 1978:129). A intenção dos jesuítas era consolidar a família monogâmica, a unidade social preconizada pela "moral" cristã.

Resistências à imposição deste tipo de habitação compartimentada são verificadas até o final do século XVII, quando os religiosos ainda encontravam casas coletivas em algumas reduções. *"El construir debidamente de mil a dois mil departamentos para otras tantas familias, no era por cierto empresa fácil, aunque de la mayor importancia. Talvez la oposición de parte de los indígenas, sobre todo en los pueblos de más reciente fundación o tradición, talvez descuido de parte de los misioneros, cierto es que, a fines del siglo XVII, había aún en algunas Reducciones las casas o salas o galpones corridos"* (Furlong, 1962: 245). Esta ocorrência determinou que, em 1669, o General dos jesuítas, Pe. Tirso Gonzáles, ordenasse que em cada casa houvesse tabiques ou paredes divisórias e, seu sucessor, Simón de León, que cada família vivesse separada sem que houvesse comunicação entre uma casa e outra. Nos primeiros anos do século XVIII um

outro provincial, Luis de la Roca, após visitar todas as reduções, não achou em nenhuma delas a devida separação entre as famílias.

Estas evidências parecem demonstrar as implicações que a transformação das casas Guarani acarretou na vida social dos indígenas. Outro elemento que reforça este aspecto é a resistência à monogamia. Várias situações ou manifestações pela manutenção da poligamia foram registradas pelos missionários: "(...). *Hasta ahora creía que vivíamos felices. Pero ya no es así. Los antiguos se casaban con cuantas querían, y nadie les estorbaba en sus deleites. Así convenía. Volvamos a lo mismo, nosotros sus descendientes. Para nada hemos de dejar este modo de vivir; queremos nuestra libertad. I vamos, pues, a vivir en la selva! Allí queremos levantar nuestro pueblo, viviendo con muchas mujeres, libres del yugo de la esclavitud. (...)*" (Discurso do Cacique Miguel Atiuaie, da Missão de Santo Inácio, 5ª Carta Anua escrita pelo Pe. Diego de Torres em 1614; Documentos 1927:325).

A "redução" da casa comunal também significou a "redução" do espaço social da dança, da festa, das bebedeiras habituais, impregnadas de sentido religioso. A abolição das "borracheras" foi uma tarefa difícil para os missionários. Mesmo após seis anos no Paran, por exemplo, o Pe. Diego de Boroa se queixa ao provincial da manuteno de costumes pagos quando, após cada acontecimento significativo da caça, pesca ou agricultura, os índios o celebram com uma festa de bebida. "'E quando terminam a chicha de uma habitao, passam para outra; exibem orna-

mentos de plumas, os corpos estão pintados de vermelho e preto, e eles demonstram tal ferocidade, que parecem demônios'". Pe. Diego de Torres, em 1611 (3ª Carta Anua, Doc.1927:88) reclama desta situação: "Teine esta gente Vn impedimto pa ser Christianos, yes que todas la mañanas olas dos, olas tres, se levantan a beuer, y dura la borrachera hasta q̄ amanece, y todas las veces q̄ hande ir a caza, o otra cosa de comunidad, hacen borracheracomun, q̄ dura dos o tres dias, yauna no se emborrachan de suerte, q̄ hogan disparates, asomanse. Hemos procurado quitarles esta vicio, y no ay remēdio". Caso as advertências contra estas práticas não fossem eficazes, a ordem era que os jesuítas recorressem aos castigos (Haubert, 1990:121-22).

A influência Guarani na planificação das habitações indígenas argumentada por Gutiérrez parece estar mais próxima a organização das quadras (conjuntos de unidades habitacionais). Cada quadra era ocupada por famílias que possuíam relações de parentesco e, um conjunto de quadras, por sua vez, constituíam-se num bairro, o qual agrupava um certo número de caciques e seus aparentados ("'las casas que viven en el pueblo, en el cual también hay un género de división de cacicazgos y en una o dos calles de el vive un cacique con los de su parcialidad y en otra y otras calles vive otro con los de suiya (...)'" (op. cit. p. 124-25, cf. informação de Escandón, século XVIII). Os povoados possuíam de vinte a cinquenta cacicados que unificavam-se no Cabildo.

Cada casal recebia uma casa após o matrimônio (um dos

seis ou sete alojamentos contíguos que formam o bloco de uma habitação) (Furlong, 1962:282) e o fato é que, com a expansão dos povoados a proximidade das famílias aparentadas não seria possível e, neste momento, evidencia-se mais um elemento desestruturador das relações sociais e, mais especificamente, do sistema de parentesco Guarani.

A casa Guarani e o que ela representa demonstra a íntima relação entre o espaço e as relações sociais, aspecto marcadamente presente entre os grupos indígenas brasileiros (ver Novaes, Org. 1983). A análise da organização do espaço pode revelar não somente as diferentes formas de percepção e concepção que um determinado grupo social tem do espaço por ele habitado, envolvendo a adaptação ao meio ambiente e as formas de domínio e organização deste espaço, como também a compreensão de aspectos do todo social, possibilitando visualizar e apreender as relações sociais imprimidas neste espaço. A organização espacial parece não caracterizar-se somente como reprodução simbólica, mas também como um agente modificador ou revitalizador de elementos do universo sócio-cultural, atuando como referência de comportamento e constituindo-se em sistema simbólico não-verbal de informação (Sá, in Novaes, Org. 1983:143).

Na redução, uma nova organização do espaço refletiu numa nova ordem de relações, atingindo incisivamente o modo de viver Guarani. Segundo Meliá (1986:105) "*(...) la categoria de espacialidad es fundamental para la cultura guaraní, ella asegura la libertad y la posibilidad de mantener la identidad étnica.*

Aunque parezca un paralogismo, hay que admitir, con los mismos dirigentes guaraní, que sin tekoha, no hay teko". O termo teko-hã para os Paí-Tavyterã, representantes atuais dos antigos Guaraní de Itatin, significa "el lugar donde vivimos según nuestras costumbres" e, teko, "ser, estado de vida, condición, estar, costumbre, ley, hábito". Portanto, o tekohã é o espaço onde os Guaraní vivenciam seu teko, seu modo de ser, onde encerra-se a teia de relações sociais, organização política e religiosa, demonstrando que as categorias de espacialidade e de tradição são intrinsecamente relacionadas na realização da vida para o Guaraní (Melliá, 1986:102-05).

Na nova espacialidade produzida pela "redução", apreendem-se as linhas demarcatórias que orientam as relações sociais segundo as intenções da empresa e parâmetros europocentristas. Um novo modo de viver das populações indígenas reduzidas estava imprimido na organização do espaço. O plano urbanístico caracterizava-se pela simetria e regularidade. O centro axial era a praça central quadrada de onde convergiam as ruas principais. Ao sul ou norte da praça ficavam, geralmente, da direita para a esquerda, o asilo-orfanato (Cotiguaçu), o cemitério, a igreja, o pátio dos padres e o pátio dos artífices. Entre os dois pátios localizavam-se algumas repartições como o quarto do porteiro, a escola, a sala de música, de armas, etc.; no fundo do primeiro pátio, a residência dos padres; o pátio dos artífices era rodeado de armazéns e oficinas mecânicas. A quinta, horta dos religiosos, situava-se atrás deste complexo. Nos outros três lados da praça, alinhavam-se as casas dos índios (Bruxel,

1978).

Pe. Sepp (1973:223-24), ao fundar a redução de São João Batista em 1697 descreve o plano geral: "En el centro deb̄ia alinear la plaza, dominada por la iglesia y la casa del p̄rroco. De aqūi deb̄iam salir todas las calles, siempre equidistantes una de la otra. Una buena distribuciōn en este sentido significaba una ventaja extraordinaria y al mismo tempo, el mejor adorno para el pueblo. El cura puede, as̄i, viaticar a sus parroquianos de la manera m̄as rapida y cōmodo (...). La plaza principal era de cuatrocientos pies de ancho y quinientos pies de largo. A ambos lados de la iglesia se elevan, como en un anfiteatro, las casas de los indios, formando largas filas bien ajustadas. Cada grupo de casas ubicado al lado opuesto de la iglesia se divid̄ia en doce viviendas, cada una con su propia entrada. Los otros, a la derecha e izquierda de la iglesia, conten̄ian solamente seis viviendas. De la plaza salen las cuatro calles principales, construidas en forma de cruz, que miden a lo ancho sesenta metros y a lo largo m̄as de mil, y llevan al campo en todas las direcciones. Esta distribuciōn de las casas y calles embellece el aspecto del pueblo particularmente, pues de todos los puntos cardinales cuatro avenidas anchas y hermosas llevan adentro de la villa y se encuentran en la mitad de la plaza frente al portal de la iglesia".

Percebe-se que a organizaçāo espacial dos elementos arquitetōnicos previa uma praticidade para a atuaçāo dos missionários e representava, simbolicamente, o dom̄nio de Deus e dos seus representantes, atravēs do conjunto arquitetōnico princi-

pal, sobre a comunidade indígena, isto é, de um lado a autoridade, do outro os súditos (Haubert, 1990:197). O Pe. Sepp justificava o motivo da localização da igreja ao fundar São João: *"Daí tracei algumas linhas paralelas, que seriam as ruas nas quais se deviam edificar casas para cada família, de sorte que a igreja seria como o centro de todo o Povo, ou o término de todas as ruas. De acordo com este plano ficava o missionário alojado no meio de seus neófitos e, por conseguinte, em melhores condições para velar sobre a conduta deles e exercer os ofícios próprios a seu ministério"* (Porto, 1954:75).

Sobre este povoado desenrolava-se uma rotina de atividades que preenchiam, quase em sua totalidade, o tempo diário. Todos os dias da semana, com exceção de domingo, eram dedicados às práticas religiosas e econômicas, demarcadas por um tempo delimitado pelo sino ou relógio solar. Os Guarani tiveram que adaptar-se aos padrões modernos de trabalho econômico. *"A obsessão pela quantificação exata do tempo está relacionado com a exaltação ideológica do trabalho"*. O engajamento de "homens racionais" no processo produtivo era condição para o desenvolvimento do projeto reducional. (Souza, 1989:11-2).

As atividades diárias³ iniciavam, ao toque do sino, às 4 horas, no verão, e às 5 horas no inverno. Após o despertar os

³As informações referentes às atividades e manifestações realizadas nas reduções foram extraídas de Meliá, 1986; Haubert, 1990; Montoya, 1985; Sepp, 1974, 1980; Furlong, 1953 (sobre Pe. Cardiel), 1962.

jesuítas dirigiam-se à igreja para uma hora de oração e os responsáveis pelas crianças (de sete anos até a idade de casar), ao som de tambores, percorriam as ruas chamando-as para o catecismo. Nesta primeira hora, enfermeiros, quatro ou seis, dependendo da redução, visitavam todo o povoado verificando o estado dos doentes. Pouco antes do final da oração com as crianças, apresentavam um relatório para o jesuíta.

Em seguida era realizada a missa. Assistir ao culto religioso, durante a semana, não era obrigatório aos adultos, mas muitos tinham o hábito. Desde a entrada na igreja até a ocupação dos espaços era realizado hierarquicamente e com separação por sexo. Vigilantes cuidavam para que os "fiéis" não conversassem ou lançassem olhares com "más intenções". A conversão à religião cristã e a participação nos ofícios encontrava resistência maior nos anciãos, principalmente mulheres, e nos jovens. Quanto aos primeiros, Montoya (1985:169) comenta que "(...) *conquanto a capacidade daquela gente seja notória em aprender as coisas da fé e os ofícios mecânicos, nos de maior idade a dureza costuma ser muita*". Este testemunho pode ser ilustrado com comportamentos de Guarani idosos referentes à situação de morte, mais especificamente aos enterramentos. Nos primeiros tempos das reduções, quando uma pessoa era sepultada conforme os preceitos da Igreja, uma índia velha, freqüentemente e às escondidas, se dirigia ao local de enterramento e remexia a terra com uma peneira procurando libertar a alma do morto da prisão lançada pelo branco (Haubert, 1990:123). Uma outra situação é descrita pelo Pe. Diego de Torres, no Paranã, em 1614 (5ª Carta Anua, Doc.1927:

345) na qual, no momento da morte, um cacique de noventa anos é levado para fora do povoado para que fosse sepultado a sua maneira antiga em um grande cântaro de barro. O Pe. consegue convencê-lo do contrário e enterram-no segundo o sepultamento cristão, após o batizado. Numa outra carta escrita pelo Pe. Pedro Oñate em 1617 (9ª Carta Anua, Doc.1929:79) sobre a Redução de Santa Maria, aparece a intenção de índios de enterrarem uma criança conforme o modo de seus antepassados. Quanto aos segundos, os jovens, "*(...) as obrigações do cristianismo lhes tiram todos os prazeres das longas corridas pela floresta ou pelo campo, toda a glória das expedições guerreiras*" (Haubert, 1990:124).

Apesar de obrigatória a presença de adultos nas instruções religiosas, os jesuítas presenteavam as crianças e os mais velhos que assistissem ao catecismo e aos ofícios com anzóis ou outros objetos. Um punhado de erva-mate poderia ser distribuído aos chefes de famílias após a missa ou à noite, posteriormente à última cerimônia religiosa do dia. Para isso, além da assiduidade aos cultos, deveriam também abster-se de quaisquer outras bebidas. Esta estratégia surtia efeito por tempo determinado, pois logo os caciques mandavam crianças ou amigos para buscar a erva ou se insinuavam na igreja ao final do rosário.

Diante da dificuldade de aceitação e vivência, não apenas aparente, dos valores e práticas cristãs da população adulta, os jesuítas dedicaram-se, intensivamente, às crianças. Diariamente, e não menos que duas vezes, eram reunidas para a instrução religiosa. Pe. Sepp (1974:197) justificava esta ativida-

de catequizadora: "Sobre todo nos preocupa la catequización, pues de la enseñanza cristiana de la juventud depende la bienaventuranza de toda la nueva comunidad cristiana. Tenemos, por lo tanto, cuidado de que los chicos retengan los artículos principales de la verdadera fe firmemente en la memoria y, sobre todo, las oraciones corrientes. Cuatro veces por día rezan en la iglesia o delante de su puerta de rodillas, sus oraciones en voz resonante y terminan con una canción sagrada en su idioma". É interessante salientar que, provavelmente em época inicial das reduções, quando os missionários conquistavam um jovem ainda não adolescente, no momento em que chegava à fase adulta, retomava as práticas do "paganismo"; o mesmo acontecia com as jovens depois que casavam (Haubert, 1990:124).

Retomando a seqüência das atividades diárias, após o término da missa matinal, meninos e meninas, por grupos de idade, recebiam o desjejum no pátio dos padres e na praça, respectivamente, fornecido pela comunidade: milho ou carne cozidos. Os grupos eram distribuídos, ao som do tambor, meia hora depois, nas várias tarefas cotidianas. As crianças de cinco a sete anos ficavam diante da igreja sob responsabilidade de um ancião. Filhos de cacique, magistrados e funcionários, cantores, sacristãos e crianças consideradas dotadas iam à escola onde lhes ensinavam, além de aritmética e canto, a ler e a escrever em espanhol, Guarani e até em latim⁴. Os meninos com vocação para o

⁴ A compreensão e expressão do espanhol e latim não era ensinada aos estudantes. A única língua permitida nas reduções era o Guarani. Segundo Meliã (1986:197) a fala do espanhol possibilitaria contatos com os espanhóis e isto seria prejudicial aos indígenas ("la lengua guarani se basta a sí mesma").

canto, música ou dança eram admitidos numa escola mais especializada. As meninas, também selecionadas, aprendiam a tecer, bordar e a costurar.

Todos os índios entre doze e cinquenta anos, com exceção dos agricultores e criadores de gado, dirigiam-se às oficinas instaladas em estabelecimentos ao redor do pátio dos artífices (segundo pátio). Nestas trabalhavam os carpinteiros, ferreiros, marceneiros, escultores, torneadores, douradores, prateadores, chapeleiros, fabricantes de rosários, de pentes, de colheres, de objetos de bronze, tecelões, pintores, tintureiros, sapateiros, alfaiates, serralheiros, curtidores, etc. O abate e corte das reses dava-se nas carnicerias junto ao pátio dos artífices. Outros ofícios específicos dos trabalhos no moinho, sealeiro, olaria, nas instalações de secagem e cresta da erva-mate ou de tratamento da cana-de-açúcar, entre outros, desenvolviam-se em locais mais distantes, na periferia do povoado. A quinta, horta dos padres, ficava sob responsabilidade de um jardineiro, e meninos do catecismo. Durante a época do cultivo, os artesãos dividiam seu trabalho entre as atividades da oficina (uma semana) e do campo (duas semanas), recebendo rações complementares.

Todas essas atividades eram inspecionadas pelo jesuíta, que orientava e controlava seu desenvolvimento. Antes disso, por volta das sete horas, no verão, recebia os fiéis para a confissão e, após, visitava os doentes acompanhado do enfermeiro e duas crianças. O almoço dos enfermos era providenciado (leite, pão branco, carne e legumes) e distribuído aos mesmos diariamen-

te.

Os adultos que não participavam das atividades artesanais, de ensino e de trato com os animais, dirigiam-se às lavou-
ras.

A produção agrícola nas missões era realizada em dois tipos de propriedade: a familiar, denominada Abambaé ("a coisa do homem") e a comunitária, Tupambaé ("coisa de Tupã", de Deus). Quanto ao primeiro, as terras eram distribuídas entre os caciques para que atribuíssem os lotes às famílias do povoado. As colheitas eram do índio que as cultivou apesar de, muitas vezes, serem obrigados a guardar uma parte significativa nos armazéns comuns, sendo-lhes entregues periodicamente, pois ao contrário, consumiriam tudo rapidamente. Faziam parte do Abambaé, além dos produtos agrícolas, os instrumentos aratórios, a casa, o mobiliário, objetos pessoais, animais domésticos, aves e gado pequeno, o eventual salário e os produtos de caça e pesca. Entretanto, não tratavam-se de propriedades, como expressa a palavra. A casa, por exemplo, era concedida transitoriamente. As plantações localizavam-se, em algumas reduções de três a quatro léguas do povoado; em outras, não distavam mais que um quarto de légua das casas. Entre os produtos cultivados, os principais eram o milho, a mandioca, a batata-doce, o amendoim, o algodão e os legumes (favas, abóboras, melões, melancias, etc.). A cana-de-açúcar e árvores frutíferas poucos plantavam. Em meados do século XVII os padres receberam ordem de substituir o milho pelo trigo, pois este seria mais rendoso e seriam instalados moinhos em ca-

da redução, abstendo os índios da trabalhosa tarefa de moerem os grãos de milho em suas casas. Entretanto, esta medida não surtiu efeito. Os Guarani preferiam os seus habituais pratos culinários feitos a partir do milho, empregado de várias formas.

O Tupambaé compreendia a totalidade das terras destinadas à agricultura e criação de gado reservadas à exploração por parte da comunidade. Os produtos do trabalho nestas terras eram dirigidos ao pagamento do tributo anual ao Rei, aos gastos destinados à manutenção dos cultos, das igrejas e da população. Incluía-se também a produção artesanal para consumo interno das missões, construção e manutenção de obras públicas, ornamentação das igrejas, além da sustentação parcial dos magistrados e funcionários municipais, milicianos, sacristãos, artesãos, além das viúvas, órfãos, doentes e velhos.

As atividades nos campos comunais eram obrigatórios de dois a três dias semanais. A produção de frutas, milho, mandioca, trigo e legumes, por exemplo, era toda consumida no povoado, enquanto o excedente de algodão, já tecido, do tabaco em folhas e em corda, da erva-mate e do açúcar, eram produtos básicos de exportação (para Buenos Aires e Santa Fé, todos os anos). Caciques e outros magistrados municipais contribuía apenas simbolicamente e os artesãos, sacristãos e enfermeiros eram isentos do trabalho agrícola para o Tupambaé.

A confecção de roupas era uma das atividades princi-

pais do Tupambaé, pois "(...) sem a diligência dos jesuítas, os guaranis continuariam a andar nus ou quase, não tanto por gosto, mas por preguiça, sendo que esta indolência explica também o fato de as roupas serem em geral de algodão" (Haubert, 1990:213). Os campos de algodão do Tupambaé eram imensos. Em cada redução havia entre vinte e quarenta tecelões que recebiam o algodão, semanalmente, já fiado pelas mulheres. A confecção das roupas ficava a cargo também dos particulares, embora supervisionada e auxiliada pelos poderes públicos. As mães de famílias fiavam o algodão colhido nos campos familiares e o teciam, preferindo porém levar os novelos de fio à oficina do Tupambaé, onde havia de quatro a seis tecelões responsáveis pelos serviços para particulares. A criação de carneiros, preparação e tecelagem da lã era feito pelo Tupambaé. Cada indivíduo recebia quatro metros de tecido de lã para fazer ponchos para o inverno.

Na esfera da produção econômica concentravam-se grande parte das reclamações dos jesuítas referentes à imprevidência, à preguiça, falta de persistência, frouxidão e desinteresse dos Guarani em assumir e desenvolver suas atividades. Na sociedade Guarani o trabalho possui uma dimensão lúdica e religiosa, em contraste com a forma seccionada, baseada na dicotomia trabalho-lazer, na qual organizava-se a produção nas sociedades modernas ocidentais. Conforme Souza (1989:17) "(...) os documentos permitem perceber que a 'frouxidão natural' se manifestava novamente a cada momento em que os jesuítas impunham o trabalho individualizado e movido por interesses de ganho material privado. A atividade catequética não conseguiria impor aos Índios uma mo-

dalidade de trabalho para a qual a sociedade Guarani não possuía um equivalente cultural".

Pe. Cardiel (in Furlong, 1953:140) comenta que somente um quarto da população indígena trabalhava na lavoura, recolhia e armazenava seus produtos sem repressão ou castigo (principalmente os Cabildantes, músicos, mecânicos e milicianos). O restante era açoitada uma ou mais vezes para que semeassem e colhessem o necessário. Geralmente lavravam uma pequena roça para poucos meses ou semanas. "*Llámase el indio a juicio, y convencido de su flojedad, se le castiga con azotes. Promete la enmienda. Para la semana siguiente hace un poco más, y lo de antes lo deja perder, por no desherbarlo o carpirlo, como acá dicen. Vuelve a ser castigado, y así se pasan muchas semanas hasta la cosecha, en que tiene poco que recoger, y se le acaba, hurta de las sementeras de los que trabajaron bien; y a la mitad del año vienen a estar todo iguales, con una hambre que destruye la cristandad del pueblo*". A mesma situação é descrita pelo Pe. Sepp (1980:146) "(...) muitas vezes não se encontrará uma sã chocinha em 300 milhas de extensão. Mas nós não conseguimos fazer com que os índios, em sua pura preguiça, semeiam mais que uma ou duas rocínhas de 18 passos de grão turco. E mesmo isto sã o conseguimos com tundas".

Os jesuítas tentavam, a partir de mecanismos de repressão, impor um novo sistema de trabalho adverso do conhecido pela sociedade Guarani. Pe. Cardiel (in Furlong, 1953) reconhece que, apesar de cem anos de empenho na tentativa de levar os indígenas a produzir seu próprio alimento e roupas, não o conseguiram

totalmente. É de consenso que os Guarani semeavam e abasteciam-se nos campos de acordo com a necessidade e não preocupavam-se com o armazenamento. Inclusive as sementes para o plantio, entregues pelo jesuíta, serviam de alimento.

Com o tempo, os missionários perceberam que deveriam incorporar o comportamento lúdico dos índios na realização do cotidiano, na forma do trabalho ritualizado e coletivizado, como por exemplo a ida aos campos de rapazes e raparigas ao som do tambor e de cânticos, como em procissão, levando a estátua de Santo Isidoro, padroeiro dos camponeses. As atividades nas roças particulares, conforme Pe. Cardiel (in Furlong, 1953:141) passaram a ser desenvolvidas, não pelas famílias, e sim por grêmios com seus Caciques, um ou dois Cabildantes e um Secretário em cada um para que verificasse todos os que faltassem para que fossem açoitados. Além disso, deveriam semear uma determinada quantidade de terra. Com esta medida, aumentou a produção mas, no período de colheita das favas, não retiravam do solo mais do que um pequeno cesto. Isto causou problemas pois, quando voltavam estavam duras. O padre ameaçava os índios com castigos para que colhessem tudo e armazenassem a colheita. O resultado foi parcial. Nas outras roças ordenou que houvesse caminhos livres para que pudesse visitá-las e fixava nestes uma cruz e indicações identificando a que grêmio pertencia e um número correspondente à matrícula do dono.

A resistência dos Guarani em tornar-se "homens produtivos e previdentes" verificava-se igualmente em relação aos ani-

mais. Pe. Sepp (1980:147-48) relata que uma vaca que deveria alimentar durante três dias uma família, ao fim do primeiro não restavam nem "migalhas". Certa ocasião, encontra o boi utilizado para arar a terra sendo assado numa fogueira feita com a madeira do próprio arado. Para o trato dos animais e a domesticação os Guarani não mostravam-se preocupados. Segundo Pe. Cardiel (in Furlong, 1953:146) "*ninguno tiene en particular ni vacas ni toros ni ovejas; sólo tienen gallinas, que no alcanza a más su providencia, y a estas nunca les dan de comer, ni tienen mas que lo que ellas se buscan. Lo mismo hacen cuando tienen algùn caballo o jumento: nunca les dan ni aun de beber. Algunas veces hemos probado a darles vacas lecheras con su ternera para que se aprovechem de la leche, que no deprecián; y por flojedad se las tienen sin ordeñar; y otros más toscos matam la ternera y se la comem*".

As mulheres Guarani — retomando as atividades cotidianas — quando não acompanhavam seus maridos na lavoura, realizavam trabalhos de fiação e tecelagem do algodão, confeccionavam objetos cerâmicos e de cestaria e dedicavam-se aos cuidados da casa e dos filhos pequenos (carregados envoltos em um pedaço de tecido amarrado na mãe).

Os trabalhadores retornavam de suas atividades no meio da tarde quando, com exceção das quintas-feiras, sábados e domingos, o sino era tocado chamando as crianças e os jovens para o catecismo. Ao final deste, o sino era novamente tocado para que os adultos fossem rezar o rosário. As crianças só participa-

vam desta cerimônia nos dias anteriormente citados; nos demais assistiam-na sob o pórtico da igreja. Concluído o culto ao som do tambor, os chefes de família recebiam rações de erva-mate e carne (estas últimas não obrigatoriamente todos os dias); aos meninos, no pátio interno do colégio e, às meninas, no cemitério, era fornecido o jantar. As pessoas, finalizada a jornada do dia (nove horas no verão e sete no inverno), dirigiam-se as suas casas. Após o toque de recolher, os índios não tinham permissão para saírem às ruas. O controle era realizado por zeladores que percorriam o povoado por toda a noite, assegurando a "quietude" e a "obediência aos mandamentos cristãos".

Os jesuítas, objetivando a sujeição do modo de ser e viver dos Guarani aos padrões sociais europeus, exerciam um exacerbado controle sobre as relações sexuais. Além da vigilância noturna havia fiscalização nos riachos ou fontes comuns para que índios e índias não se lavassem ou tomassem banhos juntos. Um provincial ordena em 1667 que *"nas reduções em que os riachos ou fontes comuns são cercados de matagais ou bosques, deixar-se-ão as árvores mais altas para que a fonte, à sua sombra, conserve sua pureza, mas arrancar-se-ão todos os galhos baixos, os arbustos e urzes para evitar ao pudor qualquer oportunidade de se encontrar em perigo"* (Haubert, 1990:252). Até o momento do casamento os rapazes estavam proibidos de conversar com as moças e, após o matrimônio, era chicoteado o homem que falasse a uma mulher que não fosse da sua casa. A idade nupcial era estabelecida, pelos jesuítas, em dezessete anos para os rapazes e quinze para as moças, buscando evitar, com isso, relações sexuais an-

teriores ao casamento. O controle era também exercido sobre os cônjuges viúvos, que deveriam casar-se novamente o mais rápido possível; sobre viúvas, órfãs e mulheres cujo marido encontrava-se ausente ou havia fugido⁵, deveriam ser confiadas aos pais ou a uma parente idosa e "virtuosa". Quanto às mulheres sozinhas, eram estabelecidas no cotiguazú ("casa grande") ou casa das reclusas, sujeitas a uma série de normas e restrições.

O controle dos missionários estendia-se também sobre o dia de descanso da população indígena. O domingo era preenchido por prolongadas cerimônias religiosas na igreja, de festas na praça e diversões. Mas mesmo nos jogos e brincadeiras via-se a presença do cristianismo, controlando e interpretando as atividades lúdicas dos indígenas, além da introdução de novas, originárias das regiões de origem dos jesuítas.

O catecismo dos adultos, em época de trabalho na lavoura, dava-se aos domingos. Após a cerimônia os homens reuniam-se no pátio e as mulheres, no cemitério e, posteriormente a repetição do sermão do dia por um cacique para os primeiros, e por um ancião, para as segundas, era realizada a chamada dos paroquianos. Aqueles índios que não haviam comparecido à missa eram chicoteados. Os casamentos geralmente realizavam-se antes do culto. À tarde, os missionários batizavam as crianças.

⁵ Os Guarani "fugidos" dirigiam-se aos "... *bosques vivendo casi al modo barbaro de su gentilidad*" (Pe.Cardiell, in Furlong, 1953:140) ou aos povoados espanhóis, vivendo como "bóias-frias" (Meliá, 1982:236).

Em dias festivos os homens faziam simulações de guerra na praça lançando flechas em um alvo. Somente neste dia obtinham permissão para caçar ou pescar e as expedições deveriam ser próximas do povoado ("*... um bom cristão deve permanecer à sombra de seu campanário e sob a guarda de seu pastor*", Haubert, 1990: 87). Outra opção seriam os jogos, entre os quais um praticado com uma bola de borracha, lançada com a parte superior do pé descalço. Os dias religiosos eram marcados pelas procissões, músicas e cantos, danças, representações de autos sacramentais e de peças teatrais.

O cotidiano da população missioneira — parcialmente reconstituído — apesar de organizado de uma forma acentuadamente ordenada e austera e sujeito a um rígido controle, realizava-se entrecortado por manifestações contrárias às normas estabelecidas e orientação dos jesuítas. A existência de mecanismos de controle, os castigos (chicote e prisão, os mais comuns) e as fugas, demonstram a resistência e insatisfação dos Guarani em aceitar inteiramente o novo modo de viver.

O conflito étnico é claramente visualizado na postura irreduzível dos xamãs que, desde o princípio da invasão e dominação espanhola, contestaram sua sujeição (dos Guarani). Os xamãs representavam um grande empecilho para a ação evangelizadora, pois principalmente estes eram conscientes de que seu modo de ser tradicional (seu teko) e, especialmente, seu sistema religioso-fundamento de sua identidade, estava sendo ameaçado: "*Vejo que se vai perdendo a liberdade antiga de se andar por vales*

e selvas! É porque estes sacerdotes estrangeiros nos amontoam em povoados. Isto não se faz em nosso bem, mas para que ouçamos uma doutrina tão oposta aos ritos e costumes de nossos antepassados (...)" (discurso de Neçu, in: Montoya, 1985:197-98).

Além do discurso contestatório, os xamãs persistiram realizando cerimônias de des-batismo, neutralizando o administrado pelos padres, de rebatismo⁶, de adoração das ossadas dos xamãs falecidos em rituais elaborados, de rituais inspirados no cristianismo e até planejando assassinatos de missionários e incêndios de igreja. Houve uma situação descrita por Montoya (idem, ibidem, p.57), ocorrida na Redução de Santo Inácio na qual um cacique chamado Miguel Artiguaye simulou uma missa: "Vestia-se ele, em seu retiro, numa alba e, adornando-se com uma capinha de plumas vistosas e de outros enfeites, simulava estar dizendo missa. Punha sobre uma mesa algumas toalhas e em cima delas uma torta de mandioca e um vaso, mais que pintado, com vinho de milho, e, falando entre os dentes, fazia muitas cerimônias, mostrava a torta e o vinho ao modo dos sacerdotes e, por fim, comia e bebia tudo. Veneravam-no com isso seus vassallos como se fosse sacerdote". O mesmo cacique rebelava-se constantemente nas reuniões ou assembléias que aconteciam na redução contra a privação dos seus

⁶ Segundo Meliã (1986:40), "en los momentos de rebeldia anticolonial, el Guarani tomaba consciencia de que su nombre español le habia hecho perder su identidad, y por esto la insistencia de los chamanes por rebatizar a fin de reencontrar para cada uno su nombre y su ser verdadero".

costumes antigos (poligamia, por exemplo).

Os movimentos de libertação e manifestações xamânicas eram mais frequentes no período de implantação do sistema reducional, mas permaneceram durante toda a atividade missionária. Segundo Santos (1988:77) esta permanência deu-se devido à mudança da forma de combate — as práticas religiosas e ritos tradicionais aliaram-se ao comportamento cristão. Haubert (1990:284) menciona a presença de feiticeiros nas missões até por volta de 1720. Compartilha desta mesma idéia Ardanaz (1984:199-217): os feiticeiros efetuavam suas práticas de forma oculta num período mais adiantado da história das missões.

A autora (idem, ibidem), através de um levantamento na documentação primária constata a presença de uma rede de feiticeiros distribuídos em diversos povoados que comunicavam-se cautelosamente. Somam-se às informações referentes às ações dos feiticeiros os castigos determinados nas Ordens para todas las Reducciones, de 1689, para "*el que diere yerbas venenosas y polvos*" — uno de los recursos de los hechiceros — si de ello se sigueiere la muerte, sea puesto en cárcel perpetua, y, de no seguir-se, sea encerrado tres meses con grillos y reciba cuatro vueltas de veinticinco azotes cada una; Los tienen asimismo en cuenta, y más palmariamente otras del primer tercio del XVIII donde se fija un año de prisión con grillos y azotes en público para quienes hayan acarreado la muerte con prácticas de hechiceria, seguido de la inmediata expulsión de las reducciones, para evitar el contagio de los demás" (p.204).

O levantamento preliminar das situações de conflito e das manifestações de resistência étnica demonstra a complexidade da rede de relações interétnica estabelecida entre índios e brancos nos povoados missioneiros. Segundo Meliá (1986:100), "*o 'modo de ser' guaraní viene explicitado sobre todo cuando se da la confrontación de dos modos de ser, el de los Guaraní y el traído por la colonización hispánica, de la cual el de los jesuitas es solo una variante. Las formulaciones mas explícitas del modo de ser guaraní aparecen en aquellas situaciones criticas en las que índios se sienten amenazados en su propia identidad (...)*".

A persistência dos xamãs, a frequência da "frouxidão", "ociosidade", desinteresse pelos trabalhos, imprevidência e a manutenção de determinados costumes, como por exemplos as borracheras, caracterizam-se como parte de um conjunto de elementos contrastantes no sistema interétnico. Tais elementos e o que significam garantiam a distinção do grupo enquanto tal e, por isso mesmo, tornavam-se um referencial de identidade étnica.

1.2 A cultura material Guarani no espaço social da casa e nas atividades cotidianas e especiais

O levantamento dos elementos materiais da cultura — aqueles produzidos e utilizados pelos Guarani missioneiros — na documentação histórica primária e secundária, vem complementar a interpretação dos fenômenos não materiais referentes às situações de conflito e resistência étnica. Além disto é fundamental

para a compreensão — embora parcial — dos significados dos vestígios arqueológicos resgatados na Missão de São Lourenço Mártir.

A cultura material pode ser entendida como "aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem. Por apropriação social convém pressupor que o homem intervém, modela, dá forma a elementos do meio físico, segundo propósitos e normas culturais. Essa ação, portanto, não é aleatória, casual, individual, mas se alinha conforme padrões, entre os quais se incluem os objetivos e projetos. Assim, o conceito pode tanto abranger artefatos, estruturas, modificações da paisagem, como coisas animadas (uma sebe, um animal doméstico) e, também, o próprio corpo na medida em que ele é passível desse tipo de manipulação (deformações, mutilações, sinalações) ou, ainda, os seus arranjos espaciais (um desfile militar, uma cerimônia litúrgica" (Menezes, p.112). Neste sentido os fenômenos materiais, além de fornecerem informações sobre sua própria materialidade, informam também sobre sua carga de significação, se considerados como suporte material da produção e reprodução da vida social.

Os dados obtidos na documentação histórica missioneira referem-se aos artefatos de características originais da cultura Guarani manipulados pelos indígenas no seu dia-a-dia e em situações especiais. Entendendo os artefatos como resultado de formas específicas e determinadas de organização dos grupos humanos e como vetores de relações sociais, proporcionando condições para que estas se produzam e efetivem, a mostra de elementos ma-

teriais relacionada⁷ vem ao encontro de uma melhor compreensão sobre as relações interétnicas e do significado da cultura material — entre outros, de manutenção da singularidade do grupo étnico nos povoados missioneiros.

O espaço social da família reduzia-se às casas e áreas circundantes — corredor que acompanhava o bloco de unidades habitacionais e ruas paralelas e uniformes. O conjunto de seis a sete peças (ou até mesmo dez) enfileirada era coberto por telhas e cercado por um corredor de dois a três metros de largura. As ruas projetavam-se a partir da praça separando as quadras. Durante os primeiros tempos das missões, as casas dos índios eram fabricadas de canas revestidas de barro; com o passar dos anos já encontravam-se construções feitas de pedras talhadas, outras de pedra até, aproximadamente, 80cm do chão, seguida de adobe, outras de madeira e barro, todas cobertas por telhas (Furlong, 1962:237-251). Cada compartimento possuía de quatro, cinco a seis metros de lado, duas saídas em direção às ruas e abrigava uma família nuclear. Um couro de boi servia como porta, não havia janelas e chaminê, o chão não era revestido.

Pe. Cardiel (Furlong, 1962:240) menciona que os indígenas dividiam a peça em compartimentos com tabiques e esteiras.

⁷ Referências à cultura material eram negligenciadas pelos missionários e, portanto, limitadas na documentação.

Na Missão de Santo Inácio, como em Santa Maria, podem ver-se argolas para suspender os tabiques ou, talvez, as redes. Os recintos seriam divididos em três partes — para o casal, filhos e filhas. Possuíam alguma mobília como prateleiras embutidas na parede, alguns cabides ou ganchos para pendurar as roupas, algumas caixas de madeira ou de couro cru, ou canastros de cipó e taquara para guardar mantimentos.

Quanto às vestimentas diárias⁸, o traje masculino consistia numa calça, num colete, numa camisa, se a conseguissem adquirir, e num poncho (chamado aobací) de algodão ou lã. Às vezes usavam um gorro ou boné. O das mulheres compreendia peças quase sempre de algodão: um vestido sem mangas, fechado no pescoço e acinturado. Em situações especiais, como culto, vestiam por cima uma túnica (tupoí ou tipoy), de lã ou algodão, mais ampla, com mangas e acinturada. Usavam colares e anéis de contas de vidro e brincos, geralmente de cobre. Há indícios de que alguns destes trajes tenham sido adaptados da indumentária original dos indígenas. Segundo Pe. Cardiel (Furlong, 1953:125) os Guarani pré-coloniais não vestiam mais que uma camiseta de algodão "*a modo de dalmática, desnudos en los demás*". Algo parecido ao poncho faz parte da indumentária tradicional masculina dos Kayovã: o ponchito (poncho pequeno de fio de algodão). As vestimentas das mulheres Kayovã consistiam no tupái (pano fechado la-

⁸ Informações extraídas em Furlong, 1953:145, 1962:291 e Haubert, 1990:248, 249.

teralmente usado como saia) e a váta (blusa com mangas que desce até a cintura); entre os Kayová mais setentrionais há referências sobre o typói, espécie de "saco de algodão que desce até meia canela" com três aberturas. Os homens Mbúa vestiam o tambéu (tambéo): faixa que passa entre as pernas presa por um cinto (Shaden, 1962:41-2). O Pe. Agustín de Aragón decreta, em 1670, a proibição dos índios andarem com as calças abertas de maneira que descubram a carne (Haubert, 1990:249). A aceitação dos trajes usados nas missões, entretanto, não inclui a adoção do sapato: "*Pero zapatos, por más que les exhortamos a ello, especialmente cuando andan en las faenas del monte, entre espinos, no hay modo de reducirlos a ello*" (Pe. Cardiel, in: Furlong, 1962:291). Os sapatos eram usados somente pelos sacristãos e acólitos durante os ofícios e pelos magistrados nos feriados, assim como os chapéus e demais roupas de festas espanhóis. Os cabelos, os homens usavam-no mais curto que o habitual e as mulheres continuaram a usá-los compridos.

Pe. Sepp (1974:185) ao referir-se ao mobiliário comenta que "*nuestros parroquianos son pobres como las ratas, lo poco que posuen consiste en una calabaza ahuecada, unos viejos potes y una hamaca rota*". A rede, denominada pelos Guarani missioneiros de quiha (Furlong, 1962:251), manteve-se nas reduções como uma peça fundamental da parafernália indígena. Sepp (1980:132) a descreve como uma "*longa rede de pescar trançada de fibras de palmeira*" e a situa como um bem de valor — "*quem não tiver semelhante fortuna*" descansa "*sobre uma pele de tigre ou um couro de vaca no chão raso; em vez de travesseiro ou almofada usam um*

bloco duro ou uma pedra".

Os utensílios domésticos reduziam-se segundo Sanchez Labrador (Furlong, 1962:251) a "*(...) unas ollas y platos de barro fino 'y de buen arte' pues son buenos alfareros; a un mortero o tronco excavado de palo con mano del mismo material; unas calabazas partidas por medio, las veces de vasos; unas tinajas grandes para conservar los líquidos, y unas canastillas, llamadas Taquarembō, que les servían para recoger las frutas*". A calabaza ou porongo oco tinha a função de recipiente para conter água ou para beber. Como um "colherão" utilizavam escudelas de conchas (Sepp, 1980:131-140).

Uma série de objetos confeccionados e manipulados no cotidiano pelos Guarani são citados por Sepp (1973:241-42): agulhas de madeira e espinhos de arbusto para costuras; osso de boi, inclusive da costela para coleta de cereais ("palito" para colher raízes, conforme Pe. Cardiel, in: Furlong, 1953:143); lasca de taquara (Caña de las Índias) partida e afiada com os dentes para matar uma rês e cortar a carne; espetos de madeira (varas) ou espécie de grelha, construída com seis a oito varetas organizadas em forma de cruz para assar a carne. Mesmo os jesuítas presenteando os casais no dia do casamento e no início de cada ano com uma faca, anos mais tarde, os índios continuaram usando uma taquara partida ou cortando a carne com os dentes (Haubert, 1990:265). Pe. Sepp (idem, ibidem) em uma viagem em 1691 de Buenos Aires ao interior do país, descreve como seu cozinheiro preparou o fogo: "*(...) tomō dos pedacitos de madera, perfo-*

rõ una y coloco el otro en el agujero, barrenõ y frotõ con el como si fuera un taladro, trabajando con ambas manos, hasta que las dos maderas se calentaron y empezaron a humear; finalmente se inflamaron a causa del rozamiento constante y ardian las dos (...)".

Retornando ao espaço da casa e aproveitando a menção ao fogo, os Guarani acendiam suas fogueiras no interior das habitações compartimentalizadas — no centro ou em um canto, inclusive sob a rede (Sepp, 1980:132) — e no corredor, diante de uma das duas portas, para cozinhar (Pe. Cardiel, in: Furlong, 1962:240). Escavações arqueológicas na Redução de São Miguel (atividade do Projeto Arqueologia Histórica Missioneira: Reduções de São Miguel, São João e São Lourenço, RS-Brasil, em 1987) evidenciaram, onde localizava-se uma rua, um local circundado por pedras com vestígios de carvão e restos de alimentação, provavelmente utilizado como fogueira.

Nestas fogueiras as índias cozinhavam uma diversidade de pratos culinários, principalmente derivados do milho. Os grãos do milho ou as espigas inteiras poderiam ser cozidos em uma panela sozinhos ou acompanhados de carne. Da farinha socada em um morteiro de madeira, faziam uma espécie de mingau com água, com carne ou não, sempre sem sal; espécies de tortas cozidas no forno com gordura e queijo (chipã) ou colocadas nas brasas para fritar (tipo polenta). Do milho levemente triturado, peneirado para separar a casca e cozido com leite ou com água e açúcar, faziam uma massa espessa, chamada mazamorra ou uma menos espessa,

cozida sem água e sem sal com pedacinhos de carne acrescentados ou não, identificada como locro. O milho poderia ainda ser grelhado, preparado com mel ou fazer dele uma pasta envolvida em folhas e cozida sob as cinzas. A farinha ainda poderia ser aproveitada assada no forno num gomo de bambú. A chicha, bebida alcoólica produzida do milho, era permitida nos povoados, contanto que fosse fraca.

Quanto à mandioca, os missionários referem-se ao seu uso somente cozida ou assada (mandioca doce) ou, a partir da farinha, em forma de torta. A farinha de mandioca amarga era obtida através dos seguintes procedimentos: as raízes eram secas ao sol, defumadas ou maceradas para depois serem socadas ou raspadas.

Interessa-nos especialmente as relações entre os pratos culinários e os recipientes usualmente utilizados. Pe. Cardiel (Furlong, 1953:139-43) menciona as ollas quando reporta-se ao preparo de pratos feitos a base da mandioca: "(...) *tortas de pan cocidas al resoldo, y varios guisados en la olla*". A base do milho: "*de el hacen tortas al modo que dije del trigo, y otros muchos guisados en la olla (...). Aun a nosotros en los Colēgios nos suelen poner un puñado en la olla en lugar de garbanzos y otras veces las mazorcas enteras cocidas con la carne (...)*".

Em uma descrição sobre a festa do Padroeiro da Redução Pe. Cardiel (in: Furlong, 1953:170) observa os elementos que compõe a mesa da refeição oferecida e sua organização: "*Mientras los*

Padres estān comiendo, trae cada principal al patio de casa una mesa bien adornada, y encima, una estātua de algūn Santo de su devociōn (...), y alrededor de la estatua, vārios platos aderezados para que los bendiga el Sacerdote; y ponen en el suelo unos muy grandes calabazos llenos de chicha o vino de maiz, para que juntamente los bendiga, y alrededor de ellos varios barreñones y cestos, para que se los llenen de sal, de miel y de frutas secas, como melocotones, de que se suele coger abundancia. El vino nunca lo hacen fuerte, y así, por mās que bebān, nunca embriaga (...)" (destaques da autora).

As referências à parafernália material encontradas na documentação jesuítica revelam a continuidade da produção e consumo de determinados componentes materiais da cultura Guarani no contexto missioneiro. A confecção e uso do arco e da flecha complementa e integra-se a este quadro. A persistência dos Guarani no emprego diverso do milho — elemento central da sua dieta — principalmente a resistência ao abandono da chicha, a qual os jesuítas desejavam substituir pelo mate (Furlong, 1962:449) é muito significativa, pois remete-nos a uma tradição que transcende um hábito ou costume: a chicha era uma bebida largamente utilizada nas festas. Os Guarani pré-coloniais "reuniam-se em grandes bebedeiras cerimoniais de álcool produzido pela fermentação, por meio da saliva, da mandioca, milho, batata-doce ou frutas; bebedeiras muitas vezes relacionadas ao complexo da guerra e antropofagia ritual" (Brochado, 1980:58).

A resistência dos Guarani em sujeitar, da forma como

tentaram os jesuítas, seu modo de ser e viver aos padrões sócio-culturais e econômicos do sistema reducional é demonstrada pelas situações de conflito étnico e manutenção de hábitos e costumes ancestrais relacionados a elementos não materiais e materiais da cultura. A resistêcia indígena manifesta-se "(...) no apego a alguns traços culturais que, enfatizados, preservam a identidade do grupo. Esse é um processo recorrente na afirmação étnica: a seleção de alguns símbolos que garantem, diante das perdas culturais, a continuidade e a singularidade do grupo".

Neste sentido, a cultura material, permeada de significados que lhes são intrínsecos, pode ser abordada como símbolo de identidade étnica e, sob esta perspectiva é que foram desenvolvidas a análise e interpretação dos vestígios cerâmicos e líticos da Missão de São Lourenço Mártir, apoiadas nas informações históricas dos Guarani missioneiros, fundamentais na complementação das considerações a cerca do material arqueológico.

2 ARQUEOLOGIA HISTÓRICA EM SÍTIOS DE CONTATO INTERÉTNICO EURO-INDÍGENAS

A Arqueologia, apesar do restrito significado conferido-lhe pela origem etimológica da palavra — ciência da antiguidade, deve ser entendida como uma disciplina científica que utiliza os restos materiais de sociedades humanas com o objetivo de compreender o seu funcionamento e seus aspectos sócio-culturais e econômicos que lhes são atribuídos. Esta abordagem pode ser desenvolvida sobre qualquer grupo social, passado ou presente, incluindo-se nestes sociedades com ou sem escrita. "A Arqueologia permite não apenas o conhecimento do passado das sociedades ágrafas — para o qual a história tradicional em nada contribui — mas igualmente esclarece inúmeros aspectos da vida das sociedades dotadas de registro histórico, principalmente no que tange aos padrões de subsistência econômica, à tecnologia e às relações com o ambiente, os quais são dificilmente documentados, quando não são absolutamente ignorados pelas fontes escritas" (Kern, 1989 (a):103).

A investigação científica em Arqueologia Histórica tem a peculiaridade de utilizar as fontes oriundas da documentação

material e escrita. Por um lado, a disponibilidade de documentação escrita para a complementação da investigação da cultura material resgatada através das atividades arqueológicas, é uma característica que favorece a interpretação apoiada, fundamentalmente, em analogias baseadas em referências históricas correspondentes espacial e temporalmente ao fenômeno em estudo. Por outro lado, os testemunhos arqueológicos históricos complementam e até elucidam circunstâncias ausentes ou imperfeitamente mencionadas na documentação escrita, possibilitando inclusive, confirmá-las ou não.

Brochado (1974:11-47) realizou um levantamento bibliográfico de mais de 150 sítios arqueológicos históricos onde observam-se elementos resultantes de contatos entre europeus e indígenas. Estes sítios pesquisados distribuem-se pelo leste da América do Sul, desde o estado de Pernambuco, no nordeste do Brasil, até a Província de Corrientes, no nordeste da Argentina e correspondem, cronologicamente, ao período inicial do século XVI até o início do século XX. Os sítios relacionados foram reunidos em trinta conjuntos, agrupados segundo sua origem, objetivos, intensidade dos contatos e duração: fundações religiosas ou apresentando influências destas (15 conjuntos); fundações militares ou decorrentes destas (7 conjuntos), e sítios pós-contatos (8 conjuntos).

A filiação étnica destes sítios está relacionada aos grupos falantes do Guarani ou Tupinambá, da família lingüística Tupi-Guarani, cujas manifestações materiais arqueológicas cons-

tituem, segundo a denominação empregada pela comunidade arqueológica brasileira, a Tradição Cerâmica Tupiguarani. Conjugando os dados arqueológicos com os etnohistóricos — a partir das descrições dos cronistas dos séculos XVI, XVII e XVIII, Brochado (1980:56) relaciona a Tradição Tupiguarani com a cerâmica produzida pelos Tupi-Guarani históricos, propondo que a área de dispersão da tradição arqueológica corresponderia, em parte, à área cultural Tupi-Guarani, cujas línguas pertencem ao tronco linguístico Tupi. Avançando nesta problemática, o mesmo autor (1984: 566) desenvolveu um modelo no qual ele justifica que "(...)o que *impropriamente se descreve como 'Tradição Tupiguarani'* (Brochado et al. 1969:12-16; Terminologia III 1977:15; Brochado 1973 a 7-10; 1973b; 1980a; Scatamacchia 1981) são na realidade duas extensões distintas da Tradição Policroma Amazônica no leste da América do Sul e portanto deve ser dividida em duas subtradições que representam as cerâmicas produzidas por dois grupos Tupi distintos — os Guarani e os Tupinambá — os quais tiveram histórias totalmente separadas durante os últimos dois mil anos (...)".

A Tradição Policrômica Amazônica, origem da indústria cerâmica dos grupos falantes Tupi-Guarani, teria difundido-se em forma de pinças, a partir da região próxima da desembocadura do rio Madeira, na Amazônia Central há, aproximadamente, 1500 a.C. Um dos braços expandiu-se do Norte e do Nordeste para o sul ao longo da costa atlântica, enquanto o outro, primeiro nas regiões do rio Madeira e Guaporé, passando para o Paraguai, Paraná e subindo ao encontro da outra expansão, até certa distância ao norte.

Sob esta perspectiva, priorizamos o estudo sobre os sítios de contato entre europeus e Guarani, concentrados no sul do continente, embora não relegando a segundo plano as comparações possíveis com sítios de ocupação histórica onde estivessem presentes outras etnias da família lingüística Tupi-Guarani. Justifica-se, a partir desta argumentação, as referências a cultura material dos sítios em foco como Guarani e não Tupiguarani, fundamentadas na correlação dos elementos arqueológicos com o grupo etnográfico que os produziu.

A maioria dos trabalhos arqueológicos efetuados sobre situações de contato interétnico carecem de uma referência metodológica específica. As informações disponíveis compreendem somente a classificação formal do material resgatado (e nem sempre completa) e a identificação do contexto arqueológico inserido cronologicamente no momento histórico a que pertence.

O que caracteriza grande parte das pesquisas é a classificação da cerâmica arqueológica em tradições culturais. A "Tradição Cerâmica Neobrasileira", segundo definição elaborada pelo PRONAPA (1970:145) corresponde a *"uma tradição cultural caracterizada pela cerâmica confeccionada por grupos familiares, neobrasileiros ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências, onde são diagnósticas as decorações: corrugada, escovada, incisa, aplicada, digitada, roletada, bem como asas, alças, bases planas em pedestal, cachimbos angulares, discos perfurados de cerâmica e pederneiras"* Esta tradição representa um sincretismo, no qual são observados elemen-

tos indígenas ou de populações miscigenadas e elementos europeus nas técnicas de confecção, decoração e morfologia no período compreendido entre, principalmente, 1600 e 1900 (Brochado, 1974). O enquadramento do material cerâmico dos sítios históricos na "Tradição Neobrasileira" esbarra numa generalização que não considera os diferentes contextos em que ocorreram os contatos e as filiações étnicas dos grupos em interação com o colonizador. Neste sentido, os testemunhos arqueológicos devem ser pensados enquanto fenômenos de uma determinada situação interétnica, considerando a tradição cultural dos modos de fazer e usar específicos das etnias interagidas⁹. Os materiais que seguem as técnicas européias — na confecção, decoração e morfologia — encaixam-se na tradição denominada Colonial. Estes artefatos podem tanto ser importados como produzidos, segundo modelos europeus, pelos grupos autóctones ou resultantes da miscigenação étnica.

Avanços na sistematização do estudo arqueológico de sítios históricos são demonstrados por Brochado (1974), baseado em Lathrap et alli (1956), e Rovira (1989), baseada em Fontana (1965), na tentativa de estabelecer tipologias das situações de contato interétnico.

Lathrap et alli (1956), com base na natureza e nos re-

⁹ Em função das questões mencionadas e do significado do termo "neobrasileiro", que remete-nos a um período "novo ou pós-brasileiro", não classificamos o material arqueológico analisado como integrante desta Tradição.

sultados dos contatos, estabeleceram inicialmente dois tipos de situação a partir do estudo e interpretação dos vestígios cerâmicos complementado, principalmente, pelos dados históricos: (a) intrusões de sítios e (b) intrusões de traços culturais. De acordo com o conceito de intrusão — *"um elemento é concebido como intrusivo em uma área quando se encontra ocorrendo anteriormente em outra"* (cf. Lathrap, op. cit., p.31), a cultura européia, por seus sítios serem mais antigos no continente de origem, classifica-se como intrusiva na América. Entretanto, Brochado (1974) observou diferenças entre as fundações militares e religiosas.

As primeiras corresponderiam à situação de contato **a** pois, sobre território indígena, foram estabelecidas com elementos materiais, ideológicos e humanos (militares e/ou colonos) europeus. Sobre a área cultural indígena surgem sítios da cultura colonial, ocasionando com o tempo uma só cultura a partir da fusão de elementos de ambos contextos.

As segundas encaixam-se na situação **b**, onde apenas alguns missionários penetravam na área indígena, equipados com raros elementos materiais europeus. Os sítios eram construídos pelos próprios índios, dirigidos pelos missionários, compreendendo um maior número de manifestações materiais da cultura autóctone. Com o tempo, no entanto, os elementos intrusivos passariam a predominar.

Ambas situações de contato ramificam-se, demonstrando

que todas passam por um processo semelhante: **b1** (primeiros contatos): "adoção sem modificação ou fusão com elementos correspondentes da cultura recipiendária"; **a2** ou **b2** (contatos intensificados): "fusão com predominância da cultura recipiendária; **a3** ou **b3** (continuidade dos contatos): "fusão com predominância da cultura intrusiva, nos quais passam a predominar os traços da cultura européia"; **a4** (descontinuidade ou diminuição de intensidade dos contatos): "fusão seguida de revivalismo da cultura recipiendária" (p.31-2). Segundo Brochado (op. cit.), os sítios da fase Reduções (primeira fase das fundações religiosas européias no sul do Brasil, final do século XVI até meados do século XVII) correspondem ao tipo **b2**; os sítios da fase Missões **a** (segunda fase, final do século XVII até meados do século XVIII), ao tipo **b3**; os sítios da fase Missões **b** (final do século XVIII) ao tipo **a4**¹⁰.

No caso em estudo, a Missão Jesuítica-Guarani de São Lourenço Mártir, que pode ser classificada nas fases Missões **a**

¹⁰ Não classificamos os restos materiais da Redução de São Lourenço em fases arqueológicas por acreditarmos que os critérios adotados para tal são insuficientes para a compreensão dos aspectos sócio-culturais e econômicos subjacentes à cultura material do grupo humano a qual pertence. Os procedimentos prioritários para o estabelecimento das fases são demarcar, através de amostragens, as tendências de mudança na frequência dos tipos e a cronologia relativa dos vestígios materiais resgatados. "O termo 'fase' foi adotado para designar complexos culturais arqueológicos, visto não conter implicações de natureza etnológica. Embora uma fase arqueológica signifique sem dúvida um grupo social interatuante, por outro lado não esclarece tratar-se de um bando, de uma tribo, de uma sub-tribo ou de qualquer outra espécie de unidade sócio-política. A ênfase dada a cerâmica não implica em crermos que seja esta mais importante que outros aspectos da cultura pré-histórica, simplesmente reflete o fato da cerâmica ser relativamente mais abundante e sujeita a mudanças mais rápidas que outros tipos de artefatos, tornando-a, por isso, particularmente útil para o estabelecimento de seqüências cronológicas relativas e para traçar difusão cultural" (Brochado, Calderón, Chmyz e outros, 1969:4(b)).

e **b**, nota-se que no conjunto cerâmico e lítico analisado há uma combinação de elementos da cultura local com a intrusiva. Discordo, entretanto, da classificação de Brochado (op. cit.), que vê a preponderância dos traços europeus sobre os indígenas. Observando os artefatos, os seus fragmentos, de uma forma generalizada, as modificações tornam-se claramente representadas mas, se analisarmos os atributos específicos de cada peça, identificamos os variados elementos indígenas que mantiveram-se na composição de determinados objetos, seja na técnica de confecção, decoração, morfologia e, inclusive, no seu aspecto funcional.

Fontana (op. cit.), partindo das informações históricas sobre as situações de contato de uma determinada região e da caracterização arqueológica de tipos de sítios, ou componentes destes, documentados historicamente, procede a possível identificação dos tipos correspondentes aos contextos arqueológicos que não possuem referências escritas. Este enfoque originou um sistema taxonômico dos sítios históricos norte-americanos, o qual Rovira (op. cit.) aplicou à seu objeto de estudo, a Redução de Nuestra Señora de la Candelaria, Argentina. Os tipos definidos por Fontana (op. cit.) são os que seguem (Rovira, 1989:8):

"1) *Sítios proto-históricos: son sítios indígenas en los cuales hay evidencia de cultura no-indígena, pero anteriores a la presencia física de no-indígenas. Ejemplos de estos sítios son los de las praderas norteamericanas, en los cuales, merced a elaborados sistemas de intercambio entre las poblaciones indígenas, se introdu-*

ieron elementos europeos con anterioridad a la presencia misma de sus portadores.

2) *Sitios de contacto*: son sitios indígenas visitados por no-indígenas. Los contactos pudieron ser casuales y solamente haber dejado leves improntas, o pudieron haber originado un proceso continuo de contacto. Por lo general existe documentación escrita acerca de ellos, a diferencia de lo que ocurre con los sitios proto-históricos.

3) *Sitios post-contacto*: son sitios indígenas que se originaron luego de que sus habitantes fueran visitados por no-indígenas y que no existían pre ni proto-históricamente.

4) *Sitios de frontera*: son sitios de naturaleza esencialmente no-indígena, en el sentido de que fueron fundados y administrados por no-aborígenes. Estos sitios ejemplifican las estrategias institucionales específicamente instrumentadas con el objeto de controlar a la población indígena. Entre ellos pueden mencionarse los puestos militares, aquéllos de comercialización, y las misiones religiosas.

5) *Sitios no-aborígenes*: si bien estos sitios invariablemente contienen artefactos indígenas, su finalidad no fue de regular la relación con la población aborigen. Entre ellos se encuentran ciudades, aldeas, cen-

tros de manufacturas, y toda la gama de asentamientos propios de la colonia".

Rovira (op. cit.) empregou como unidade de classificação o contexto arqueológico, ao contrário do proposto por Fontana (op. cit.), (sítio ou componente de sítio) e identificou o contexto de fronteira como o dominante na região em estudo. Corresponderiam a este tipo, os sítios das fases Reduções e Missões no Brasil e os materiais de San Ignacio Miñí, Santa Maria la Mayor e algumas das coletas de Nuestra Señora de Loreto, na Argentina. Este tipo de classificação é colocado como um recurso metodológico nos estudos arqueológicos de situações de contato particulares resultando, com o desenvolvimento das pesquisas, na possibilidade de estabelecer padrões arqueológicos correspondentes a processos sócio-culturais específicos. A autora propõe, a partir de comparações do sítio de Nuestra Señora de la Candelaria com outras unidades que pertençam a mesma categoria taxonômica, o estabelecimento de um "padrão arqueológico de fronteira".

Ambas tipologias, aplicadas por Brochado (1974) e Rovira (1989), não são excludentes; na verdade são complementares. A fase Missões, na qual se inclui São Lourenço Mártir, classifica-se dentro do contexto de fronteira o qual, por sua vez, se caracteriza como uma situação de intrusão de traços culturais, ocorrendo a fusão de elementos das culturas intrusiva e recipendiária, no caso a européia e a indígena respectivamente.

2.1 Considerações sobre as manifestações materiais dos sítios de contato¹¹

A proposta de tecer algumas considerações, aliadas a comparações, sobre os artefatos arqueológicos oriundos de diferentes tipos de situações de contato, não pretende esgotar o conjunto de pesquisas efetuadas no Brasil, e principalmente, na área da Bacia do Rio da Prata. A intenção de arrolar algumas das diferentes manifestações materiais dos sítios históricos corresponde à identificação da manutenção de elementos tradicionais Guarani e das mudanças ocorridas em consequência dos contatos entre as populações indígenas e os europeus. Os registros arqueológicos podem em muito contribuir para a compreensão da dinâmica cultural das situações de contato, preenchendo as lacunas existentes nos documentos históricos escritos que priorizam, basicamente, os aspectos políticos, militares, relações coloniais, personalidades, etc...

Em níveis gerais, a cultura material oriunda dos sítios históricos apresenta traços diagnósticos da cultura indígena e elementos europeus. Produzida localmente e de consumo familiar, a cerâmica "Neobrasileira", segundo Dias (1988) e conforme classificação consagrada pelo PRONAPA (1970), possui características indígenas nas técnicas de confecção e decoração. Porém,

¹¹ As informações foram extraídas dos seguintes autores: Dias, 1988; Rovira, 1989; Albuquerque, 1982; Chmyz, 1976; Perasso, 1984; Brochado, 1974; Ribeiro, 1988.

nos fundos planos e em pedestal dos recipientes, nas asas, alças e tampas são observados traços europeus, os quais também evidenciam-se na vitrificação das superfícies. A pintura é rara e diferente da indígena, a decoração é plástica, predominantemente, e externa, onde notam-se sobrevivências indígenas no corugado, ungulado, escovado e polido estriado. Um elemento diferencial são os padrões de inciso (possivelmente de origem africana). Quanto às formas, predominam as simples de corpo redondo com sinuosidade na área do pescoço, bordas retas, extrovertidas ou levemente inclinadas para a face externa ou interna. São comuns os pratos e tigelas abertas e um recipiente de fundo plano tipo alguidar. Os vasos cônicos são raros. As peças são medianas, girando em torno de 30cm de diâmetro de boca. Tratam-se de recipientes utilitários: pratos, panelas, bacias, copos, tampas, talhas (apresentando-se em grandes dimensões). Encontram-se ainda associados os cachimbos angulares, moldados ou modelados e discos perfurados, possivelmente pesos de rede ou tortuais de fuso.

Segundo Brochado (1974), especificando a natureza dos contatos nos sítios de fundações religiosas ou que apresentam influências destas, onde falantes Tupi ou Guarani foram contactados, ocorre a presença do material cerâmico da Tradição Cerâmica Tupiguarani associado a elementos introduzidos pelo europeu. Persiste a técnica de superposição de roletes na confecção dos recipientes, coexistindo com a do torneamento nos sítios de contatos mais intensos. Os antiplásticos mantiveram-se os mesmos empregados pelos grupos pré-coloniais. Um elemento inovador

aparece, conforme Rovira (1989), na cerâmica da Missi3n de Nuestra Se1ora de la Candelaria, onde gr3nulos de minerais de ferro oriundos do basalto tem a fun13o de diminuir a plasticidade da argila. A queima persiste em atmosfera oxidante (fogueiras ou fornos abertos), ocasionando uma colora13o irregular. A introdu13o dos fornos resultou num avan13o em rela13o 3 queima pela tradi13o ind1gena. Os materiais cer3micos torneados apresentam, predominantemente, uma queima uniforme (cer3mica "biscocho") e os temperos, ou s3o mais finos ou n3o ocorrem.

As t3cnicas de tratamento superficial, pl3stica e pintada, mant3m-se principalmente durante os primeiros momentos dos contatos. Com a continuidade destes observa-se ainda o emprego do corrugado, ungulado, escovado, ponteadado, nodulado, serrungulado, roletado, alisado, com ou sem polimento, e tipos combinados, resultando na decora13o mista, assim como a pintura monocroma, principalmente em vermelho, e a policr3mica em vermelho e branco (exemplares em S3o Louren1o). O esmalte, assim como a pintura vermelha s3o muito freq1entes nos recipientes torneados, como apresentam-se na S3rie Miss3es, de tradi13o europ3ia, nos tipos S3o Jo3o Vermelho e Miss3es Amarelo Esmaltado (Brochado, 1969). A decora13o pl3stica na borda do vasilhame aumenta de popularidade no per1odo florescente das funda13es religiosas e nos s1tios de p3s-contato. Algumas j3 eram conhecidas pela cultura ind1gena, outras foram inova13es: entalhada, digitada, ungulada, digitungulada, incisa, pin1ada, ponteadada, ondulada, aplicada e fileteada.

Quanto às formas, observam-se sobrevivências indígenas. Principalmente as bicônicas ou carenadas desaparecem rapidamente. As vasilhas apresentam-se de menores dimensões, em forma de tigelas, pratos, alguidares, pequenas panelas e jarros. As bases arredondadas ou cônicas são substituídas por planas, em pedestal, côncavas, plano-côncavas ou anelares. Estas últimas encontram-se, predominantemente, associadas aos recipientes torneados. As alças e asas também são caracteristicamente elementos europeus.

Os cachimbos são raros nas fundações religiosas. Encontram-se ainda discos de cerâmica, empregados possivelmente no jogo do "tejo"; fragmentos de louça, porcelana e vidro, incluindo-se no último as contas; escórias e objetos de ferro.

Os implementos líticos continuam aparecendo associados ao restante do material, podendo ser lascados (talhadores, raspadores, perfuradores, lascas utilizadas...), polidos ou picoteados (machados planos, cilíndricos e discoidais, bolas de boleadeira, lenticulares...), polidores, batedores, percutores, quebra-coquinhos. Ocorre a presença de pedras de pederneira.

Nos sítios onde foram estabelecidas as fundações militares, algumas transformando-se em vilas ou cidades, o processo de adaptação de elementos das culturas em interação — européia e indígena (principalmente grupos falantes Tupi ou Guarani) desenvolveu-se diferentemente das fundações religiosas. A cerâmica de ambas manteve-se distinta por longo período. As técnicas

de confecção, de tratamento superficial, os antiplásticos, a morfologia e a queima são caracteristicamente pertencentes à tradição autóctone. As bases planas, alças, asas e o aumento da popularidade do escovado e do polimento são os elementos diagnósticos do contato com a cultura européia. A cerâmica esmaltada vai aparecer em maior quantidade nos sítios do século XVIII, provavelmente importada.

A pintura policrômica mantém-se, ocorrendo mais frequentemente do que nas fundações religiosas. Em Santa Fe La Vieja (Cerutti, 1983), encontram-se as combinações, preponderantemente, de branco sobre vermelho (48%) e vermelho sobre branco na série de tradição européia, e vermelho sobre branco na série de tradição indígena.

Os cachimbos de cerâmica ou gesso de forma angular e moldados são comuns nas fundações militares e nos sítios pós-contato, assim também como instrumentos líticos de tradição indígena.

Os sítios de pós-contato, caracterizados como decorrentes das fundações religiosas e militares ou de regresso dos índios à situação anterior, representa o reflorescimento de algumas técnicas de tratamento superficial, como o corrugado, e a continuidade da produção doméstica de artefatos cerâmicos, no momento sem o uso de tornos.

O escovado passa, com o tempo, a predominar, tornando-se um traço identificador da "Tradição Cerâmica Neobrasileira".

A decoração incisa, incisa ou ponteadada sobre os roletes e a aplicada tornam-se freqüentes. Mantém-se a pintura vermelha, apesar de diferente da presente na Tradição Tupiguarani. Os tipos mais complexos de bases, como as anelares, diminuem ou desaparecem em função do abandono da cerâmica torneada. Na Aldeia de São Nicolau (Ribeiro, 1988), fundada em 1757 com Guarani oriundos dos Sete Povos das Missões, as formas compostas e complexas vão diminuindo, permanecendo as simples e infletidas. A cerâmica vidrada é muito encontrada. Neste mesmo sítio, foram identificadas peças líticas características da tradição indígena: lascas, polidor, afiador em canaleta, alisador, percutor, etc., assim como pederneiras, lousas, ponteiras...

Brochado (1974) comenta que nas fundações militares, o número de europeus era expressivo e utilizavam, principalmente, a cerâmica importada, mantendo por muito mais tempo os elementos indígenas sem influências. Enquanto isso, nas fundações religiosas espanholas, a cerâmica praticamente europeizou-se durante o período de florescimento destas devido ao emprego de novas técnicas, como o torneamento e a queima em fornos, retornando às características originais na fase de decadência.

Esta argumentação, no entanto, deve ser reconsiderada em função dos resultados das pesquisas efetuadas em novos sítios nos últimos anos. Em estudos nas ruínas da cidade de Santa Fe La Vieja, Argentina (1573-1660), Cerutti (1983) classificou o conjunto cerâmico em duas séries inter-relacionadas. A série de tradição européia (56%) integrada a um componente indígena

(manufatura) 94%, e a dois componentes indígenas, em dois grupos (manufatura e decoração; manufatura e forma); e a série de tradição indígena (44%), identificada como a Tradição Cerâmica Tupiguarani, sendo que em 12% encontram-se elementos europeus integrados (forma; engobe vermelho brilhante; forma e engobe vermelho brilhante; motivos decorativos). No restante a influência européia é indireta, constatada na simplificação das formas e da decoração, engrossamento das linhas e pintura com os dedos no interior dos recipientes. A interpretação destas manifestações resultou na identificação de uma "cerâmica nueva". Por outro lado, na *Missión de Nuestra Señora de la Candelaria* (1665-1768), localizada na Província de Misiones, Argentina, em pesquisas no núcleo da redução "(...) los conjuntos artefactuales recuperados son demonstrativos de la continuidad de la tradicion Tupiguarani através del período jesuítico y con posterioridad al mismo" (Rovira, 1989:159). No mesmo sentido Kern (1989b:114) comenta que "(...) a tradição da cultura dos Guaraní sobreviveu no interior dos povoados missioneiros platinos muito mais do que se poderia imaginar, a partir da documentação histórica e dos relatos dos jesuítas. Os indígenas continuaram a lascar e a polir a pedra, a confeccionar a sua cerâmica e a trabalhar em seu artesanato tradicional".

Não é objetivo deste Capítulo analisar as origens ou motivos que levaram um ou outro tipo de contato cultural a estabelecer-se ou caracterizar-se de uma determinada forma. O que nos interessa é demonstrar, apesar dos novos elementos introduzidos pelos europeus, a manutenção de manifestações materiais origi-

nalmente indígenas na produção dos objetos necessários ao cotidiano das populações inseridas nestas situações explicitadas. A força da tradição dos modos de fazer e usar artefatos está representada nos sítios de pós-contato, correspondente ao período aproximado entre o início dos séculos XVIII e XX, onde, mesmo após dois séculos de contatos intensos ou não, a exteriorização material de idéias e conceitos por parte dos artesãos índios, remete-nos às etnias e as suas especificidades. Ribeiro (1986:285) quando pensa sobre situações de contato interétnico e afirmação coletiva da identidade afirma que *"a preservação dessa identidade étnica exige o cultivo do artesanato ancestral, como símbolo visível de etnicidade e de singularidade tribal. Isto porque, codificado em representações gráficas, ele ajuda a guardar a memória da herança cultural e transmiti-la às novas gerações"*.

Avançando sobre estas considerações, os elementos materiais, ainda que superficialmente mencionados, indicam a possibilidade de, a partir de comparações, identificar um padrão nas manifestações da cultura material, cerâmica e lítica, resgatada nos sítios missioneiros. Ribeiro (1988) utiliza o termo "cerâmica missioneira", quando refere-se à influência desta na cerâmica da Aldeia de São Nicolau, no emprego de determinados atributos quanto às formas dos recipientes ou outros objetos, tratamento superficial e técnicas de confecção. Os artefatos e os seus significados subjacentes são capazes de refletir o padrão e a intensidade da interação entre os grupos sociais envolvidos. Torna-se importante pois, dissecar as partes componentes de um todo e interpretá-las como pertencentes a tradições culturais es-

pecíficas e singulares na sua trajetória histórica-cultural.

2.2 A Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço Mártir

O sítio arqueológico da redução de São Lourenço Mártir está localizado no município de São Luis Gonzaga, no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. (Fig. 1)

Assim como as reduções de São Nicolau, São Luis Gonzaga, São João Batista e São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir foi estabelecida na região localizada entre as bacias dos rios Ijuí e Piratini, à esquerda do rio Uruguai, sobre uma colina a 270m de altitude acima do nível do mar.

A paisagem na qual está inserida São Lourenço caracteriza-se pela presença de colinas onduladas cortadas por arroios, características do Planalto Sul-Brasileiro, e pelo mosaico formado pelas florestas e campos demonstrando, gradativamente, a substituição da floresta sub-tropical pelas paisagens abertas. Esta área oferecia proteção contra as incursões das Bandeiras paulistas e dos portugueses estabelecidos na Colônia do Sacramento, ao sul, na atual República do Uruguai (Kern, 1989(b):115-16).

A fundação da Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço deu-se em 1690 com parte da população de outra redução — Santa Maria Maior. Esta redução, fundada em 1626, na margem direita do rio Uruguai, já não mais comportava o número de habitantes, tendo então o excedente populacional que fundar um novo povoado.

Estes Guarani, construtores de São Lourenço, já vivenciavam uma experiência missioneira há sessenta e quatro anos, consistindo numa "(...) notável influência na história das Missões, não só sob o aspecto econômico como entreposto do gado lanar, (...), mas também cultural, pelas belas artes e indústrias em que foram exímios os seus habitantes entre os quais músicos, pintores e escultores índios (...)" (Porto, 1954:67). A população, na época da sua fundação, era de 3.512 índios, crescendo para 6.099 em 1733 (Furlong, 1962:143).

O plano urbanístico da redução de São Lourenço seguiu a mesma orientação das outras missões jesuítico-Guarani, traçadas conforme o modelo regulamentado pela Recopilación de las Leyes de las Indias. As ruínas refletem a construção de um conjunto arquitetônico monumental, apesar de serem poucos os remanescentes materiais que evidenciam a organização e estruturação do espaço construído. Quanto ao conjunto de construções principal, parte das paredes da igreja (as externas), dos cômodos dos jesuítas, do refeitório, da cozinha e das oficinas, ainda são visíveis; evidenciam-se também segmentos do muro que cercava a quinta (horta dos padres) e os pátios em frente à residência dos jesuítas e às oficinas. Além das paredes e muros, identificam-se algumas fileiras de pedras correspondentes à fundação e/ou ao início das paredes dos prédios construídos a leste e a oeste da praça central.

O gradual processo de destruição da redução de São Lourenço transformando-o em um sítio arqueológico, iniciou no mo-

mento da expulsão dos jesuítas dos Sete Povos das Missões, em 1768. Em 1821, quando Saint Hilaire (1935:212-13) passava pelo povoado, a situação já encontrava-se crítica: somente a igreja e a escola permaneciam em bom estado, os demais prédios estavam em ruínas. A redução estava sob a responsabilidade de um administrador que, segundo os índios (que não passavam de 200), castigava-os e "*transformou o colégio em bordel e é acusado de todas as sortes de crimes*". Já mais para o final do século, em 1886, Hemetério Silveira (1979:201-04) visita pela segunda vez São Lourenço e constata a rapidez com que a destruição aconteceu: a vegetação tomando conta onde anteriormente localizavam-se os prédios e pedras, colunas, capitéis, tijolos, etc., caídos ao chão. As paredes da igreja permaneciam a prumo (mesmo depois de sofrer um incêndio), mas as casas do povoado já não apresentavam vestígios.

A destruição dos elementos materiais de São Lourenço, verifica-se pelos inúmeros "buracos" feitos pelos "caçadores de tesouros", pelas pedras e outros materiais "instalados" nas habitações construídas por indivíduos que ocuparam a região em meados do século XIX, e pelas atividades agrícolas, principalmente nas áreas de habitações indígenas. Além da ação antrópica, a natureza também é responsável pela situação atual do sítio, seja pelas intempéries ou pelo crescimento da vegetação, que se desenvolve entre as pedras das paredes e sobre o piso.

2.2.1 Atividades arqueológicas

Sobre as ruínas da Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço desenvolveu-se um amplo Projeto intitulado "Arqueologia Histórica Missioneira", através de um Acordo de Cooperação Técnica entre SPHAN, UFRGS, PUCRS e FISC, coordenado pelos pesquisadores Arno Alvarez Kern e Pedro Augusto Mentz Ribeiro (até 1988).

O trabalho de campo foi efetuado em quatro campanhas (outubro de 1985, janeiro e outubro de 1986 e novembro de 1987) totalizando quarenta dias de atividades, realizadas pela equipe coordenada por Arno A. Kern.

A primeira medida tomada anteriormente ao início do trabalho foi o levantamento topográfico com a colaboração da Primeira Divisão de Levantamento, DCE-IIIª Região Militar. A implantação do sistema de quadriculagem teve que levar em consideração a imensa área que corresponde a um sítio arqueológico missioneiro. (O sítio de São Lourenço possui, no mínimo, 250.000m²) pois, além da área onde estão localizados os principais prédios do povoado, há o largo espaço das habitações indígenas e a zona periférica, com a presença de currais, olaria, fontes de água, (Kern, 1989:121).

Após a implantação do sistema de quadriculagem, iniciou-se o trabalho de campo com o emprego de três métodos: coleta superficial, sondagem e escavação (Kern, 1989b:123-29). (Fig. 2)

a) Coleta Superficial: A coleta do material encontrado na superfície foi efetuada nas áreas das habitações indígenas, onde a ação antrópica, através das atividades agrícolas, vem ocorrendo de maneira ininterrupta durante os últimos anos. A mecanização da lavoura tem agravado ainda mais a destruição do sítio, ocasionando uma maior fragmentação do material arqueológico. Foram estabelecidas seis áreas de coleta localizadas em torno da praça e a oeste do pátio dos artífices.

Em face da grande quantidade de vestígios, optou-se por uma coleta sistemática de escolha qualitativa. As áreas foram divididas em colunas de, aproximadamente três metros de largura, percorridas por um pesquisador recolhendo todos os fragmentos de objetos cerâmicos, mas não todos de um mesmo tipo, todos os fragmentos de louça, vidro, todos os objetos líticos e de metal e exemplares de fragmentos de telhas, material em maior quantidade nestas áreas (os maiores e os que apresentassem marcas que remetessem a alguma interpretação).

b) Sondagem: As sondagens foram efetuadas na forma de prospecções em quadrículas e em trincheiras em várias áreas do sítio com a preocupação de conhecer a estratigrafia, a distribuição espacial do material arqueológico e possibilitar uma previsão dos métodos de escavação a serem empregados. As sondagens foram realizadas no interior da igreja, da residência dos jesuítas (salas 1, 2, 3, 4, cozinha), entre o pátio da residência e dos artífices, numa habitação situada junto à praça central (lado sudeste), sobre a rua junto ao Cabildo (lado nordeste), so-

bre a entrada principal da praça ao norte e no local onde, possivelmente, encontra-se a olaria (noroeste do sítio).

c) Escavação: As escavações foram realizadas seguindo o método de decapagem em superfícies amplas (segundo metodologia de Leroi-Gourhan). Foram escavadas as salas 1, 2, 3, 4, o avarandado e escadaria contíguos à sala 2 e a cozinha, pertencentes à residência dos padres (salas 1, 2 e 4 totalmente escavadas, assim como o avarandado e a escadaria), parte das habitações situadas no canto sudeste e nordeste da praça.

As atividades de escavação e a análise do material arqueológico referente à sala 2, o avarandado e a escadaria contígua a esta e parte da habitação no canto nordeste da praça foram realizadas pela equipe do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul sob coordenação do pesquisador Pedro Augusto Mentz Ribeiro (Ribeiro e outros, 1989:135-51). Os vestígios arqueológicos das áreas restantes estão sendo pela equipe do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da PUC-RS, coordenado pelo Prof. Dr. Arno Alvarez Kern.

No laboratório do CEPA-PUCRS foram desenvolvidos as análises tecno-tipológicas e morfológicas dos fragmentos de recipientes cerâmicos e outros objetos desta natureza, por esta autora, dos fragmentos de telhas e ladrilhos, dos vestígios ósseos e implementos líticos, por bolsistas e estagiários. O material recolhido foi limpo, numerado, classificado e desenhado.

As evidências arqueológicas provavelmente correspondem a duas fases de ocupação do sítio ou até mesmo três: (1) período de duração de São Lourenço, desde a sua fundação até à decadência dos Sete Povos; (2) período posterior, quando, após o seu abandono pelos jesuítas e administradores espanhóis e portugueses, famílias indígenas circularam pelo antigo povoado¹²; (3) possivelmente período anterior à fundação de redução. A possibilidade de que o sítio tenha sido ocupado pelos Guarani pré-coloniais é levantada pelo Pe. Sepp (1980:208-09) quando, ao descrever o preparo do terreno para a fundação de São João Batista, os índios deparam-se com cacos cerâmicos: "*(...) dos próprios fragmentos de terra-cota de panelas que escavavam ao sulcarem a terra e derrubarem os matos, podiam avaliar muito bem o estado deplorável dos seus maiores e a vida cheia de sofrimentos que em seu gentilismo levavam, aqui, no meio destas matarias e espeluncas de feras. Eles porém, possuíam, como cristãos, a terra de seus antepassados*". Conforme o padrão de estabelecimento das aldeias Guarani, próximas a rios ou arroios, as áreas suscetíveis de terem sido ocupadas devem localizar-se na periferia dos povoados, próximas aos arroios, e não nas colinas onde foram instaladas as principais estruturas.

¹² Hemetério Silveira (1979:204) identificou, na sua primeira visita a São Lourenço em 1855, três famílias de índios morando nos subúrbios da antiga redução.

2.2.2 Abordagem etnoarqueológica

O material arqueológico resgatado nos trabalhos de campo evidencia a presença de elementos da cultura indígena e europeia, compreendendo fragmentos de objetos de cerâmica, louça, vidro, cachimbos, artefatos líticos lascados e polidos e utensílios em metal. Foram selecionados para este trabalho os artefatos cerâmicos (excluindo telhas e ladrilhos) e líticos por estarem nestes representados traços característicos da cultura material do Guarani em situação anterior ao contato com o colonizador europeu.

A análise deste material é também justificada por Brochado e La Sálvia (1989:5):

"Devido a preservação diferencial da cultura material nos depósitos arqueológicos somos forçados a definir a expressão cultura Guarani, quase que somente através dos atributos da cerâmica e do material lítico encontrados nos sítios".

A colocação prioriza os artefatos de barro e de pedra numa tentativa de definição da cultura Guarani, não contemplando sob o mesmo nível de importância outros aspectos inerentes ao grupo. Cabe salientar que os objetos da cultura material citados são exemplos selecionados, visto que existem variados indicadores passíveis de serem observados no momento de definir uma cultura, como por exemplo, o padrão de assentamento (disposição e número das manchas de terra preta na aldeia, inserção na paisagem, levando em consideração os recursos, defesa, referenciais

simbólicos, etc.). O estudo sobre os Guarani é favorecido pela possibilidade da aplicação de uma abordagem interdisciplinar, com dados da Arqueologia, História e Etnologia. No caso dos sítios missioneiros, a interdisciplinaridade é fundamental na compreensão desta sociedade. Para definir, o que não é nosso propósito, a cultura Guarani missioneira, deveríamos abordar além dos aspectos materiais, todos os outros da esfera social, econômica, política, religiosa e cultural.

A escolha para a análise do material cerâmico e lítico não foi arbitrária, considerando que:

- a) quem o produzia eram os Guarani;
- b) apresenta elementos tecnológicos tipicamente Guarani, além de inovações apreendidas da cultura européia;
- c) é encontrado em grande quantidade (muito material ainda permanece no sítio, principalmente nas áreas onde foram efetuadas as coletas, levado à superfície pelo arado ou trator) e é durável (apesar da fragmentação e desgaste ocasionados pela ação antrópica e intempéries);
- d) apresenta persistência temporal na técnica de confecção, no tratamento da superfície e na morfologia dos recipientes cerâmicos desde, provavelmente, antes de A.D.100 (Brochado, 1984: 572) até início do século XVII;
- e) mantém-se técnicas de produção e morfologia dos implementos líticos, evidenciadas nas peças arqueológicas dos sítios pré-coloniais;
- f) é a materialização do comportamento dos integrantes do grupo que o produz, reflexo de costumes e padrões sócio-culturais.

Sobre esta última justificativa, a aproximação entre os aspectos técnicos e os aspectos cognitivos é inerente ao artefato. Os modos de fazê-lo e usá-lo são consequência de acúmulo de conhecimentos, da tradição cultural de manipulação de determinados objetos e, além disto, são a exteriorização material de idéias e conceitos coletivos. Como reflete Souza (1987:329), "*o nível técnico de uma sociedade não é explicado, somente, pelo seu desempenho na satisfação de necessidades (biológicas), mas também, pelo mundo imaginário a ele relacionado. O conjunto de representações, ideais e objetivos de cada cultura, traduz a vontade política dos homens em realizações materiais. Assim, as realizações tecnológicas dependem tanto do enquadramento mental coletivo, quanto da existência prévia de conhecimentos, idéias técnicas e matérias-primas disponíveis*". Neste sentido, a cultura material expressa a identidade étnica, no momento em que decodifica o estilo de vida de uma sociedade, identifica, numa linguagem visual, o indivíduo e o grupo. Há um criar, recriar e manter procedimentos típicos de cada cultura, oriundos de heranças recebidas, experimentações e aplicações técnicas.

Partindo destas reflexões a análise dos materiais foi realizada considerando a seqüência operacional na qual o artefato cerâmico está envolvido e a sua provável função a partir da forma reconstituída e, as técnicas de confecção dos implementos líticos e a sua provável funcionalidade, partindo das características morfológicas.

O resgate deste processo, entretanto, só tornou-se pos-

sível com o uso de analogias etnográficas e etnohistóricas na interpretação dos dados arqueológicos. "As a form of inference, 'analogy' can be defined as the 'transportation of information from one object to another on the basis of some relation of comparability between them' "(Univ. 1970; Wylie, 1980" in: Hodder, 1982:16).

A correlação dos dados etnográficos e etnohistóricos na interpretação arqueológica possibilita a formulação de hipóteses ou modelos quanto ao relacionamento da cultura material com os sistemas e processos sócio-culturais, superando a análise puramente empírica dos artefatos arqueológicos, isto é, a descrição formal de objetos e estruturas.

A integração dos dados, entretanto, depende do tipo de analogia empregada que pode ser "histórica direta" ou "comparativa geral" (Wüst, 1976; Charlton, 1981; Chang, 1967; Miller, 1981-1982). A primeira abordagem é aplicada onde há correspondência cultural entre os elementos arqueológicos e etnográficos, isto é, quando os primeiros são produto de uma mesma etnia; a segunda, contrastando com a analogia histórica específica, é baseada na relação entre os artefatos e os processos comportamentais vistos como padrões gerais presentes em diversas unidades sócio-culturais.

Ambas abordagens foram utilizadas na tentativa de reconstituição das operações relativas aos artefatos cerâmicos e líticos da redução São Lourenço Mártir. A analogia histórica di-

reta foi aplicada através das informações etnohistóricas sobre os Guarani e sua produção dos séculos XVII, XVIII e XIX de cronistas e jesuítas. A analogia comparativa geral caracterizou-se pelo emprego dos dados etnográficos e etnohistóricos de diversas etnias (principalmente os grupos de língua Tupi) quanto à produção e uso das vasilhas cerâmicas e dados etnográficos quanto à utilização dos implementos líticos.

O reconhecimento de que o objeto fabricado é um remanescente cultural que documenta tipos de comportamento dos membros de uma sociedade, levou-nos a buscar o seu processo de confecção e a sua função, registrando a diferença étnica-cultural na manipulação do artefato. As atividades nas quais este está envolvido são colocadas por Schiffer como integrantes de um contexto sistêmico assim definido: "*Systemic context labels the condition of an element which in participating in a behavioral sistem*" (1972:157).

O contexto sistêmico divide-se em cinco processos — obtenção, manufatura, uso, manutenção e descarte que consistem, por sua vez, cada um, em um ou mais estágios. São estas operações dos modos de fazer e usar os objetos que tentamos resgatar nos fragmentos cerâmicos e nos instrumentos de pedra de São Lourenço, nos quais o artesão imprime a sua marca pessoal e coletiva ditada pelo ethos do grupo¹³.

¹³ Conforme Geertz, (1978:141) "(...) os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo 'ethos'".

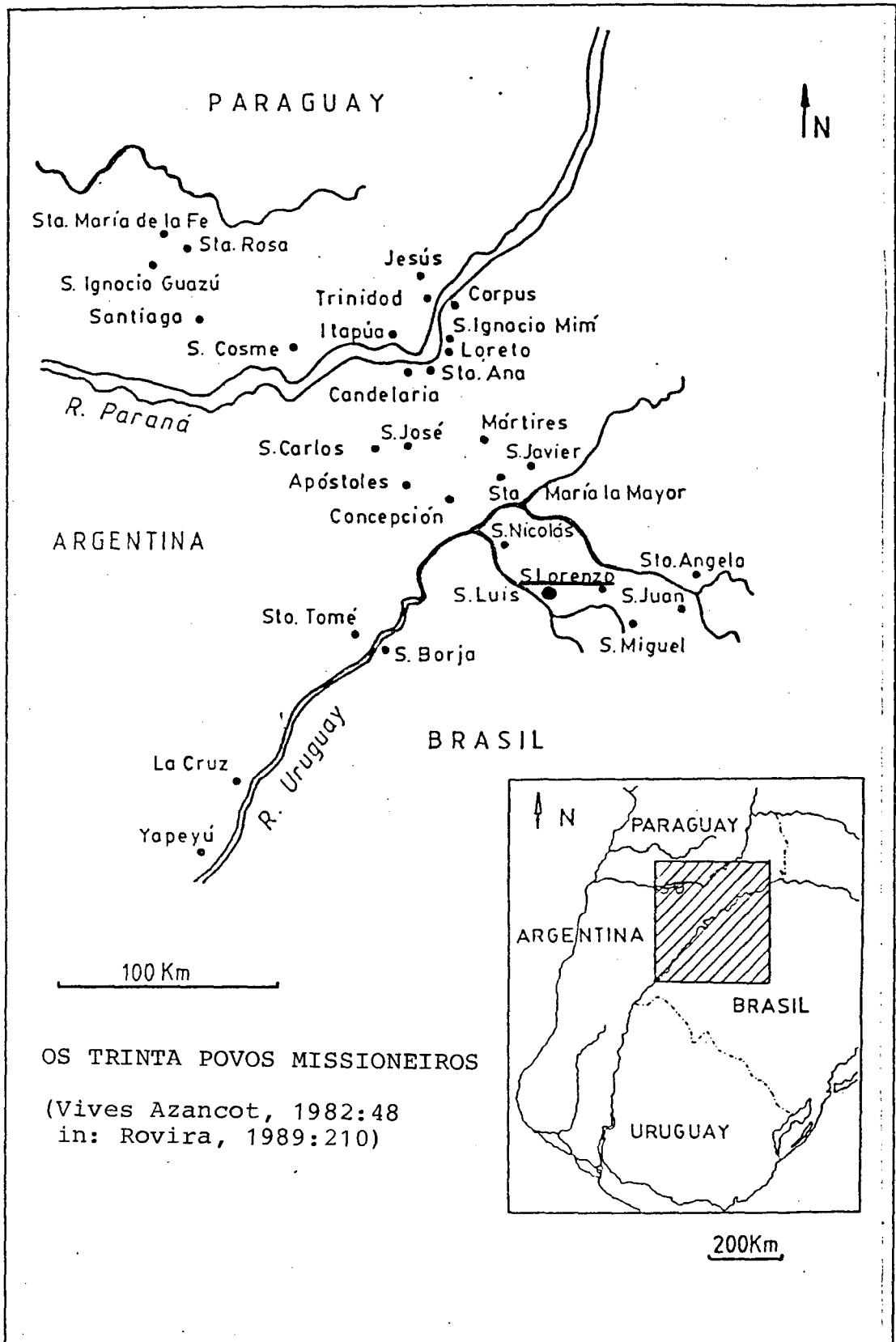
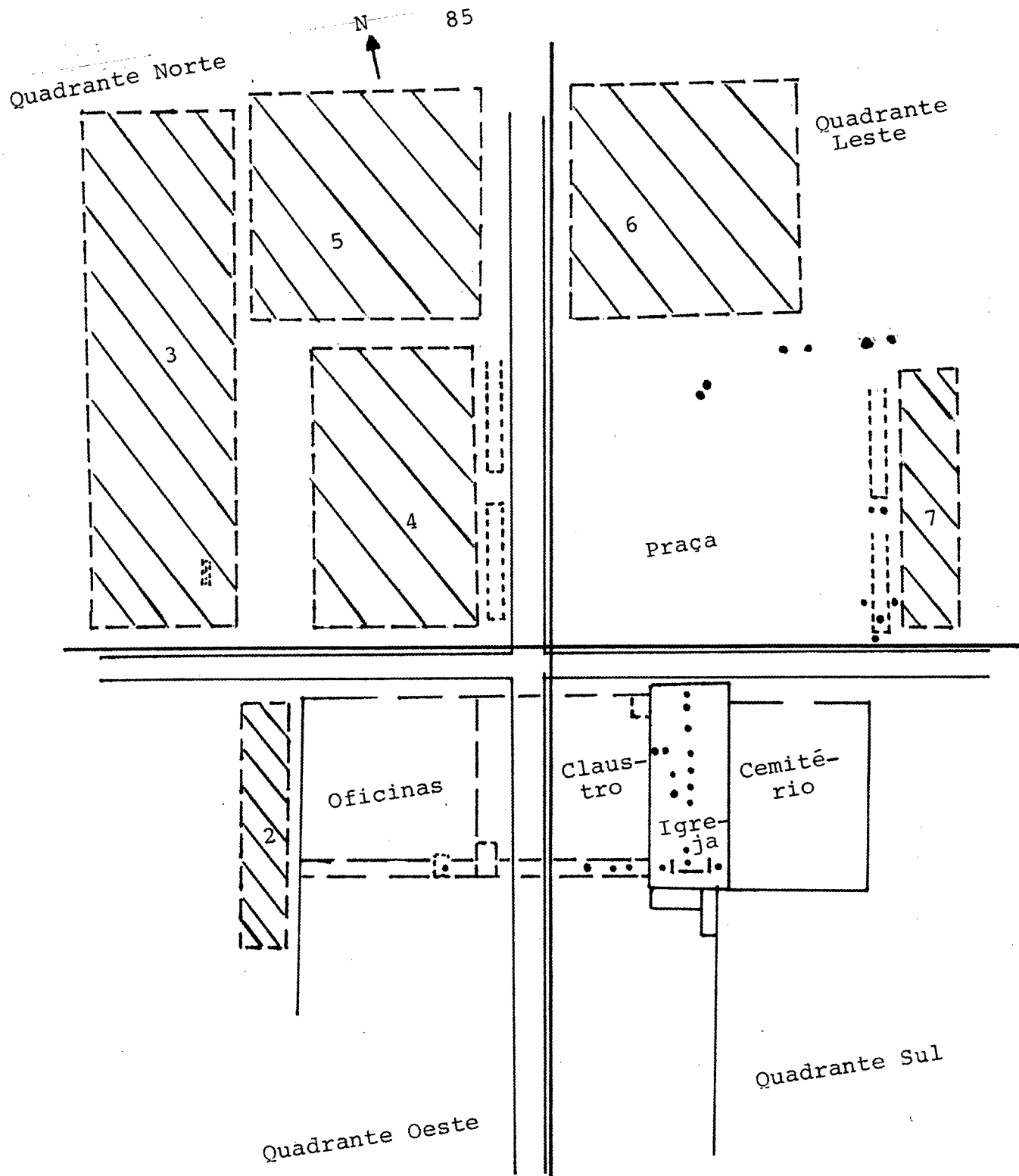


Fig. 1



• Sondagens e escavações
 /// Coletas artificiais

Fig. 2

3 O PROCESSO DE PRODUÇÃO CERÂMICA PELO GUARANI NA REDUÇÃO DE SÃO LOURENÇO MÁRTIR E SUAS CLASSES FUNCIONAIS

A cerâmica constitui-se num dos principais elementos da cultura material na identificação dos sítios arqueológicos Guarani pré-coloniais. A diversidade de técnicas de tratamento das superfícies e de formas demonstram que os objetos cerâmicos eram significativos no conjunto da parafernália material indígena. Esta hipótese é confirmada pelas informações etnográficas e etnohistóricas sobre a importância destes artefatos no contexto social e simbólico das sociedades Guarani.

Nas Missões Jesuítico-Guarani dos séculos XVII e XVIII os vestígios cerâmicos continuaram sendo encontrados, evidenciando, porém, além dos elementos característicos das etnias indígenas, influências da tradição tecnológica européia. Esta situação é resultado de intensos contatos étnicos entre índios e brancos onde um duplo processo de produção cerâmica interagiu-se.

Os artesãos ceramistas — homens e mulheres — de São Lourenço provavelmente utilizassem técnicas na confecção dos recipientes e outros objetos, já empregadas na Redução de Santa

Maria Maior onde, durante sessenta e quatro anos, compartilharam com os jesuítas inovações técnicas. Mesmo com esta prolongada experiência reducional, os Guarani persistiram nos processos de produção de vários elementos da sua tradição tecnológica. São estes processos e elementos que tentamos resgatar e interpretar seu significado no contexto dos povoados missioneiros.

Dentre os vestígios arqueológicos resgatados na Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço Mártir, o material cerâmico representou uma boa amostragem do que foi produzido e utilizado pela população Guarani. O conjunto dos fragmentos de recipientes e objetos cerâmicos totalizou 2.777 peças, procedentes das áreas de coletas superficiais (78,82%) e das atividades de sondagem e escavação (21,7%) realizadas no sítio.

A análise da cerâmica arqueológica¹⁴ realizou-se sobre três variáveis: técnica de manufatura, tratamento da superfície e forma do artefato. Na etapa de preparação da pasta, a presença de antiplástico e a cor interna da cerâmica, que se relaciona ao tipo de queima efetuada, foram consideradas quando atributos culturais, isto é, produto de ações controladas pelo ceramista. A classificação iniciou pela técnica de manufatura por entendermos que este é um elemento significativo na compreensão do processo de produção e utilização dos artefatos.

¹⁴ A análise cerâmica seguiu orientação em La Sálvia e Brochado 1985, 1989; Meggers e Evans, 1970; Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica, 1976.

A mostra resultou na identificação de três grupos técnicos (Leroi-Gourhan, 1971:158-163): modelagem, moldagem e torneamento. O processo de modelagem pode realizar-se de diferentes formas: (a) um torrão de argila esférico é vazado com um instrumento para dar a forma do recipiente e depois é alisado e aplanado à mão; (b) um bloco de argila é amassado e, com a mão, alarga-se a cavidade central ou, com um batedor, forma-se as paredes do recipiente, firmada pelo outro lado, com uma das mãos ou outro apoio; (c) pedaços de barro são unidos e as uniões são apagadas dando forma à peça. Este último procedimento de modelagem é característico da indústria cerâmica americana e, sobretudo Guarani, no qual a partir da confecção e sobreposição de roletes de argila, cujas uniões são obliteradas, pelo menos internamente, obtém-se a construção de vasilhames. Como é possível diagnosticar nos fragmentos cerâmicos se o artefato foi modelado a partir de um torrão de matéria-prima ou da superposição de roletes, classificamos a mostra mantendo esta diferença. A moldagem realiza-se em matrizes, nas quais é colocado o barro, tomando a forma definida pelo molde. Já o torneamento é desenvolvido sobre um equipamento (torno) que possui uma base giratória na qual é colocado o bloco de argila. Com o movimento circular uniforme e rápido, a massa comprimida entre os dedos, vai tomando a forma desejada. Considerando estas técnicas de confecção e suas especificidades, agrupamos o material em três conjuntos: vasilhames modelados pela superposição de roletes (3.1), vasilhames e outros artefatos torneados (3.2); artefatos modelados a partir de um bloco de argila, moldados e reaproveitados (3.3).

As três técnicas, associadas com o acabamento das superfícies e a morfologia, demonstram a presença de duas tradições tecnológicas distintas num mesmo contexto social: a indígena e a européia. O contraste existente entre a cerâmica Guarani tradicional, a cerâmica indígena com influência européia e a cerâmica européia, é reflexo da diferença étnica e de um sistema interétnico no qual estão envolvidas duas sociedades antagônicas — a indígena, representada principalmente pelos Guarani e a espanhola, pelos jesuítas.

3.1 Vasilhames modelados pela superposição de roletes

O domínio da fabricação de peças cerâmicas é, predominantemente feminino entre as várias etnias indígenas do Brasil (Lima, 1987) e da América do Sul (Willey, 1987; Levi-Strauss, 1986). Há raras exceções, como por exemplo entre os Urubu, grupo Tupi do Maranhão, onde é o homem que encarrega-se desta tarefa (Levi-Strauss, 1986:38).

A analogia comparativa geral confirma as informações históricas a respeito do domínio da mulher Guarani na confecção das vasilhas de barro, por exemplo entre os Guarani do Chaco, em 1749-1767 (Paucke, 1943:156-60); na Missão Franciscana-Guarani de Ytã, em 1790 (Azara, 1904:28-9), e entre os Guarani do Paraguai, em 1829 (D'Orbigny, 1944:134).

Por analogia parece verossímil que a mulher de São Lou-

renço tenha sido a artesã responsável pela produção da cerâmica de tradição tecnológica indígena, seguindo pois, a tradição étnica de detenção deste tipo de atividade. Azara (1904:28) quando refere-se à Redução Franciscana de Ytá, comenta que somente as mulheres ocupavam-se da fabrica de vasijas de barro.

A escolha do local para a fundação de uma redução, segundo o Pe. Sepp (1980:201-02), dependia de determinadas características ambientais que se adaptassem às exigências de instalação de um povoado missioneiro, entre estas, a qualidade da argila para o fabrico de telhas e tijolos. As fontes de obtenção de barro para a confecção de peças cerâmicas podem ser arroios, margens de rios, lagoas, açudes, etc., preferencialmente próximas ao local de moradia e/ou fabricação. São Lourenço possui vários arroios cujas nascentes encontram-se a pouca distância das ruínas. Através de um levantamento geo-arqueológico (Seffner, 1986; Cazzetta, 1987) foi localizada, numa das nascentes do arroio Uruquã, a aproximadamente 900m da igreja, na direção noroeste, uma área com fragmentos de telhas, ladrilhos, tijolos e blocos de argila cozida. Nesta área de cerca de 12.600m², provavelmente tenha sido instalada a olaria da redução, considerando ainda que, na extensão da área, encontra-se um olho d'água do arroio com grande quantidade de argila no fundo e nas bordas, caracterizado como um possível barreiro, local de extração de matéria-prima. O barreiro localiza-se próximo às habitações indígenas, na mesma direção da área de coleta superficial nº 3, onde já não mais encontram-se vestígios arqueológicos correspondentes à área de moradias.

Entre os grupos indígenas do Brasil¹⁵, comumente a argila é recolhida nas margens ou leitos dos rios ou córregos, a distâncias variáveis da aldeia. O Vocabulario y Tesoro de la lengua Guarani do Pe. A. Ruiz de Montoya ([1639] 1876) contém termos e expressões usadas pelos Guarani ocupantes da área entre o oeste do Paran, o noroeste do Rio Grande do Sul e o nordeste da Argentina na primeira metade do século XVII. Montoya viveu na Redução de Nossa Senhora de Loreto, no bairro Parapanema e circulou pelas áreas do Alto Uruguai para onde os indígenas transmigraram depois das incursões das Bandeiras Paulistas.

Os termos e expressões relacionados  argila, às aes técnicas praticadas na confecção do objeto cerâmico e aos produtos destas aes foram organizados por J. P. Brochado (in: La Slvia e Brochado, 1989:125-45)¹⁶. O lugar onde era extraída a argila era chamado de aungu — el lugar del barro. Entre os Kayabí, Arawet e Tapirapé, de filiação lingstica Tupi, há deslocamentos que chegam a durar vrios dias em busca de uma argila que apresente as condies necessárias para a confecção de

¹⁵ A reconstituo da seqncia operacional de confecção das vasilhas cerâmicas de São Lourenço foi apoiada, basicamente, na síntese sobre a produção cerâmica dos índios do Brasil organizada por Lima (1987:173-229), complementada por dados de La Slvia e Brochado (1989), Rye (1981), Paucke (1943) e Azara (1904).

¹⁶ O Vocabulario y Tesoro de la lengua Guarani ([1639] 1876) cont grande número de informaes etnográficas sobre os Guarani da primeira metade do século XVII. Em um livro recentemente publicado Cerâmica Guarani (La Slvia e Brochado, 1989), J.P. Brochado reuniu os termos e expressões do Vocabulario de A.R. de Montoya (op. cit.) referentes às vasilhas de cerâmica, sua confecção, morfologia e utilização, pelos Guarani. Estes termos e expressões, assim como suas interpretaes, comentários e comparaes feitas por J.P. Brochado foram largamente utilizados nesta dissertação e, como serão citados muitas vezes, convencionamos nos referir a elas da seguinte forma: Montoya cf. Brochado (op. cit.).

peças cerâmicas (Lima, 1987:174). É bem provável que a indústria cerâmica de São Lourenço tenha se abastecido nas fontes de argila ao longo dos arroios da região (arroio Uruquá, por exemplo). Em Montoya cf. Brochado (op. cit.) há referências sobre os diversos tipos de barro: ñaêu — barro negro de loça, barro de loça; ayapayucá, ñaêu, ñaêutí — barro blanco de hacer loça; tobâti — barro blanco; tapytâ — barro colorado; ñaêuei — barro no fino, sendo que os dois primeiros seriam os apropriados para fazer cerâmica.

É comum entre os grupos ceramistas brasileiros que o transporte da matéria-prima até o local onde é fabricada a peça, seja realizado pelos homens, devido ao esforço necessário para seu deslocamento. No entanto, entre os Guarani do Chaco (Paucke, 1943:156), a mulher era encarregada de buscar a argila nas margens de um rio.

A inexistência de fragmentos de recipientes cerâmicos no provável barreiro identificado, seja este de características indígenas ou européias, lança a hipótese de que nele só eram produzidas as telhas, ladrilhos e tijolos e que a produção dos vasilhames pela mulher Guarani ocorresse na própria moradia ou noutro local apropriado para este trabalho.

Após a obtenção da matéria-prima, o montante de barro coletado era colocado à sombra para não ressecar. Neste momento inicia o processo de sua preparação: é examinado e, se necessário é reidratado com borrifos; as impurezas, como fragmentos vegetais, minerais ou outros elementos indesejáveis, são retira-

das seja por peneiramento, decantação ou escolha manual. A eliminação destas impurezas pode ser realizada na própria fonte. O barro, já limpo, sofre um amassamento com o objetivo de adquirir uma plasticidade ideal. O ato de amassar a argila aparece em Montoya, cf. Brochado (op. cit.) traduzido pelas expressões: ayayucá ñãêu — amassar barro, amôûû tuyû — amassar barro, quebrar, amôûû (mo) — abrandar barro, assim como o produto da ação ñaêû yyaiucapira, tuyuyyâ incapi, ymôûûmbira — barro amassado, yyaxucá catupira — bien amassado, ndiyâyucá catuhâbi — no esta bien amassado. Os Kayabí, além de amassar, socam a argila em um pilão, com um pouco de água (Lima, 1987:175). Após esta etapa, é comum que haja um intervalo de alguns dias antes da sua utilização.

A seqüência produtiva segue com a adição à pasta de substâncias chamadas antiplástico, tempero ou desengordurante, com o objetivo de diminuir a sua plasticidade que ocasiona deformações durante a secagem ou rachaduras durante a queima. O antiplástico é um elemento que pode ser adicionado ou pré-existir dentro da argila na própria jazida. Com o auxílio da lupa binocular, identificamos somente as intrusões que tinham sido, com grandes probabilidades, misturadas intencionalmente à pasta. A ceramista selecionou o antiplástico que ia ser usado e o prepara podendo constituir-se de substâncias orgânicas (grânulos de carvão ou cinza de origem vegetal), inorgânicas (fragmentos de quartzo), bio-minerais (fragmentos de elementos calcáreos, possivelmente carapaças de moluscos) e de cerâmica triturada, denominada comumente de chamote, ou de telhas, tijolos ou ladri-

lhos, produzidos em grande quantidade na redução e adicionados à preparação da pasta da qual eram fabricadas as telhas. O tempero é misturado homogeneamente e pode ocorrer a presença concomitante de mais de um tipo.

Grânulos de carvão vegetal, fragmentos de quartzo e grânulos de cerâmica moída são frequentemente identificados na cerâmica arqueológica do Guarani pré-colonial. No Chaco, no século XVIII, as mulheres "(...) *buscan el barro en orillas de un rio, lo mezclan con el polvo de los pedazos viejos machacados de jarros de agua; luego machacan también carbones y mezclan todo con esta masa, que ellas amasiján bien y elaboran*" (Paucke, 1943: 156). Entre os Guarani do Pueblo de Ytá, em 1790, "(...) *el material es greda negra con alguna arena, que extraen de los valles y lugares hondos, la cual á mano maceran con poca agua mezclándola uma parte de polvos, que sacan del molimiento de vasijas rotas*" (Azara, 1904:28). Montoya (cf. Brochado, op. cit.), traduz por amõna ñaeû ytaqui pëcui pipé, o ato de adicionar à argila o resultado da trituração da pedra de afiar (arenito).

Os fragmentos de quartzo identificados na pasta seriam oriundos do arenito obtido em pedreiras próximas ao arroio Santa Bárbara, a aproximadamente 18km ao sul de São Lourenço. Provavelmente tenham sido aproveitadas lascas residuais resultantes da confecção de peças utilizadas nas construções. Na colina onde está instalado o povoado não há evidências de areia, ocorrendo somente nos pequenos vales formados entre as colinas e originada pela erosão fluvial sobre as fontes de arenito Botucatu.

As sucessivas ações técnicas dos processos de manufatura dos grupos indígenas etnografados não são, entretanto, realizações puramente físicas e estão acompanhadas de significados, de representações simbólicas. Levi-Strauss (1986:38-9) comenta que a arte da cerâmica na América do Sul é objeto de cuidados, preceitos e proibições e que, "*(...) mais do que em outros lugares, lá se multiplicam mitos para explicar os cuidados especiais que requer a fabricação dos potes, ou para ornar com imagens místicas as condições em que se desenvolve essa indústria*". Não existem informações disponíveis sobre as operações técnicas de materialização da vasilha cerâmica Guarani e a linguagem simbólica que cerca estas operações. Vale ressaltar, no entanto, que esta relação existe e que, como coloca Souza (1987:334) "*(...) ao antropólogo não basta a análise tecnológica, mas também a observação 'extratecnológica' de que, na invenção e no uso, um instrumento expressa uma 'habilidade consciente' e um poder de simbolização*".

Já obtida e preparada a matéria-prima, a ceramista inicia o processo de fabricação da vasilha. Normalmente sentada, aproxima todo o material necessário: argila, depositada sobre uma superfície plana, vasilhas com água, instrumentos para o alisamento e/ou decoração. Os primeiros gestos correspondem a modelagem da base da peça a partir de um bloco de barro. Tradicionalmente era arredondada ou cônica mas, em São Lourenço, apresenta-se de quatro tipos: arredondada, plana (fig. 3), em pedestal e anelar. Provavelmente a base esteja relacionada com a morfologia final desejada e, conseqüentemente, com a função do recipien-

te. Esta relação não pode ser observada nas reconstituições, pois os fragmentos cerâmicos não apresentam um perfil completo da forma; exceto nos exemplares reconstituídos da Redução São João (fig. 28).

Feito a base ou talvez antes desta, a ceramista inicia a confecção de roletes, rolando a argila entre as mãos ou sobre alguma superfície, formando cilindros. Montoya cf. Brochado (op. cit.) traduz este ato pela expressão ayquiti ñaêũ — estirar el barro para hacer ollas, os roletes deveriam ser obtidos rolando a pasta sobre uma superfície plana, não entre as duas mãos. Os roletes poderiam ser feitos em uma determinada quantidade ou um a um, e colocados, gradativamente, um sobre o outro, formando as paredes em justaposições contínuas. Esta técnica de confecção pode ser identificada pela presença das impressões negativas ou positivas da união dos roletes de argila, pela fratura irregular do fragmento, pela espessura; normalmente mais grossa que a da cerâmica torneada; ou pela coloração, resultante da queima (em tom acizentado ou preto fosco de forma homogênea ou somente no núcleo). Na superfície interna ou externa também pode ser visualizada quando o rolete apresenta-se saliente ou quando aparecem estrias do alisamento. No entanto, nem sempre estes elementos são visíveis nos fragmentos, de maneira que o número de fragmentos classificados como roletados pode ser maior ou menor. A cerâmica confeccionada por roletes representa 80,98% do total, demonstrando a continuidade da técnica tradicional Guarani na manufatura dos recipientes de barro.

Durante a construção das paredes da peça, os roletes são unidos, sendo os seus vestígios obliterados na face interna e/ou externa. Entre os Guaraní do Chaco "(...) después de haber preparado el fondo, hacen de esta masa puros choricitos de un largo de cuarto de vara, pegan a la redonda uno después del otro y por encima entre sí, meten la concha en el agua, alisan dentro y afuera los choricitos de modo que no se puede notar ningún resalto del uno al otro" (Paucke, 1943:156). Em Ytá "cuando la pasta está en estado hacen de ella como chorizo que enroscando a mano igualando con el revés de una concha los surcos o desigualdades" (Azara, 1904:28-9).

Nesta etapa do trabalho, a ceramista tem várias opções de como realizar a supressão dos anéis de argila (a raspagem, citada acima, é uma das alternativas). Assim como a forma, o acabamento das superfícies provavelmente esteja condicionado à função a que se destina a vasilha cerâmica. O tratamento dado a superfície externa das paredes, neste caso, pode estar estreitamente ligado à satisfação de uma necessidade já previamente mentalizada pela artesã. J. P. Brochado, em comunicação pessoal, comenta que no estudo quantitativo dos tratamentos de superfícies, se observa que, apesar do grande número de opções, a ceramista seguia umas poucas ordens de decisões sucessivas. O caminho preferencial era o indicado pela cultura e a presença de poucos caminhos se relaciona a força da tradição que manteve a cerâmica Guaraní mais de mil anos com poucas mudanças.

La Sálvia e Brochado (1985:201) consideram que os mo-

dos de tratamento das superfícies podem ser de cunho prático, definido como "(...) *aquele que busca a construção do artefato ou recipiente, com o fechamento dos interstícios, solidificação das paredes ou ainda dar a forma definitiva*", ou de cunho artístico com a "(...) *finalidade intencional da aplicação de uma decoração sobre uma superfície adredemente preparada. Quer seja plástica ou pintura*". Estes dois tipos de acabamento auxiliam a compreensão deste momento do trabalho, não significando que a artesã considerasse somente como decorativas as técnicas de cunho artístico; são conceitos "éticos", não "êmicos", para a interpretação do processo de acabamento superficial.

Dentre as opções de obliteração dos roletes, a Índia Guarani de São Lourenço poderia optar por deixar os anéis visíveis na face externa (foto 7 g), procedendo à fixação destes por um alisamento da parede interna. Se opta por continuar o processo produtivo, dando um outro tipo de acabamento externo, pode unir os roletes por meio de corrugações, que consiste em pressionar com o dedo polegar o rolete sobre o anterior de forma mais ou menos regular e espaçada; de nodulações, caracterizado por repuxamento à mão da pasta, formando pequenos nós, e de imbricamento, ação que consiste em pressionar com o dedo no momento da junção dos anéis da argila enrugando a pasta, formando uma carquilha ou "escamas de peixe". Estas ações resultam nos acabamentos plásticos denominados: corrugado (foto 2), nodulado repuxado (foto 5 c) e imbricado em ponta triangular (foto 5 d)¹⁷.

¹⁷ Este tipo de acabamento plástico é comum na cerâmica encontrada nas casas subterrâneas, pertencente à Tradição Taquara (Kern, Arno A., em comunicação pessoal).

A ceramista pode suspender o acabamento da superfície, queimar e utilizar o recipiente com o acabamento produtivo, ou continuar a decorar sobre este, usando unguiações (pressões com a unha) ou incisões (ação de um instrumento ponteagudo provocando cortes), caracterizando um acabamento superposto, chamados de corrugado unguado e corrugado imbricado com incisões (foto 6 f).

A vasilha que recebeu acabamento plástico produtivo simples (com um motivo produzido por um instrumento numa direção) pode, dependendo possivelmente do fim a que se destina, continuar recebendo outros tipos de tratamento superficial na face externa. A artesã pode optar por um alisamento ou raspagem para regularizar a superfície, eliminando a rugosidade da parede. Esta ação, dependendo dos instrumentos utilizados, resulta em um acabamento produtivo comumente chamado de liso ou escovado (foto 1 a, b, d). Os instrumentos podem ser conchas, pedaços de caçaças, escova, pente, mão, palha de milho, cápsulas vegetais, seixos, etc. Montoya cf. Brochado (op. cit.) expressa como curuguây — unas habas silvestres gruesas con que alisan la loza, as quais deviam ser sementes grandes. Entre os Guarani do Chaco, assim também como no Pueblo de Ytá, há referências ao emprego de conchas (citado na p.97) e de uma pedra polidora. Esta última ou mesmo outro instrumento resistente pode dar continuidade ao processo que resultará em uma superfície lisa bem polida. Polir as paredes já caracteriza-se como uma ação decorativa. Ao invés de polir, a artesã pode proceder à aplicação de uma camada mais fina de argila, diferente da de produção. Após este banho, o polimento pode ser efetuado ou não. Outra alternativa é o emprego de

substâncias que produzem brilho, com aparência de verniz. Há referências sobre o uso de resinas vegetais entre os indígenas mas, comparando o "brilho" de São Lourenço com o de outros sítios pré-coloniais Guarani, diferencia-se. Somente uma análise química poderia identificar o tipo de material utilizado.

Estes procedimentos aos quais a Índia Guarani recorreu são ações técnicas decorativas, pois ultrapassam a mera produção da vasilha. Outra alternativa para dar acabamento artístico sobre a superfície externa é a decoração plástica sobre o liso ou escovado. Sobre o liso a artesã pode decorar com:

- a) incisão, ação resultante do uso de instrumentos ponteados;
- b) unguilação, impressão com a ponta das unhas em diversas posições;
- c) serrungulação, formação de cordões em crista, separados por sulcos através da ação das pontas dos dedos em sentido oposto, contínuo e sucessivo;
- d) estocamento, ação da ponta de uma lâmina reta, produzindo cortes;
- e) beliscamento, elevação de uma porção de pasta marcada na base pela unha produzida pela ação de dois dedos em posição de pinça;
- f) impressão, ação de um instrumento que provoca marcas contínuas;
- g) ponteamto, decoração feita com pontas através de um instrumento;
- h) excisões, retirada de porções de argila da superfície.

Estas ações técnicas descritas resultam nas decorações plásticas denominadas inciso (fig. 4), ungulado (foto 6 a, c, d), serrungulado unilateral (foto 3 b) ou reverso, estocado disperso (foto 3 d), beliscado (foto 5 a), impresso de cana-arrastado (foto 3 c)¹⁸, ponteadado (foto 7 f) e espatulado acanalado (foto 6 b).

Sobre o escovado a artesã pode decorar com: a) unguilações; b) ponteamto; c) beliscamento; d) espatulamento; e) serrungulação; f) incisão, caracterizando acabamentos superpostos ungulado sobre escovado (foto 3 e), ponteadado em meia-lua sobre escovado (foto 3 f), beliscado sobre escovado (foto 5 b), espatulado corrugado sobre escovado (foto 4 c), serrungulado unilateral assimétrico sobre escovado e inciso sobre escovado (foto 1 c).

Ainda sobre a superfície raspada ou alisada, a artesã tem a alternativa de aplicar sobre o lábio do recipiente unguilações, ponteamtos ou digitações formando ou não ondulações na face externa.

Além dos tipos decorativos mencionados, a vasilha poderia receber um acabamento duplo (presença de mais de uma decoração na mesma face em áreas distintas): corrugado leve na borda

¹⁸ Esta decoração plástica identifica-se com a presente em material cerâmico proveniente da região do Pampa, próxima ao Rio Taquarembó, no nordeste do Uruguai (Klaus, Hilbert em comunicação pessoal).

seguido de liso, ungulado na borda seguido de liso (foto 7 c), corrugado ungulado na borda e corpo liso (foto 4 b), corrugado na borda seguido de corrugado ungulado, corrugado na borda seguido de escovado, liso seguido de corrugado, liso na borda seguido de uma faixa de estrias perpendiculares ao lábio e escovado abaixo (foto 4 a), excisões na borda seguida de escovado (foto 7 a) ou de liso (foto 7 b), beliscado repuxado na borda seguido de escovado (foto 7 e) e serrungulado bilateral e escovado (foto 3 a).

Quanto à face interna dos recipientes com acabamento de cunho produtivo ou artístico externo, o tratamento dispensado é o alisamento que pode ser seguido de um banho de argila ou de uma pintura.

A atividade artística tem continuidade na pintura das paredes. O desenvolvimento desta etapa requer que o barro esteja mais seco e possibilite a pintura anterior à queima da vasilha. A pintura expressada como quatiã por Montoya cf. Brochado (op. cit.), é aplicada sobre uma superfície bem alisada. As cores identificadas nos fragmentos coletados em São Lourenço são o vermelho, mais raramente o branco e, em somente um exemplo, o creme escuro. Sobre a pintura vermelha há referências nos relatos etnohistóricos,

"(...) dejan secar al aire bajo la sombra la vasija húmeda; tras esto tienen una pintura roja (y) pintan la vasija por el lado de afuera. Despues que ella esta seca, toman la piedra polidora y la dejan reluciente" (Paucke, 1943:160).

"Para darles color rojo, desliēn en el agua una tierra como almazarrōn que sacan de la inmediaciōn del cerro de Acaay, y con ella bañan la vasija que luego cuecen cubriēndola de leña y dāndola fuego" (Azara, 1904:29).

As tintas, conforme o manual de "Cerâmica Guarani" (Brochado e La Sálvia, 1989:97-8) podem ser de origem vegetal ou mineral. O vermelho, de procedência vegetal, pode ser extraído do urucu ou das folhas de uma árvore (*Arrabideca chica*) que, fermentada e cozida, produz o corante que é dissolvido em óleo de andiroba; de procedência mineral, é extraído do barro vermelho. O branco é originário de um barro branco, elemento mineral. O uso do barro vermelho como tinta parece estar confirmado na citação de Azara (ver acima). Quanto ao barro branco (assim como o vermelho) encontram-se jazidas próximas à redução de São Lourenço. No entanto, por tratar-se de uma situação de contato interétnico, não podemos afirmar que as tintas tenham sido produzidas por estes mesmos elementos citados. Outros materiais poderiam ter sido utilizados pelos jesuítas.

As vasilhas cerâmicas que receberam pintura externa, constituem-se dos seguintes tipos: a) pintado de vermelho (foto 8 a); b) pintado de vermelho com polimento (foto 8 b); c) pintado de vermelho com brilho tipo "verniz"; d) pintado de branco; e) pintado de creme escuro; f) pintado de branco sobre vermelho com (foto 9 a, b) ou sem brilho (foto 9 c,d,e,f,g).

A frequência da pintura monocromática vermelha é significativamente maior que a branca e a policromática vermelha e branca. A policromática externa encontra-se em oito fragmentos e, de-

vido as suas pequenas dimensões, somente dois possibilitaram a identificação de um mesmo motivo (a). Descrição dos desenhos:

- a) em forma de grega, abaixo do lábio, com as linhas entrecruzadas, formando losângulos contínuos e sucessivos e, no interior destes, novos losângulos originários do cruzamento das linhas. A grega situa-se entre duas faixas brancas. A pintura apresenta brilho (foto 9 a, b);
- b) em forma de pesponto, com pontos presos bilateralmente a uma linha;
- c) desgastado, apresentando três pontos (foto 9 g);
- d) desgastado, apresentando linhas paralelas e outras oblíquas (foto 9 d);
- e) desgastado, apresentando apenas vestígios de pintura branca sobre vermelha;
- f) traços que não identificam um motivo específico (fragmento da redução de São Miguel) (foto 9 c).

A pintura policrômica externa possui um acabamento simples, já a monocrômica, apresenta também acabamento misto com a ocorrência de acabamento plástico e pintura na mesma face: vermelho sobre ungulado (foto 8 d), vermelho sobre corrugado ungulado (foto 8 c), branco sobre inciso, branco sobre escovado, e vermelho sobre escovado.

Quanto à face interna das vasilhas, a ceramista optou por dois tipos de acabamento simples: alisamento ou pintura. Após a obliteração dos roletes, a superfície era alisada. A artesã poderia suspender a ação e queimar e utilizar a peça com acaba-

mento produtivo ou dar continuidade aplicando uma nova camada de argila, mais fina, tornando a superfície mais resistente e impermeável e/ou a polindo. Estes procedimentos caracterizam-se como acabamento artístico. Além do tratamento mencionado, a face interna poderia receber pintura branca ou vermelha, ou branca sobre vermelha. Esta última verifica-se somente em um fragmento, constituindo-se de um desenho em forma de grega em zigzag com três linhas paralelas. Houve polimento após realizada a pintura (foto 9 e).

As técnicas de acabamento plástico e pintura apresentam-se associadas em ambas faces dos recipientes cerâmicos, denominados também neste caso, de acabamento misto. Os tipos empregados são os seguintes: corrugado ungulado externo e vermelho interno; vermelho sobre ungulado externo e liso interno; vermelho sobre ungulado externo e vermelho interno (foto 8 c); ungulado externo e vermelho interno; ungulado externo e branco sobre vermelho interno (foto 9 e); inciso externo e vermelho interno; corrugado externo e vermelho interno; escovado externo e vermelho interno; branco sobre inciso externo e liso interno; branco sobre escovado externo e liso interno; liso na borda seguido de uma faixa de estrias perpendiculares e escovado abaixo e vermelho interno (foto 4 a); vermelho sobre escovado externo e liso interno; ungulado e vermelho externo e vermelho interno (foto 8 d).

Entre os Asuriní (grupo Tupi do Xingu) a tinta é obtida esfregando, com água, pedrinhas coloridas (amarelo, vermelho

e preto) em uma pedra maior. Com um chumaço de algodão embebido na tinta, a ceramista efetua a pintura na face externa do recipiente, preparando o fundo do desenho. Após sua secagem, com pincéis — pena de mutum para traços finos, talos encapados de algodão ou sem, para traços largos — é aplicado o desenho com tinta vermelha e preta. Uma vez seca a tinta, recobre a superfície com uma resina vegetal (Müller, 1987:307). A técnica de aplicação de pintura geométrica na cerâmica Asuriní sugere os meios que poderiam ter sido utilizados pela mulher Guarani na pintura das suas vasilhas. Para a pintura monocromática vermelha ou branca, a peça poderia ser banhada pela tinta dentro de um recipiente maior. Quanto aos instrumentos, La Sálvia e Brochado (1989:98) referem-se a espinhos flexíveis, pêlos duros, penas e fibras vegetais que poderiam ser empregados como pincéis na pintura (além das pontas dos dedos). Os traços brancos sobre o engobe vermelho não são muito finos se comparados com traços vermelhos sobre branco predominantes na pintura Guarani tradicional, (branco/vermelho, finos também). Os instrumentos, portanto, deveriam ser apropriados para traços mais largos.

A seqüência operacional que envolve a produção cerâmica é cercada, entre as ceramistas Marúbo, Kaigang, Xukuri, Kayabí, Bororo etc., de vários ritos. Entre as mulheres Yucaré (localizados no sopé dos Andes) os cuidados especiais necessários à fabricação dos potes iniciavam desde o momento da busca da matéria-prima, assim como entre os Urubu, Tupi do Maranhão, apesar da produção cerâmica ser uma atividade masculina: "*Quando querem fazer cerâmica, isolam-se na floresta para não serem observados. Enquan-*

to estiverem trabalhando, não comem, não bebem, não urinam e não tem relações com as mulheres. Fazem potes de boa qualidade, mas muitos racham durante o cozimento, um defeito que eles atribuem ao ato espiritual do fazer, e não às técnicas ou a matéria-prima utilizada" (Lévi-Strauss, 1986:38). A queima, etapa definitiva do processo de produção, é um momento de preceitos entre as mulheres ceramistas indígenas. As mulheres Kayabí "(...) são proibidas de falar, urinar e defecar durante a queima". As mulheres Marúbo podem alimentar-se somente de carne de peixe e não usar sal durante a fabricação, pois do contrário, a pasta fica "doce" durante a cocção e se fragmenta, etc. (Lima, 1987:177). Baseado nestas observações, possivelmente a queima das vasilhas Guarani também estivesse associada a um conteúdo simbólico dos elementos envolvidos, impossível, porém, de ser resgatado. Restam apenas hipóteses quanto às ações técnicas elaboradas a partir de analogias.

Finalizadas as etapas de manufatura e tratamento das superfícies, a peça é colocada a secar durante vários dias antes de ser queimada¹⁹. É selecionado o combustível e o tipo de queima a ser empregado. Entre os indígenas brasileiros a cocção geralmente ocorre em atmosfera oxidante (rica em oxigênio) em fogueiras abertas e de arranjos cônicos, determinando uma queima irregular. Fragmentos de recipientes cerâmicos de sítios Guara-

¹⁹ A qualidade do produto final depende muito da queima e do combustível. Em algumas tribos, é escolhido com cuidado (os Asuriní usam a bainha da folha de babaçu in: Lima, 1987:177).

ni pré-coloniais demonstram a predominância deste tipo de queima. D'Orbigny (1944:134) cita que nos pueblos do Paraguai, a cocção realizava-se em ar livre ou em um fosso pouco profundo, cavado no solo. O segundo tipo de queima, provavelmente efetuado em atmosfera redutora (rica em monóxido de carbono), possibilitava uma queima regular. Entre os Guarani do Chaco dava-se da seguinte forma:

"A más en el campo encienden un fuego y colocan esta vasija en proximidad del fuego para que se calienten más pronto cuando se colocan en el mismo fuego. Después que hay bastantes carbonés, encienden un gran fuego en derredor de los carbonés enrojecidos, ponen al mismo medio la vasija hecha hasta que esta bastante cocida"
(Paucke, 1943:160).

Nos fragmentos cerâmicos roletados de São Lourenço, nota-se que a mulher Guarani realizava a combustão das suas peças em atmosfera oxidante, efetuada em fogueiras ou fornos abertos a baixa temperatura, conferindo à cerâmica uma queima irregular, com o núcleo acinzentado ou preto fosco; ou em atmosfera redutora, em fornos (muito pouco provável) ou fogueiras fechadas, determinando uma queima lenta e regular em alta temperatura e originando uma coloração acinzentada ou preta fosca. A cor apenas sugere o tipo de queima porque outras variáveis estão envolvidas. Os locais de cocção das peças possivelmente tenham sido próximos às moradias das artesãs, em vista da necessidade do controle da temperatura com alimentação constante de combustível. Foram identificados vestígios de fogueiras na área das habitações indígenas da redução de São Miguel que poderiam, além de outros fins, terem sido utilizadas na queima dos artefatos ce-

râmicos. Realizada a queima e vencidas todas as etapas de produção, o vasilhame é lavado e considerado pronto para o uso.

Todo o processo de produção de um recipiente cerâmico parte da necessidade de uma determinada peça com forma e função específicas. A artesã, no momento de obtenção e preparação do barro já tem em mente que objeto produzir destinado a satisfazer uma necessidade. A construção da forma está condicionada pela função a que se destina. Entretanto, outro elemento se impõe, associado à forma que, possivelmente, se relacione ao aspecto funcional da vasilha: o tratamento das superfícies. Esta combinação é visível nos grandes recipientes Guarani normalmente pintados com complexos padrões geométricos, encontrados em sítios pré-coloniais, próprios para fermentar e consumir bebidas para as festas coletivas e para sepultamentos humanos. A relação entre função e acabamento superficial do conjunto cerâmico Guarani é demonstrada por Schmitz (1985:18) quando cita que as peças utilitárias, de uso cotidiano, tinham a "*(...) superfície externa coberta com impressões regulares da polpa do dedo, da borda da unha, da ponta de um estilete, ou eram lisas; um outro conjunto, mais bem trabalhado, era pintado, às vezes com vermelho uniforme, mas geralmente com desenhos geométricos variados em vermelho ou preto sobre uma base branca*". Esta hipótese está claramente ilustrada no exemplo da cerâmica Asuriní concebida em sua totalidade — funções utilitária e decorativa resultantes da confecção do objeto (Müller, 1987:281).

A relação forma/decoração/função é abordada por Lévi-

-Strauss (1985:297): "(...) o objeto é sempre concebido sob o duplo aspecto plástico e gráfico: o vaso, a caixa, o muro, não são objetos independentes e pré-existentes que se trata de adornar em seguida. Eles não adquirem sua existência definitiva senão pela integração do ornato e da função utilitária (...). A estrutura modifica a decoração, mas esta é a causa final daquela, e ela deve igualmente se adaptar a suas exigências".

Partindo da tentativa de identificar a funcionalidade dos vasilhames cerâmicos de São Lourenço, foram analisados os atributos referentes à técnica de manufatura, ao tratamento das superfícies interna e externa e a forma, reconstituídas através dos fragmentos cerâmicos. Os resultados obtidos do estudo do material, entretanto, configuram-se somente como hipóteses, demonstrando a necessidade do desenvolvimento de um maior número de pesquisas sobre a cultura material missioneira e suas implicações tecnológicas e sócio-culturais.

A reconstrução gráfica das vasilhas foi realizada a partir do desenho dos perfis dos fragmentos de bordas, seguindo a orientação tradicional proposta por Megger e Evans (1970). Temos 203 bordas orientáveis, representando 30,8% do total resgatado. Os fragmentos foram desenhados em tamanho natural, com a superfície externa direcionada para a direita e com o plano horizontal, representando o diâmetro da borda, paralelo à margem superior da folha. O diâmetro da boca do recipiente foi medido com o auxílio de uma escala de semicírculos concêntricos divididos em intervalos de 2cm, e indicado acima da linha que marca o

plano horizontal. O diâmetro está representado de três formas. Por exemplo: a curvatura do fragmento coincidir com um dos semicírculos da escala, por exemplo 22cm; a curvatura do fragmento, por ser pequeno, se assemelha a mais de um dos semicírculos consecutivos da escala, por exemplo, entre 22 e 28cm (22-28); a curvatura do fragmento, pelo mesmo motivo, não seria menor do que a de um dos semicírculos, mas poderia ser maior, por exemplo no mínimo 22cm, podendo ser maior (22+). O tratamento da superfície externa está indicado pelo desenho do caco no lado esquerdo e, da superfície interna, se houver necessidade de representação, no lado direito da forma reconstituída.

Com relação às formas das vasilhas, além do estudo dos fragmentos de bordas, é importante salientar os tipos de bases encontrados em São Lourenço, demonstrados pelos perfis desenhados de fora para dentro (fig.3,29). As bases não foram consideradas na reconstituição das formas por ser difícil estabelecer em cada caso com que borda efetivamente se relacionavam. A impossibilidade da reconstituição total das peças caracteriza este trabalho como uma contribuição para estudos futuros, sugerindo a premência de um levantamento de formas cerâmicas reconstituídas a partir das bordas e bases.

A classificação das vasilhas foi funcional. Organizamos as formas em **classes** que reúnem todos os recipientes da mesma função. Determinadas classes foram subdivididas segundo a profundidade indicada pela parede ou por detalhes do perfil da borda.

Inicialmente a função das vasilhas foi deduzida, partindo do fato de que determinadas formas e seus usos tem uma distribuição praticamente uniforme em várias sociedades. Brochado (in: Naue, La Sálvia e Brochado, 1988-1989:781) exemplifica esta relação observada nas cerâmicas indígenas etnográficas (cf. Lima, 1986:176-229):

"(...) os pratos para comer alimentos sólidos são relativamente rasos. As panelas para cozinhar comumente tem formas esferoidais com contorno infletido, bojo bem marcado e borda inclinada para fora. Os jarros para líquidos são parecidos, porém, mais profundos e com boca estreita, formando gargalo. Os pratos para assar beiju, são extremamente rasos, com bordas apenas vestigiais ou simples discos".

A dedução, entretanto, apenas possibilita a formulação de hipóteses quanto à função das vasilhas. Em face deste problema, Brochado (op. cit.) procurou a analogia etnográfica, através dos dados etnohistóricos a respeito dos Guarani no Vocabulário de A. Ruiz de Montoya (op. cit.), já que a analogia etnográfica com os Guarani atuais não é possível pois estes estão em vias de abandonar a produção cerâmica (Lima, 1987:226).

Montoya cf. Brochado (op. cit.) documentou a existência de várias classes de vasilhas e suas funções. A tradução do termo Guarani para o espanhol possibilitou a comparação, nos dicionários ilustrados da língua espanhola, da vasilha espanhola com a indígena (idem, ibidem, p.121). As classes de vasilhas que Montoya descreveu foram reconhecidas no conjunto das formas Guarani compiladas por J. P. Brochado num catálogo de mais de 400 vasilhas cerâmicas.

Brochado (in: Naue, La Sálvia e Brochado, 1988-1989: 783-84) estabeleceu seis classes funcionais:

- 1 - Panelas para cozinhar - yapepó
- 2 - Caçarolas para cozinhar - ñaëã ou ñaëtã
- 3 - Pratos para assar beijú - ñamôpyũ ou nãmypiu
- 4 - Pratos para comer - ñaëmbe ou tembiirú
- 5 - Jarras para bebidas em geral, especialmente bebidas fermentadas alcoólicas - cambuchí
- 6 - Tigelas.

Após a classificação pela função deduzida das formas cerâmicas do sítio em estudo, tentamos aplicar as classes descritas por Montoya cf. Brochado (op. cit.). As seis classes, entretanto, não puderam ser aplicadas de forma idêntica no conjunto cerâmico de São Lourenço, por este caracterizar-se como um sítio de fronteira que teve origem no final do século XVII. Utilizamos então o Vocabulario de la lengua Guarani, elaborado pelo Pe. Pablo Restivo, no início do século XVIII, na Redução de Santa Maria la Maior, baseado no dicionário de A. R. de Montoya (op. cit.), mas com os termos revisados e aumentados, representando portanto já o Guarani colonial (Restivo [1722] 1893). Realizamos então a comparação dos termos que designam as classes das vasilhas.

Os desenhos das reconstruções gráficas das vasilhas foram organizados segundo a classe funcional que, possivelmente pertençam, e ordenados pelo diâmetro da boca do recipiente — do maior para o menor.

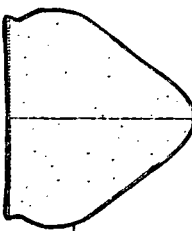
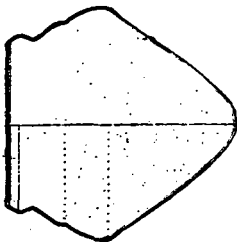
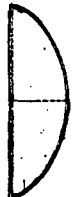

Retomando o sujeito detentor da técnica de produção doméstica e manipulação dos recipientes cerâmicos, a mulher Guaraní dispunha de antigas formas conhecidas pela sua tradição cultural e de novas, com técnicas e modelos importados. A mostra de vasilhas roletadas reconstituídas (embora parcialmente) compõe-se de peças de forma indígena e peças adaptadas de recipientes com forma européia, possivelmente espanhola. Estas últimas foram identificadas por exclusão das formas Guaraní, reconhecidas através de estudos realizados pelo pesquisador José Proenza Brochado²⁰.

As vasilhas reconstituídas constituíram cinco classes funcionais: (1) panelas; (2) jarros; (3) pratos; (4) tigelas; (5) alguidares. Os pratos foram divididos em duas subclasses segundo o critério de profundidade, registrado por Montoya cf. Brochado (op. cit.), possivelmente indicando diferentes funções: (3.1) pratos rasos; (3.2) pratos fundos. As tigelas em quatro subclasses diferenciadas pela profundidade e características estruturais da peça: (4.1) tigelas mais fundas; (4.2) tigelas fechadas; (4.3) tigelas menores com reforço na borda; (4.4) possíveis tigelas infletidas.

Segue um quadro esquemático com a classe, sua função e a denominação em Guaraní traduzida por Montoya cf. Brochado (op. cit.) e Restivo ([1722] 1893).

²⁰ A classificação das formas e sua funcionalidade foi orientada pelo Prof. Dr. José Proenza Brochado no Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) da PUC-RS.

Quadro Esquemático

CLASSE	FUNÇÃO	MONTOYA (1639)	RESTIVO (1722)	FORMA GUARANI
(1) PANELA (olla)	Cozinhar os alimentos	yapepó	yapepó	
(2) JARRO	Transportar água, armazenar e servir líquidos	cambuchí cambuchí iacá, cambuchí irirú cambuchí ty mbucú	ÿyarahá, ÿrenomehá cambuchí timbucu	
(a) CÂNTARO				
(b) JARRO COM ALÇA LATERAL E BICO OPOSTOS				
(c) CÂNTARO (VASO) COM DUAS ALÇAS LATERAIS		cambuchí nambí	cambuchí	
(d) VASO (JARRO PEQ.)	Beber água	cambuchí mirí iguaba	ÿguaba	
(3) PRATO (plato, de ñae = cosa concava e bé = pê=chato	Comer, beber	ñaembé, tembirú	ñaembé, tembiu riru	
(3.1) PRATO RASO				
(3.2) PRATO FUNDO		ñaembé picoe		
(4) TIGELA (escudilla, de ñae = plato e apuá = redondo)	Comer, beber	ñae apuá	ñaicapua	
(4.1) TIGELA MAIS FUNDA				
(5) ALGUIDAR (barreño)	Colocar e/ou servir comida (21)			

21 Relação entre o recipiente e função feita pelo Pe. Cardiel (1953:170).

● Descrição das classes funcionais:

(1) PANELA (yapepó) - (figs. 5, 6, 7)

Foram reconstituídas como panelas 16 bordas que apresentam uma inflexão inicialmente côncava e depois convexa quando vista de fora. As bordas são diretas ou com reforço externo, levemente inclinadas para fora ou verticais, com os lábios arredondados, planos ou com decoração plástica²². O diâmetro mínimo da boca varia entre 16 e 40cm.

O número de panelas pode ser menor se estes fragmentos de borda forem reconstituídos como tigelas muito fundas de contorno infletido ou mesmo como jarros. Esta incerteza da forma deve-se à altura dos fragmentos de bordas, que em geral representa apenas uma pequena parte do que seria a altura total das vasilhas, não possibilitando uma reconstrução mais segura das formas cerâmicas.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples:

a.1) Plástico: corrugado (5b, 6b, 6e, 6f); ungulado (5c, 7c, d); escovado (5e, 7e); espatulado acanalado (6c).

a.2) Pintado: vermelho sobre o lábio (7b).

²² Ungulada, ponteada ou digitada (as duas últimas formando pequenas ondulações na face externa).

- b) Acabamento duplo: corrugado ungulado desgastado até a inflexão que marca o início do bojo, seguido de liso (7a); corrugado na borda seguido de corrugado ungulado (6d).
- c) Acabamento superposto: espatulado corrugado sobre escovado (5a).

(2) JARRO (cambuchí) - (fig. 8)

Dentre as seis bordas reconstituídas como jarros, não foram encontrados exemplares comparáveis às bordas dos cambuchí tradicionais usados pelos Guarani. Estes eram empregados para preparar, conter e servir líquidos, principalmente bebidas fermentadas alcoólicas (cãguỹ). Posteriormente alguns eram utilizados para sepultar os mortos, utilizando-os como urnas funerárias, ou ainda, os de menores dimensões, para beber água (cambuchí mĩ-rĩ iguãba) ou bebida fermentada (cambuchí caguãba).

Foram reconstruídas como bocas de jarros as bordas que diferenciam-se das reconstituídas como panelas pela espessura das paredes e a altura do lábio até a inflexão. Geralmente são mais finas e altas, e pelo tratamento da superfície, com presença de pintura vermelha. São abertos, com as bordas de contorno infletido evidenciado pelo perfil côncavo ou levemente côncavo, direta e inclinada externamente com os lábios arredondados, planos ou modificados por decoração plástica ungulada ou digitada (formando ondulações na face externa). Algumas destas bordas também poderiam ser reconstituídas como panelas ou até mesmo tige-

las fundas. O diâmetro da boca varia entre 18 e 26cm.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples:

a.1) Plástico: escovado (8e);

a.2) Pintado: vermelho externo polido (8d, f); vermelho externo e interno (8b, c).

b) Acabamento misto: borda lisa seguida de escovado mais ou menos perpendicular ao lábio e, após, escovado longitudinal e vermelho interno (8a).

O cambuchí ty mbucú (com alça lateral e bico opostos) e o cambuchí nambí (com duas alças laterais) são identificados pela presença de alças no sítio, possivelmente pertencentes aos jarros utilizados na redução. Estes apêndices são elementos introduzidos pelos jesuítas, inexistentes nas vasilhas Guarani tradicionais.

Outros recipientes descritos por Montoya cf. Brochado (op. cit.), com a função de beber líquidos, e denominados também por Restivo ([1722] 1893) como cambuchí mîní, são os chamados "copa, copo e covilhete" e não foram identificados nos fragmentos resgatados em São Lourenço. Igualmente outros vasilhames europeus mencionados por Montoya cf. Brochado (op. cit.) como cambuchí yñâcurûguâí (botija de barro de azeite), yrûobí (cantil), yêpobertâba ou itororó (aguamanil, jarra de água para lavar as mãos) este último denominado por Restivo (op. cit.) como

yepoheytaba, também não foram observados.

(3) PRATO (naembé)

3.1 PRATO RASO (a existência de um prato raso não se encontra claramente indicado em Montoya, cf. Brochado (op. cit.)). (Fig. 9)

Foram reconstituídos como pratos rasos 7 bordas com um perfil levemente convexo ou reto, com acentuada inclinação externa e que apresentam um ângulo que varia entre 15° e 35° , medido em intervalos de 5° da parede até o plano horizontal da boca da vasilha.

As bordas são diretas ou apresentam um rolete ressaltado na face externa (1), inclinadas para fora e com os lábios arredondados. As dimensões do diâmetro da boca variam entre 20 e 22cm, sendo que um prato pode chegar a 28cm.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples:

a.1) Alisado (9a, c); alisado com polimento (9e).

a.2) Pintado: faixa pintada de vermelho no lábio e em seguida outra, aproximadamente 2,5cm, indicando a flexão na face externa e vermelho interno (o vermelho em ambas faces apresenta brilho) (9d).

- b) Acabamento misto: vermelho sobre corrugado ungulado externo e vermelho interno (9g); ungulado externo e branco sobre vermelho interno (9b); vermelho sobre ungulado externo e vermelho interno (9f).

3.2 PRATO FUNDO (nãembé picoe)

3.2.1 Foram reconstituídos como pratos fundos retos (Figs. 10, 11, 12, 13, 14) 38 bordas que diferenciam-se das dos pratos rasos pela menor inclinação externa que produz um maior ângulo da parede com o plano horizontal da boca do recipiente (entre 30° e 75°). São abertos, de contorno simples, com paredes ligeiramente convexas ou retas. Bordas diretas, inclinadas externamente (não tão acentuadamente quanto a dos pratos rasos) ou verticais, com lábios arredondados, planos ou modificados por decoração digitungulada, formando pequenas ondulações na face externa, ponteadas ou unguladas (profunda). As dimensões mínimas do diâmetro da boca variam entre 14 e 34cm.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples:

- a.1) Plástico: escovado (10b,e,g, 11b, 12h).
 a.2) Alisado (10c; 11a,e; 12a,c; 13f; 14a,b,f,g).
 a.3) Pintado: vermelho externo (12d; 13a,g; 14d,e); vermelho interno (10d; 11g; 13b,c,h); vermelho externo e interno (10f; 11c; 12b; 13e,f,g; 14c); bege escuro externo e vermelho interno (11f).

b) Acabamento misto: ungulado externo e vermelho interno (13d, e).

3.2.2 Foram reconstituídos como pratos fundos infletidos - (fig. 15, 16) as 10 bordas inclinadas externamente e que indicam uma profundidade não muito acentuada que pudessem ser apontadas como tigelas. Isto não descarta a possibilidade de que alguns destes pratos fossem mais fundos do que parecem e se configurassem como tigelas infletidas. A variação do ângulo — 30° / 60° — encaixa-se na dos pratos fundos já descritos.

Os pratos são abertos, de contorno levemente infletido, com borda inclinada para fora com reforço interno ou externo. Os lábios são arredondados ou modificados por decoração plástica digitada, formando ondulações na face externa. O reforço externo mencionado pode ser considerado em rolete ressaltado, formando espécie de um anel. As dimensões mínimas do diâmetro da boca variam entre 14 e 30cm.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples:

a.1) Plástico: escovado (15a).

a.2) Alisado (16c).

a.3) Pintado: vermelho interno (o lábio inclusive) (15b,d; 16a); vermelho externo e interno (15e;16b); vermelho externo (15c); vermelho somente no lábio (16e).

b) Acabamento duplo: unguilações logo abaixo do lábio seguido de alisado (16a).

(4) TIGELA (nãe apuá, ñacapua) - (Figs. 17, 18, 19, 20, 21)

Foram reconstituídas como tigelas 37 bordas verticais ou apenas levemente inclinadas para fora ou para dentro; diretas ou com reforço interno e de paredes com contorno simples, ligeiramente convexas ou retas, e abertas. Os lábios são arredondados ou planos. O ângulo medido da parede até a boca da vasilha varia entre 60° e 85° (sendo uma tigela com 55°)²³. As dimensões do diâmetro situam-se entre 6 e 36cm.

Estas tigelas de comer e/ou beber (nãe apuá) poderiam talvez, serem utilizadas como cambuchí caguâba ou cambuchí mîri iguâba (pequenos vasos com a função de beber bebidas alcoólicas e água, respectivamente).

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples:

a.1) Plástico: corrugado (17a); escovado (17f; 18b,d,e; 19f; 20d); desgastado (17c) apresentando algumas unguilações.

²³ O ângulo das tigelas e pratos foram medidos com o objetivo de demonstrar a diferença existente entre as duas formas reconstituídas.

a.2) Alisado (17d; 18f; 19a, e; 20b; 21h,j).

a.3) Pintado: vermelho externo (17b,e; 18c,g; 19b,c; 20g; 21d,e,g,i); vermelho externo e interno (18a; 20c,e,f; 21c,f); liso externo e vermelho interno (19a; 21a); vermelho externo com brilho (20a); vermelho externo polido (21b).

Dentro da categoria de tigelas, diferenças no contorno, posição e espessura das bordas, levaram a uma subdivisão sob o critério estético, formal. Possivelmente haja correlação com a função da vasilha, infelizmente não registrada nos documentos históricos e etnohistóricos.

4.1 TIGELA MAIS FUNDA (Fig. 22)

Foram reconstituídas como tigelas mais fundas 7 bordas ligeiramente inclinadas para fora ou verticais que dão a impressão de uma profundidade maior que as outras tigelas, demonstradas pela curvatura do fragmento. Talvez um número maior de tigelas mais fundas pudesse ser reconstruída se os cacos não fossem tão pequenos no sentido vertical.

As tigelas são ligeiramente infletidas e abertas com bordas direta ou com reforço externo e com lábios arredondados; ou tigelas de contorno simples, ligeiramente abertas ou fechadas, de paredes retas e com borda direta ou com reforço externo, vertical ou inclinada externamente e com lábios arredondados ou planos. As dimensões do diâmetro da boca variam entre 10 e 38cm.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples:

a.1) Plástico: corrugado imbricado com incisões (22b).

a.2) Alisado (22g).

a.3) Pintado: vermelho externo (22a,d); vermelho externo e interno (22c); branco sobre vermelho (22f).

b) Acabamento misto: vermelho externo recobrindo uma faixa de unguiações logo abaixo do lábio (22e).

4.2 TIGELA FECHADA (Fig. 23)

Foram reconstituídas como tigelas fechadas 4 bordas diretas, verticais ou levemente introvertidas, com lábios arredondados e planos. São tigelas de contorno simples com paredes convexas e inclinadas externamente. As dimensões do diâmetro da boca variam de 16 a 8cm.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples:

a.1) Alisado (23b).

a.2) Pintado: vermelho externo e interno (23a,c,d).

4.3 TIGELA MENOR COM REFORÇO NA BORDA - (Fig. 23)

Três bordas foram reconstituídas e classificadas nesta categoria por apresentarem elementos diversos das outras tigelas: pequenas dimensões, paredes levemente inclinadas para fora, quase verticais e reforço externo. São recipientes ligeiramente abertos, de contorno simples, paredes retas e lábios arredondados. As dimensões do diâmetro da boca variam entre 10 e 14cm.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples:

a.1) Plástico: escovado (23g).

a.2) Pintado: vermelho externo (23f).

b) Acabamento misto: pintado de vermelho no lábio e duas incisões paralelas verticais externa partindo do reforço (23e).

4.4 POSSÍVEIS TIGELAS INFLETIDAS - (Figs. 24, 25)

Foram reconstituídas também como tigelas infletidas 16 bordas côncavas, levemente côncavas ou em menor número retas que se teriam fragmentado acima ou na flexão, não possibilitando observar a continuidade da parede. Estas bordas, entretanto, também poderiam ser de panelas, jarros ou pratos infletidos quebrados acima da flexão. Comparadas com as outras categorias, preferiu-se classificar estas bordas como tigelas.

As bordas apresentam-se inclinadas externamente ou, em menor número, verticais e diretas com lábios arredondados ou planos.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples:

a.1) Plástico: corrugado (24d); escovado (24e; 25g,h); corrugado ungulado (25e).

a.2) Alisado (24f,h; 25c,d).

a.3) Pintado: vermelho externo e interno (24g; 25f).

b) Acabamento misto: corrugado ungulado externo e vermelho interno (24c); vermelho sobre ungulado externo e vermelho interno (24b); ungulado externo e vermelho interno (25a).

As dimensões mínimas do diâmetro da boca variam entre 14 e 36cm (uma tigela podendo chegar a 36cm).

(5) ALGUIDAR

Foram reconstituídos como alguidares 10 bordas retas ou levemente côncavas, inclinadas para fora, com reforço externo e que apresentam um ângulo entre a parede e o plano horizontal da boca da vasilha variando entre 45° e 70° . Os lábios são arredondados. As dimensões mínimas do diâmetro da boca variam entre 18 e 40cm, sendo que 70% situam-se entre 24 e 28cm (um exem-

plar pode chegar a 50cm).

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples:

a.1) Plástico: corrugado (desgastado) (1).

a.2) Pintado: branco sobre vermelho externo (4); branco sobre vermelho externo e vermelho interno (motivo desgastado) (1); vermelho externo (2); vermelho externo e interno (1).

b) Acabamento duplo: duas faixas de corrugações na borda (do lábio até o final do reforço) seguidas de escovado (1).

- Comparações:

19) Brochado (1969), no primeiro estudo de material cerâmico coletado nas reduções de São Miguel, São Lourenço e São João, reconstituiu diversas vasilhas roletadas classificadas em jarro (base plana) (1a, b); alguidar²⁴ (base plana ou levemente côncava) (2); tigela (base plana ou levemente côncava) (3); panela (base arredondada, mais raramente plana ou côncava) (4, 6, 7); tigela fechada (base arredondada) (5) (Fig. 26). Através

²⁴ A forma dos alguidares, descrito por Brochado (1969) como tigela funda tronco-cônica, é identificada como pertencente à tradição européia.

da reconstituição das bordas foi observado um padrão de preferência quanto à associação da técnica de confecção com as formas e às técnicas de acabamento das superfícies: jarros e alguidares com decoração escovada; panelas com decoração corrugada, corrugada ungulada ou ungulada; tigelas com decoração escovada, corrugada ungulada ou ungulada.

29) Nas pesquisas realizadas pelo pesquisador Pedro Mentz Ribeiro e equipe (1989:150) em São Lourenço, foram reconstituídos vasilhames roletados correspondentes, de acordo com a nossa classificação, às seguintes classes: panela (base arredondada) (a); tigela infletida (base pedestal) (b, c); prato fundo ou tigela (base plana) (d, e); prato infletido (base em pedestal) (f). (Fig. 27).

A maioria das formas demonstradas por Ribeiro (1989) e Brochado (1969) encaixam-se na mostra dos recipientes parcialmente reconstituídos de São Lourenço. O padrão de combinação, entretanto, não se repete integralmente.

A ceramista de São Lourenço, no momento da aplicação das técnicas de acabamento plástico seja simples, sobreposto ou duplo, o fazia mais freqüentemente nas panelas e tigelas; o acabamento simples nos pratos fundos, rasos e tigelas; a maior variedade de tipos de acabamento misto nos pratos rasos e tigelas; a maior variedade de tipos de pintura monocroma nos pratos fundos e tigelas; a pintura policrômica nos pratos rasos, tigelas e alguidares. Parece haver uma maior diversidade de decoração

nas tigelas, determinada talvez pela combinação com o aspecto funcional do recipiente ou pela maior quantidade de fragmentos resgatados no sítio, representando 46,52% do total de bordas confeccionadas pela técnica de superposição de roletes.

A associação da forma e função com o acabamento das superfícies resultou, a priori, nos seguintes padrões²⁵:

- a) PANELAS (yapepô) usadas para cozinhar os alimentos e aquecê-los ao fogo apresentam, quase que exclusivamente, acabamento plástico (corrugado, escovado, ungulado, espatulado acanalado, espatulado corrugado sobre escovado e corrugado com corrugado ungulado), tendo somente um exemplar pintura vermelha sobre o lábio.
- b) JARROS (cambuchí) usados para transportar água, armazenar, servir e beber líquidos, apresentam acabamento plástico simples (escovado), acabamento misto (escovado e liso externo e vermelho interno) ou pintura vermelha, externa ou em ambas faces;
- c) PRATOS RASOS (ñaembé) usados para comer e/ou beber, apresentam acabamento misto (vermelho sobre corrugado ungulado externo e vermelho interno, vermelho sobre ungulado externo e

²⁵ O estabelecimento destes padrões é produto dos resultados de uma análise sobre uma mostra de 144 fragmentos de bordas cerâmicas roletadas, caracterizando-se portanto, como preliminares e passíveis de serem modificados com o desenvolvimento de pesquisas sob esta abordagem.

vermelho interno, unglado externo e branco sobre vermelho interno) ou são pintados de vermelho na face externa ou somente alisados;

- d) PRATOS FUNDOS (ñae picoê) usados para comer e/ou beber, apresentam acabamento plástico (escovado ou unglado), acabamento misto (unglado externo e vermelho interno) ou pintura vermelha externa, interna ou em ambas faces.
- e) TIGELAS (ñae apûã) utilizadas para comer e/ou beber, apresentam acabamento plástico (corrugado, escovado, unglado, corrugado unglado ou corrugado imbricado com incisões), acabamento misto (unglado externo e vermelho interno, vermelho sobre unglado externo, vermelho sobre inciso externo, corrugado unglado externo e vermelho interno, vermelho sobre unglado externo e vermelho interno) ou pintura vermelha externa, vermelha externa polida, vermelha externa com brilho, vermelha externa e interna, branca sobre vermelha externa.
- f) ALGUIDARES usados para colocar e/ou servir comida, apresentam acabamento plástico (corrugado, corrugado e escovado) ou pintado de vermelho externo, vermelho em ambas faces, branco sobre vermelho externo, branco sobre vermelho externo e vermelho interno.

A reconstituição total das vasilhas com a representação do perfil da borda, bojo e base não foi possível devido à fragmentação dos cacos cerâmicos. A combinação destes elementos

fica sugerida pelos recipientes reconstruídos por Ribeiro (1989) e por Brochado (1969): panelas com base arredondada ou plana; jarros, plana ou em pedestal; pratos, plana ou anelar; tigelas, levemente arredondada, plana, em pedestal ou anelar; alguidar, plana ou levemente côncava²⁶.

Os recipientes, após cumprir sua função social, seja por não satisfazer mais as necessidades as quais eram destinadas, por abandono ou quebra, poderiam ser reutilizados com outros objetivos, como por exemplo, antiplástico para a pasta, muitas vezes feito de cerâmica triturada. O material não reaproveitado jogado à superfície tornou-se, séculos depois, vestígio arqueológico.

3.2 Vasilhames e outros artefatos torneados

Paralelamente à produção e uso de vasilhas confeccionadas pelo método de superposição de roletes de argila, artefatos torneados eram fabricados nas oficinas de São Lourenço e utilizados pela população.

O resgate do processo produtivo pelo método do tornea-

²⁶ Foram reconstituídos por Júnior Marques Domiks uma tigela com base em pedestal, com pintura vermelha na face externa (b), coletada em São Lourenço e um jarro com forma aproximada a Guarani, com pintura em ambas faces (a), resgatado em São João Batista (pertencentes ao IBPC). Ambos vasilhames apresentam formas diferenciadas das reconstituídas e mencionados neste trabalho. (Fig. 28).

manto foi possível, dentro dos limites impostos pelos vestígios arqueológicos e fontes escritas, através da analogia comparativa geral complementada por dados mencionados pelo Pe. Sepp sobre a redução de São João Batista.

Pe. Sepp, em todas suas referências sobre o artesão especialista em produção cerâmica, as faz no gênero masculino (1974: 184),

"Los toneleros y fabricantes de cântaros me proveyeron de toda classe de vasos, como cubas, tinas, etcētera; en una palabra, mis indios fabricaron todos los enseres que pertenecen a una casa bien puesta, y eso con toda prisa" (1973: 230).

"(...) verifico (...) o que torneian os torneadores (...)" (1980:153).

Todos os ofícios artesanais eram realizados nas oficinas da redução e inspecionadas duas vezes ao dia pelo jesuíta. Interessante salientar que igualmente os artesãos, em geral, das oficinas, são citados no masculino, em nenhum momento no feminino (Cardiel, 1953:138; Sepp, 1973:184),

"(...) tejedores, carpinteros, herreros, plateros, pintores, escultores, doradores, torneros, sombrereros, rosaieros, los que trabajan en todo gênero de vasos, de asta de buey, tinteros, peines, etc., y otros gêneros de artefactos" (Cardiel, 1900:284-85).

Sepp (1980:153), no entanto, faz diferenciação nas atividades de tecelagem, bordado e costura, referindo-se a meninas.

A partir destas evidências, como na Europa, conforme a tradição européia, possivelmente fosse o homem Guarani o responsável pelo manuseio do torno de oleiro e, conseqüentemente, das etapas anteriores e posteriores à fabricação do artefato.

Seguindo as mesmas hipóteses quanto à localização das fontes de argila em São Lourenço mencionadas para a obtenção de matéria-prima para a confecção das vasilhas cerâmicas roletadas, provavelmente as jazidas dos arroios próximos tenham fornecido a argila necessária para a produção. A presença de material arqueológico — fragmentos de telhas, ladrilhos, tijolos e blocos de barro cozido — junto ao olho d'água do arroio Uruquã, com evidências de um barreiro, indicam, com grande probabilidade, a olaria da redução.

A obtenção e os procedimentos de preparação da argila talvez seguissem os mesmos passos já descritos para a cerâmica produzida pela mulher Guarani. O barro coletado é examinado, rehidratado se houver necessidade, suas impurezas são extraídas e amassado. Ou, conforme descrição de Sepp para a produção de telhas, após obtido é levado a um local onde é pisoteado por animais:

"El barro para que sea bien amasado como el Pan, han de entrar en el Barreal alo menos tres dias arreo, por la mañana y tarde, los vacas y toros del Jucapy o Byeyes mansos" (1958:35).

Segundo Cazzetta (1989:12) evidências de uma estrutura de pedra (basalto vesicular) próxima à vertente d'água do arroio

Uruquã, na altura do lençol freático, podem corresponder ao local de amassamento da pasta, encontrado atualmente em fábricas artesanais de telhas denominado "picadeiro".

Esta técnica de pisoteamento para a produção de telhas, tijolos, etc., moldados, não significa que também tenha sido empregada na preparação da argila para a confecção de recipientes, incensários e castiçais torneados. O amassamento poderia seguir a técnica indígena ou, como na redução de São Nicolau do Piratini (1ª fase), o amassamento do barro era realizado com os pés pelos homens, enquanto as mulheres forneciam água para o amassador (Cazzetta, 1989:12).

Outros tipos de amassamento ocorrem na produção da cerâmica popular espanhola atual, como por exemplo, em uma grande fossa na qual era colocada a pasta que era socada, batida com uma vara ou tábua, ou ainda através de uma engrenagem, espécie de moinho, movida por um animal (Artigas, Matheos, Roca, 1970: 13). A organização das pedras em forma circular e com um espaço vazio no centro do círculo maior, parece indicar a presença de uma engrenagem na qual os animais ficassem presos e, através do movimento, amassassem o barro (Cazzeta, 1989:12).

A analogia etnohistórica e etnográfica faz-se aqui necessária na interpretação dos dados arqueológicos. As possibilidades do emprego da analogia são justificadas pela manutenção, ao longo dos últimos séculos de, praticamente, todo o processo de produção oleira. "(...) nestes quatro séculos a atividade olei-

ra pouco se modificou. As fases que compreendem inicialmente o armazenamento do barro extraído dos barreiros, a preparação da pasta, a moldagem ou moldação, a secagem ou enxuga e a cozedura persistem até hoje, apresentando pequenas variações no tipo de equipamento utilizado" (Cazzetta, 1989:11). O mesmo aplica-se às técnicas de produção da cerâmica popular espanhola desde a extração do barro até o seu cozimento, caracterizando-se, em geral, como muito antiga e rudimentar (Artigas, Corredor-Matheos, 1970).

Segundo os procedimentos adotados pelos ceramistas espanhóis, o desengordurante (areia ou greda), quando necessário, é adicionado antes do primeiro amassamento. Após, o barro é estendido sobre o solo para secar e é novamente amassado com os pés descalços e/ou com as mãos (técnicas mais primitivas). A argila é posta a secar ao sol. Quando seca, é coberta com terra e guardada em depósitos por algum tempo até chegar ao ponto de ser novamente amassada. Com a pasta são feitos panes depositados em locais úmidos e envolvidos em panos molhados para evitar a evaporação da água. Esses panes vão sendo transportados ao lado do torno segundo a necessidade de determinada peça.

Nada impede que os jesuítas, conhecendo as técnicas de seu país de origem na produção cerâmica, aplicassem-as nas oficinas das reduções ou, ao contrário, adaptassem os tão antigos e tradicionais modos de se fazer cerâmica Guarani na confecção das peças torneadas.

Os antiplásticos, quando aparecem nos fragmentos de São Lourenço são menos variados e de menores dimensões dos presentes na cerâmica roletada. Constam de substâncias inorgânicas (fragmentos de quartzo), bio-minerais (fragmentos de ossos ou de conchas) e de cerâmica triturada, seja de outros recipientes ou de telhas, tijolos ou ladrilhos.

A seqüência operacional de confecção por torneamento da cerâmica popular espanhola compreende as seguintes etapas: finalizada a preparação da pasta, o ceramista a transporta à oficina de fabricação dos artefatos e prepara o material a ser utilizado (um recipiente com água, um pedaço de madeira, um pedaço de couro, um instrumento de madeira ou cana).

O torno, máquina que o torneiro manipula para dar forma ao barro, constitui-se de dois discos unidos por um eixo central vertical. O inferior é onde apoia-se o pé para dar o movimento, e o superior, onde coloca-se o barro a ser trabalhado²⁷. O torneiro coloca-se na mesma altura que a roda superior do torno ou um pouco mais abaixo ou, se o torno está assentado em um buraco, trabalha ao nível do solo. Um aglomerado de argila é centrado no disco superior e, ao impulso do pé, o torno começa a girar, iniciando o processo de dar a forma pretendida ao barro. Com as duas mãos, as paredes vão sendo erguidas e a cavidade, se

²⁷ Outro tipo de torno encontrado na Espanha é a roda de mão, utilizada pelas mulheres (Artigas; Matheos; Roca, 1970:15).

a peça a exigir, feita no centro do aglomerado. A elevação das paredes das vasilhas é realizada mantendo uma mão dentro e outra fora da mesma, exercendo pressão enquanto dirigem-se para cima, levantando e afinando as paredes simultaneamente. A operação segue com novas pressões para definir e refinar a forma do artefato e, após construída, os excessos de argila da base são retirados com um instrumento (Rye, 1981:74-7).

De acordo com o processo de confecção da cerâmica espanhola, o torneiro utiliza a água pra ir umedecendo as mãos durante o trabalho; para dar a forma serve-se também de um pedaço de madeira (caña, tacón, solete, tiradera); retira os excessos de barro (os quais podem ser aproveitados para as alças ou asas) e faz o pronunciamento da borda do fundo através de um instrumento de madeira ou cana e, para regularizar a superfície, dando-lhe um polimento, utiliza um pedaço de couro.

A técnica do torneamento foi identificada em 456 fragmentos cerâmicos, representando 16,42% do total. O reconhecimento foi realizado de diversas formas: através de evidências diretas — estrias deixadas pelo torno nas superfícies externa e, ou interna; evidências indiretas negativas — ausência de sinais de roletes; evidências indiretas pela queima — as vasilhas torneadas seriam queimadas mais completamente em fornos e, se não eram roletadas e estavam bem queimadas, seriam torneadas; e, ou evidências indiretas demonstradas pela fratura regular, observada no perfil do fragmento, pela espessura do fragmento, geralmente mais fina e pelas características da pasta, mais homogê-

nea e fina. Todos estes são, com certeza, confeccionados em torno de oleiro. Na dúvida, em virtude da ausência de evidências claras no emprego desta técnica, o fragmento foi classificado como roletado podendo, assim, aparentemente ocorrer um número maior do que na realidade de cerâmica roletada e, conseqüentemente, um número menor de torneada.

Em São Lourenço, os objetos produzidos em torno eram vasilhas utilitárias, incensários e castiçais, resgatados, em sua maioria, nas áreas das habitações indígenas. Quanto às vasilhas, os sinais do torneamento além de visíveis nos fragmentos do bojo ou borda, os são também nas bases, caracteristicamente européias: plana, anelar e em pedestal (Fig. 29).

Com a forma já definida, o ceramista suspendia o trabalho sobre o artefato levando-o para secar ou procede à decoração das superfícies. As únicas ações decorativas observadas neste momento são a aplicação de um molde, na face interna de um recipiente (linha com pequenos círculos sucessivos logo abaixo do lábio (foto 10 d) e a decoração do lábio por pressão do dedo, formando ondulações na face externa.

A etapa da primeira secagem da peça ocorre em local adequado onde não sofra a ação do sol nem do vento. A cerâmica popular espanhola é limada para formar a base e corrigir, se necessário, o pescoço. Neste momento, provavelmente, o torneiro de São Lourenço procedesse ao acabamento artístico das superfícies. Incensários (foto 12 d, e), candelabros (foto 11 a, b, c)

e grande parte das vasilhas (foto 10 a, b, c) tem suas faces somente alisadas pelo trabalho do torno. Um número menor de recipientes, entretanto, além do acabamento simples alisado, recebia também um acabamento decorativo sobre o liso produtivo. O ceramista optou, nos fragmentos analisados, pela aplicação de uma substância que produz brilho com aparência de verniz, de esmalte ou de pintura monocroma em vermelho nas faces externa, interna ou ambas (foto 10 e). O esmalte anti-cocção resulta em um brilho vítreo e encontra-se nas cores castanho, castanho avermelhado, castanho esverdeado, branco esverdeado ou amarelo em ambas as faces, e branco na superfície externa e castanho esverdeado na interna (provavelmente as ações técnicas do torneiro fossem submetidas às exigências do jesuíta controlando, assim, a criatividade do artesão). Na cerâmica popular espanhola a pintura é realizada submergindo as peças em um barreño (alguidar) que contém a tinta. Para a tinta vermelha mesclam greda e água. É muito usado na cerâmica utilitária de cozinha um banho de plomo (chumbo) ou alcohol de hoja espécie de verniz, "'el brillo', como dicen los alfareros", transparente e aplicado antes da queima (Artigas, Matheos, Roca, 1970:21).

Segundo a seqüência que envolve a cerâmica espanhola, as peças, se muito simples, são colocadas ao sol; se mais finas, à sombra ou no interior de algum recinto. Conforme vão secando, são levadas aos fornos. O forno tradicional utilizado é o chamado "árabe", de chama direta.

Provavelmente os fornos usados na cocção do material

cerâmico torneado fossem semelhantes aos espanhóis. As descrições existentes referem-se somente aos fornos de cozimento das telhas, ladrilhos e tijolos de São João Batista:

"Para o cozimento dos tijolos e telhas fêz-se mister abrir enormes covas, nas quais construí três fornos com capacidade de cerca de quatro mil telhas cada um" (Sepp, 1980:238-39).

Eram fornos abertos,

"Las texas, q. en los lados o puerta del horno algunas vezes conforme es el viento no se suelen quemar bien, portanto se ponen despues en la hornalla en medio del horno" (Sepp, 1958:35).

Através da coloração dos fragmentos observa-se que o torneiro queimava suas peças em fornos ou fogueiras, ambos abertos, em atmosfera oxidante, em alta temperatura, conferindo à cerâmica uma queima uniforme, de coloração clara (característica predominante nos fragmentos torneados); ou em baixa temperatura, determinando uma queima irregular com o núcleo em tons acinzentados. Além do alcance da temperatura, da atmosfera que cercam os objetos e do tempo de cocção, a composição da pasta é igualmente importante na queima. Em atmosfera oxidante e com ausência de material orgânico, a coloração apresenta-se uniforme; em atmosfera oxidante e com material orgânico, irregular. As principais vantagens do uso do forno na cocção das peças são que o alcance da temperatura pode chegar entre 1000^o e 1300^oC e a velocidade da elevação da temperatura pode ser controlada. A temperatura mínima necessária para se formar a cerâmica é 500^oC; já a vitrificação inicia a partir de 700^oC, mas geralmente não

se estendendo abaixo de 900 a 950°C (Rye, 1981:122). A cerâmica espanhola é queimada em temperaturas que variam entre 800 e 900°C e, quanto mais alta, menos porosa fica a pasta. O tempo de cocção depende da capacidade do forno e do seu conteúdo, situando-se ao redor de 7 a 48h.

Como já foi citado anteriormente, a ausência de fragmentos de vasilhas no barreiro localizado no arroio Uruquã, parece sugerir que estes fossem queimados em fornos próximos à oficina de torneamento, provavelmente nos fundos ou no pátio dos artífices. Realizada a queima, os artefatos encontram-se apropriados para o uso.

O levantamento de hipóteses quanto ao aspecto funcional dos recipientes cerâmicos torneados seguiu os mesmos passos das vasilhas confeccionadas por roletes. Os fragmentos de bordas orientáveis foram desenhados e os recipientes reconstituídos parcialmente, devido a fragmentação dos cacos. Foram encontradas as mesmas cinco classes funcionais estabelecidas antes para a cerâmica roletada: (1) panelas; (2) jarros; (3) pratos; (4) tigelas; (5) alguidares. Os pratos foram subdivididos, conforme a profundidade, em duas subclasses: (3.1) pratos rasos; (3.2) pratos fundos.

A classificação das vasilhas de acordo com a função a que seriam destinadas, entretanto, não apoiou-se em padrões já conhecidos estando sujeita a modificações a partir da realização de um número maior de pesquisas. As formas constituem-se de modelos importados da Europa e foram identificadas por exclusão

das formas cerâmicas Guarani. As reflexões e os critérios empregados na classificação funcional dos recipientes reconstituídos foram os mesmos adotados para os roletados (p.116/27). Por constituírem-se de peças resultantes de técnicas desconhecidas pela tradição indígena, não foram utilizadas as denominações em Guarani relacionadas pelos Pe. Montoya e Pe. Restivo.

● Descrição das classes funcionais:

(1) PANELAS - (Fig. 30)

Duas panelas abertas de contorno infletido e bordas côncavas, inclinadas para fora, direta ou com anel ressaltado na face interna e com lábios arredondados. O diâmetro da boca varia de 18 a 22cm.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples: alisado (fig. 30a, b).

(2) JARROS - (Fig. 30)

Três prováveis jarros que possuem contorno infletido evidenciado pelo perfil côncavo ou levemente côncavo da borda. Esta é direta ou com um anel ressaltado na face externa ou interna, vertical ou inclinada para fora com lábios arredondados ou planos. As dimensões mínimas do diâmetro da boca varia entre

8 e 14cm.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples: alisado (fig. 30c,d,e).

(3) PRATOS

3.1 PRATOS RASOS - (Fig. 30)

Dois pratos rasos abertos de contorno simples com parede levemente convexa ou reta e inclinada para fora. Borda direita ou com anel ressaltado, vertical ou inclinada externamente, com lábio plano ou arredondado. O ângulo medido da parede com o plano horizontal da boca da vasilha é de 35° . As dimensões mínimas do diâmetro variam de 12 a 24cm.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples: alisado (fig. 30f,g).

3.2 PRATOS FUNDOS

3.2.1 Sete PRATOS FUNDOS abertos simples (fig. 31) com parede reta ou ligeiramente convexa e inclinada externamente. Borda direita ou com anel ressaltado na face externa, inclinada para fora ou vertical. Lábios arredondados. O ângulo tomado da parede com o plano horizontal da boca mede entre 40° e 55° . As dimensões mínimas do diâmetro da boca variam entre 16 e 36cm.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples:

- a.1) Alisado (fig. 31a,f,g).
- a.2) Esmaltado: branco esverdeado em ambas as faces (fig.31b); castanho em ambas faces (fig. 31e); amarelo (desgastado) em ambas faces (fig. 31c).
- a.3) Pintado: vermelho externo e interno (fig. 31d).

3.2.2 Cinco PRATOS FUNDOS abertos de contorno infletido (fig. 32) com borda inclinada para fora, direta ou com anel ressaltado na face externa, com lábios arredondados. O ângulo da parede até o plano horizontal da boca varia de 45° a 60° . As dimensões mínimas do diâmetro oscilam entre 16 e 32cm, com possibilidades de um prato chegar a 40cm.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples:

- a.1) Alisado (fig. 32a,b,c,d).
- a.2) Decoração plástica: cordão de círculos sucessivos moldado abaixo do lábio na face interna (32e).

3.2.2.1 PROVÁVEL PRATO FUNDO OU TIGELA INFLETIDA

(Fig. 33 e 34)

Onze bordas côncavas ou levemente côncavas, de contorno infletido, inclinadas para fora e diretas ou com anel ressal-

tado na face externa. Os lábios são arredondados ou modificados por decoração plástica digitada, formando ondulações acentuadas na superfície externa (foto 10 c). As dimensões mínimas do diâmetro da boca variam entre 18 e 34cm.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples: alisado (fig. 33a,b,c,d,e,f; 34a,b,c,d,e).

Estas bordas foram reconstituídas como prováveis pratos fundos ou tigelas infletidas conforme formas apresentadas por Ribeiro (1988, fig. 6, sobre a Aldeia São Nicolau) e por Brochado (1969:206-07, sobre as reduções de São Lourenço, São Miguel e São João).

(4) TIGELAS - (Fig. 35, 36)

Tigelas abertas ou levemente fechadas, de contorno simples ou levemente infletido, com paredes retas, ligeiramente convexas ou côncavas, inclinadas ligeiramente para fora, para dentro ou verticais. Bordas diretas ou com anel ressaltado interna ou externamente. Lábios arredondados ou planos. O ângulo medido da parede com o plano horizontal da boca varia entre 70° e 85°. As dimensões mínimas do diâmetro oscilam entre 10 e 16cm.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples:

a.1) Alisado (fig. 35a,b,c,d,e; 36a,b,c,d,e).

a.2) Pintado: vermelho externo e interno (fig. 36f).

(5) ALGUIDARES - (Fig. 37)

Sete formas abertas, de contorno simples, com paredes retas ou levemente côncavas e inclinadas para fora. Borda com anel ressaltado na face externa, inclinada externamente e com lábios arredondados. O ângulo medido da parede com o plano horizontal da boca da vasilha varia entre 40° e 60° . As dimensões mínimas do diâmetro da boca situam-se entre 18 e 34cm.

. Acabamento das superfícies:

a) Acabamento simples:

a.1) Alisado (fig. 37a,b,c,d,e,f).

a.2) Pintado: vermelho em ambas as faces (fig. 37g).

O tratamento dado às superfícies dos recipientes torneados é predominantemente resultado de uma ação produtiva. O uso das mãos na confecção de peças em roda de torno confere as suas paredes um acabamento alisado. Sobre este liso, presente em todas as classes descritas, o ceramista decorou com pintura vermelha nas tigelas, pratos²⁸ e alguidares e com esmalte nos pra-

²⁸ Ex.: prato de contorno infletido pintado de vermelho em ambas faces, resgatado em São João Batista e pertencente ao IBPC - (reconstruído por Júnior Marques Domiks) (Fig. 38).

tos. Estes tipos de acabamento superficial coincide com os empregados, atualmente, na cerâmica popular espanhola — alisado, pintado de vermelho (ou ainda de amarelo-alaranjado ou engobado com terra branca ou colorida, mesclada com água), envernizado e vidrado.

Os padrões de preferência quanto à combinação das técnicas de confecção com as formas e o tratamento das superfícies são, expressivamente, menos variados do que nas vasilhas roletadas: o trabalho em torno não exige uma ação concomitante ou posterior sobre as superfícies para produzir um artefato; provavelmente os jesuítas controlassem essa produção conforme modelos conhecidos por sua tradição cultural; o homem torneiro talvez não soubesse manipular as técnicas de decoração tradicionalmente de domínio feminino.

Brochado (1969) observa que todas as formas reconstituídas (jarro, alguidar, tigela, tigela infletida, prato raso, tigela muito funda) se repetem nos quatro tipos principais (Missões Simples, São Lourenço Simples, São João Vermelho e São Miguel Preto Polido) (Fig. 39), o que não ocorre nas formas de São Lourenço. Há concordância no que refere-se às menores dimensões das vasilhas torneadas em relação às roletadas e à predominância de pratos e tigelas sobre as outras formas (54,8% e 24,1%, respectivamente). É interessante salientar que tanto nos recipientes produzidos pela técnica de superposição de roletes como de torneamento, os pratos e tigelas agrupam o maior número de peças (nas roletadas, as tigelas representam 46,52% e os pratos

38,19% do total).

As peças cerâmicas — recipientes, incensários e candelabros — após descartadas, poderiam ser trituradas e reaproveitadas, assim como as vasilhas de uso doméstico roletadas, como tempero para a pasta de produção de novos artefatos.

3.3 Artefatos cerâmicos modelados a partir de um bloco de argila, moldados e reaproveitados

O emprego das técnicas de modelagem e moldagem a partir de um bloco de argila no fabrico de peças cerâmicas são observadas no material resgatado em São Lourenço. Não serão tecidas as considerações quanto a seqüência operacional que envolve a produção dos artefatos conforme os subcapítulos anteriores, somente a descrição das peças classificadas de acordo com a técnica de confecção.

● Artefatos Modelados:

A ação de modelar implica em chegar a uma forma desejada, com os dedos, a partir de uma porção de argila.

Esta técnica é observada nas seguintes peças:

- a) fragmento de tampa (1) com evidências de um apêndice com característica de puxador;

- b) cachimbo angular de porta-boquilha curta (um inteiro, um fragmentado na boquilha e o último fragmentado na junção da boquilha com o forninho) (Fig. 40a,b; foto 12a,c,d);
- c) provável adorno de colar (foto 13 f);
- d) apêndices:
 - d.1) fragmento de asa lisa (foto 14 d);
 - d.2) alças ou fragmentos de alças lisas (foto 14 a,b,c) ou decoradas plasticamente com incisões (foto 14 g,h), pintadas de vermelho (foto 14 e,j) ou esmaltadas (foto 14 i);
- e) fragmento de objeto decorado com excisões em forma de volutas com a face interna levemente convexa (foto 14 f);
- f) fragmento de recipiente com base plana (16cm de diâmetro), paredes retas, levemente inclinadas para fora. As evidências da modelagem são observadas no interior da peça;
- g) fragmento de base (1 exemplar, 7cm de diâmetro) alongada e maior que o corpo, quebrado logo no início das paredes, pintada de vermelho;
- h) fragmento de um provável gargalo de garrafa cerâmica com borda reta, levemente inclinada para dentro e com reforço externo. O diâmetro da boca é de 4cm. Acabamento simples alisado.

● Artefatos Moldados:

A técnica de moldar pressupõe a aplicação de uma porção de argila dentro de moldes.

Além das telhas, ladrilhos e tijolos, identificamos somente um artefato, coletado em área de habitação indígena, con-

feccionado a partir de molde: cachimbo angular de porta-boqui-
lha curta decorado com incisões nas bordas, pronunciadas, do for-
nilho e da boquilha (identificado pela linha de junção) (foto 12
b - fig. 40c).

Cabe ainda salientar a decoração observada num fragmen-
to de, possivelmente, um ladrilho com borda achatada: incisão
de linhas formando parte de uma cruz e pintado de vermelho (fig.
4g).

● Artefatos Reaproveitados:

Foram encontrados outros artefatos confeccionados so-
bre fragmentos cerâmicos:

- a) 2 discos, sobre telha, alisados em toda a superfície, prova-
velmente peça de jogo (telho), com 4cm e 8cm de diâmetro
(foto 13 b);
- b) 3 fragmentos de telhas desgastadas intencionalmente formando
pequenas esferas que variam de 2 a 4cm;
- c) 8 objetos triangulares, confeccionados a partir de fragmen-
tos de telhas (1 com grafismos nas superfícies) (foto 13 c);
- d) pequeno e fino disco com 1,5cm de diâmetro alisado (foto 13
e);
- e) objeto arredondado com orifício central, sobre telha, alisa-
do em uma das superfícies e desgastado nas laterais, entre
2,5 e 3cm de diâmetro (foto 13 d);

- f) 2 peças arredondadas com perfuração central, com uma face plana e a outra convexa, provavelmente confeccionada sobre tábua e usada como peso de tear (foto 13 a).

Todos estes artefatos mencionados, seja produzidos por modelagem, moldagem ou reaproveitados, não pertencem ao conjunto dos objetos da cultura material Guarani e sim européia, introduzidos no povoado missioneiro pelos jesuítas. O cachimbo é uma exceção, peça conhecida tradicionalmente pelos índios (até os dias atuais), mas com formas divergentes da encontrada em São Lourenço.

3.4 Considerações preliminares

O conjunto cerâmico caracteriza-se por um expressivo predomínio da técnica de confecção roletada, tanto na mostra de fragmentos resgatados nas áreas de coleta, como também nas unidades escavadas, representando 80,98% contra 16,42% do material torneado.

Comenta Furlong (1962:400) que os índios deviam auto-sustentar-se com seus próprios produtos ou com os obtidos por compra ou troca, mas que podiam recorrer aos armazéns comuns do Tupambaé que lhes proporcionavam, além de carne, erva, tabaco e rações alimentícias para as crianças, doentes e anciões, "(...) *los vestidos, ollas, chuchillos, etc., de que carecian*". Provavelmente a produção manufatureira, não doméstica, dos artefatos

fabricados em torno de oleiro fosse acessível somente quando solicitados à população indígena das reduções. A produção destes, entretanto, demonstrada pela porcentagem, não teria sido realizada em série ou em larga escala, tornando necessária, a princípio, a manutenção do fabrico doméstico de peças de tradição indígena.

Esta hipótese, por si só, não justifica a continuidade da prática secular de "como fazer" cerâmica Guarani, acrescida ainda dos "modos de fazer", dentro de um sistema de fricção inter-étnica pois, segundo Clark (1985) "*(...) o aspecto tradicional de um implemento, fã-lo servir, também, ao objetivo de fortalecer e definir a identidade sócio-cultural dos grupos a ele vinculados*" (in: Souza, 1987:330).

Além da técnica de confecção, encontram-se sobrevivências indígenas nos tipos de acabamento das superfícies: (a) mais populares — alisado e corrugado (com suas variações); (b) menos populares — ungulado, escovado e entalhado na borda; (c) menos populares ainda — ponteadado, inciso e serrugulado; (d) tipos mais raros — nodulado, beliscado e roletado; (e) pintado em uma ou mais cores (baseado em Brochado, 1980:48).

Quanto ao alisado, mantiveram-se o simples, o polido e o alisado sobre uma nova camada de argila; houve inovação no emprego de uma determinada substância que provoca brilho, com aparência de verniz; quanto ao acabamento plástico mais popular, as proporções com relação às dimensões e relevo do corrugado, ficaram dentro da gama de variação do corrugado presente na cerâmi-

ca Guarani pré-histórica, assim como mantiveram-se as dimensões e as maneiras de organizar as ações das pontas das unhas na decoração ungulada. Já o escovado era raro nos Guarani, tornando-se mais popular quando iniciam os contatos entre indígenas e europeus (Brochado, 1973a: 26). Basicamente as principais técnicas de tratamento das superfícies eram o alisado, o corrugado e o escovado, apresentando uma grande persistência temporal que, conforme Brochado (1980:49) duraram tanto quanto durou a tradição Tupiguarani.

A decoração incisa, realizada com um instrumento pontagudo, apresenta-se, nos cinco fragmentos analisados, modificada quanto aos padrões, mas são mantidos os traços curvilíneos, retilíneos contínuos ou formando ângulos. Um outro elemento diferencial é a decoração plástica sobre o lábio das vasilhas. Segundo Brochado (1974:35) é muito rara na cerâmica Guarani pré-colonial e popular nos períodos florescentes das fundações religiosas. Nos fragmentos de bordas cerâmicas roletadas de São Lourenço, os lábios apresentam-se modificados por decoração ungulada em panela e jarro com acabamento plástico escovado; ponteadado, em panela escovada e prato fundo liso; digitungulada em prato fundo escovado e digitado, formando ondulações na face externa, em panela, jarro e prato fundo escovados. Rovira, sobre a redução de Nuestra Señora de la Candelaria (1989:85-6), atribui o último tipo a uma versão de um traço decorativo recorrente da cerâmica européia do século XVIII. Trata-se do "(...)'pie-crust' en la literatura inglesa, por su parecido con el repulgo de los pasteles o de las empanadas" (Thompson et alii, 1984:

142). Em Candelária aparece na cerâmica torneada e na não-torneada pintada de vermelho e escovada, sendo que nesta última, o tratamento em zigue-zague dos lábios ("repulgo en los labios") possivelmente seja uma interpretação indígena deste traço generalizado na cerâmica post-medieval européia. Em São Lourenço ocorre um exemplar torneado e três roletados escovados.

Um outro elemento diagnóstico do conjunto analisado é a manutenção do acabamento duplo (combinação de técnicas distintas na mesma vasilha em áreas diferentes), encontrado frequentemente na cerâmica Guarani pré-colonial, ao contrário do acabamento superposto (sobreposição de técnicas distintas) e misto (combinação de decoração plástica e pintura), encontrados raramente (Brochado, 1980:49).

A pintura sempre foi um elemento identificador da cerâmica Guarani, predominando a policrômica. Em São Lourenço a maior parte das vasilhas pintadas são monocrômicas em vermelho na face externa (jarro, prato raso, prato fundo infletido, tigela, alguidar), interna (prato fundo infletido) e em ambas as faces (jarro, prato fundo infletido, tigela, tigela fechada, tigela infletida, alguidar). Brochado considera que a pintura vermelha, freqüente nas fundações religiosas e militares, diverge da presente (mas relativamente rara) na cerâmica de tradição Tupi-guarani e que teria origem européia (1974:35), e que, ainda, é rara a pintura externa e interna, sendo a interna mais comum e nas vasilhas abertas (1980:49), o que não ocorre com os recipientes reconstituídos que apresentam pintura vermelha externa

e em ambas faces, também em formas abertas.

A pintura policrômica aparece em branco sobre vermelho muito rara entre os Guarani pré-coloniais. O mais freqüente era a pintura vermelha e/ou negra e/ou marrom sobre engobo branco em motivos desenhados com linhas finas, contrastando com as linhas grossas no material em estudo. O engrossamento das linhas e o uso do engobe vermelho brilhante são também encontrados na cidade de Santa Fe La Vieja (1573-1660), Argentina (Cerutti, 1983:503). Mantêm-se, portanto, alguns desenhos semelhantes aos tradicionais e o uso das cores (com exceção do lustro e do brilho sobre o vermelho). Um dos desenhos descritos em forma de pespontos (foto 9 f), assemelha-se ao presente na cerâmica popular espanhola, da Província de Galícia, na qual, sobre a superfície interna pintada de vermelho de um prato, é desenhado um ramo vegetal estilizado com pontos presos ao longo deste em amarelo (Artigas, Corredor-Matheos, 1970:60).

É importante salientar o significado simbólico que as vasilhas pintadas possuíam para os Guarani em época anterior ao contato. Os cambuchís, usados para armazenar e servir bebida alcoólica nas festas e depois utilizadas como urnas funerárias eram, em geral, pintados. Roger Barlow, expedicionário do século XVI, descreveu um ritual antropofágico Guarani no qual, ao redor do local onde era colocado o prisioneiro, eram postas vasilhas de barro pintadas e cheias de água. Os pedaços do corpo esquartejado deste eram cozinhados nestes recipientes (Pintos, 1971:96). A interação de vasilhas pintadas numa situação ritual

parece demonstrar o significado simbólico destes artefatos trabalhados artisticamente. Entre os Asuriní, os desenhos do corpo humano e dos objetos diversos da cultura material, além de decorativos, são igualmente simbólicos: "A arte de desenhar sobre alguns dos objetos (...) enfatiza esta tendência da cultura, reafirmando o valor estético dos objetos da cultura material na comunicação de mensagens sobre as relações sociais e sobre o conteúdo intrínseco da própria forma, relacionado a outras esferas da cultura como a cosmologia e a mitologia a ela associadas" (Müller, 1987:292). Nas reduções, as animadas bebedeiras coletivas e o enterramento em urnas foram proibidos, fazendo com que desaparecessem os Yapepôs de grandes dimensões e os cambuchís e, talvez, como consequência, as seculares pinturas policrômicas de padrões geométricos e abstratos.

A ceramista Guarani procurava combinar o tratamento dado às superfícies com a função que determinada vasilha desempenhava. Anteriormente ao contato com o europeu, a maior parte dos recipientes utilitários, de uso doméstico e cotidiano, recebiam acabamento plástico, seja através da polpa do dedo, da borda da unha, de um instrumento ou eram alisadas. Os restantes eram pintados, às vezes com vermelho, mas predominantemente com duas cores (Schmitz, 1985:18). Esta característica parece manter-se, em parte, no contexto missioneiro. Brochado (1969) e Rovira (1989) concordam em que para o uso diário na preparação dos alimentos, geralmente eram utilizadas vasilhas com acabamento plástico escovado e corrugado com suas variações (jarros, alguidares e panelas roletadas para Brochado e vasilhas com pescoço e restrin-

gidas para Rovira). Segundo Rovira, para o armazenamento de líquidos e como vasilhas de mesa eram empregados, na maior parte, pratos pintados de vermelho. Em São Lourenço, o acabamento plástico aparece em maior quantidade nas panelas e tigelas (de contorno simples ou infletido). As tigelas, neste caso, poderiam ter a mesma função que as panelas. Já as vasilhas pintadas, alisadas ou com combinação de decoração plástica e pintura (a única exceção são as panelas), poderiam destinar-se ao armazenamento ou consumo de alimentos e líquidos. Os pratos rasos, as tigelas e alguidares com pintura policrômica talvez fossem usados em situações sociais específicas.

Os jesuítas, em seus relatos sobre a vida nos povoados missioneiros, referem-se às panelas (ollas) para o cozimento dos alimentos, aos alguidares e certos (barreñones) para servir sal, mel e frutas (Cardiel, in: Furlong, 1953:139-43); talhas ou jarros grandes (tinajas grandes) para conservar os líquidos (Sanchez Labrador, in: Furlong, 1962:251), e ainda a cântaros ou talhas para buscar água e levá-la à cozinha e a moringas para o refeitório (Sepp, 1943:226-7 in: Brochado, 1969:189), provavelmente para uso dos jesuítas. O recipiente utilizado para conter e beber água (Sepp, 1980:131) e armazenar a chicha (in: Furlong, 1953:170) era a cabaça ou porongo oco (calabaza). Comparando estas informações, apesar de mínimas, com os dados de Montoya cf. Brochado (op. cit.), percebe-se que permaneceu a função da panela e do jarro (tinaja, cântaro, talha) embora modificada sua forma original (do cambuchí respectivamente).

Os termos ou expressões do Vocabulario de Restivo (op. cit.) relativos ao tipo de recipientes coincidem, em parte, com os do Montoya cf. Brochado (op. cit.) demonstrando que a relação existente entre determinadas formas e função manteve-se nas reduções dos séculos XVII e XVIII: yapepó (panela); ñaembê, tembiu riru (prato); ñacapua (tigela); ÿguaba (vaso pequeno). As modificações mais consistentes ocorreram com os cambuchí tradicionais (jarros), o qual não tem correspondência no Vocabulario de Restivo, somente aos referentes a cântaro (ou vaso) com duas alças laterais, denominado cambuchí; a jarro com alça lateral e bico opostos, denominado cambuchí timbucu, e a vaso pequeno de beber água, denominado ÿguaba (os dois primeiros de influência européia).

Dentre os vasilhames reconstituídos, sobrevivem formas indígenas, mas de menores dimensões. Desaparecem os grandes cambuchís e yapepós de contorno composto, carenados; permanecem as panelas e jarros de tamanho inferior, tigelas de contorno simples ou infletido e pratos fundos, nos quais, além da forma, a variação do ângulo é característico dos Guarani. Já os pratos rasos aparecem muito raramente na cerâmica pré-histórica. Mantêm-se as bases arredondadas e desaparecem as cônicas, substituídas pelas planas e em pedestal. Observam-se a integração de elementos europeus e indígenas numa base plana com acabamento escovado e em pedestal com pintura vermelha interna, externa e em ambas faces. Além do fundo plano e em pedestal, traços europeus são identificados no surgimento das asas, alças, tampas e nos alguidares, confeccionados pela superposição de roletes de

argila.

A existência de cachimbos na área de habitação indígena é muito significativa pelo o que representava o uso do tabaco em contextos rituais e simbólicos entre as etnias americanas em geral. Schaden menciona a sua importância na vida cotidiana e sobretudo em alguns rituais entre os Guarani. Os Kayoyá, não só nas cerimônias religiosas, mas a qualquer momento do dia ou da noite, utilizava o pētỹ gúí (pó de fumo) ou pētỹ ñamõi (fumo dos antepassados), colocado entre o lábio inferior e a gengiva (1962:52). Entre os Mbya, o cachimbo (pētỹguá) tem uso cotidiano e ritual, caracterizando-se como um elemento importante nas orações na opy (casa de rezas). A fumaça produzida pela queima do tabaco é considerada uma das formas de proteção²⁹.

O fumo foi muito combatido pelos jesuítas nos primeiros tempos do processo reducional, demonstrando, conseqüentemente, a rara presença de cachimbos nas fundações religiosas. A frequência destes antefatos nos sítios de "Tradição Neobrasileira", sugere a liberação do uso do tabaco e a inexistência de controle ideológico rígido sobre os indígenas, considerando o papel desempenhado pelo cachimbo nas esferas rituais e simbólicas. A interpretação mais verossímil para a presença de cachimbos em São Lourenço é a de que, os jesuítas permitindo ou não, houve continuidade do uso do fumo entre os Guarani no cotidiano e, se não havia espaço para a prática dos rituais, este uso provavelmente estivesse permeado de significados.

²⁹ Vietta, Katya. Comunicação pessoal, 1990.

A confecção por superposição de roletes, algumas técnicas de acabamento superficial dos recipientes, algumas formas, cachimbos, além da queima das peças cerâmicas em atmosfera oxidante, irregular, e os temperos usados como desengordurantes, principalmente cerâmica moída, são elementos tradicionais da cultura indígena sobreviventes na redução de São Lourenço. Embora permaneçam estes aspectos, observando os fragmentos, nota-se que já não é mais a mesma cerâmica: a textura é mais grosseira, as paredes mais espessas, além de outros traços típicos mas modificados.

Pode-se integrar a cerâmica de São Lourenço num conjunto mais amplo, missioneiro, onde conformam-se quatro grupos: (1) vasilhas de confecção, acabamento superficial e forma Guarani; (2) vasilhas de confecção e acabamento superficial Guarani e forma européia; (3) vasilhas de confecção e forma Guarani com decoração de influência européia; (4) vasilhas de confecção Guarani com forma e decoração de influência européia³⁰.

Cabe ressaltar, entretanto, que a forma Guarani na sua totalidade, considerando borda, bojo e base é praticamente inexistente, pois predominam as bases em pedestal (50,98%) e planas (37,25%) modeladas, num total de 51 fragmentos. A base indígena arredondada representa somente 7,84% do total.

³⁰ Cerutti (1983:503) em pesquisas realizadas na cidade de Santa Fe La Vieja identificou igualmente os três últimos grupos na mostra cerâmica.

Os vários elementos compositores dos artefatos cerâmicos característicos da cultura material Guarani tradicional, foram mantidos lado a lado de uma tradição tecnológica nova e acen-tuadamente diversa — desde quem produzia, a forma de manufatura e acabamento, com a possibilidade de uma maior produção, e o destino do objeto. Esta realidade remete-nos ao significado simbólico destes elementos num sistema interétnico no qual a identidade étnica dos grupos indígenas encontra-se ameaçada. Partindo da constatação deste quadro, concordamos com a afirmação de que "(...) a manufatura de determinados artefatos característicos da etnia é fator essencial para a persistência dessa identidade" (Newton, 1987:21, cf. B. Ribeiro, 1983a). Neste sentido, mesmo que a identidade étnica seja irredutível às mudanças das formas culturais e sociais, a manutenção dos modos de fazer e usar os objetos cerâmicos nos povoados missioneiros provavelmente tenha representado a afirmação étnica dos Guarani frente à sociedade colonial.

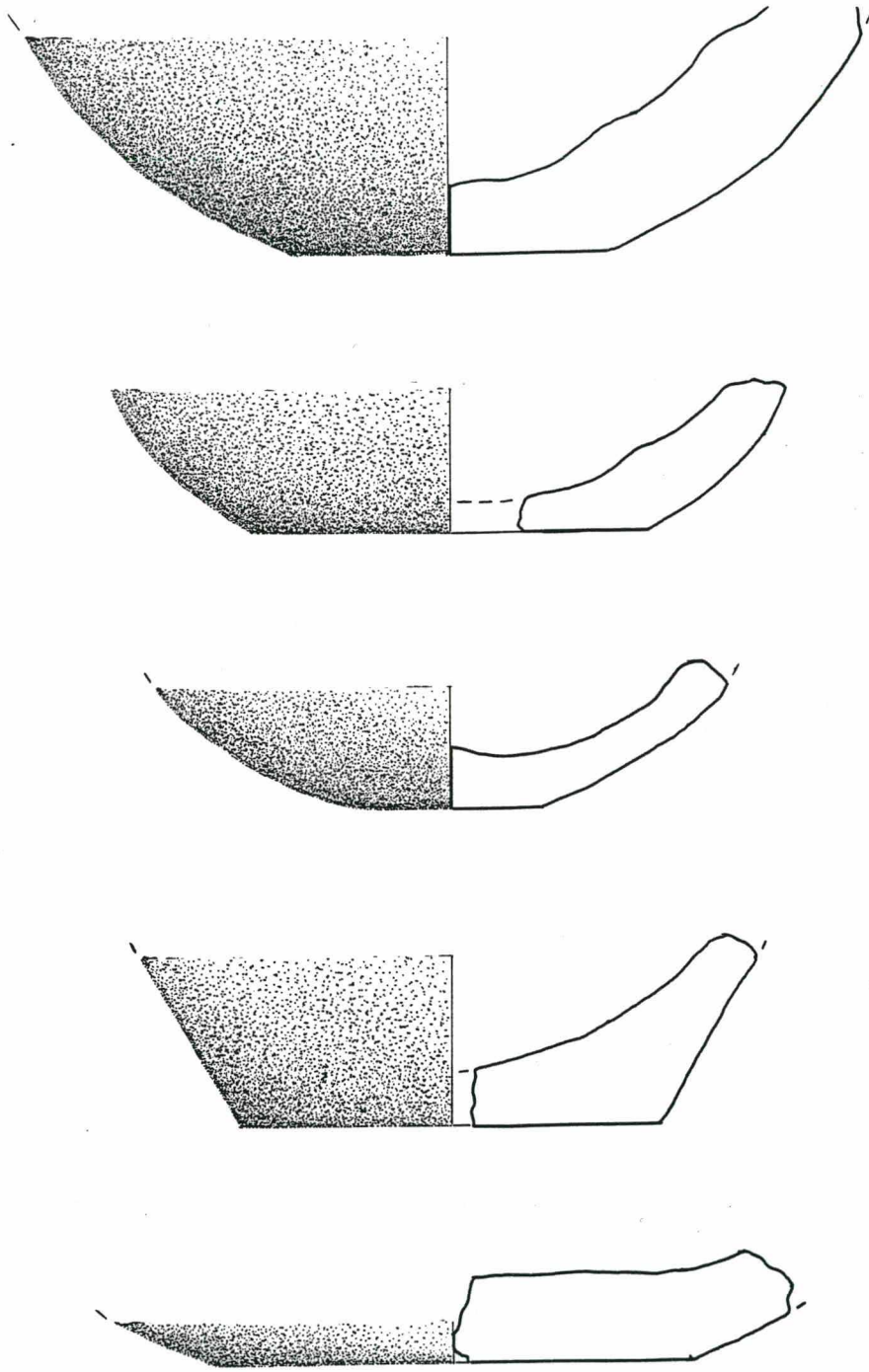
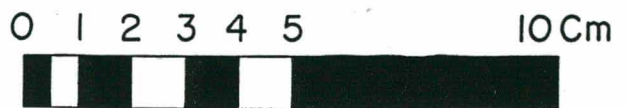


Fig. 3



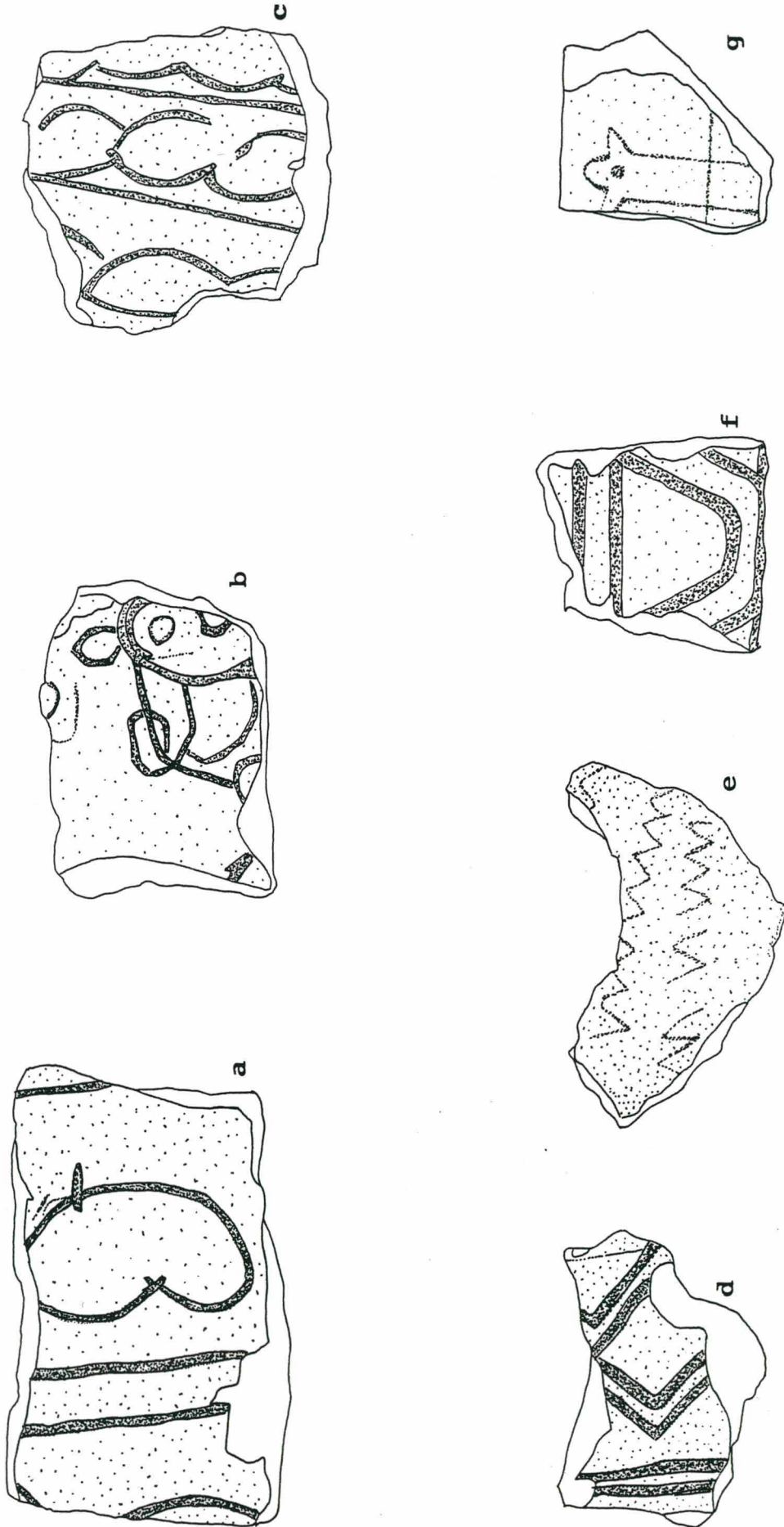


Fig. 4

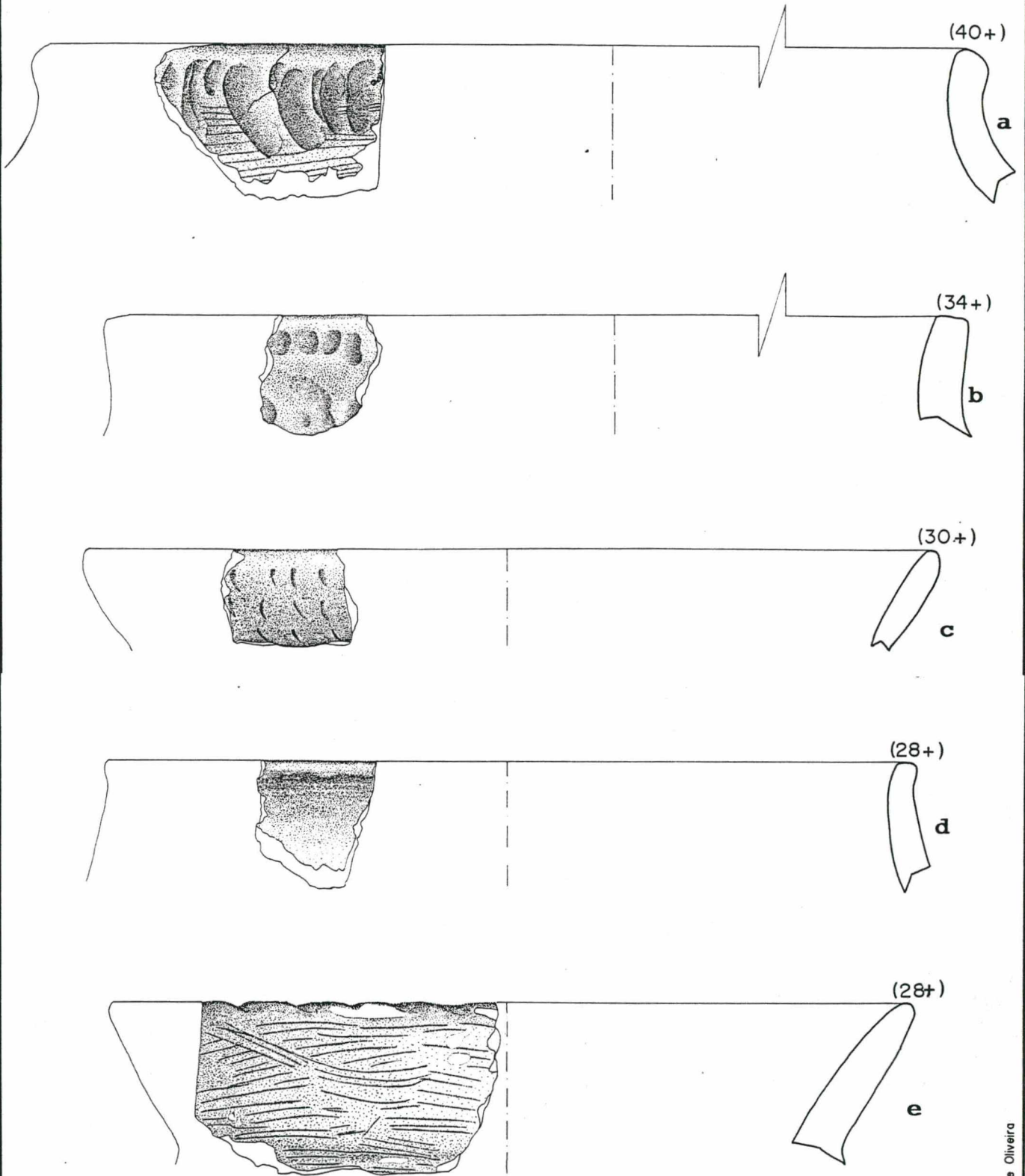
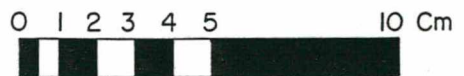


Fig. 5



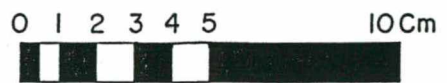
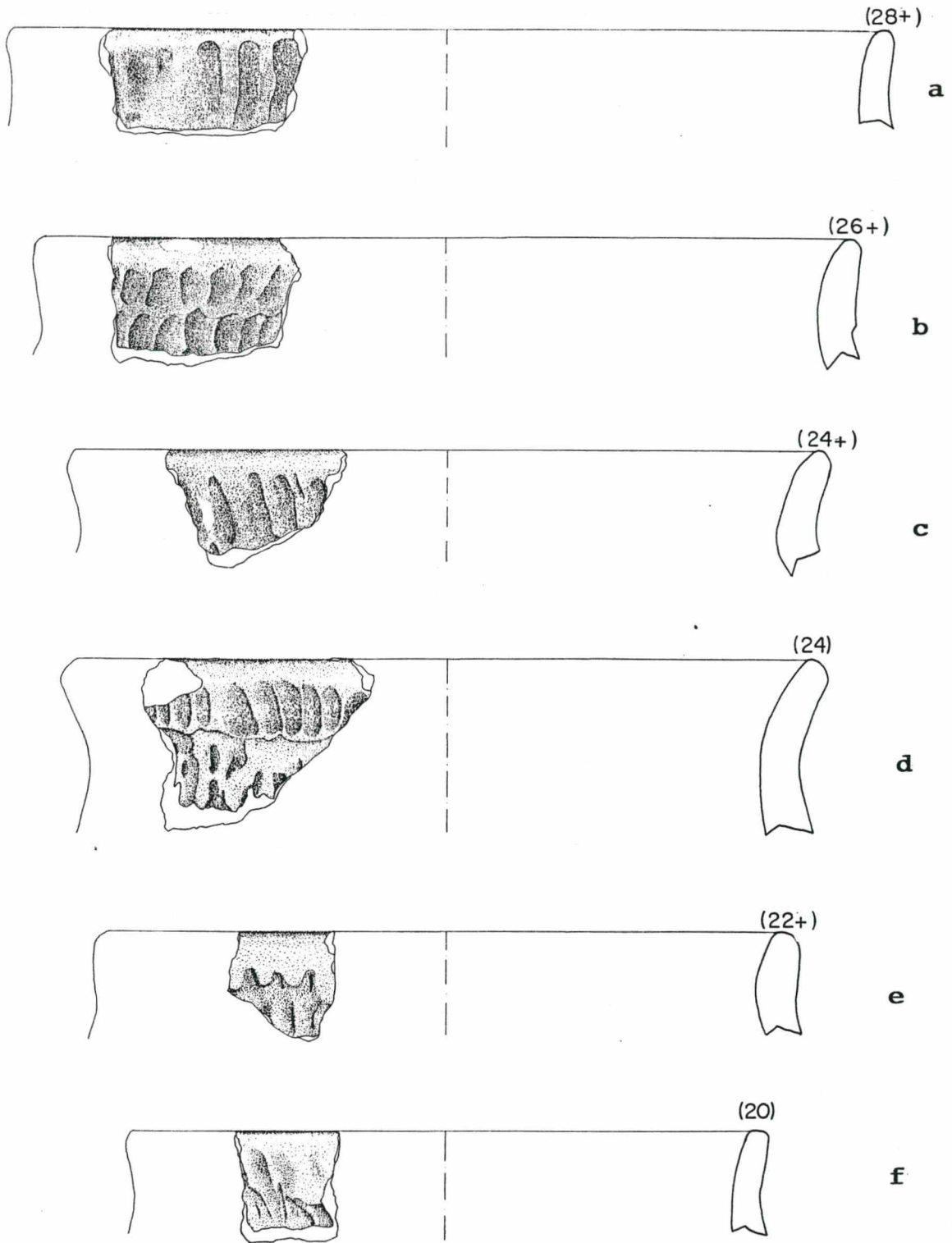
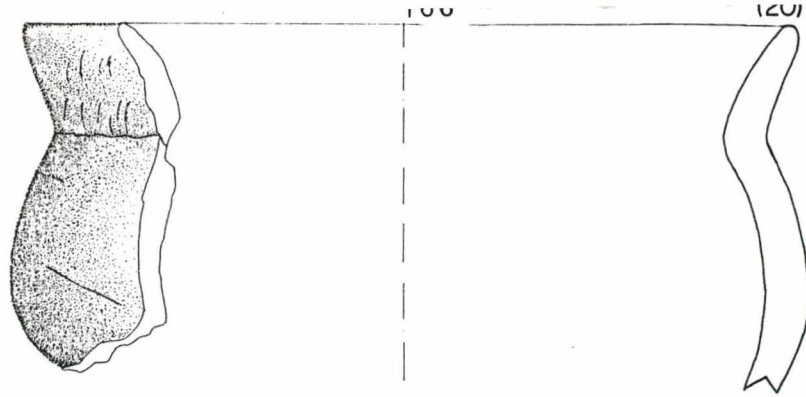
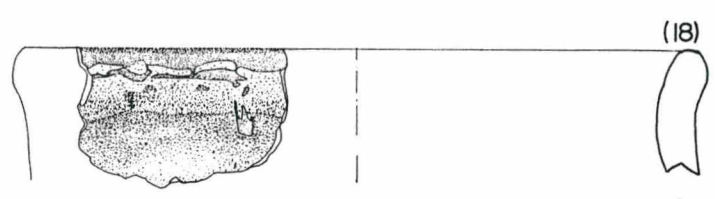


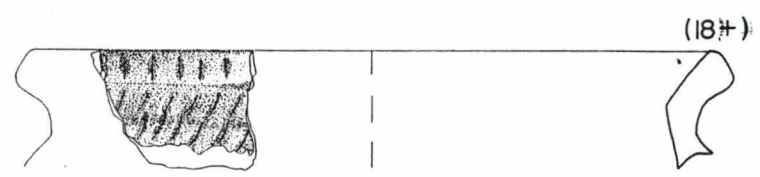
Fig. 6



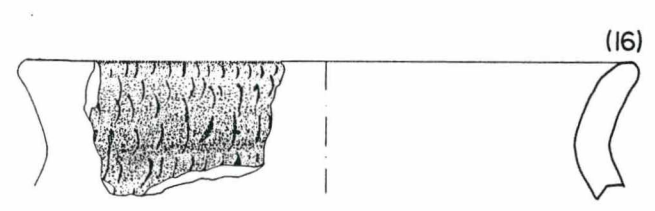
a



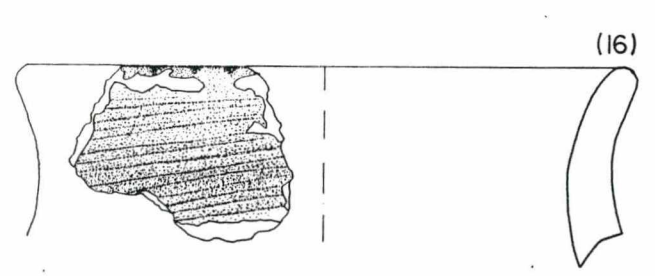
b



c

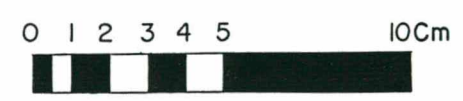


d



e

Fig. 7



Desenho: Carlos César Reis de Oliveira

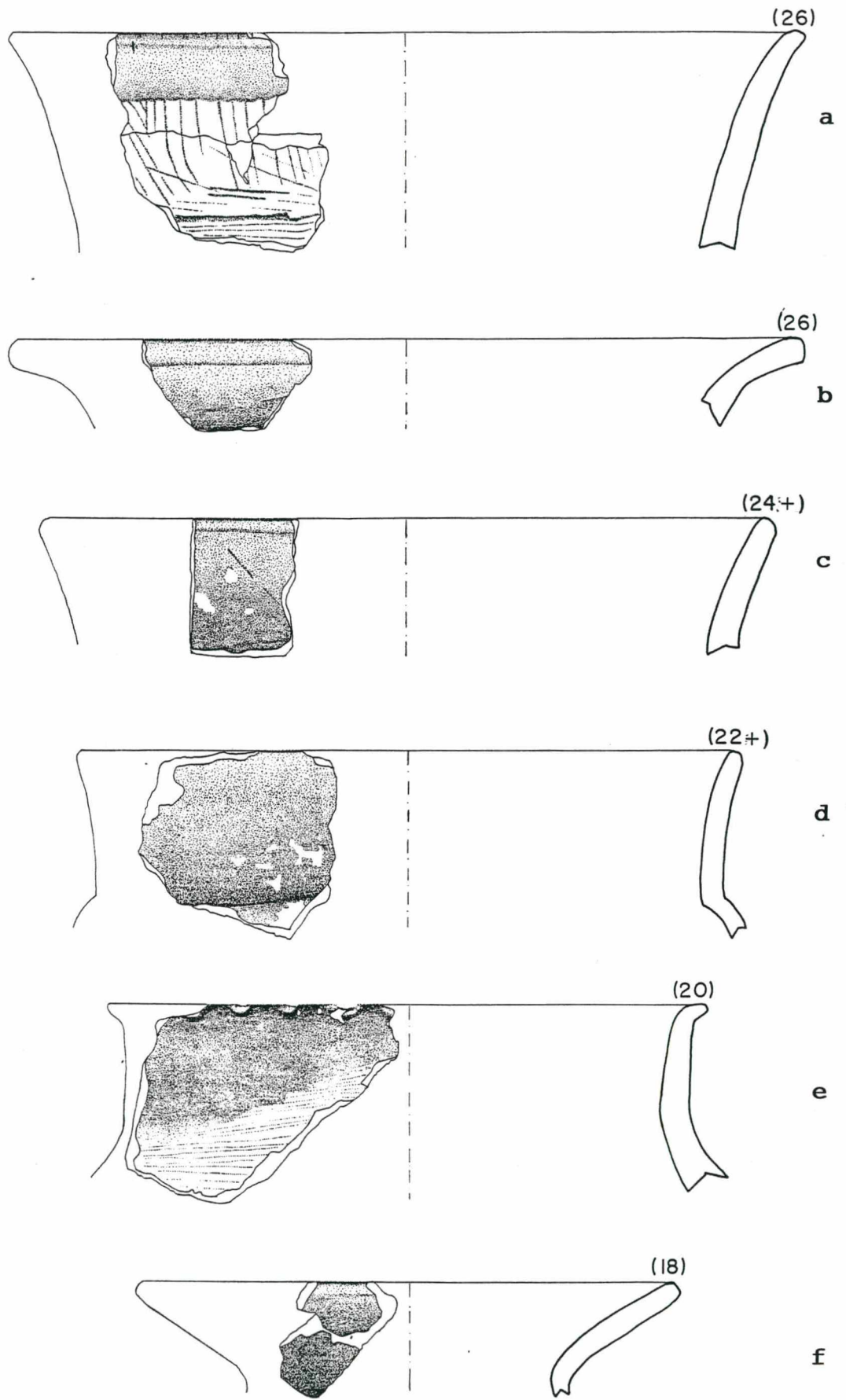
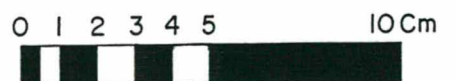


Fig. 8



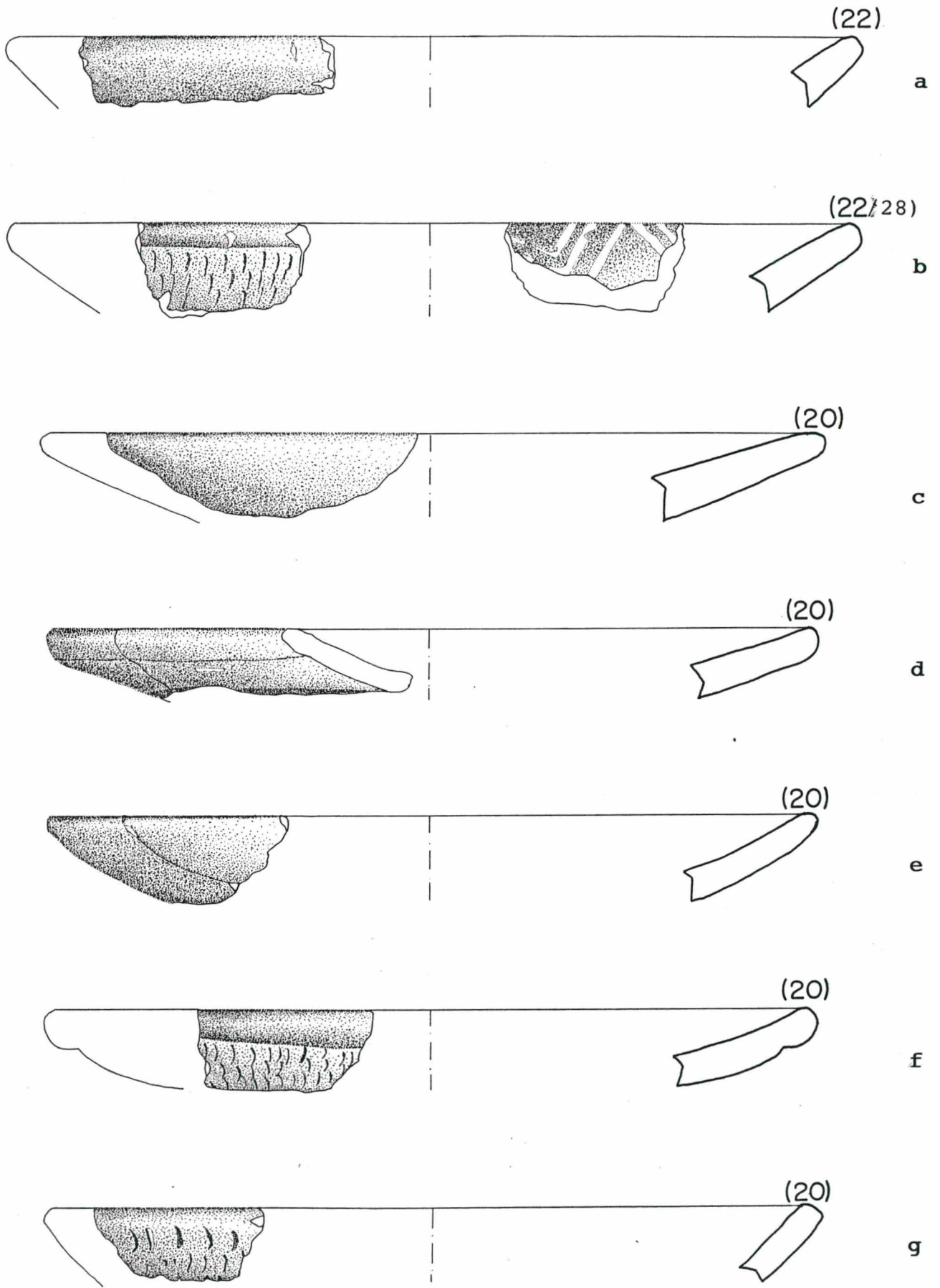


Fig. 9

0 1 2 3 4 5

10Cm



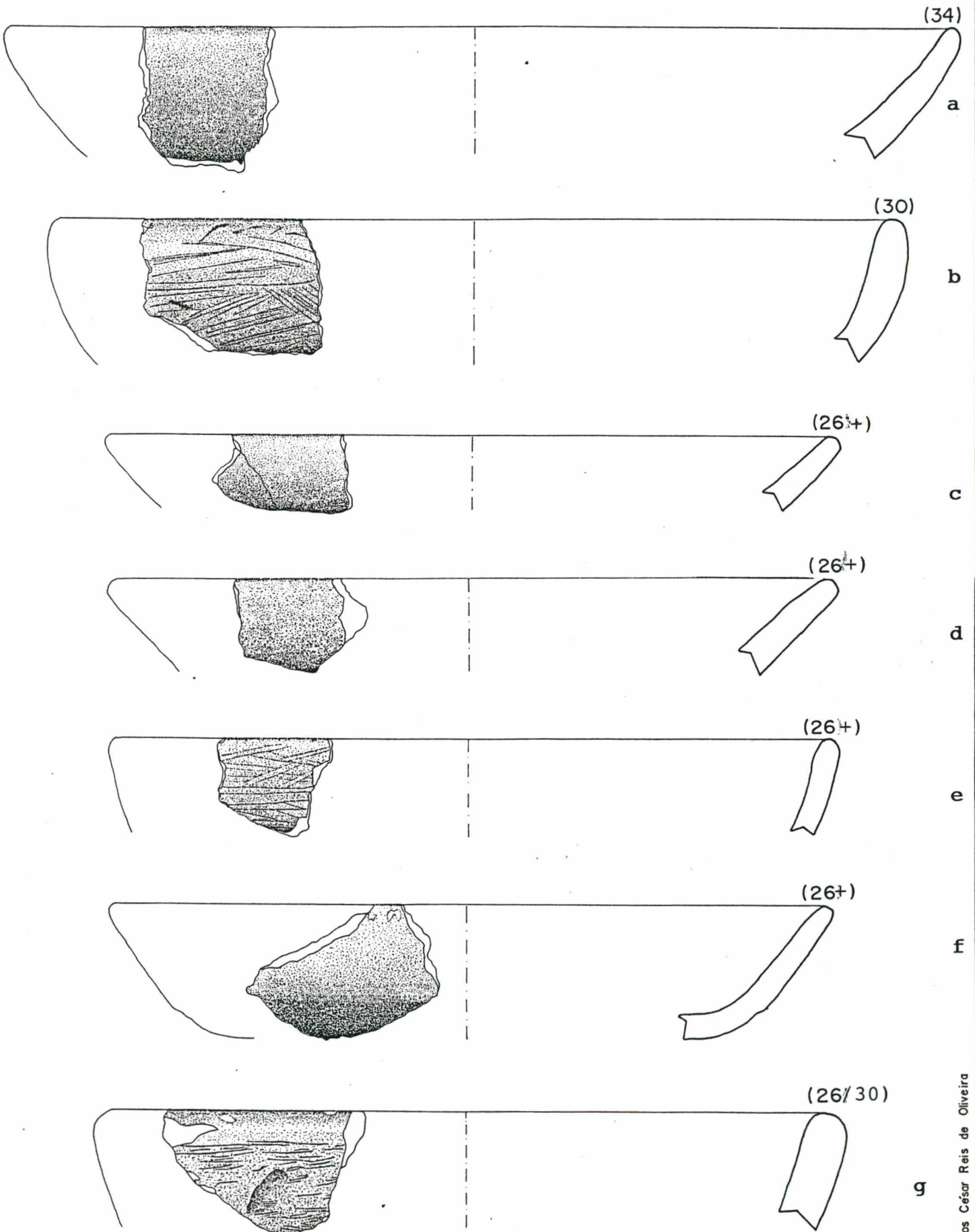
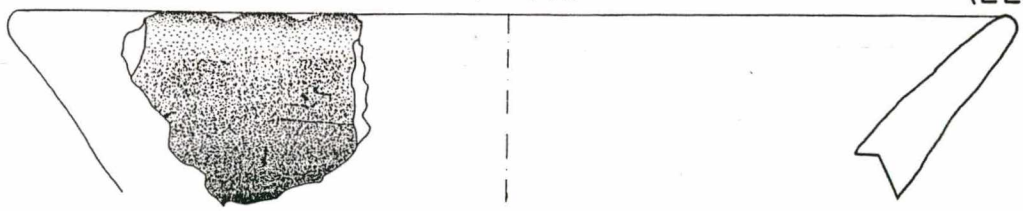


Fig. 10

0 1 2 3 4 5 10Cm

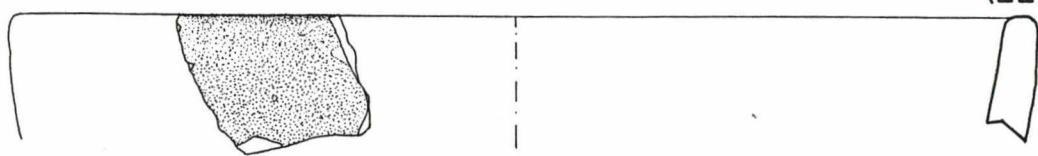




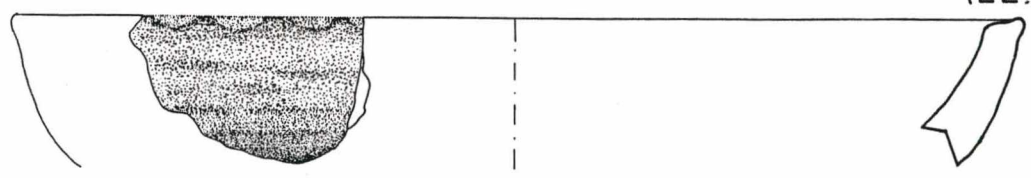
a



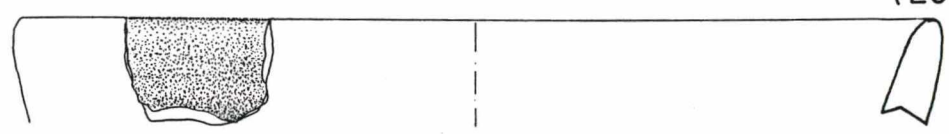
b



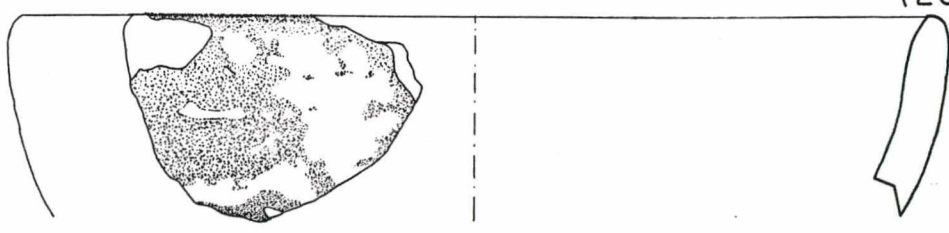
c



d



e



f

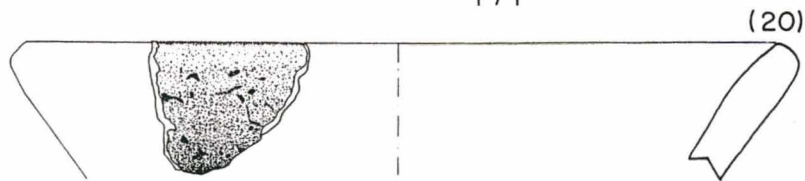


g

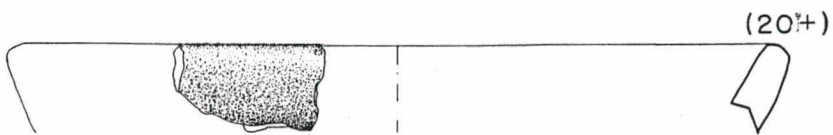
Fig. 11

0 1 2 3 4 5 10 Cm





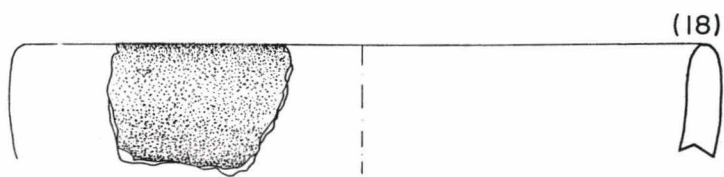
a



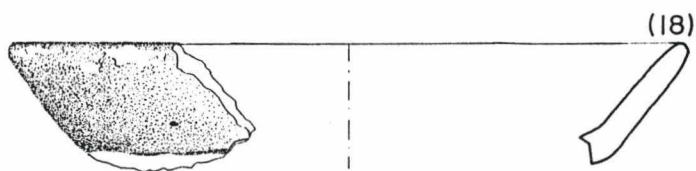
b



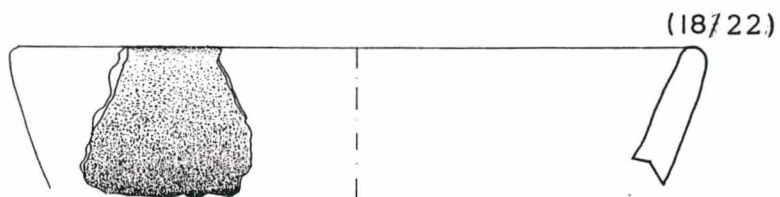
c



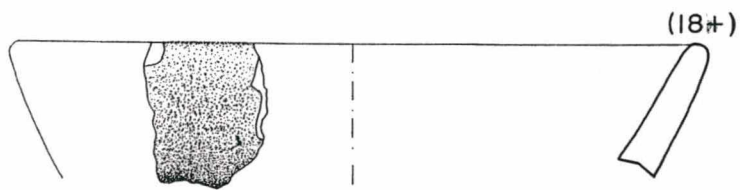
d



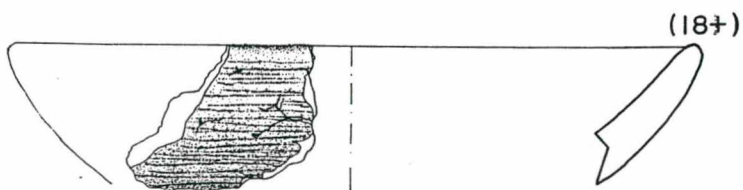
e



f



g



h

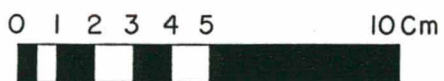


Fig. 12

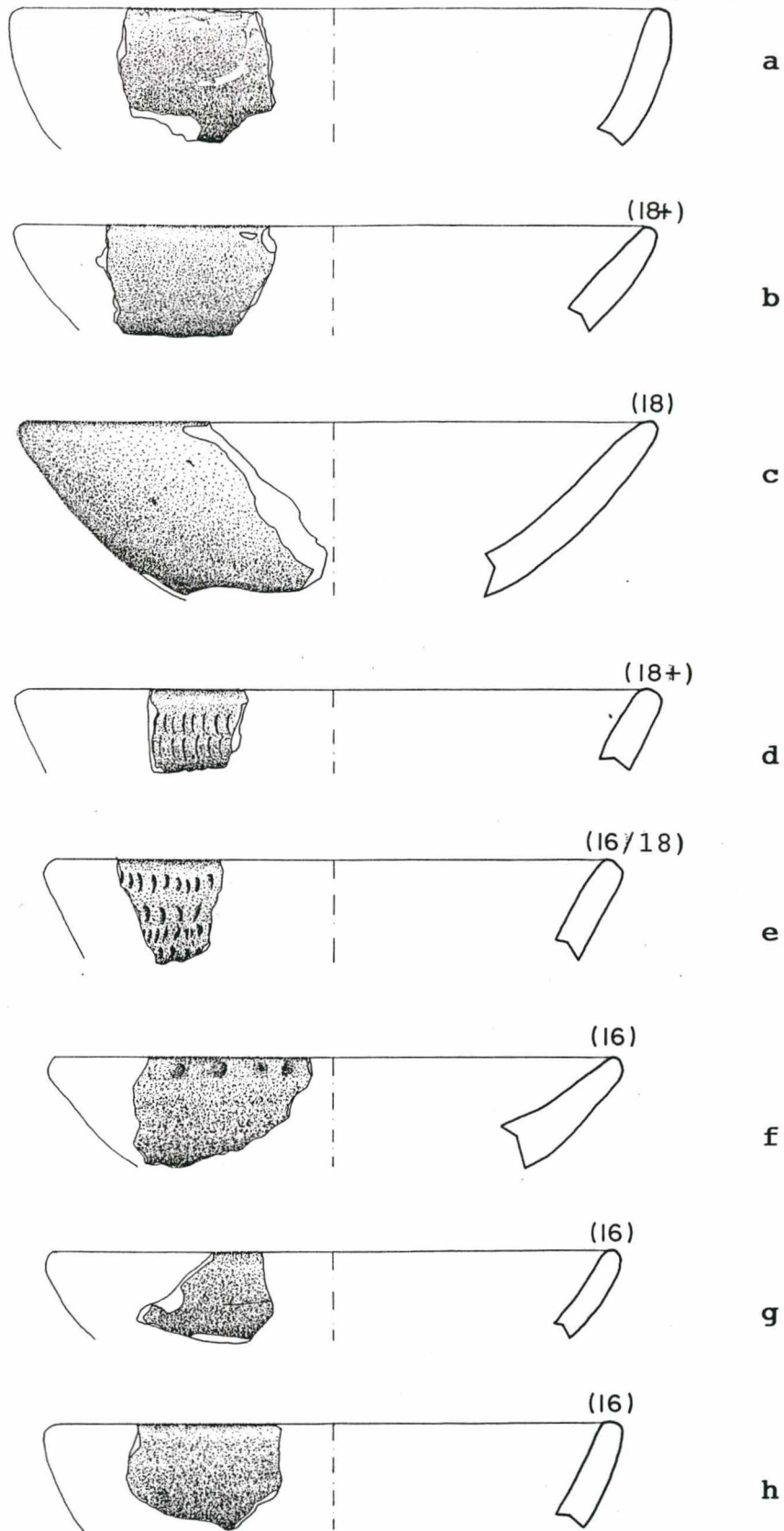
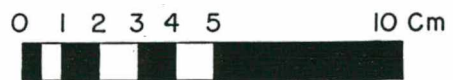


Fig. 13



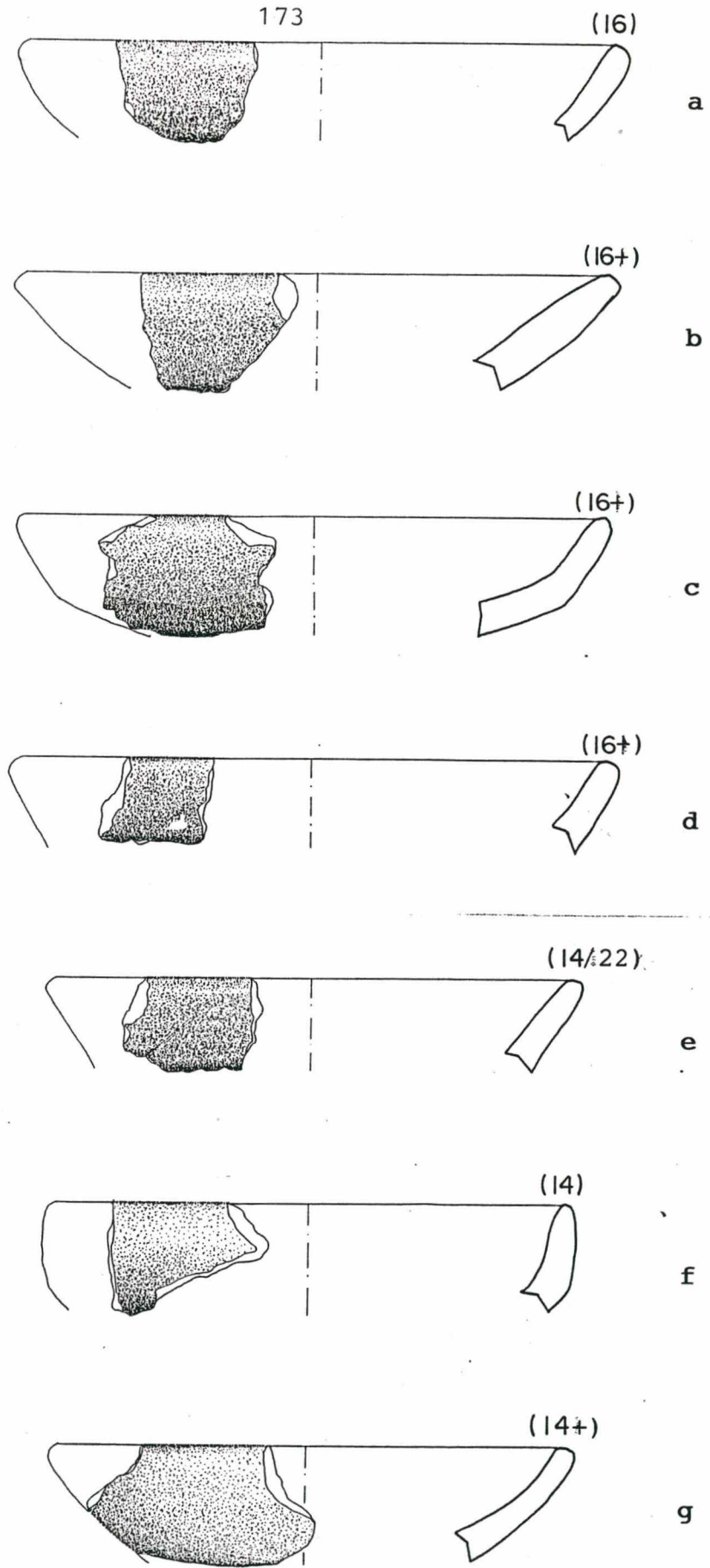
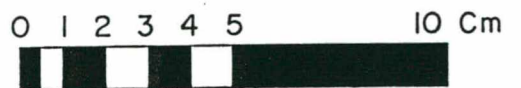
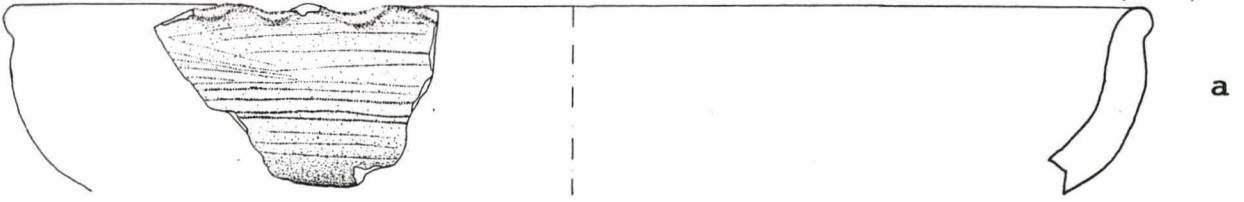


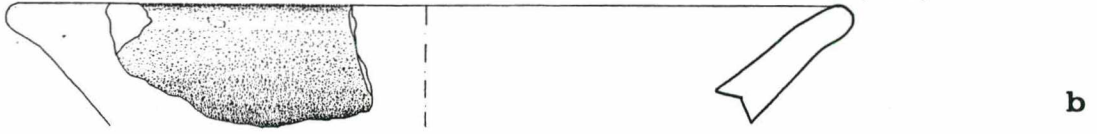
Fig. 14



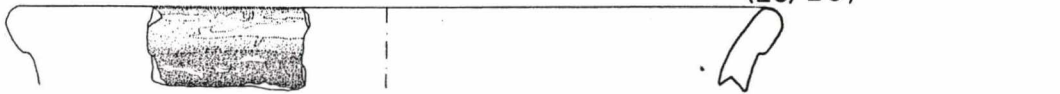
(30+)



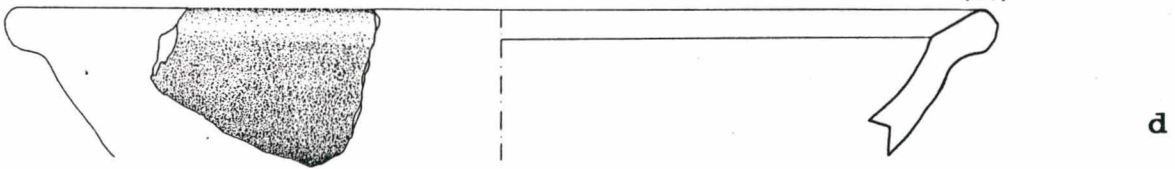
(22/24)



(20/28)



(26)



(20±)

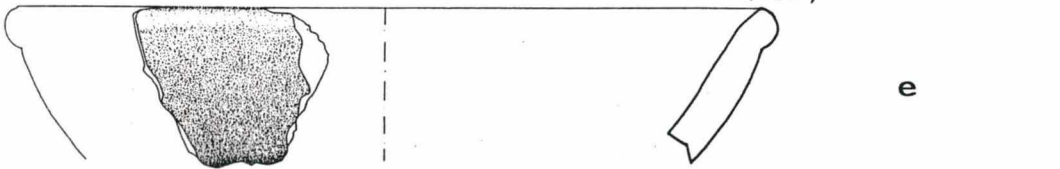
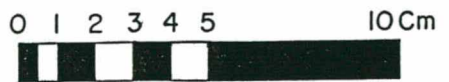


Fig. 15



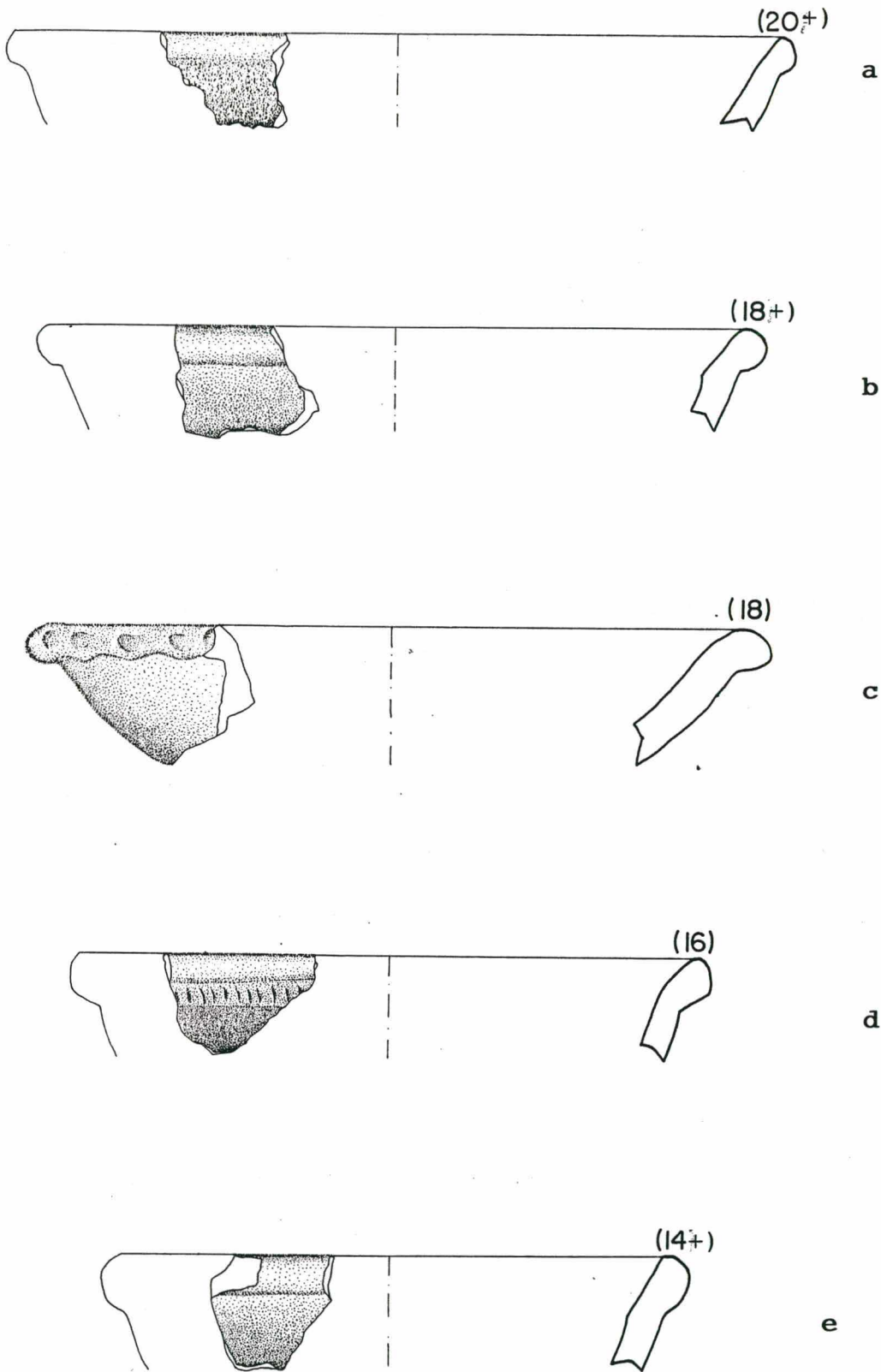
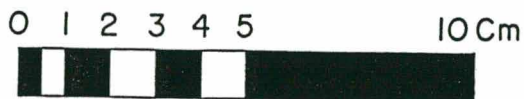


Fig. 16



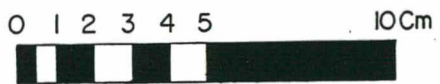
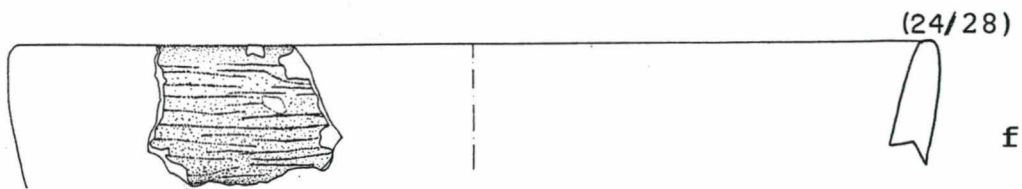
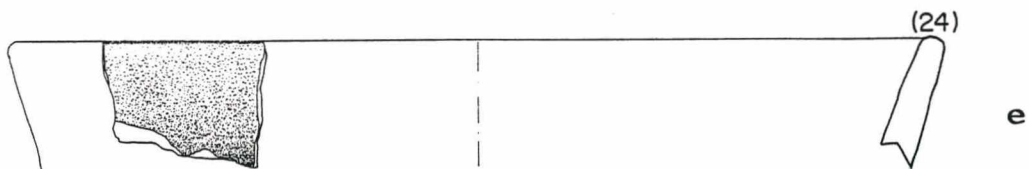
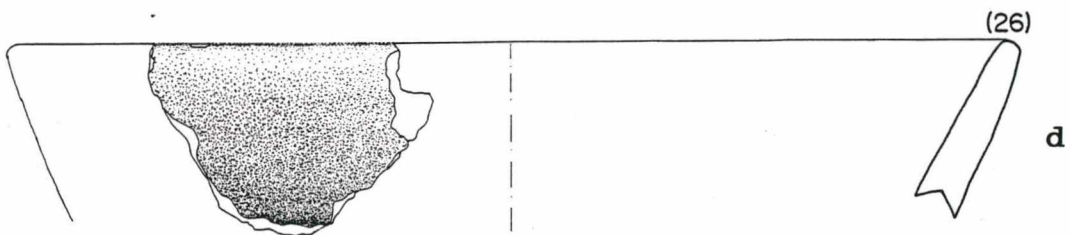
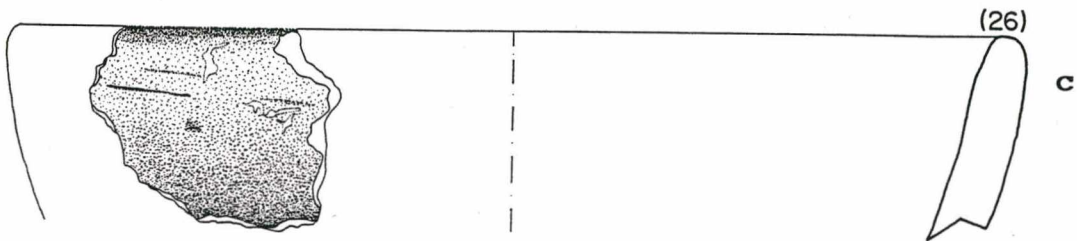
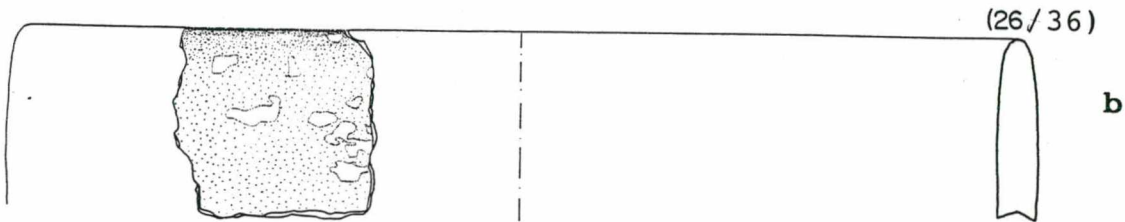
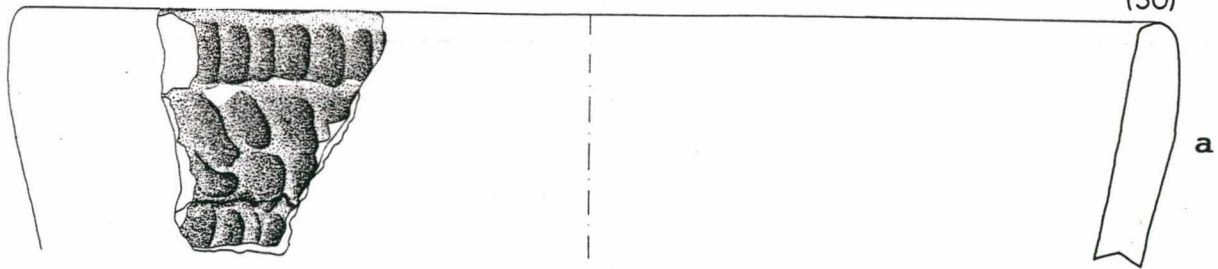
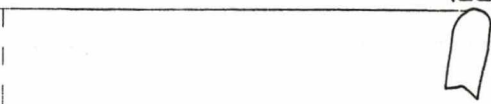
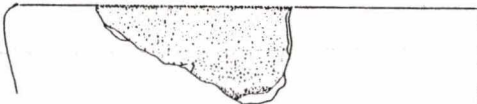


Fig. 17

(22+)



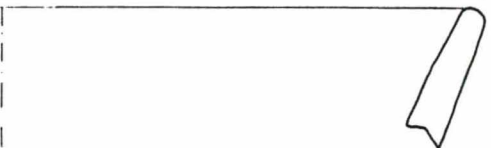
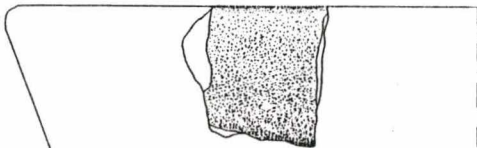
a

(22+)



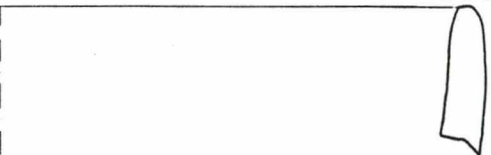
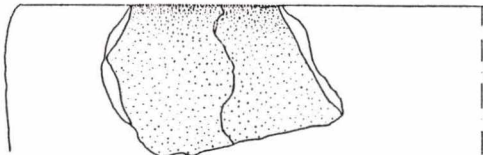
b

(22+)



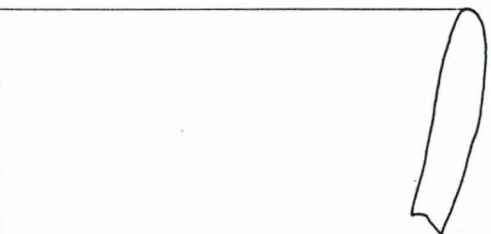
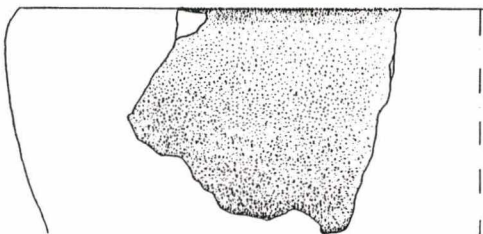
c

(22+)



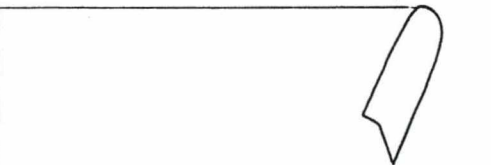
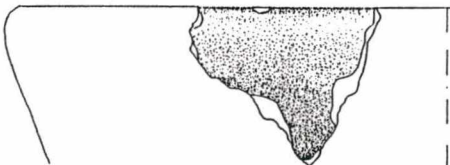
d

(22+)



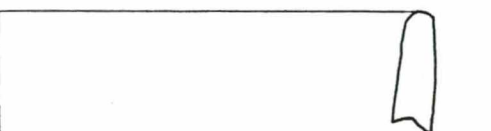
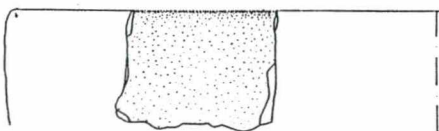
e

(20+)



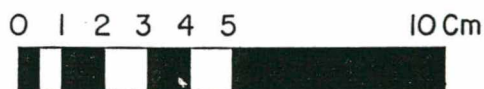
f

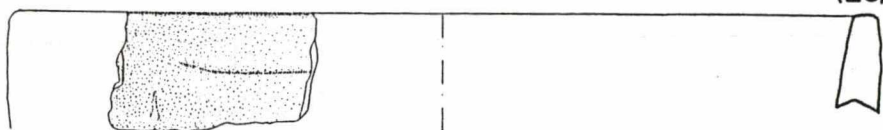
(20+)



g

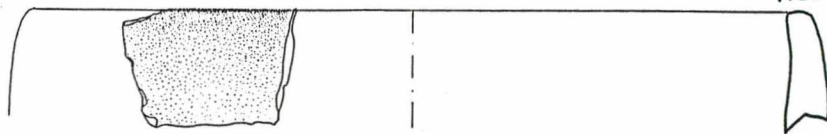
Fig. 18





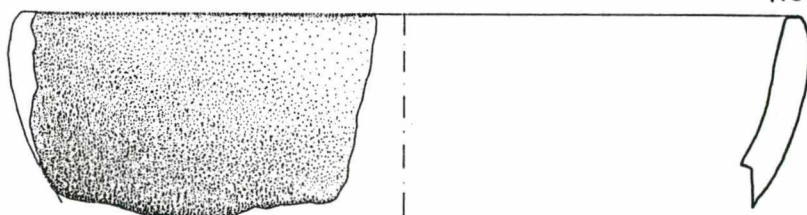
a

(18:±)



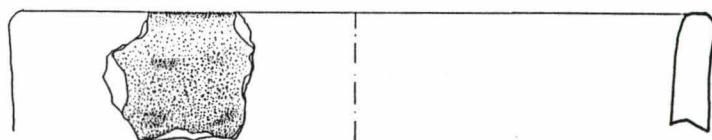
b

(18)



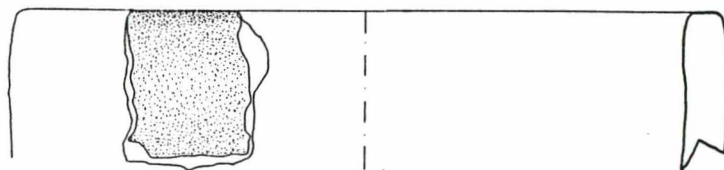
c

(16:±)



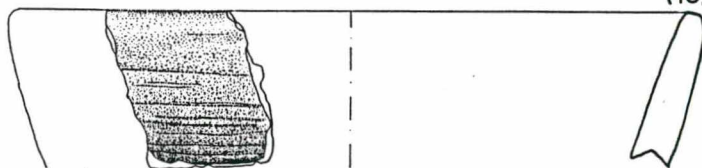
d

(16:±)



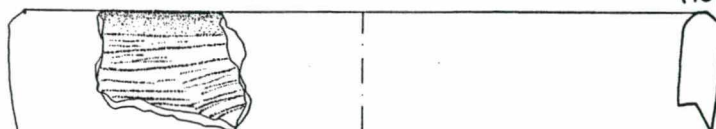
e

(16:±)



f

(16)



g

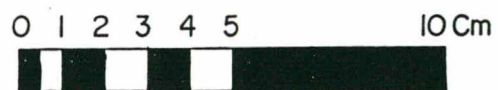
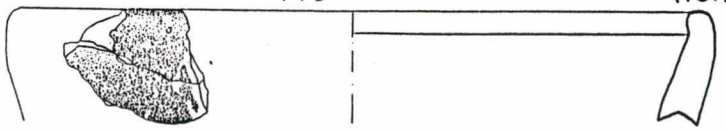
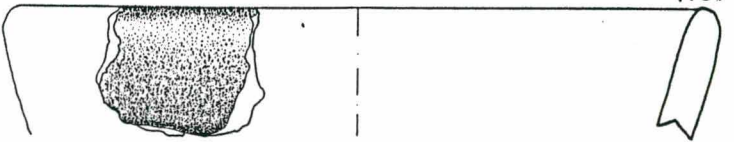


Fig. 19



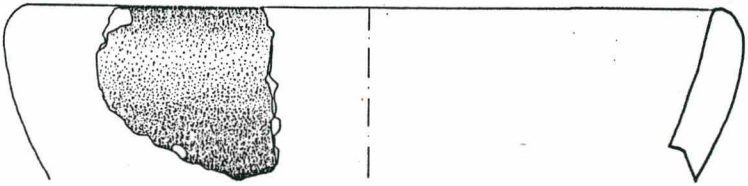
a

(16+)



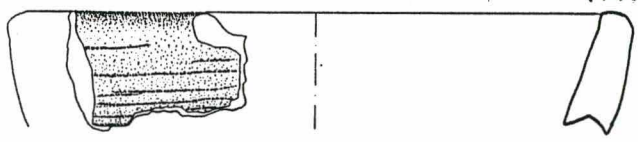
b

(16)



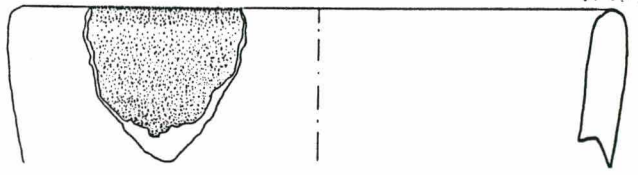
c

(14+)



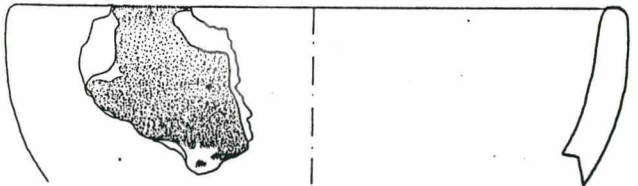
d

(14+)



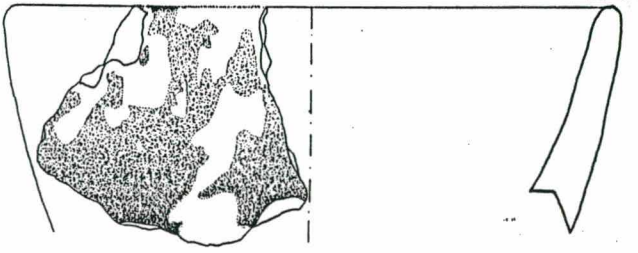
e

(14+)



f

(14/18)



g

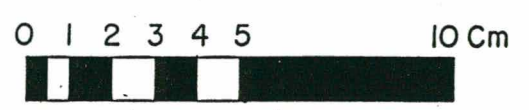
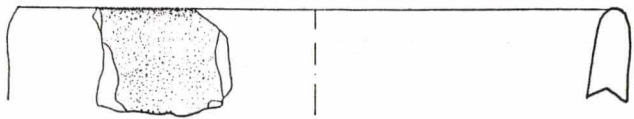
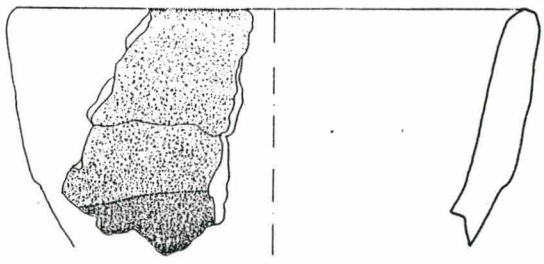


Fig. 20



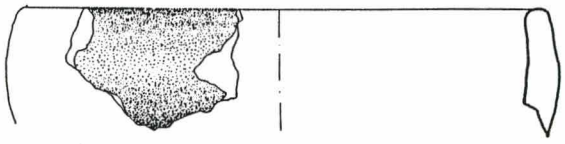
a

(12+)



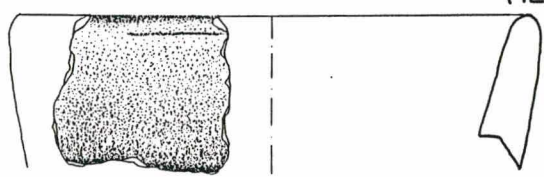
b

(12)



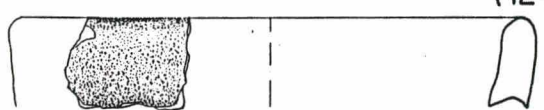
c

(12)



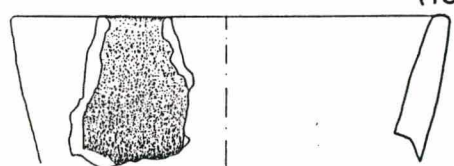
d

(12+)



e

(10+)



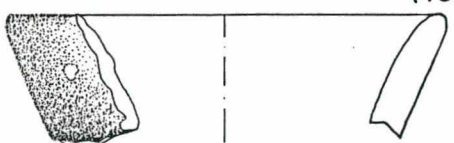
f

(10+)



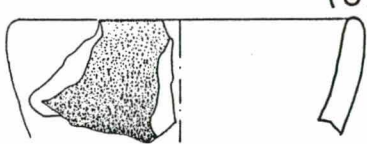
g

(10)



h

(8+)



i

(6)



j

0 1 2 3 4 5

10Cm

Fig 21

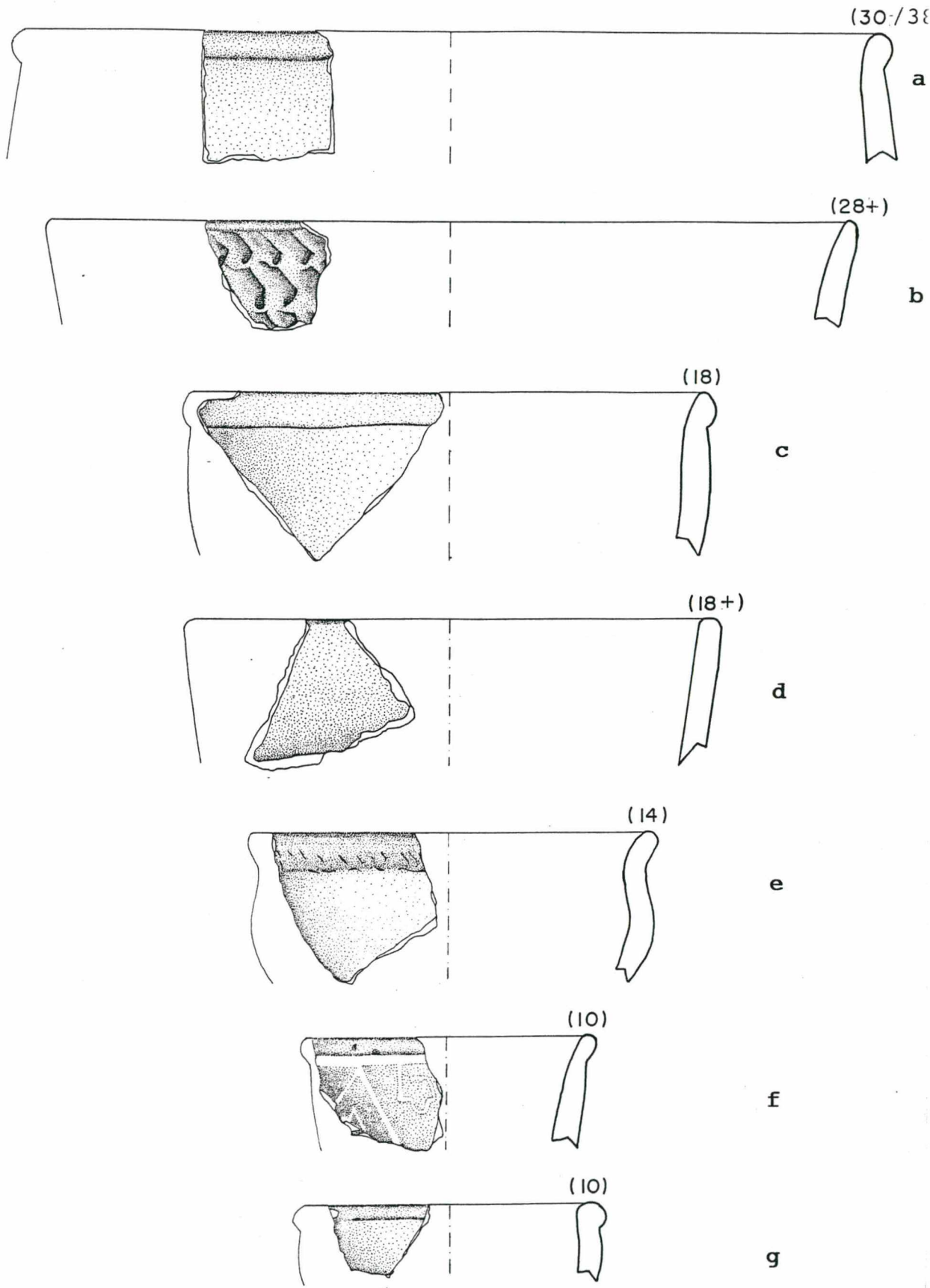
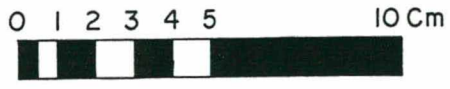
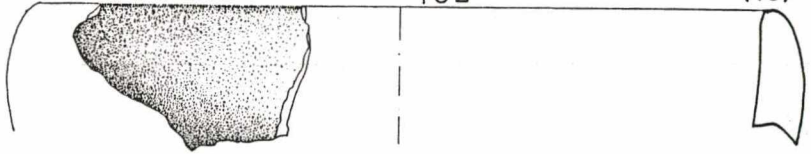


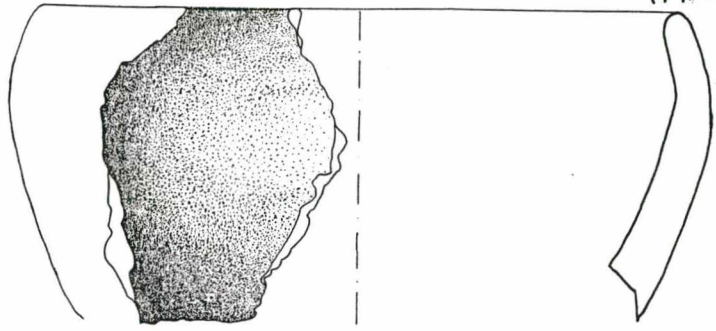
Fig. 22





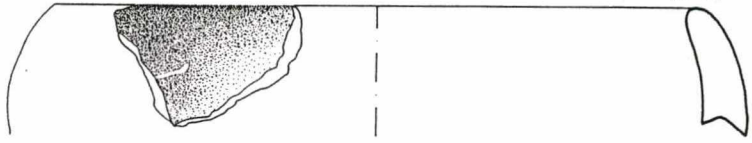
a

(14/18)



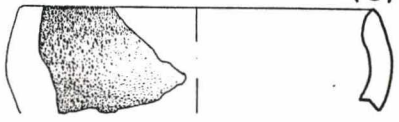
b

(14)



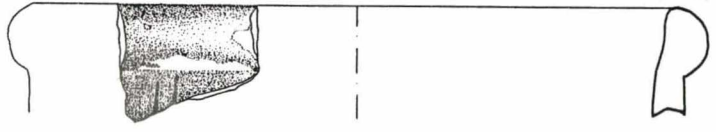
c

(8)



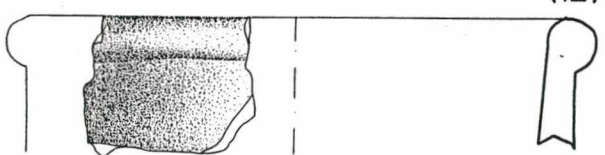
d

(14)



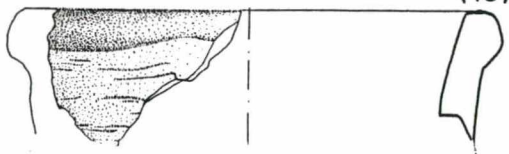
e

(12)



f

(10)



g

0 1 2 3 4 5 10Cm



Fig. 23

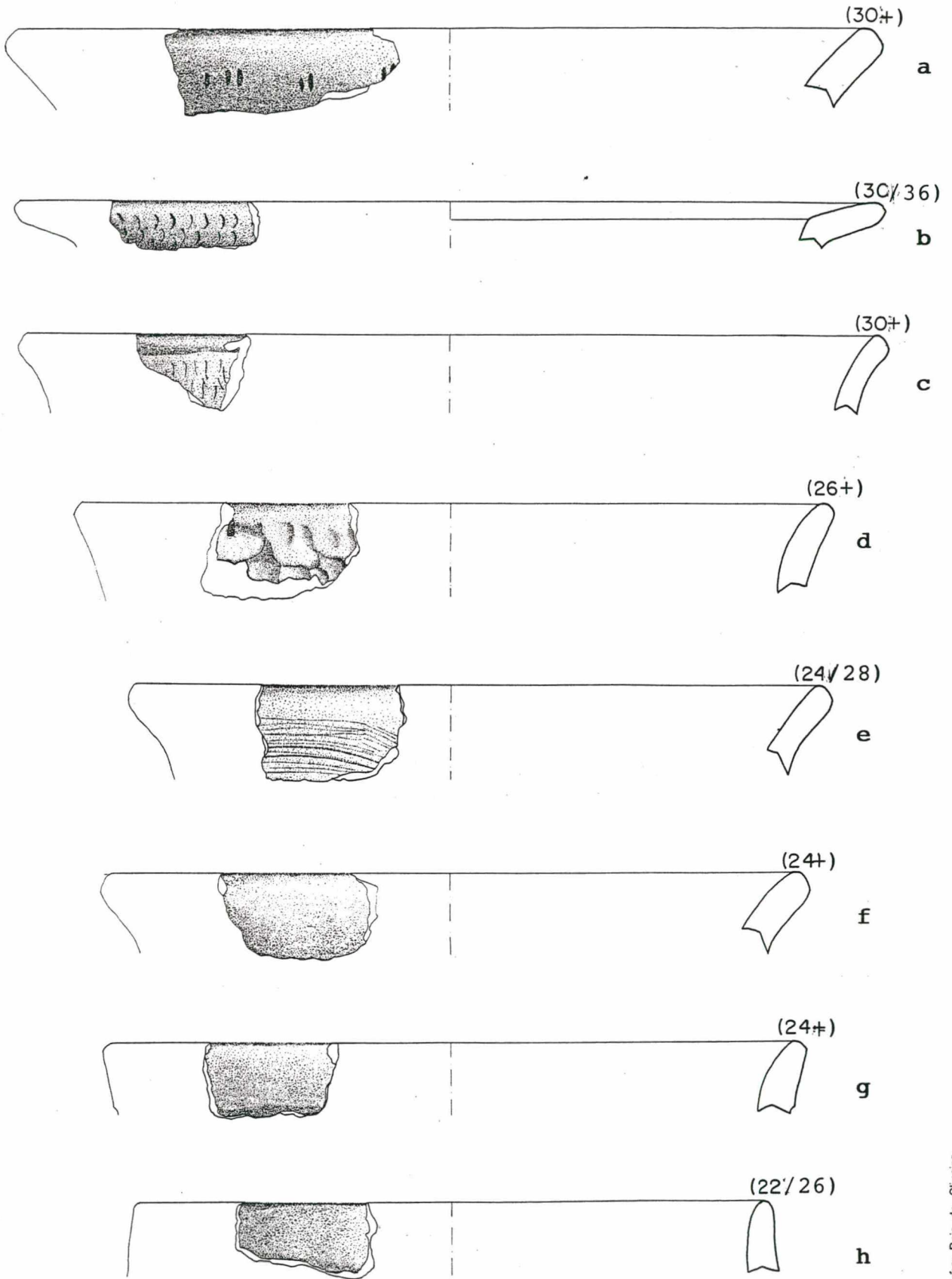
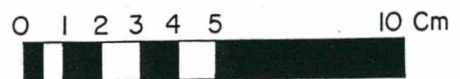


Fig. 24



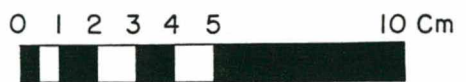
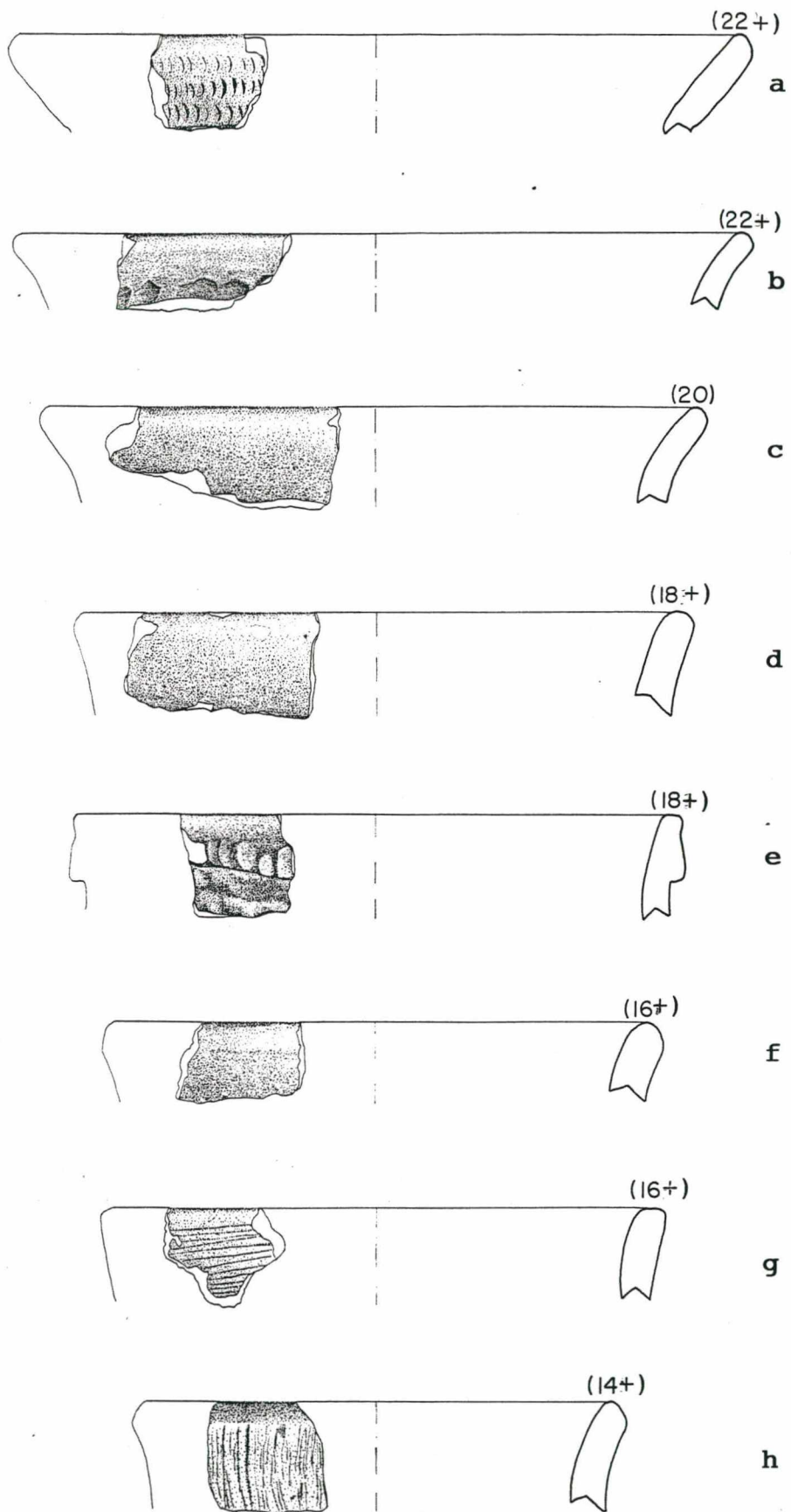


Fig. 25

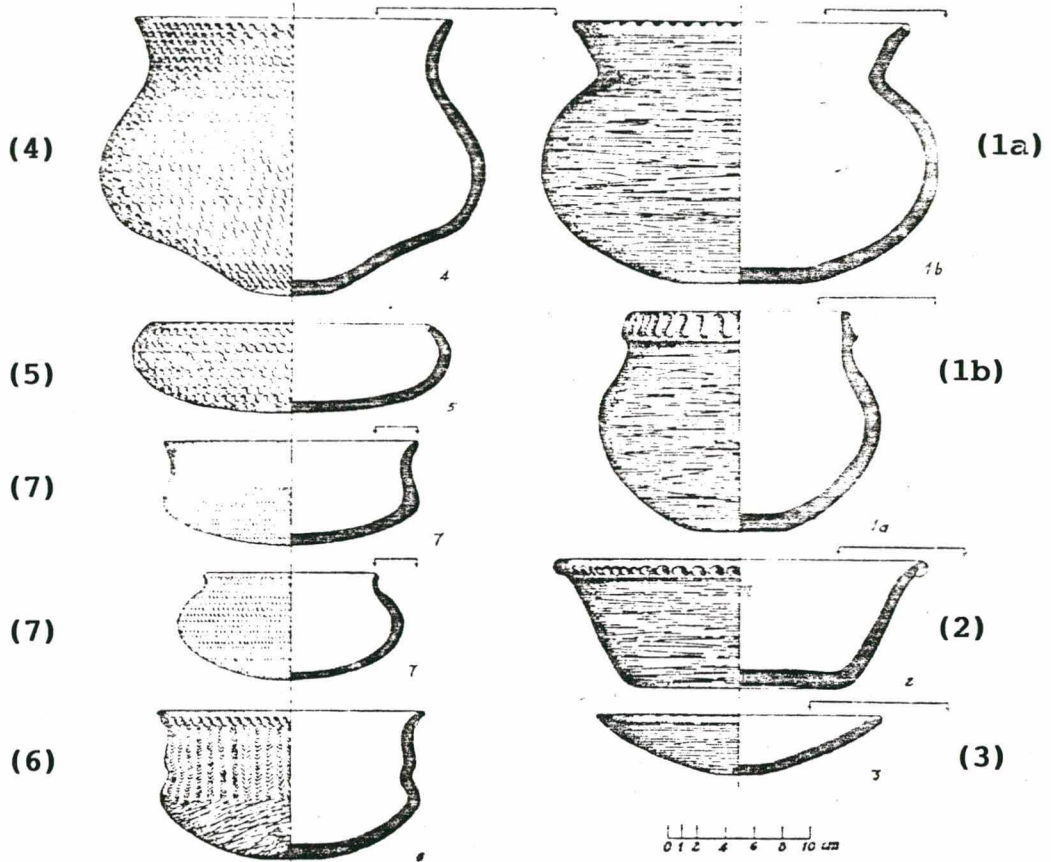
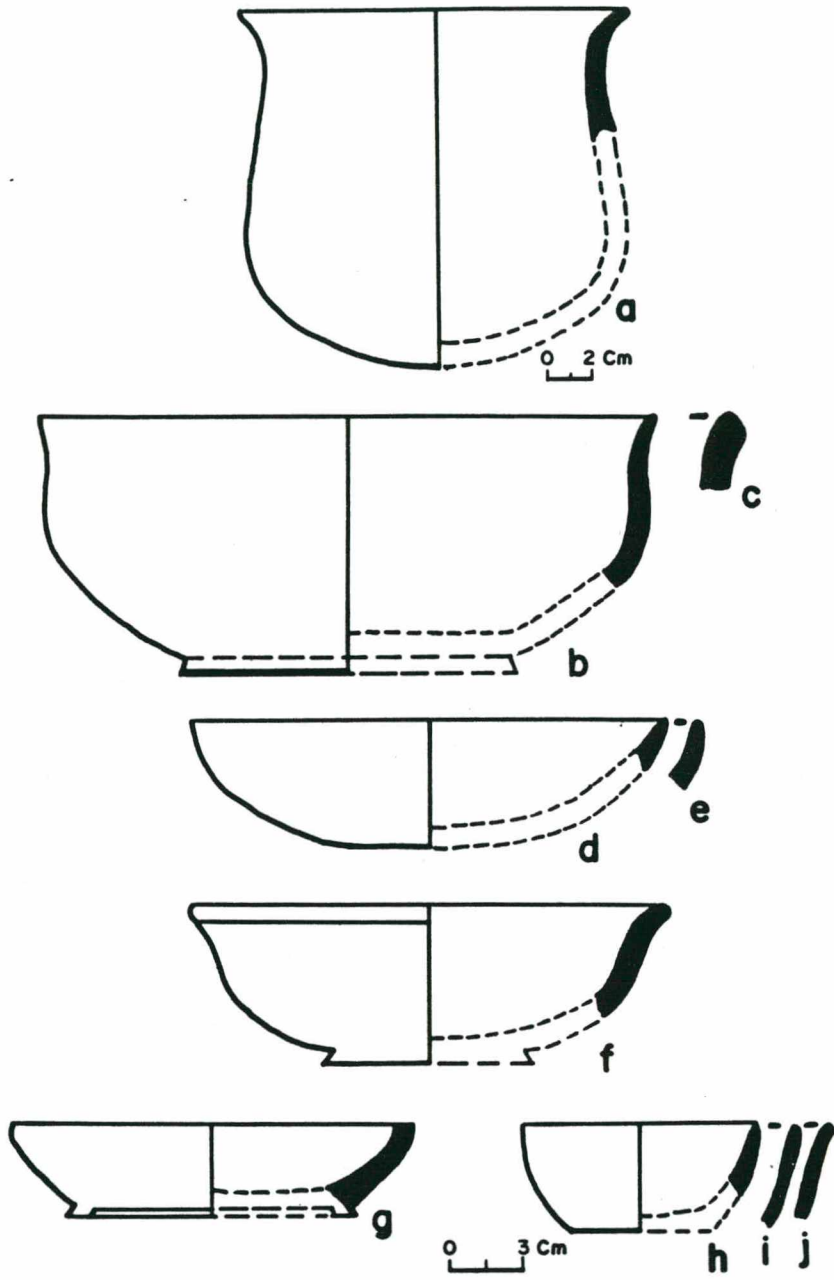


Fig. 1 — Série Ijuí: 1 a 3 Formas do tipo Ijuí Escovado; 4 e 5 Ijuí Corrugado; 6 Ijuí Serrungulado; 7 Ijuí Ungulado.

Brochado, 1969: 205

Fig. 26



Ribeiro, 1989:150

Fig. 27

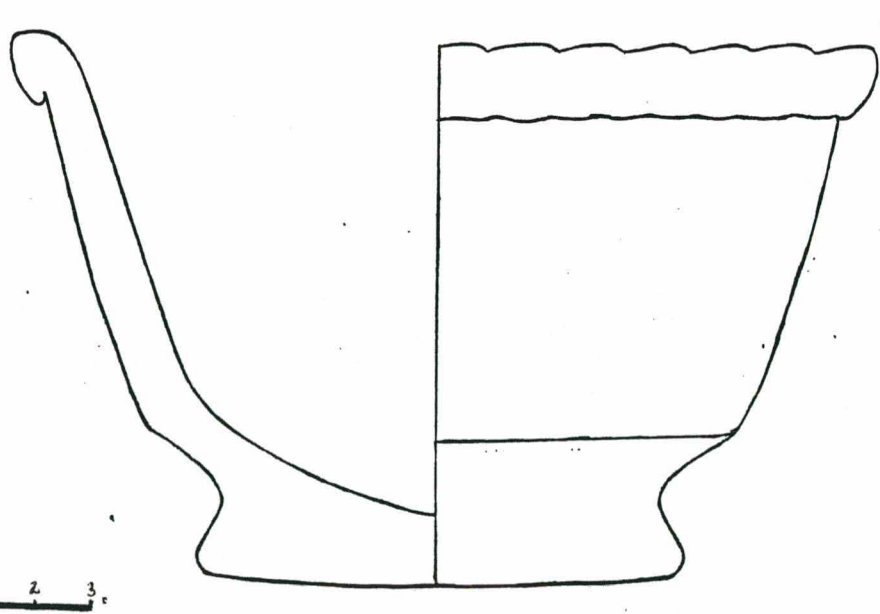
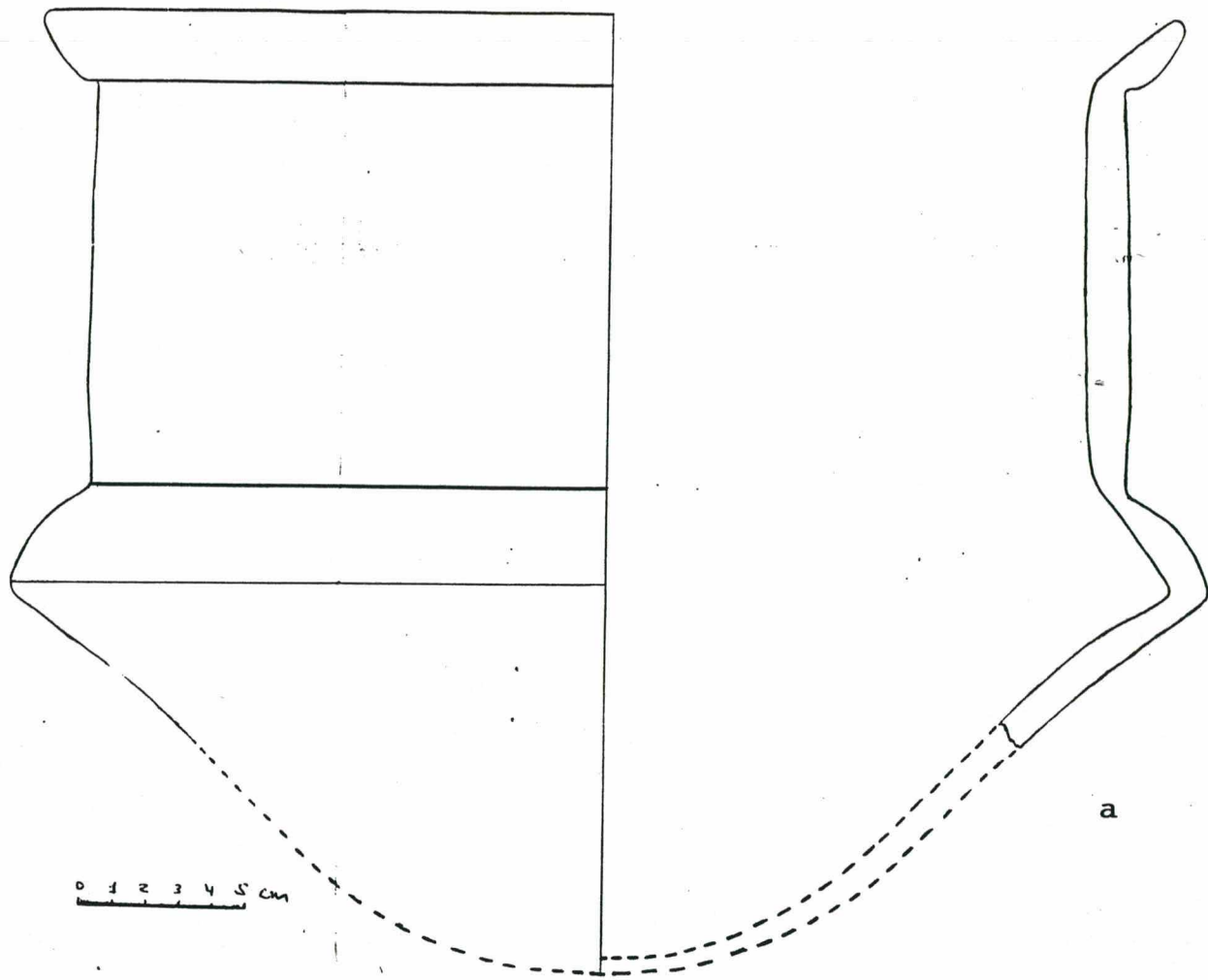


Fig. 28

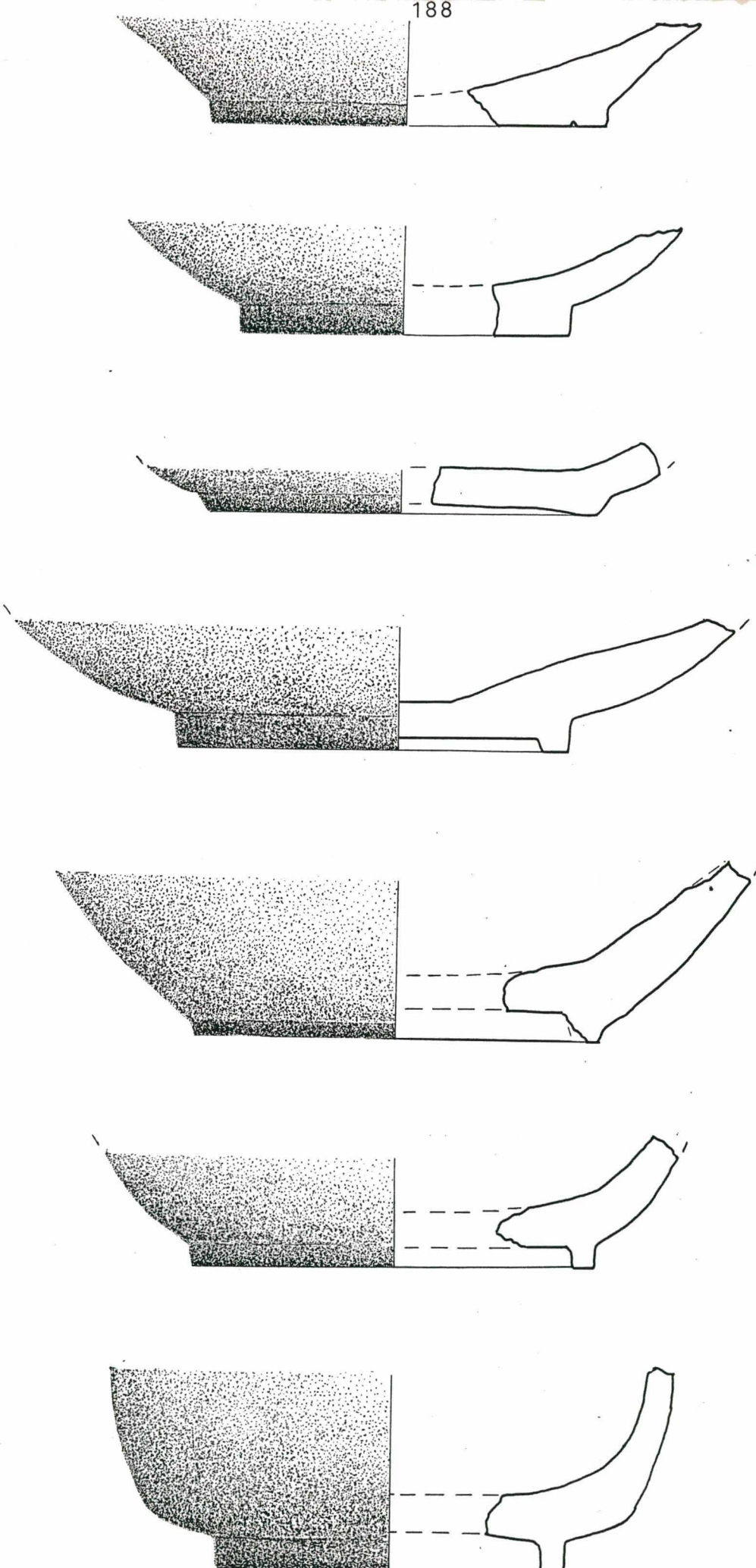
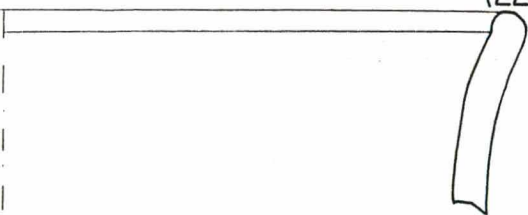
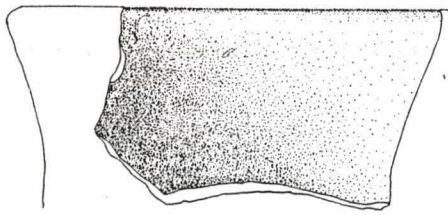


Fig. 29

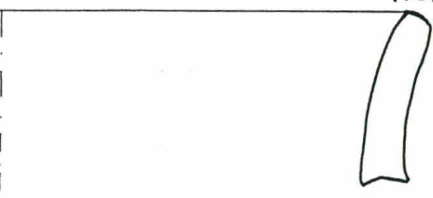
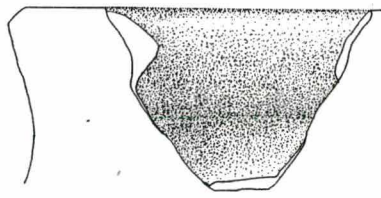
0 1 2 3 4 5 10 C





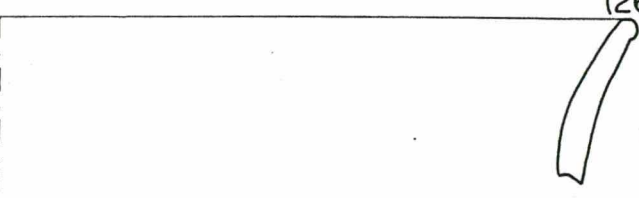
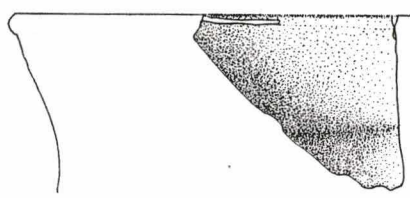
a

(18)



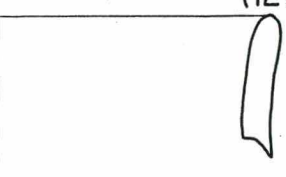
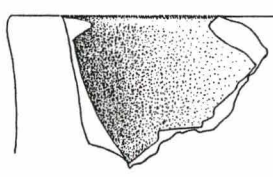
b

(26)



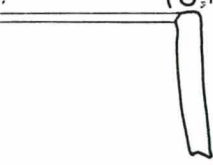
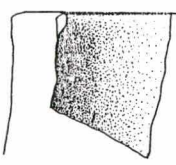
c

(12+)



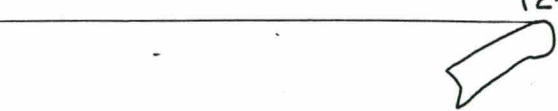
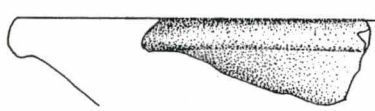
d

(8+)



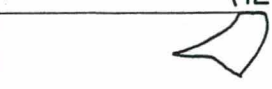
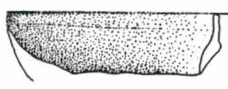
e

(24+)



f

(12)



0 1 2 3 4 5

10Cm



Fig. 30

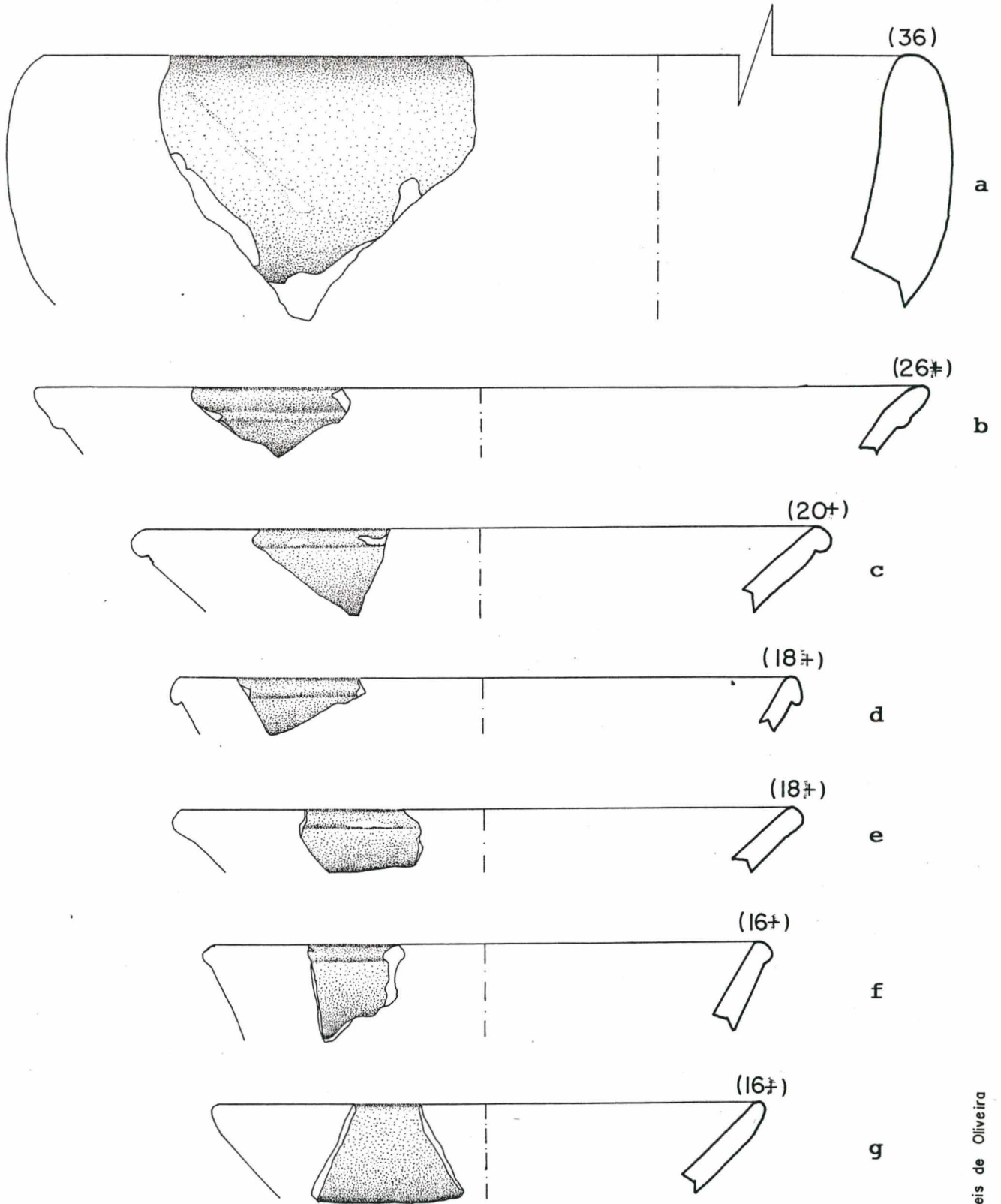
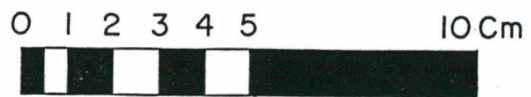


Fig. 31



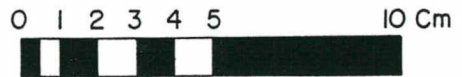
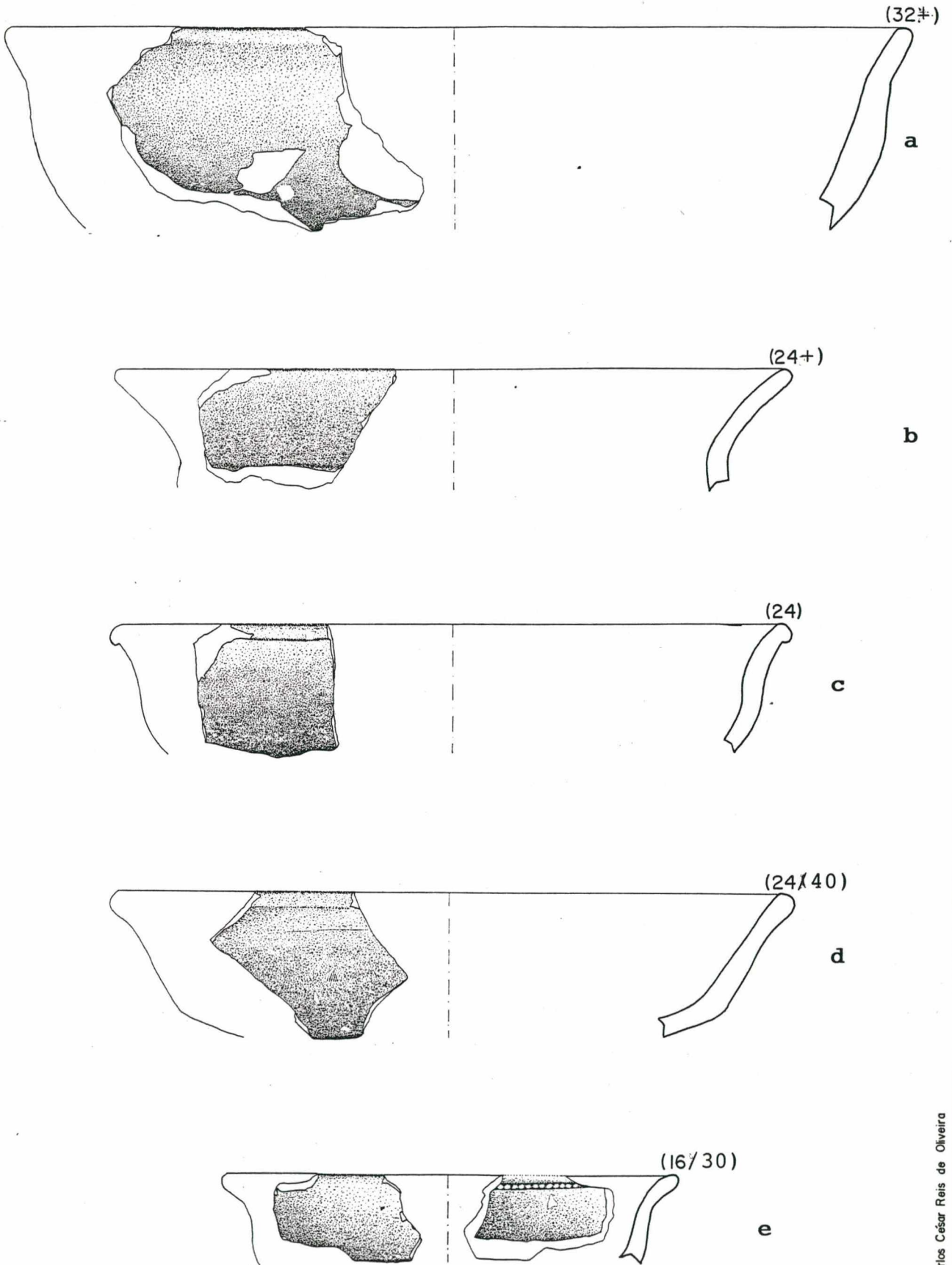


Fig. 32

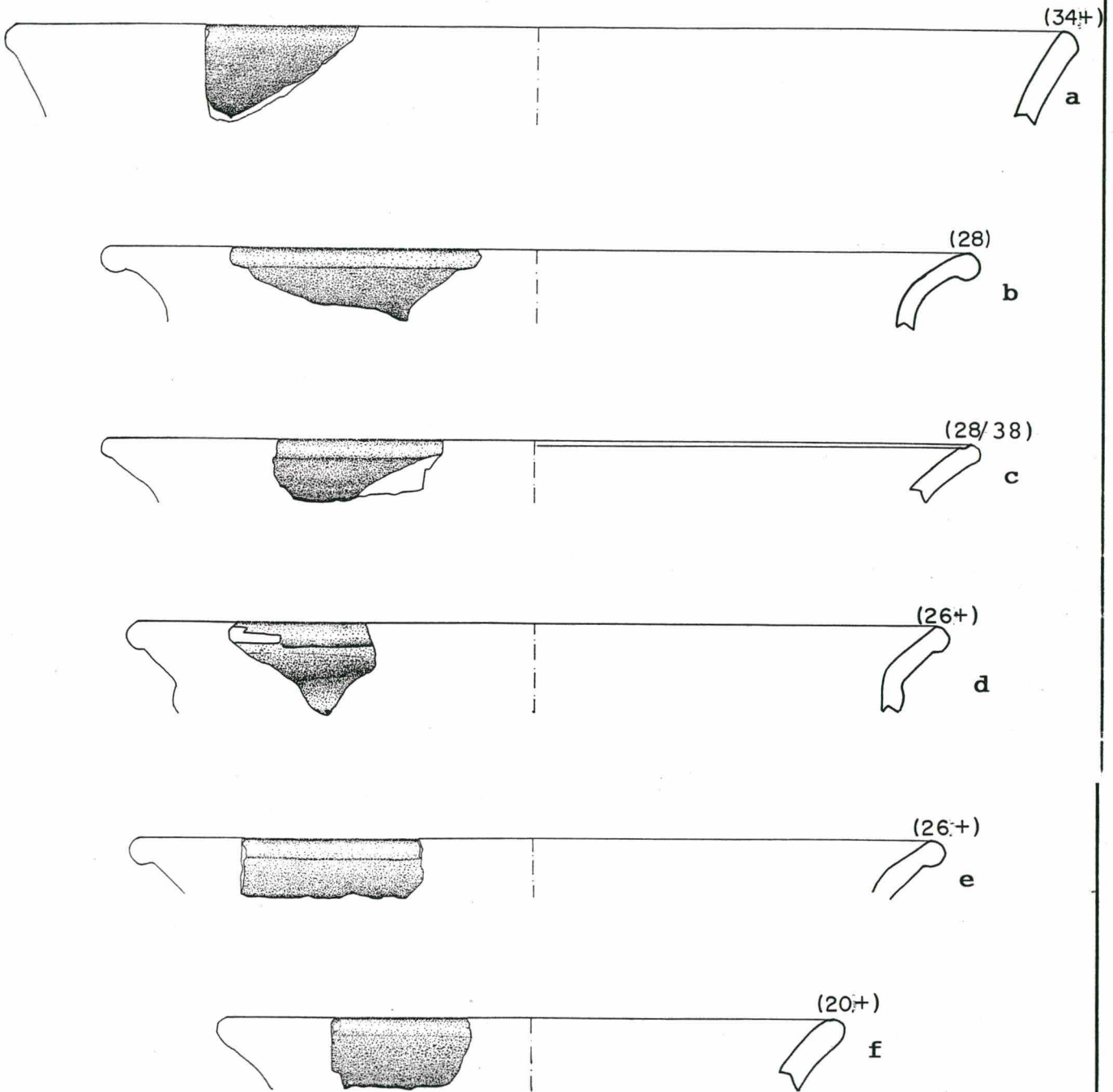
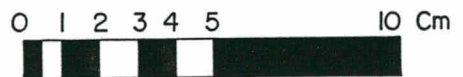


Fig- 33



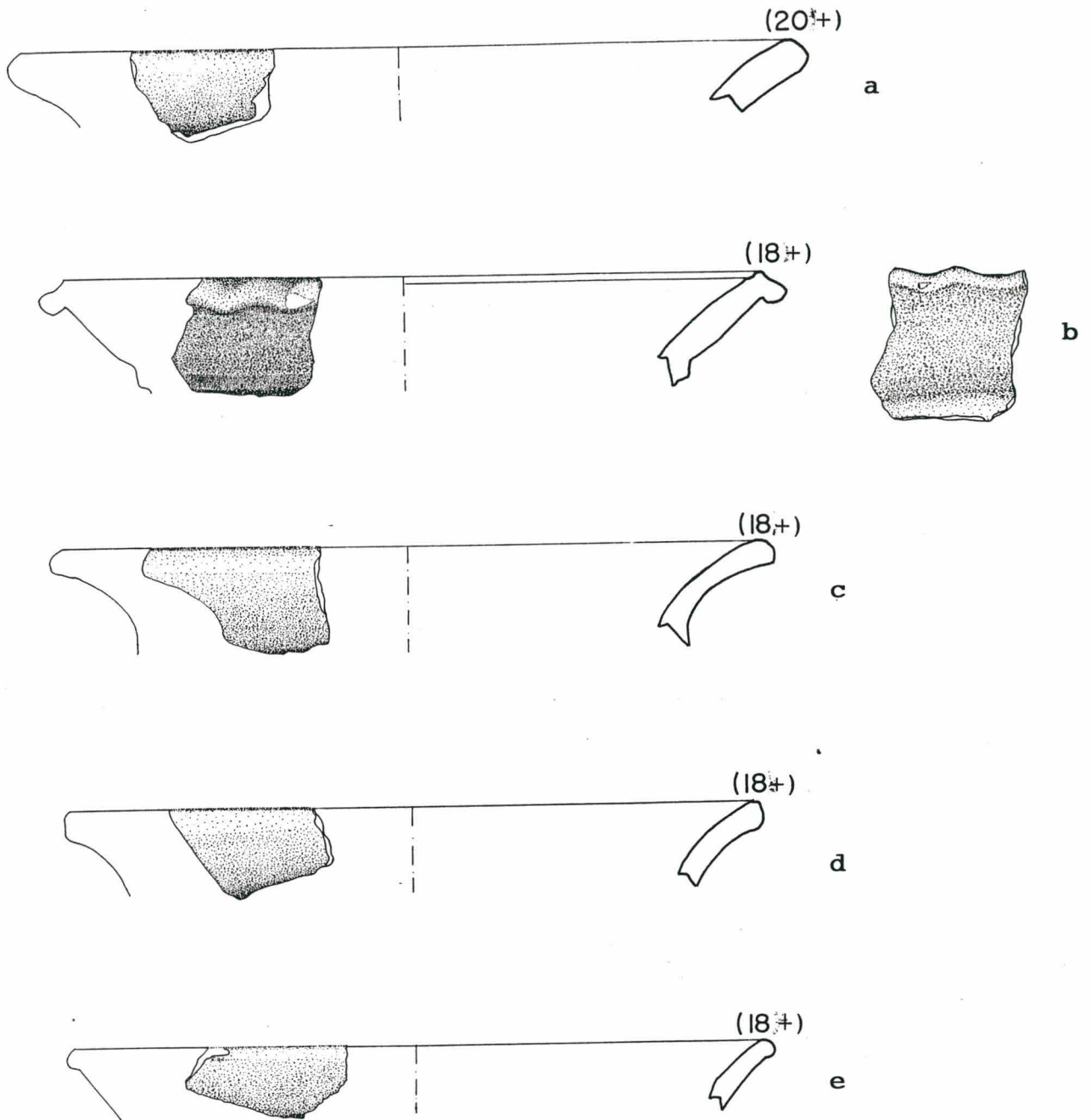
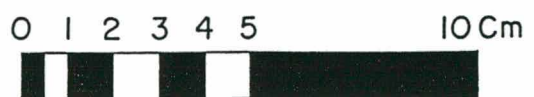


Fig. 34



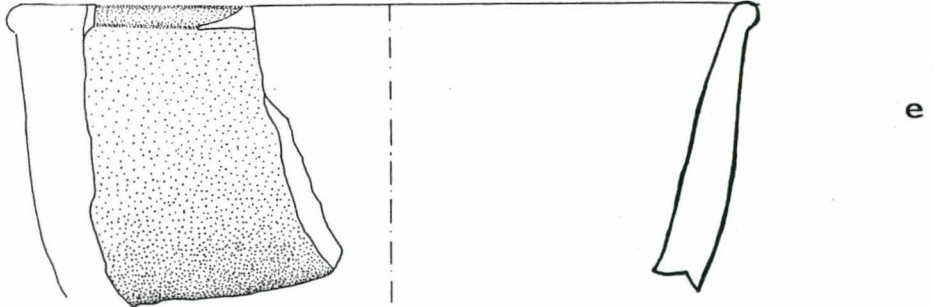
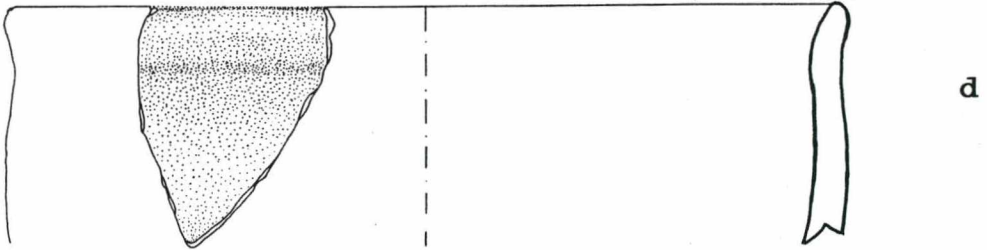
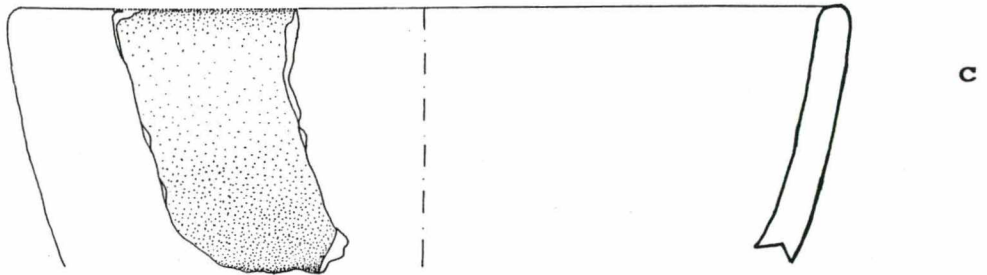
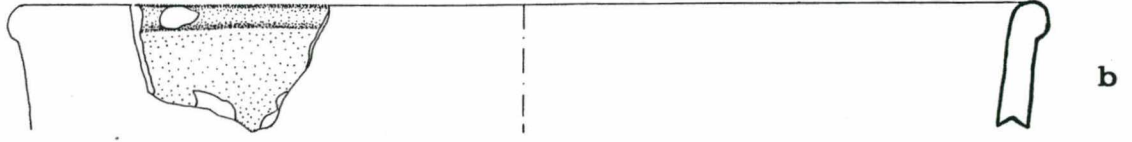
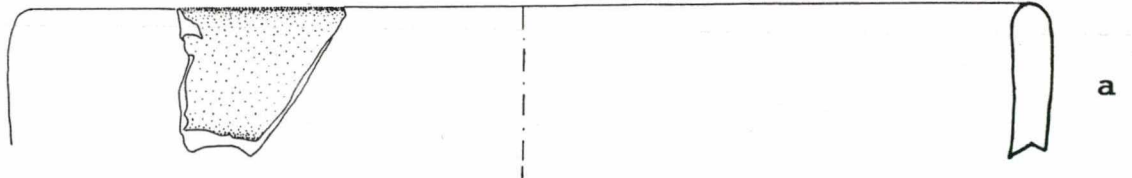
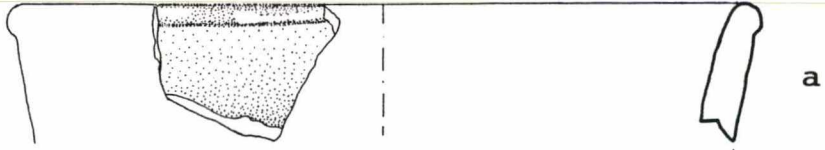


Fig. 35

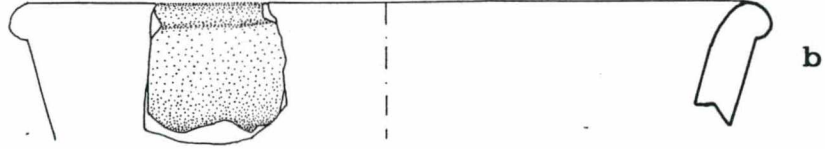
0 1 2 3 4 5 10Cm



(16±)



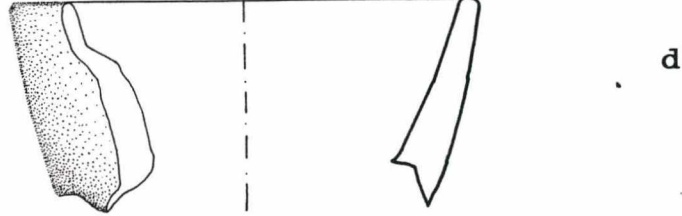
(16±)



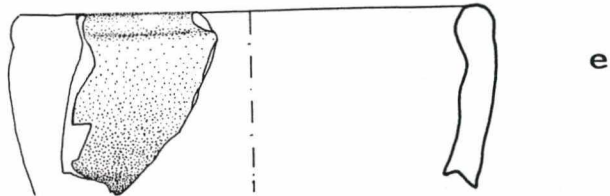
(10)



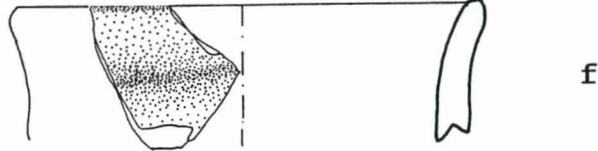
(10/16)



(10)



(10+)



0 1 2 3 4 5 10Cm



Fig. 36

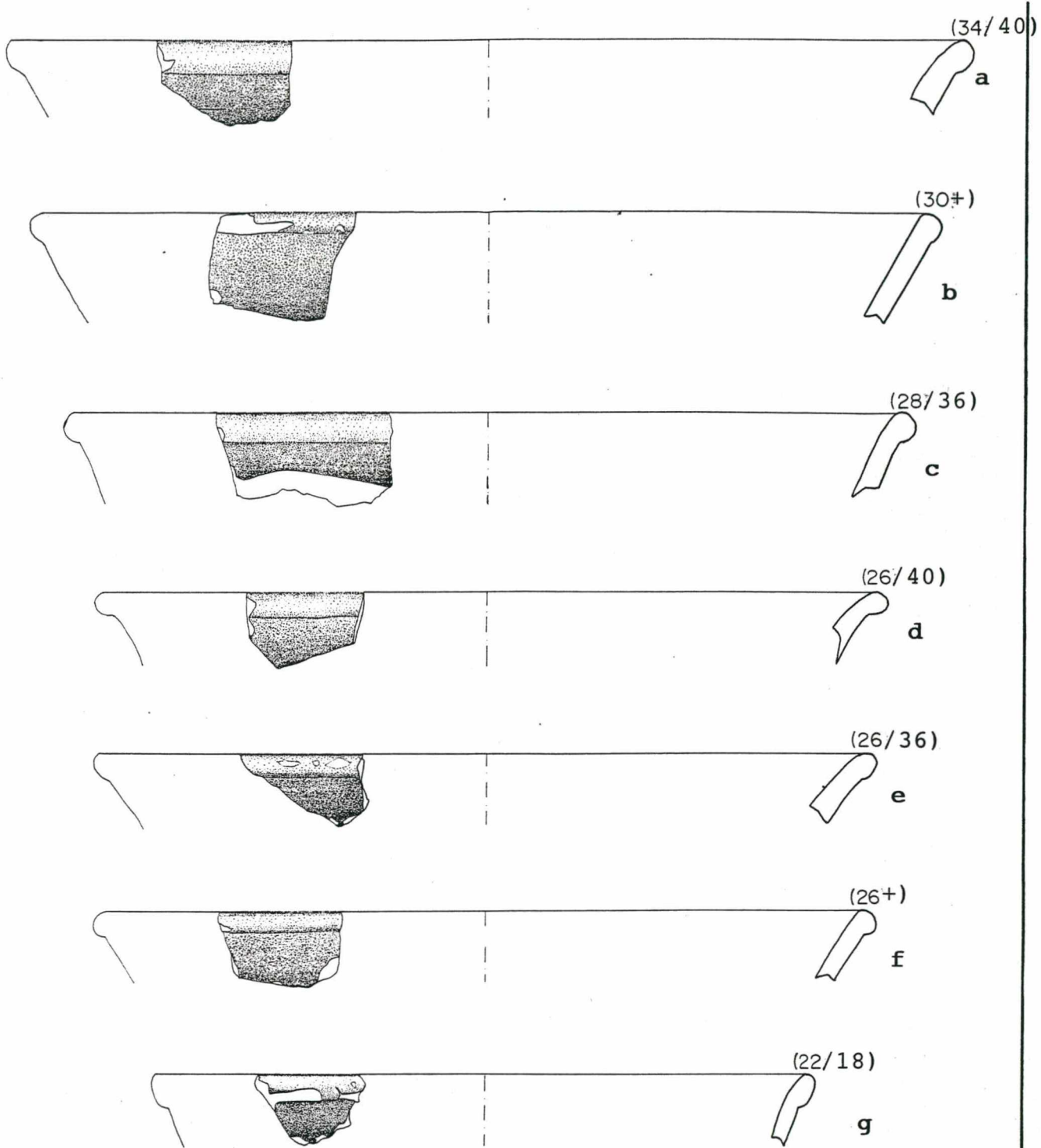
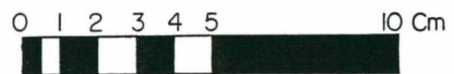


Fig. 37



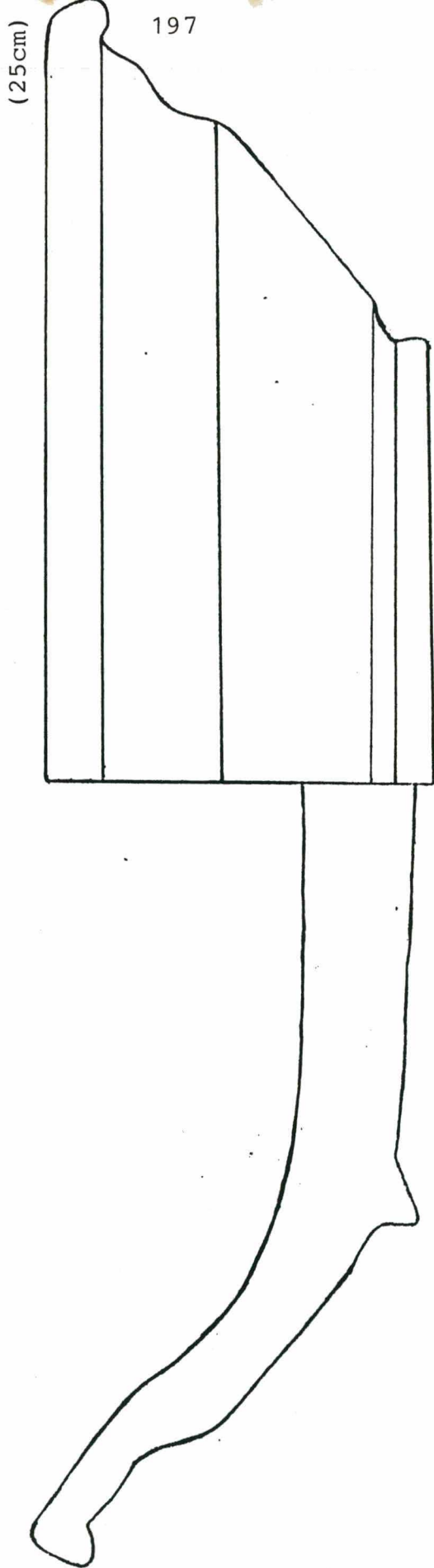


Fig. 38

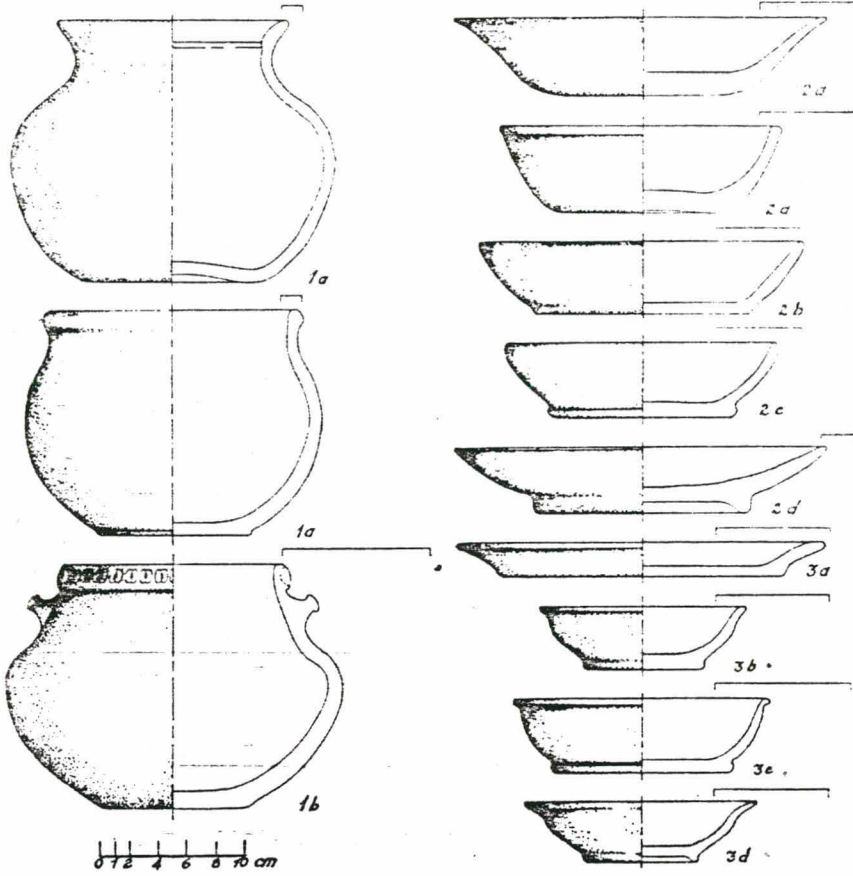


Fig. II — Série Missões: Formas do tipo Missões Simples.

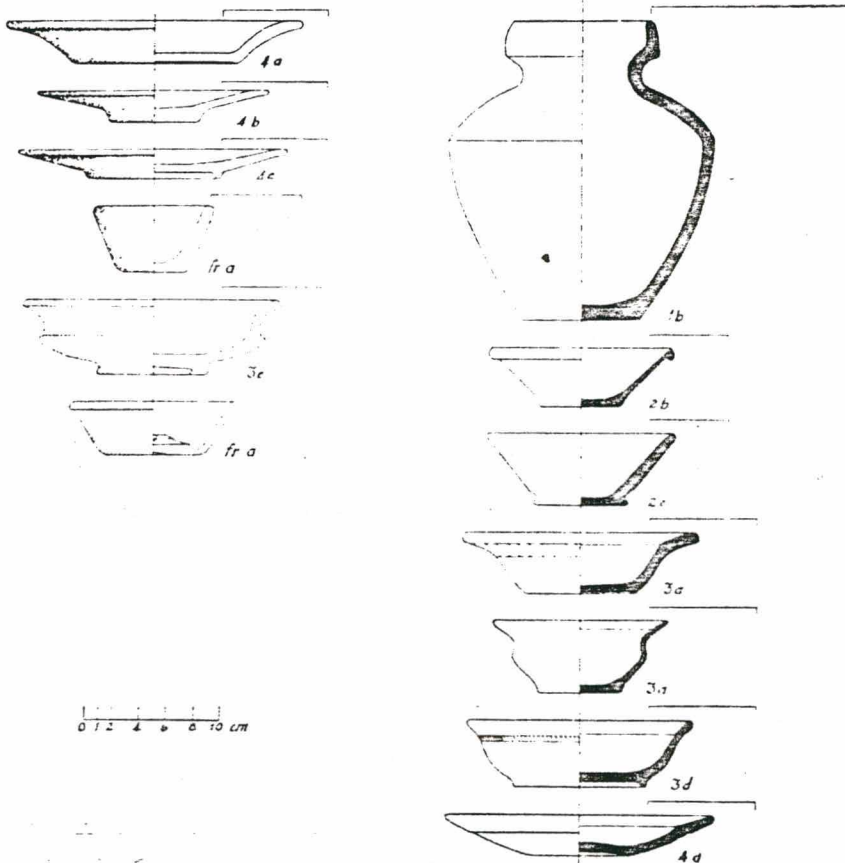
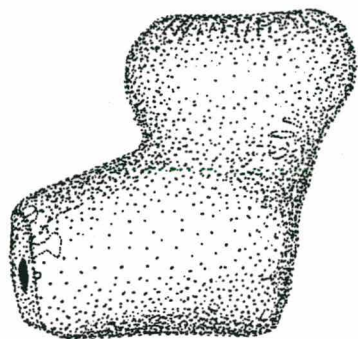
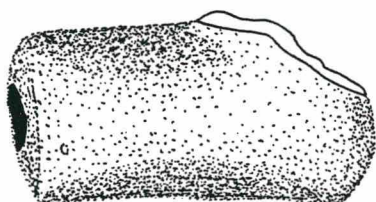
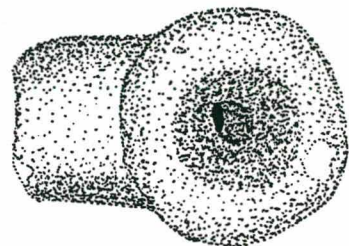


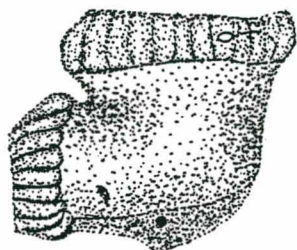
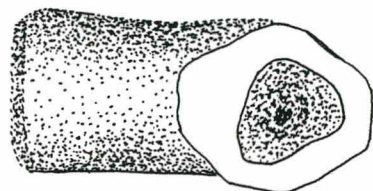
Fig. III — Série Missões: 4 a-c e forma rara a: Formas do tipo Missões Simples; 3 c e forma rara a: Formas características do tipo São Lourenço Simples; 1 b a 4 a: Formas características do tipo São João Vermelho.



a



b



c

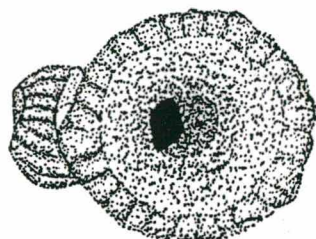
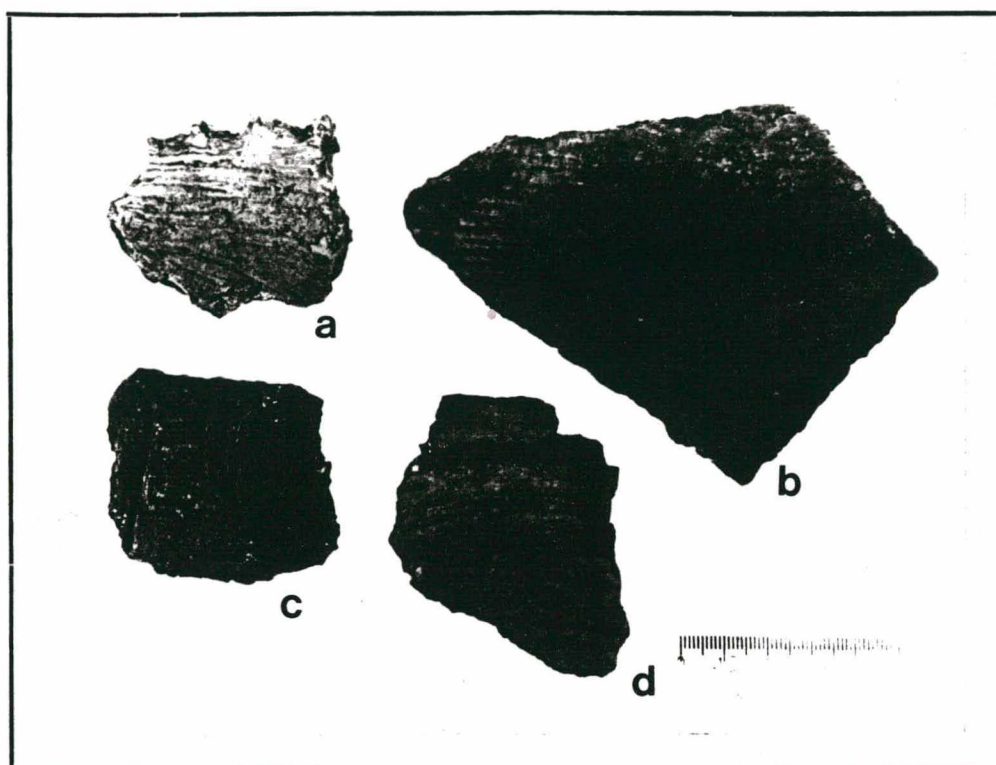


Fig. 40

0 1 2 3 4 5 10 C





*Foto nº 1: a, d - Fragmento de borda cerâmica com acabamento simples escovado. Labio com decoração digitada.
 b - Fragmento cerâmico com acabamento simples escovado
 c - Fragmento cerâmico com acabamento superposto incisivo sobre escovado (Redução de São Miguel)*

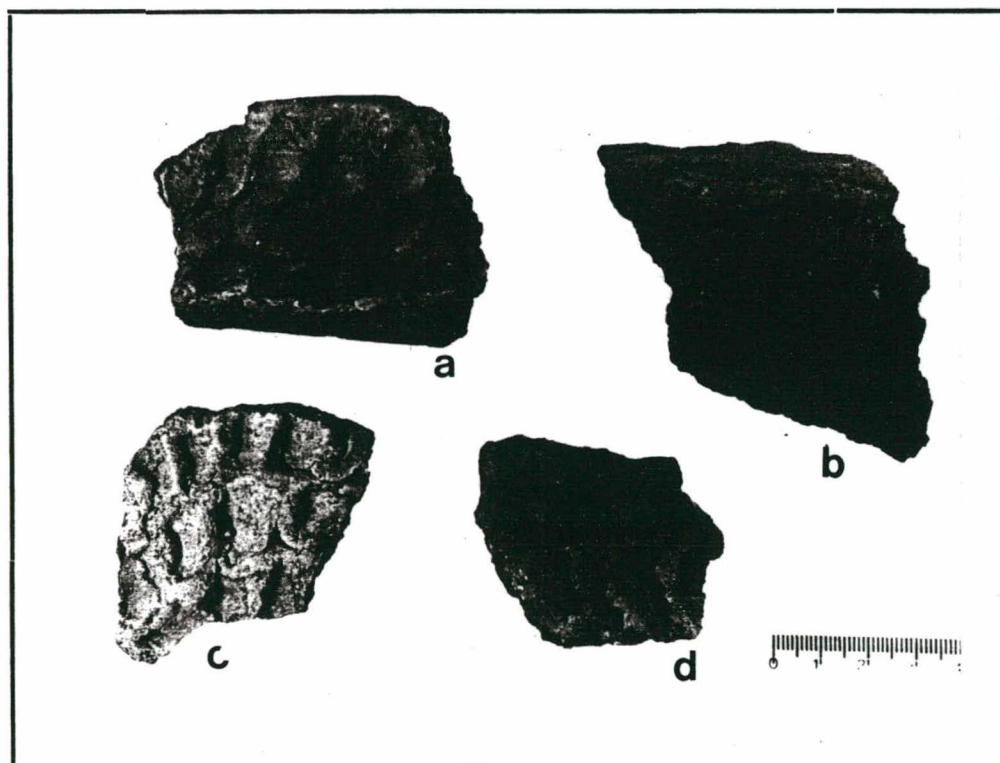


Foto nº 2: a, b, c, d - Fragmentos cerâmicos com acabamento simples: corrugado (a: borda)

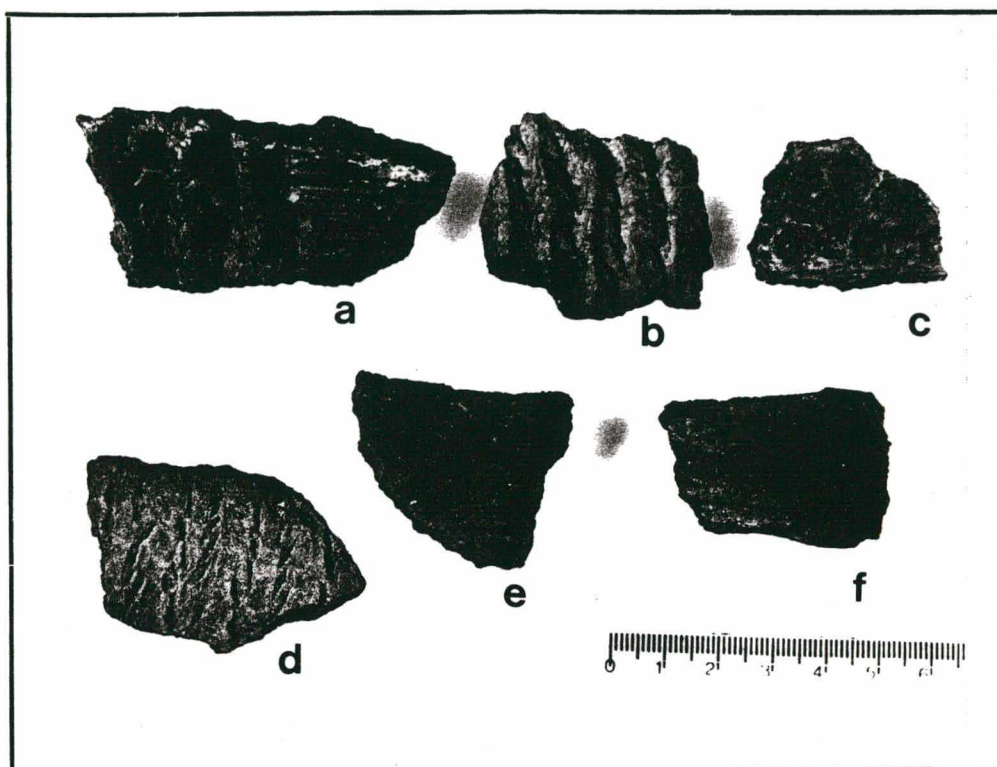


Foto nº 03:

- a - Fragmento cerâmico com acabamento duplo: serrungulado bilateral e escovado
- b - Fragmento cerâmico com acabamento simples: serrungulado unilateral
- c - Fragmento cerâmico com acabamento simples: Impresso de cana arrastado
- d - Fragmento cerâmico com acabamento simples: estocado, disperso
- e - Fragmento cerâmico com acabamento superposto: unglado, sobre escovado
- f - Fragmento cerâmico com acabamento superposto: ponteadado em meia lua sobre escovado.

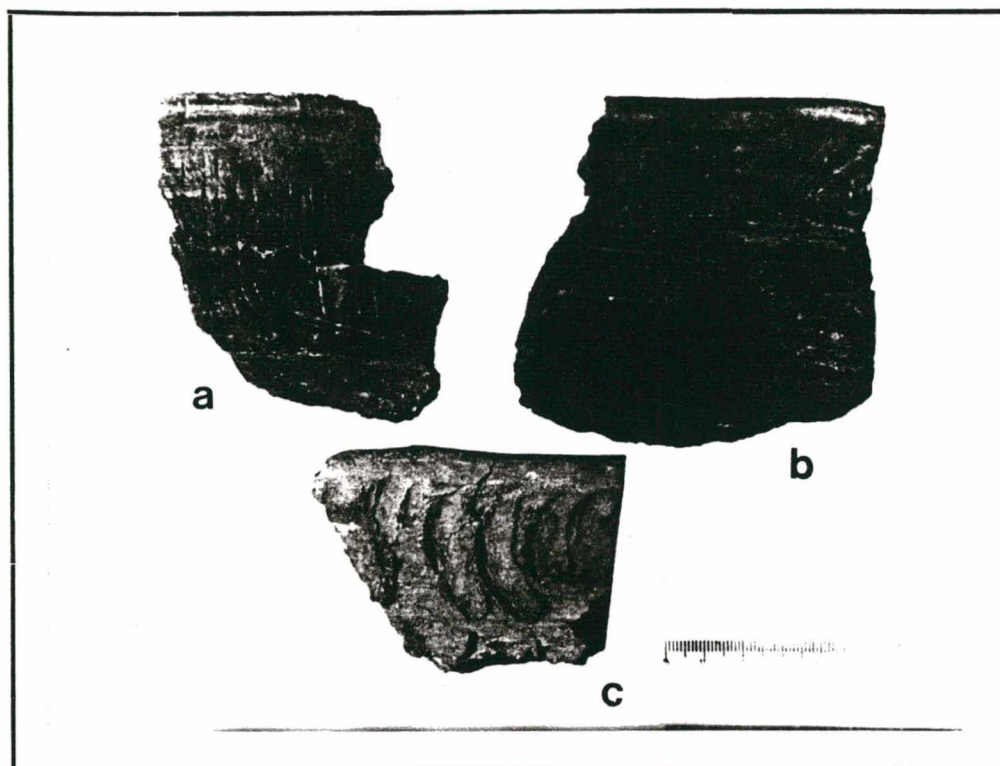


Foto nº 4:

- a - Fragmento borda cerâmica com acabamento misto: vermelho na face interna; na externa borda lisa seguida de escovado mais ou menos perpendicular ao labio e, após, escovado longitudinal (lábio com decoração ungulada)
- b - Fragmento borda cerâmica com acabamento duplo: borda com corrugado ungulado desgastado e corpo liso
- c - Fragmento borda cerâmica com acabamento superposto: espatulado corrugado sobre escovado

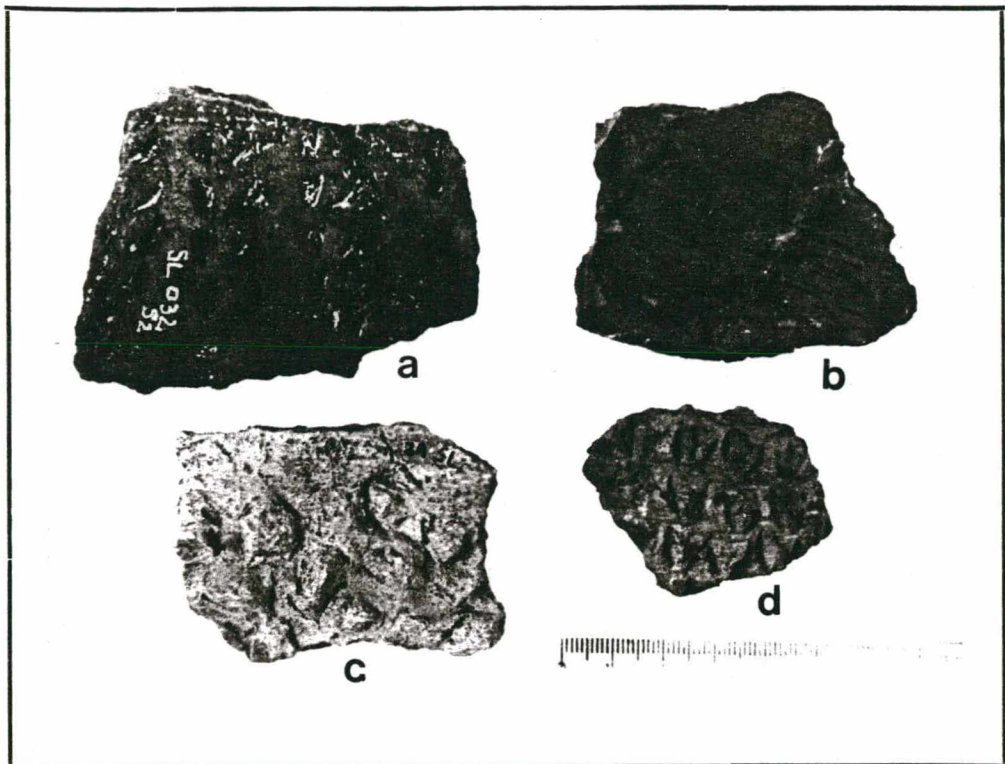


Foto nº 5:

- a - Fragmento cerâmico com acabamento simples: beliscado
- b - Fragmento cerâmico com acabamento superposto: beliscado sobre escovado
- c - Fragmento cerâmico com acabamento simples: nodulado repuxado
- d - Fragmento cerâmico com acabamento simples: imbricado em ponta triangular.

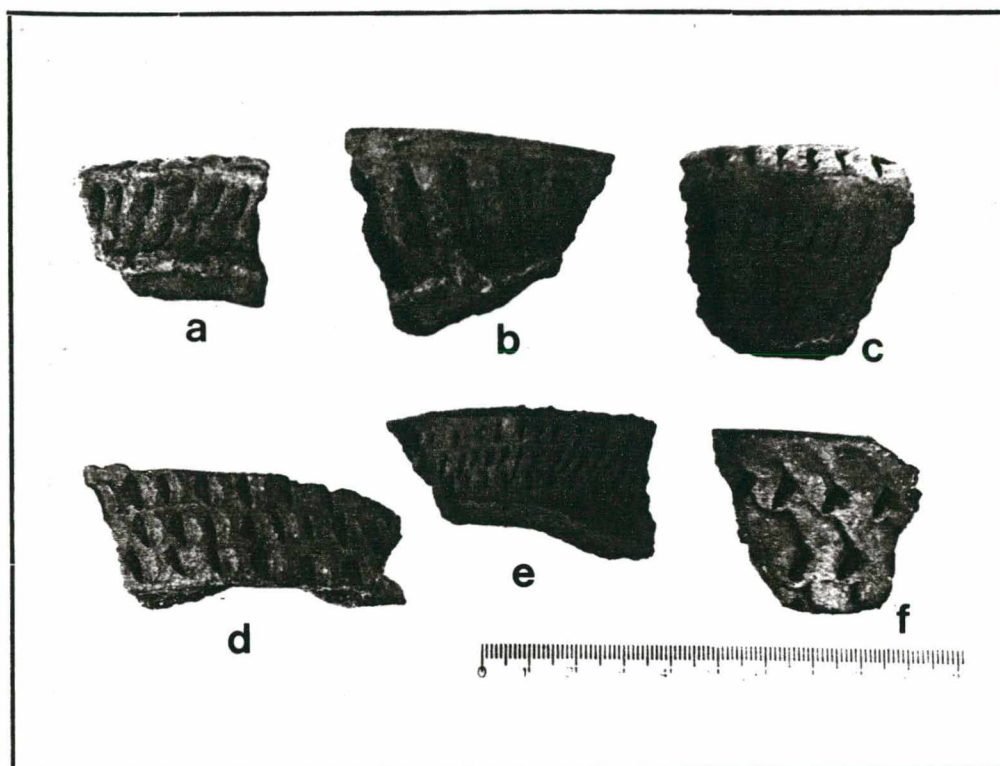


Foto nº 6:

- a - Fragmento borda cerâmica com acabamento simples: ungulado (lábio com decoração ungulada)
- b - Fragmento borda cerâmica com acabamento simples: espatulado acanalado
- c - Fragmento borda cerâmica com acabamento simples: ungulado (lábio com decoração ungulada)
- d - Fragmento borda cerâmica com acabamento simples: ungulado
- e - Fragmento borda cerâmica com acabamento duplo: estocado e liso
- f - Fragmento borda cerâmica com acabamento superposto: corrugado imbricado com incisões

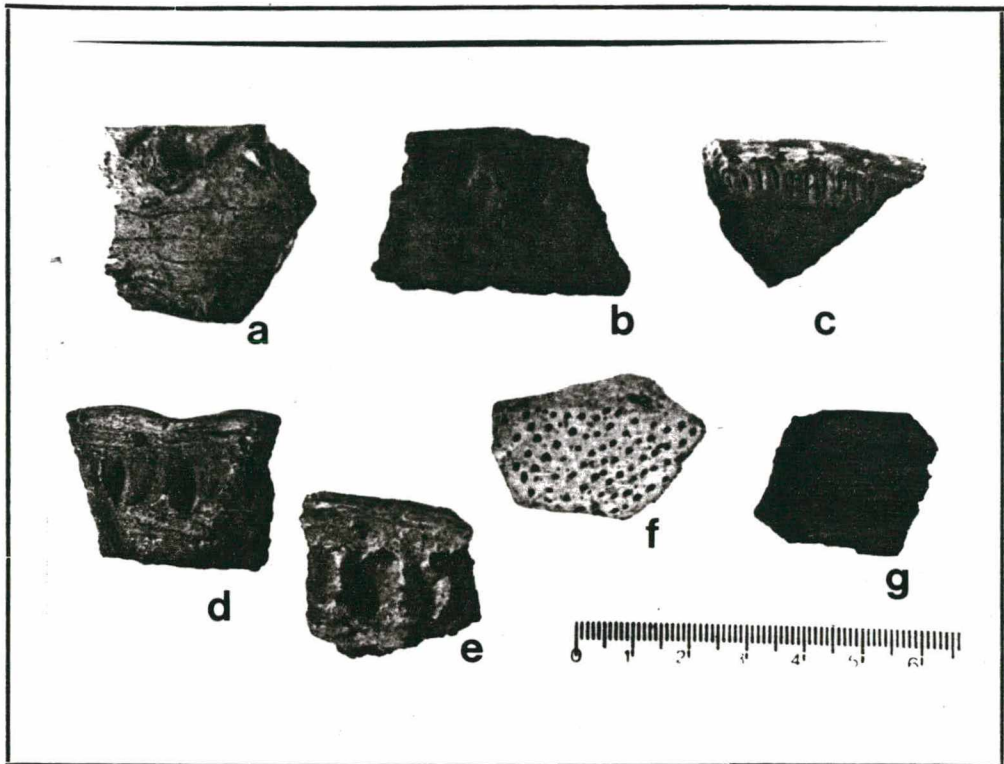


Foto nº 7:

- a - Fragmento borda cerâmica com acabamento duplo: excisões na borda e escovado no corpo
- b - Fragmento borda cerâmica com acabamento duplo: excisões na borda e liso no corpo
- c - Fragmento borda cerâmica com acabamento duplo: ungulado na borda e liso no corpo
- d - Fragmento borda cerâmica com acabamento superposto: ungulado arrastado sobre escovado (lábio com decoração digitada)
- e - Fragmento borda cerâmica com acabamento duplo: beliscado repuxado formando sulcos e cristas na borda e escovado abaixo
- f - Fragmento cerâmica com acabamento simples: ponteadado
- g - Fragmento borda cerâmica com acabamento simples: role-tado

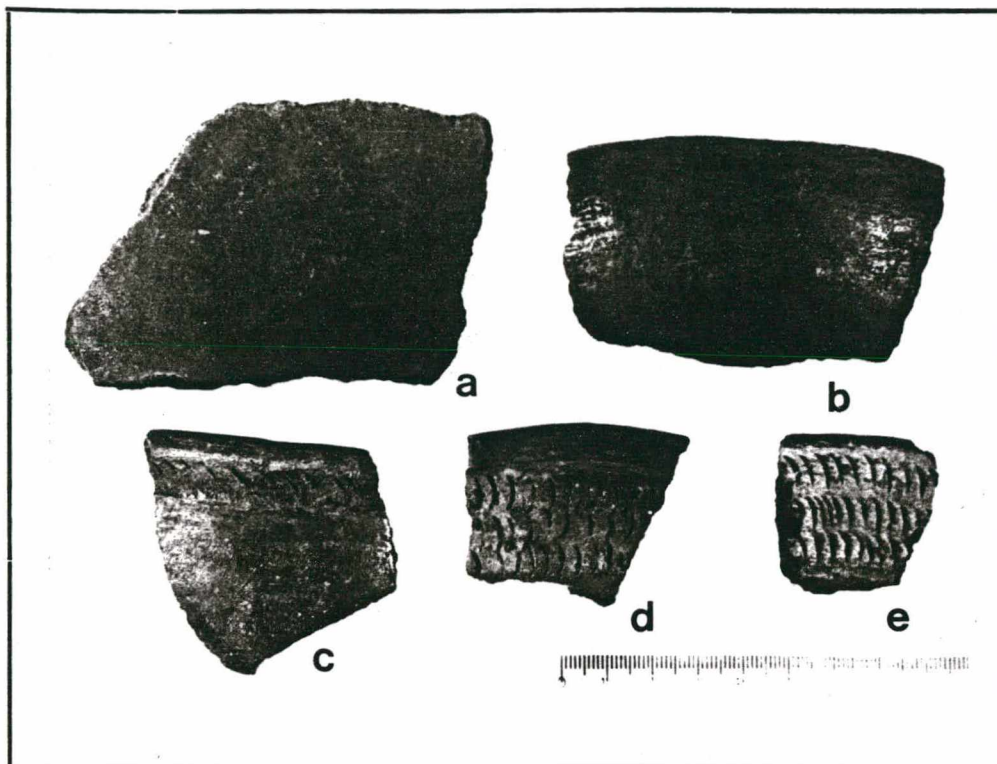


Foto nº 8:

- a - Fragmento cerâmico com acabamento simples: pintado vermelho na face externa
- b - Fragmento borda cerâmica com acabamento simples: pintado de vermelho nas faces interna e externa
- c - Fragmento borda cerâmica com acabamento misto: pintado de vermelho na face externa e até a flexão na face interna e corrugadô ungulado na borda da face externa
- d - Fragmento borda cerâmica com acabamento misto: pintado de vermelho nas faces interna e externa e ungulado externo
- e - Fragmento borda cerâmica com acabamento misto: pintado de vermelho na face interna e ungulado externo

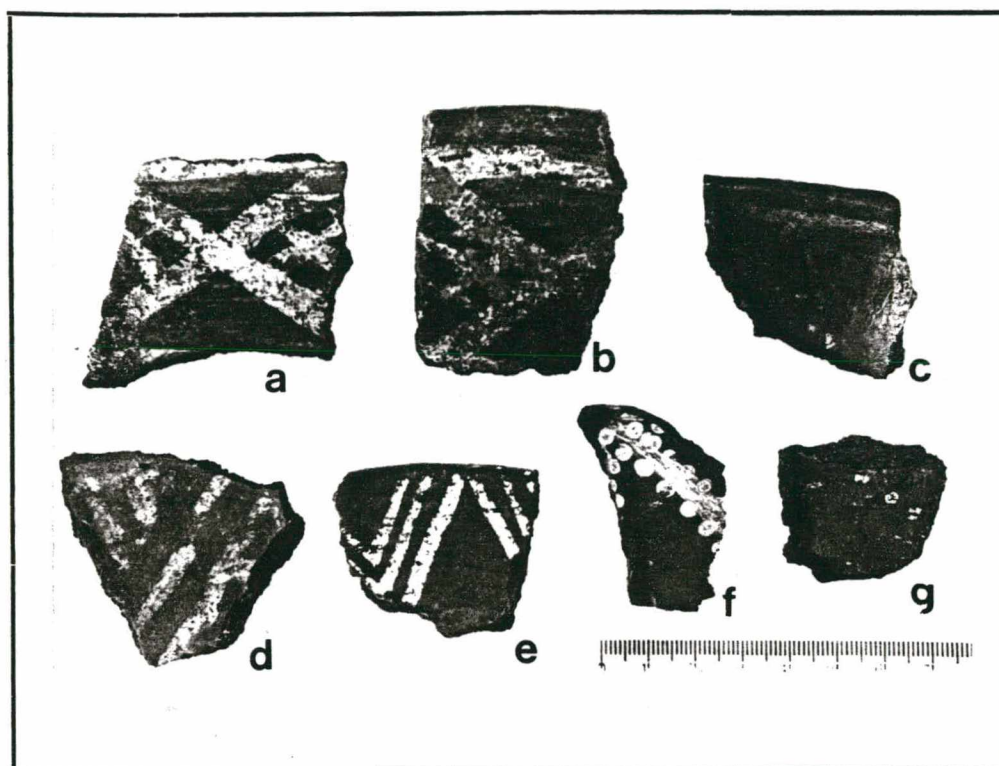


Foto nº 9:

- a, b, - Fragmentos cerâmicos com acabamento simples: pintado branco sobre vermelho na face externa com brilho típico "verniz"
- c, d, f, g - Fragmentos cerâmicos com acabamento simples: pintado branco sobre vermelho na face externa (c: São Miguel)
- e - Fragmento borda cerâmica com acabamento misto: unglazed e pintado de vermelho na face externa e pintado de branco sobre vermelho na face interna.

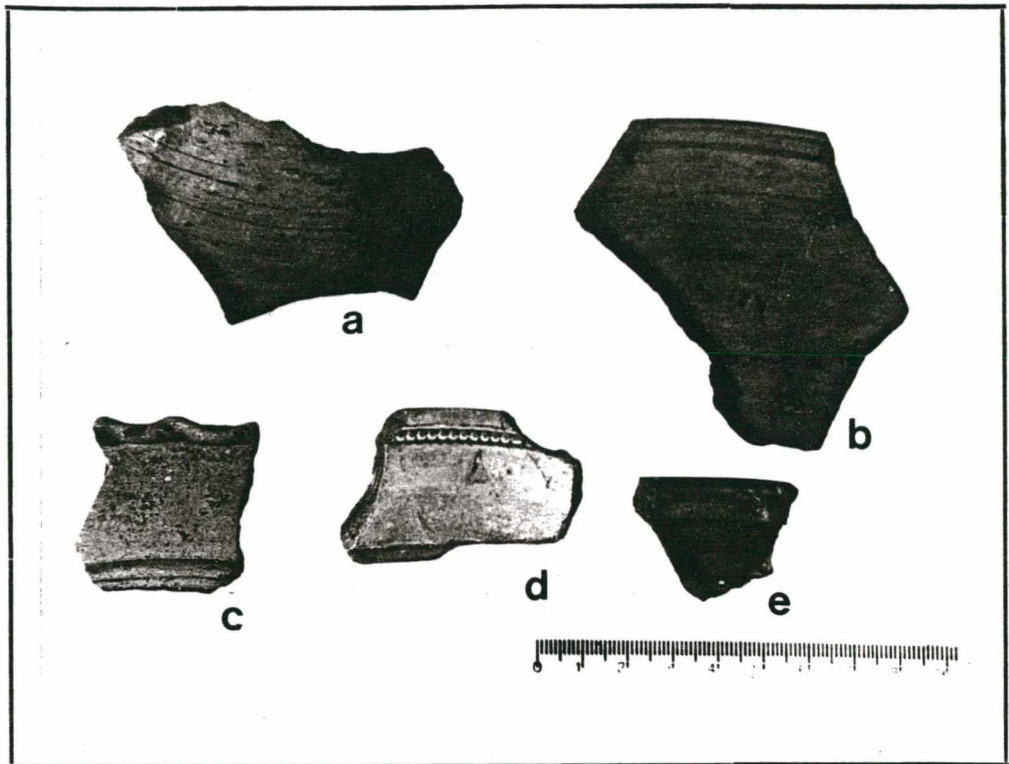


Foto nº 10:

- a, b - Fragmentos cerâmicos torneados com acabamento simples: alisado (b: borda)
- c - Fragmento de borda cerâmica torneado com acabamento simples: alisado e labio com decoração plástica digitada, formando ondulações
- d - Fragmento de borda cerâmica torneada com acabamento simples: aplicação de um motivo moldado na face interna
- e - Fragmento de borda cerâmica com acabamento simples pintado de vermelho e polido ambas faces.

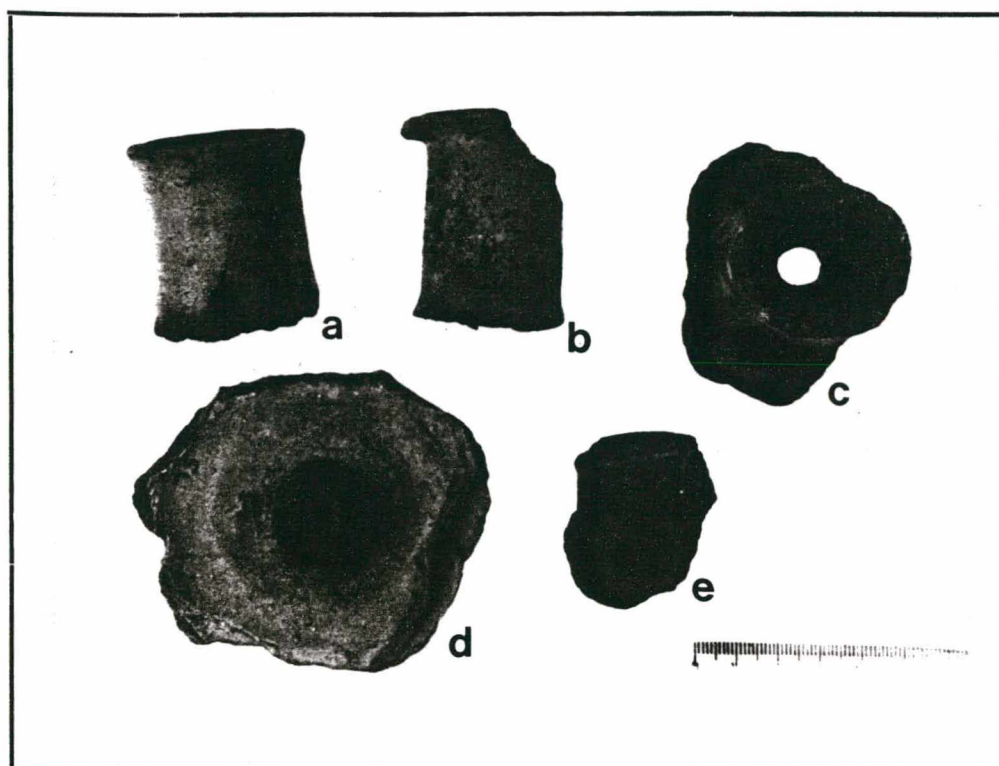


Foto nº 11:

a, b, c - Fragmentos de castiçais cerâmicos torneados
 d, e - Fragmentos de incensários cerâmicos torneados

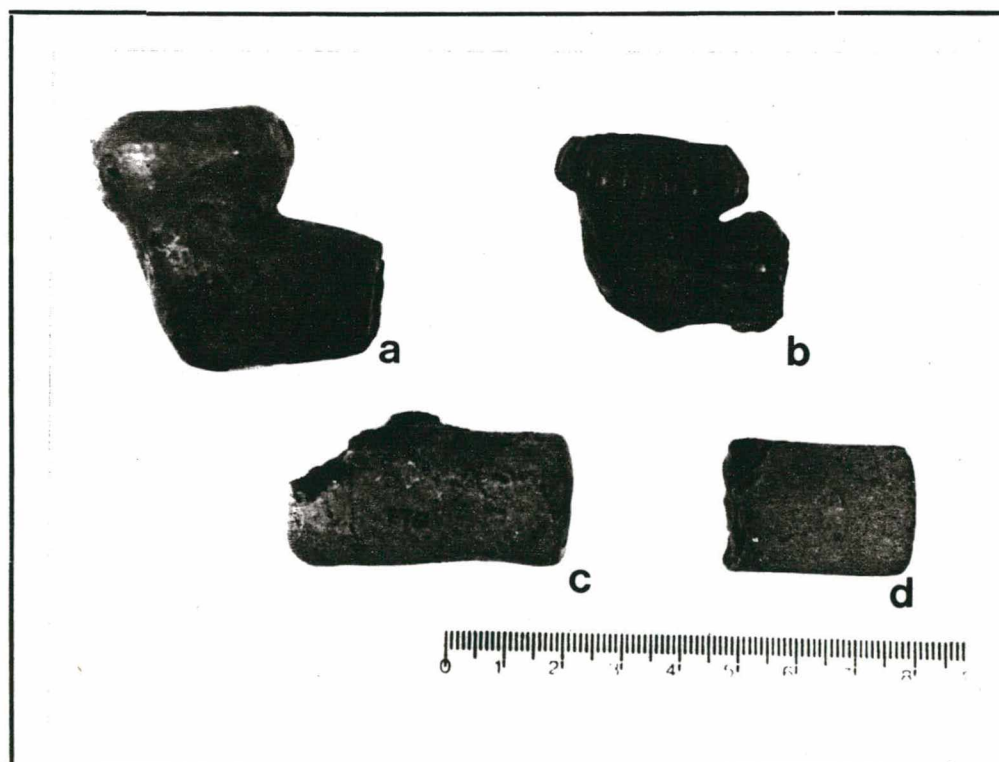


Foto nº 12:

a, c, d - Cachimbos cerâmicos do tipo angulares de porta-boquilha curta modelados
 b - Cachimbo cerâmico do tipo angular de porta-boquilha curta modulado

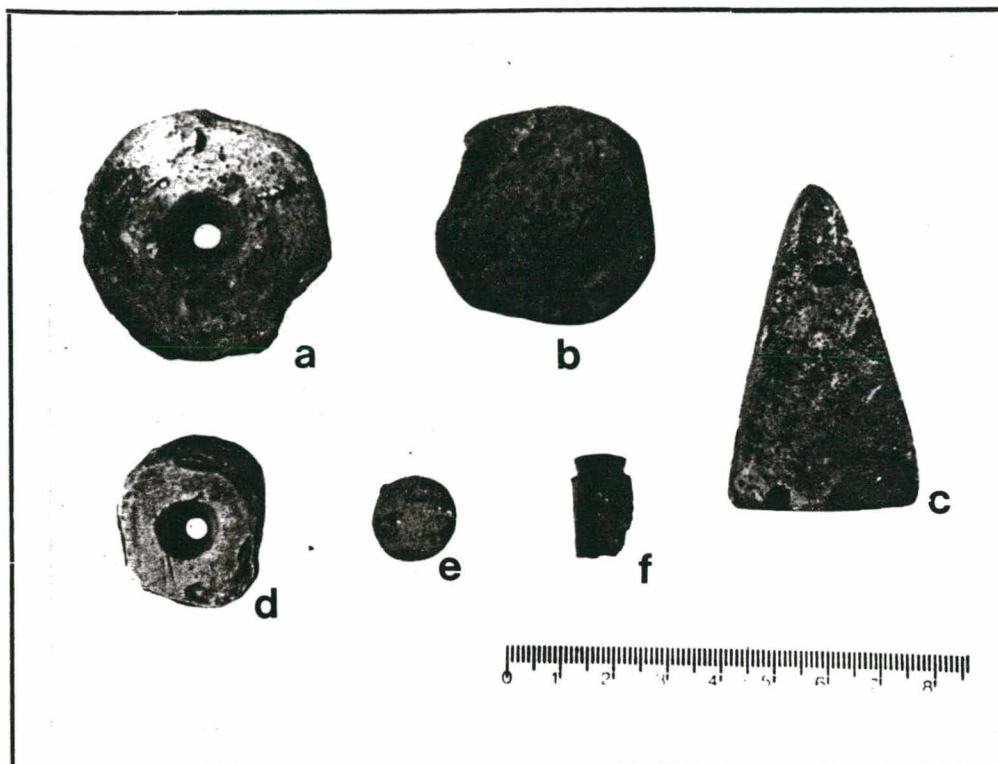


Foto nº 13:

- a - Peça arredondada com perfuração central e com 4,7cm de diâmetro, provavelmente utilizada como peso de tear
- b - Disco alisado em todas as superfícies, provavelmente peça de jogo (telho)
- c - Objeto triangular alisado em todas as superfícies com 6,3cm de altura e 3,2cm de largura na base.
- d - Objeto arredondado com orifício central
- e - Disco pequeno e fino
- f - Possível adorno

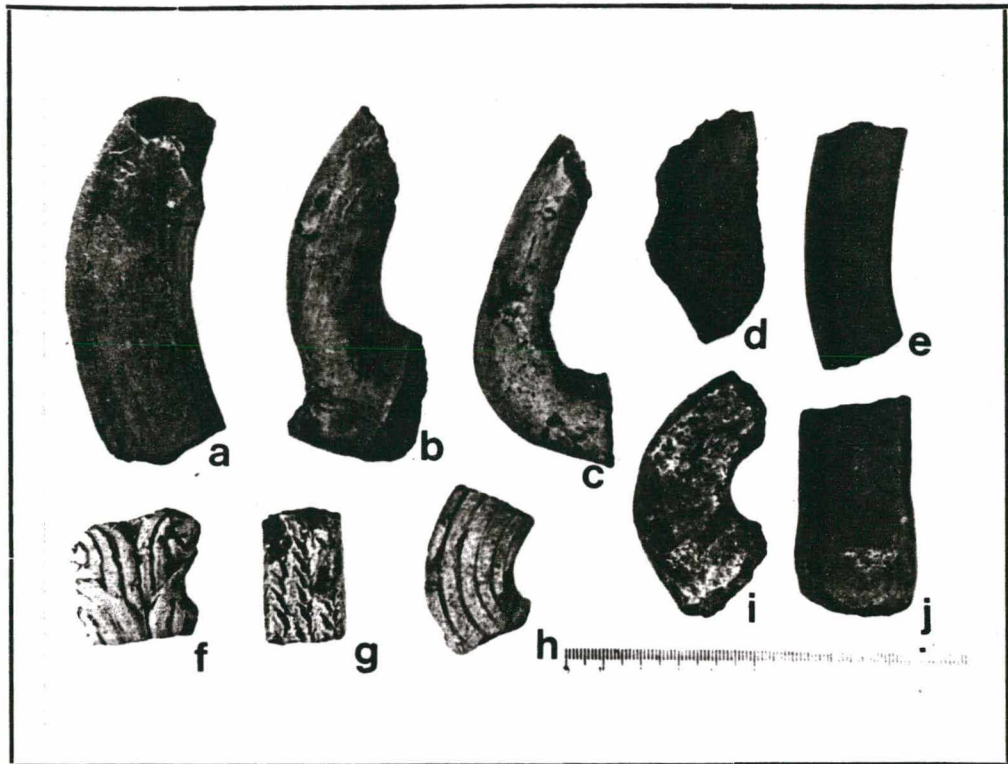


Foto nº 14:

a, b, c - Alças lisas

d - Asa lisa

e, j - Alça pintada de vermelho

f - Fragmento de objeto decorado com excisões em forma de volutas

g, h - Alças com decoração incisa

i - Alça esmaltada

4 A PRODUÇÃO E O USO DOS IMPLEMENTOS LÍTICOS NA REDUÇÃO DE SÃO LOURENÇO MÁRTIR³¹

Falar em Guarani pré-colonial no meio científico arqueológico, remete-nos ao elemento tradicionalmente considerado identificador deste grupo: a cerâmica. Entretanto, os artefatos em pedra produzidos e largamente utilizados no cotidiano, muito frequentemente associados aos vestígios cerâmicos, são igualmente significativos no pensar esta sociedade, visto que existem elementos característicos desta como os tembetás (ornamentos labiais) e as lâminas de machado polidas, além de instrumentos lascados, polidores, pilões, etc.

Os implementos líticos são expressivos nas áreas de habitação indígena do povoado onde, através de coletas superficiais sistemáticas, foram coletados 95% do material. Realizaram-se no total quatro campanhas coordenadas por Arno A. Kern, dentro do projeto Arqueologia Histórica Missioneira: Reduções Jesuíticas de São Miguel, São João e São Lourenço, RS-Brasil.

³¹ Para o desenvolvimento deste capítulo foram utilizados os Relatórios de análise tecnopológica do material lítico de São Lourenço (Cunha, 1988: 89) complementados por mim e Cláudio B. Carle. Os desenhos foram extraídos dos próprios relatórios (arte final de Francisco S. Noelli e Alyne S. de Escobar).

O material foi classificado segundo a terminologia empregada por Annette Laming-Emperaire, J. Tixier, Leroi-Gourhan e M. Brézillon. Através destes autores, procurou-se estabelecer a funcionalidade dos implementos resgatados.

Partindo da analogia etnográfica, evidencia-se que a confecção de artefatos feitos em pedra era domínio masculino entre os Guarani (além de armas, instrumentos de outra natureza, canoas, artesanato, plumária e construção das habitações). À mulher cabia a produção cerâmica (como já foi demonstrado) e atividades de tecelagem (Souza, 1987:347).

O processo de produção de um implemento lítico, desde a obtenção da matéria-prima, preparação, fabricação propriamente dita, e sua adaptação a uma determinada função, requer um conhecimento originado de experimentações técnicas, práticas e aplicações. Tradicionalmente, o Guarani manipulou artefatos dessa natureza e, mesmo dentro de um contexto de inovações técnicas, manteve alguns dos seus modos de fazer e usar artefatos adaptados à nova situação e necessidades.

Originalmente eram empregados vários tipos de matéria-prima na indústria lítica, predominando quatro variedades (segundo pesquisas realizadas na região de Itapiranga, rio Uruguai, RS): basalto, sílica amorfa, que inclui ágatas, caldedônias, opalas e carneolitas, o "riolito" (rocha intermediária entre o riolito e o basalto) e o arenito silicificado (Souza, 1987:356).

Conforme o levantamento geomorfológico da área de São

Lourenço³², toda a região onde estão localizados os Sete Povos das Missões é pobre em afloramentos de rocha. Apesar disto, foram localizadas fontes de matéria-primas utilizadas pelo antigo povoado coincidentes, em parte, com as citadas acima.

Ocorrem dois afloramentos de basalto próximos às ruínas: um a, aproximadamente 1, 1,5km da igreja em sentido noroeste, ao longo do Arroio do Aterrado (ou Jacaré) com vestígios de antigas pedreiras (algumas inclusive utilizadas atualmente); e o outro, na direção leste (distante 1km da ponte do Arroio do Aterrado) com cerca de 300m de comprimento, também com evidências de pedreiras (um morador da região ali encontrou um machado de pedra). o basalto desta área é rico em vesículas e, portanto friável, motivo talvez, do desaparecimento da maioria dos vestígios dos locais de extração. Fontes de basalto verde, não vesicular, são encontradas próximas ao nível d'água do Arroio Santa Bárbara, na forma de lageados, a cerca de 18km ao sul do povoado. A pedreira foi explorada até recentemente.

Outro tipo de rocha mais abundante encontrado é o arenito, cujos afloramentos localizam-se próximos ao Arroio Santa Bárbara. Aparece também conjuntamente com o basalto verde, sendo o último no nível inferior, e o arenito no superior. A pedreira de arenito esteve em funcionamento até a pouco tempo atrás.

³² Todos os dados referentes aos aspectos geológicos foram extraídos do Relatório de Trabalho de Campo, Escavação das Ruínas de São Lourenço Mártir (Seffner, 1986).

Próximas ao arroio foram encontradas outras pequenas pedreiras de arenito, com uma quantidade significativa de fragmentos resultantes da sua exploração.

Eventualmente aparecem fragmentos de arenito silicificado, quartzo, calcedônia e vidro vulcânico na área.

O artesão Guarani, portanto, dispunha de matéria-prima similar a usada tradicionalmente pelo grupo na confecção dos implementos líticos e, além destes, no fabrico de materiais de construção das estruturas do povoado. Quanto aos últimos, o basalto vesicular, denominado de pedra "cupim" ou ytacuru (pedra de hierro, cf. Restivo [1722], 1893) era utilizado na construção de paredes, muros e outras estruturas em pedra; o arenito, era reservado para as soleiras, marcos de portas, aberturas, travessas, etc. As cunhas (chamadas também de granilhos), empregadas na sustentação, equilíbrio e preenchimento dos espaços entre os blocos de basalto que compunham as paredes, são encontradas em grande quantidade e caracterizam-se por serem sobre arenito de cor rosa claro e de granulometria média (ao contrário do encontrado nas lascas utilizadas como cunhas na Redução de Trinidad, confeccionadas sobre arenito silicificado [Perasso, 1984:43], mais duro e com aspecto de um brilho molhado).

O lascamento, o picoteamento e o polimento eram as técnicas empregadas na produção lítica. Cada uma destas ações exige determinadas condições oferecidas pela matéria-prima. O artesão, ao coletar as rochas para a confecção dos implementos, já

o fazia mentalizando a concretização de uma determinada peça. Segundo Vialou (1980:66-7), por exemplo, "*não é suficiente que uma rocha abunde numa região para ser utilizada (...); as matéria-primas são escolhidas pela possibilidade que oferecem de se lascar, à vontade, em lascas e por sua resistência (...)*". Na indústria lítica de São Lourenço as peças produzidas por lascamento o eram, principalmente e em ordem de preferência, sobre ágata, basalto, arenito e cristal de quartzo; por polimento, sobre arenito, arenito silicificado e basalto; e por picoteamento, sobre basalto.

Após a obtenção da matéria-prima, provavelmente o artesão procedesse a um lascamento primário, na própria jazida, conferindo ao bloco uma "pré-forma". A forma final do artefato seria produzida no local de moradia ou próximo deste, indicado pela presença de grande parte do material lítico arqueológico — implementos ou refugio de lascamento — coletado no sítio.

Os atos técnicos do processo de lascamento consistem em extrair de um bloco de matéria-prima em seu estado natural, uma ou mais lascas. O artesão pode proceder a retirada destas lascas de duas maneiras: por pressão ou por percussão. O lascamento mais comum entre as indústrias líticas pré-históricas compreende a ação de golpear o bloco com um percutor, ocasionando o destacamento da lasca. Nesta situação o artesão segura o bloco a ser lascado em uma das mãos e, na outra, usa um utensílio próprio ao lascamento, predominantemente de rocha. Outra forma de lascamento por percussão identificada no material estudado ocor-

re quando o bloco é colocado sobre uma bigorna imóvel³³, sobre uma aresta ou sobre um bordo, sofrendo a ação de um percutor num ponto oposto ao ângulo de contato bloco-bigorna. Projetar o bloco escolhido no solo, destacando-se lascas volumosas ou utilizar um "cinzel" de uma peça óssea colocada sobre um bordo e golpear a outra extremidade do cinzel com um percutor (Vialou, 1980: 68), são outras formas de extração de lascas por percussão.

O material lascado resgatado no sítio foi dividido em dois conjuntos: lascas de encosto ou assentamento e implementos lascados. As primeiras são as denominadas cunhas, produzidas sobre arenito. Caracterizam-se por serem de grandes dimensões e por terem recebido um lascamento intencional, geralmente primário e rudimentar.

Entre os implementos lascados que apresentam bordos cortantes, encontram-se peças confeccionadas sobre lascas e sobre blocos. Entre as primeiras ocorre a presença de 24 pequenas lascas com técnicas de lascamentos primários e secundários em sua maioria, e terciários em algumas exceções, denominadas de raspadores por apresentarem um desgaste regular na parte inferior ao ponto de percussão e retoques no bordo (fig. 41 a,b; 42 / 46), incluindo nestes raspadores duplos, côncavos e com ponta entre entalhes. O retoque é uma nova ação sobre o objeto lascado: "re-

³³ Definida como "peça cuja parte útil é constituída por uma face mais plana onde é apoiado o material a ser batido por meio de um percutor" (Cunha, 1988).

tocar e transformar, totalmente ou em parte, um produto de lascamento, em suas faces ou em seus bordos (ou os dois juntos) efetuando retiradas quaisquer que sejam sua forma, direção, tecnologia" (Vialou, 1980:88), podendo ocorrer por choques percutidos direta ou indiretamente ou por pressões. Os retoques são observados com muita frequência nas lascas, talvez com intuito de reafiar o gume. Interessante salientar que entre grupos etnografados em Nova Guiné (conforme White, 1967), no Deserto Ocidental da Austrália (conforme Hayden, 1974) e no Brasil, os Xetá (cf. Miller, 1977:79), a grande maioria das lascas escolhidas para uso não foram retocadas antes da sua utilização (in: Miller, 1981-1982:302). Inclusive, uma lasca retocada já não possuía um bordo tão cortante quanto logo após extraída do bloco. A matéria-prima mais empregada para este tipo de implemento foi, em ordem de preferência, a ágata (16), seguida do basalto (3), argilito (2) e, na mesma frequência, o arenito silicificado (1), cristal de quartzo (1) e arenito (1). Algumas lascas poderiam ter sido utilizadas ainda como furadores em ágata (Fig. 43 b, 44 b).

Além das pequenas lascas com características de raspadores, evidenciam-se peças que receberam vários lascamentos para conformar um implemento. Entre estes, identificam-se os comumente chamados raspadores (12), dentre os quais os tradicionais plano-convexos (4) (foto 1 a,b,c). Predominam os instrumentos confeccionados sobre basalto (7), seguido do arenito silicificado (4), ágata (3) e argilito (1). Ocorre a presença de uma lasca trabalhada em forma de plaina, em argilito (Fig. 42b).

Os implementos líticos lascados produzidos sobre blocos ou fragmentos destes compreendem pequenos raspadores em ágata (5) preponderantemente, e em argilito (1); raspadores de maiores dimensões (13) (incluindo os do tipo plano-convexo (3) e "desbastador de vara" (1)) em basalto (6) (sendo um com função paralela como polidor), seguido de ágata (3) e cristal de quartzo (2); picão (um exemplar em dupla ponta confeccionado em basalto); furador (1) com retoque, e plaina (1) em cristal de quartzo (além de 13 peças com desgaste nas extremidades) (foto 7), e talhadores. Os talhadores (6) apresentam-se da seguinte forma: um poliédrico em ponta com duplo gume lateral com retoques em basalto (foto 3b); 3 com gume lateral, sendo 2 em basalto (foto 5) um em arenito silicificado; um com gumes laterais em basalto (foto 4); um com gumes laterais formando ponta com talão proximal em matéria-prima não identificada; um em basalto com gume distal e talão proximal, apresentando sinais de mais de um tipo de utilização (talhador, afiador e batedor) (Fig. 47). Em um dos raspadores em ágata, nota-se que foi utilizado a partir de um núcleo, definido como "resíduo matriz" do lascamento, onde evidencia-se uma série de lascamentos primários, com percussão direta, demonstrando também o negativo das lascas retiradas (41c).

Os artefatos em pedra são definidos, no Brasil, segundo tipologias morfológicas e funcionais. Vialou (op. cit., p.64), ao refutar o emprego destas formas de classificação comenta que além de permanecer formal e permeada de falsas ou aproximativas determinações, definir a função de um utensílio é "(...) em parte utópico e em parte errôneo; errôneo porque supõe que um uten-

sílio prē-histórico tem somente uma função e sempre a mesma. A análise das marcas de uso nas peças do Almeida, como em outros (...), mostra que as zonas usadas regularmente não são aquelas que foram retocadas no utensílio, que zonas retocadas podem ter sido usadas de múltiplas maneiras, em razão de funções variadas, etc. Utópico, porque os sítios, na grande maioria, conservam apenas os utensílios e não as matérias perecíveis onde foram aplicados: então como imaginar as funções sem esta referência indispensável aos documentos?". A mesma autora propõe abordagens tecnológicas e tipológicas, classificando os utensílios em tipos fundamentados em dados tecnológicos.

A partir destas elaborações, questiona-se, nos próprios dados levantados neste trabalho, o emprego de definições dos implementos líticos segundo a sua provável função. Comumente denomina-se raspador todo utensílio com função de raspar materiais ósseos ou lenhosos (Leroi-Gourhan, 1981:243). Esta classificação, entretanto, confronta-se com estudos etnográficos nas sociedades já mencionadas, onde qualquer lasca com um gume apropriado poderia ser utilizada numa tarefa específica, e frequentemente a forma desempenhando um papel ínfimo em decisões sobre o emprego do instrumento. Um implemento não é tratado como um "tipo", mas como um pedaço de pedra que pode desempenhar uma determinada função. Tipologias gerais das lascas classificadas normalmente como raspadores com bordo cortante adequadas para o trabalho a mão, com ou sem retoque, denticuladas, com ponta entre entalhes, côncavas, laterais ou discoidais, etc., são insignificantes, pois segundo observa White cf. Miller (op. cit. p.

303), "(...) os instrumentos... não são feitos de acordo com padrões morfológicos regulares e, portanto, tentativas de definir tipos na base de forma do instrumento são bastante improdutivas (...) qualquer pedaço de pedra pode ter sido utilizado para várias finalidades antes de ser abandonado. (...). A idéia de que a padronização formal dos instrumentos é relativamente sem importância apoia-se claramente no estudo etnográfico, o qual mostra que os artesãos dos instrumentos de pedra dão ênfase primária ao bordo funcional".

Dentro dessa perspectiva, os implementos lascados de São Lourenço devem ser considerados, anteriormente, pelas suas características físicas e, principalmente, pela presença de um bordo cortante. Neste sentido, os raspadores devem ser pensados como úteis para tarefas à mão em raspar, desbastar, cortar... materiais de madeira ou ósseos, no descarte de animais, etc. Os raspadores de maiores dimensões e os tipo plano-convexos, teriam suas funções reduzidas, determinadas talvez pela forma da peça mais indicada em raspar, desbastar...; as plainas, com funções semelhantes ou idênticas a alguns tipos de raspadores; os talhadores, por serem implementos maiores, em rachar, talhar madeira, ossos ou outros materiais resistentes. Conforme interpreta Miller (op. cit. p.300), "'implementos para rachar', que parecem corresponder ao que chamamos no nosso trabalho Xetã, de machados de pedra lascada ou de talhadeiras, foram usados para destacar madeira de uma árvore, e depois descartados e deixados no chão em volta da mesma. A matéria-prima preferida era a pedra metamórfica, mais do que a cripto-cristalina sem dúvida por causa da

maior eficiência ao cortar as fibras de madeira (...)".

Estes instrumentos utilizados não necessariamente deviam apresentar marcas de uso pois, como por exemplo no Deserto Ocidental da Austrália, lascas usadas na eviceração ou abatimento da carne (não retocadas, usadas e descartadas) em geral não apresentam sinais. Outra observação neste sentido faz Hayden com relação aos raspadores (enxô, com a função de raspar, desbastar e segurado a mão, segundo o autor) que, quando descartados, podem assumir a forma de lascas primárias não modificadas pela ação.

A influência européia notadamente presente no povoado são as pedras de pederneira, artefatos produzidos pela técnica de lascamento que associadas a um mecanismo chamado pederneira, produz fagulhas. Foram identificadas várias peças, sendo as mais comuns elaboradas sobre ágata (3), obsidiana (2), argilito (1) e basalto (1) (Fig. 48a) (em ordem de preferência). Estes artefatos foram classificados como pedras de pederneira pelo seu formato e pela presença de uma série de lascamentos subseqüentes em toda sua área periférica e, também, devido as suas pequenas dimensões, talvez sua utilização necessitasse um apoio ou um mecanismo para a sua fixação. Somente uma dessas peças, em obsidiana (fig. 48b) é seguramente pedra de pederneira; as demais poderiam ser consideradas raspadores pela forma não característica deste tipo de instrumento.

Os objetos coletados no sítio empregados na produção de peças líticas ou associadas a outros já mencionados, foram defi-

nidos pelo aspecto morfológico e funcional. Além de bigornas, percutores, batedores, polidores, furadores e afiadores, foram também identificados como masseradores.

As bigornas, utilizadas como apoio do material a ser percutido são identificadas pelas marcas de desgaste concentradas no centro, ou próximo deste, na face mais plana da peça. A matéria-prima mais utilizada foi o basalto (4), com a função associada de batedor (foto 6 b) e batedor/percutor, seguida do arenito (2) e arenito silicificado (1).

Os percutores, implementos empregados na extração das lascas de um bloco, foram encontrados no total de seis (incluindo o associado a batedor e bigorna) em basalto (3), cristal de quartzo em forma ovolar (1) e arenito (1). Um percutor de basalto ovolar apresenta também sinais característicos de um batedor. Neste momento configura-se o problema de denominar os objetos por marcas de uso insuficientemente diferenciadas. Esta realidade é constatada também quanto aos batedores e masseradores. Os últimos, pelo próprio nome, servem para masserar ou, conforme Cunha (op. cit.) esmagar ou amaciar algo; os batedores, paralelamente, são referidos pelo mesmo como úteis para o masseramento, esmagamento e trituração. Mais confuso fica quando um implemento é classificado como batedor e masserador (de basalto). Todos estes três tipos de peças são empregados pela ação de bater em algo; somente com evidências seguramente comprovadas, pode-se denominar funcionalmente estes objetos. Foram encontrados 13 batedores, sendo 11 em basalto (3 de formato ovolar - foto 8 d;

fig. 49a), 1 associado a percutor, 1 a percutor e bigorna, 1 a masserador, 1 a bigorna (foto 6 b), 1 a polidor e 1 a talhador e afiador (fig. 47) e 1 em ágata; 5 masseradores, 4 em arenito silicificado (polidos e com uma depressão central em seu anverso, assim como desgaste em toda área periférica) e 1 em basalto (associado a batedor).

Perasso (1984:52), em pesquisas na Redução de Trinidad, classifica batedor ou percutor lítico como martillo. Sepp (1973: 240), ao referir-se ao modo como os índios cortavam as pedras de construção para uma igreja, cita o uso de "(...) *simples guijarros, en vez de martillos de hierro (...)*".

Os polidores (implementos que exercem a ação de polir) apresentam-se associados ou não a outras funções: 1 polidor e raspador em basalto, 2 polidores e batedores em basalto, 1 polidor com lascamentos nas laterais em arenito e 5 peças em arenito silicificado com uma ou mais superfícies planas polidas com características de polidores ou afiadores (implementos que servem para afiar). Cunha classificou um talhador e batedor de basalto (fig. 47) como provável afiador.

Quanto aos furadores — definidos como "*lasca ou lâmina apresentando uma ponta reta convergente ou incurvada claramente saliente, por retoques bilaterais, algumas vezes alternados com ombro simples ou duplo*" (Cunha, 1988) — já foram mencionados ao tratarem-se dos raspadores (fig. 43b, 44b). Ocorre a presença de um furador com retoques em cristal de quartzo e

fragmentos do mesmo material com desgaste nas extremidades possivelmente utilizados como furadores (foto 7).

Cunha identificou uma peça em ágata com inúmeros cristais de quartzo desgastados regularmente, levando-o a concluir que estes foram utilizados no desbaste ou modelagem de uma superfície. O implemento foi denominado de grossa ("lima grossa para desbastar madeira, ferro ou casco de cavalgadas") e possui 85mm de comprimento, 68mm de largura e 32mm de espessura (fig. 50).

As técnicas de confecção de peças líticas restantes — o picoteamento e o polimento, eram empregadas pelo artesão Guarani sobre matérias-primas não tão duras quanto às utilizadas no fabrico de implementos lascados. As peças polidas são encontradas sobre arenito, arenito silicificado e basalto, sendo as duas primeiras as mais usadas. O ato de polir um objeto consiste em atritar uma peça sobre outra ou, anteriormente a esta ação, picotear a superfície do bloco de matéria-prima através de um percutor de consistência mais densa, dando a forma desejada. A técnica mais comum identificada foi a do picoteamento seguido do polimento.

Cunha utilizou como critério para a análise do material lítico polido e picoteado, todas as peças que apresentassem sinais do emprego destas técnicas de confecção. Entre estas, foram identificados objetos total ou parcialmente polidos e picoteados, percutores e/ou batedores e masseradores, e instrumentos

que sofreram ação de lascamentos com marcas de polimento.

Dentre as peças picoteadas e com sinais de polimento, ainda não mencionadas, foram identificadas as seguintes:

a) Bolas: 93 peças com formato esférico ou ovóide, apresentando variações tanto nas dimensões quanto no acabamento final. A maior bola possui 68mm de diâmetro e a menor 28mm, produzidas sobre basalto, arenito e arenito silicificado (fig. 49b, c). Destas, 3 apresentam sulco equatorial com 1,5mm de depressão, sendo duas em basalto e uma em arenito (foto 8a, b, c). Predomina o picoteamento como técnica de produção (fig. 51b, 52b).

Souza (1987:348) menciona, entre outros equipamentos bélicos Guarani, o uso de fundas de couro cru que arremessavam pedras redondas pela liberação de uma das extremidades a partir de um movimento giratório rápido. Às boleadeiras, é atribuída uma origem pampeana, provavelmente empréstimo dos Charrua, habitantes das paisagens abertas. As bolas, encontradas em grande quantidade em São Lourenço, possivelmente poderiam ter semelhante função que as boleadeiras, envoltas em um pedaço de couro e amarradas à corda. Este gênero de arma é descrito por Sepp (1973:268) como "*(...) cuerda de una vara de largo con unas piedras redondas em ambos extremos. Cuando arrojan la cuerda contra alguien que se encuentra a cierta distancia, las piedras colocadas em ambos extremos, luego que escapan de la mano del tirador, se extienden y derriban infaliblemente a la persona que alcanzan*". Tais bolas eram fabricadas para los honderos y para los boleadores,

nas oficinas das reduções (Furlong, 1962:53).

b) Lenticulares: 19 peças de formato discoidal, convexo ou plano-convexo confeccionadas por picoteamento e/ou polimento em basalto, arenito e arenito silicificado. As lenticulares com polimento apresentam-se polidas nas faces superiores e inferiores e picoteadas ao longo da zona periférica. Algumas possuem evidências de uso como bigorna. Muitas bolas e lenticulares picoteadas foram classificadas como pedras de arremesso e batedores. Brochado (1969:190) comenta que estes artefatos são comuns em quase todos sítios da fase Missões, atribuindo-lhes, apesar da sua utilidade não encontrar-se esclarecida, a denominação "pedra-de-funda" (foto 9b, c — Fig. 52a, 53, 54, 55, 56b).

c) Discos: 4 peças em arenito circulares e achatadas, com polimento por desgaste na área periférica e polimento nas superfícies planas superiores e inferiores. Duas apresentam sinais de uso como bigorna (foto 9d,e — Fig. 51a; 56a, c).

d) Itaiçá ou maça de guerra: 2 fragmentos de uma peça circular, em formato discoidal como uma perfuração central (para um provável encabamento) em arenito, polidos nas faces superiores e inferiores e picoteados na zona periférica (foto 9a — Fig. 57, 58).

e) Provável peça para masseramento: 1 fragmento de objeto fabricado sobre basalto com sinais de picoteamento em toda as superfícies, com a face superior plana circundada por uma espécie de borda (foto 6 a).

f) Lâminas de machado: 2 fragmentos polidos confeccionados em basalto (fig. 59).

Sepp (1973:240), em contato com os Guarani de 1691 a 1733, descreve o fabrico deste tipo de implemento: "*sacaban guíjarros de los ríos, a saber aquellos que en cuanto a la dureza pueden igualarse al acero, les restregaban y afilaban de modo que cada uno servía de piedra amoladora para el otro, hasta que lograban el filo de un hacha de hierro; luego hacían un mango de madra, en el cual introducían la piedra, y se valían de este instrumento para todo trabajo, por ejemplo, para talar árboles y cortar leña*".

Observa-se na grande maioria dos implementos líticos descritos o emprego das matérias-primas oferecidas pelas jazidas naturais da região próximas ao povoado — de basalto, arenito e arenito silicificado. Foi possível realizar um levantamento comparativo dos termos e expressões que designam as fontes utilizadas pelos Guarani, aos relacionados à matéria-prima, alguns com referência a sua utilização e aos produtos do trabalho em pedra citados por A. Ruiz de Montoya, no Vocabulario y Tesoro de la lengua Guarani ([1639], 1876) e P. Restivo, no Vocabulario de la lengua Guarani ([1722], 1893).

VOCABULARIO Y TESORO DE LA LENGUA GUARANI - A. Ruiz de Montoya
 VOCABULARIO DE LA LENGUA GUARANI - P. Restivo

Expresões em Espanhol	Expresões em Guarani	
	Montoya	Restivo
<u>pedregal</u>	<u>itatîba</u>	<u>ytacurubiti</u> , <u>ytapuyti</u> (pequenos), <u>ytata</u> (cantero)
<u>cascajal</u>	<u>ytá curubiti</u>	--
<u>cascajo</u>	<u>ytá cutubí</u>	<u>ytacurubi</u>
<u>piedra de amolar</u>	<u>ytaguí</u>	<u>ytaguí</u>
<u>crystal y toda piedra res-</u> <u>plandeciente</u>	<u>ytáberá</u>	<u>ytábera</u> , <u>ytáendípu</u>
<u>piedra afilada y piedra as-</u> <u>pera como piedra pomes pa-</u> <u>ra raspar</u>	<u>ytá aymbé</u>	--
<u>piedra de hierro</u>	--	<u>ytacuru</u>
<u>cunha de piedra</u>	<u>ytáñi</u>	<u>ytáacanga</u> (hacha de cortar)
<u>piedra con cintura para ploma-</u> <u>da de anquelo</u>	<u>ytacuã</u>	--
<u>piedra de atahona, molina</u>	<u>ytá neátýmã týmã</u>	<u>ytayere</u>
<u>casa de piedra</u>	<u>ytáog</u>	--
<u>coluna de piedra</u>	<u>ytá oquítá</u>	<u>ytá oquíta apuá</u>
<u>macho y martillo</u>	<u>ytá núpáhá</u>	--
<u>maça de guerra con porra</u>	<u>ytáv apé</u>	--
<u>martillo</u>	<u>ytá núpáhá mýri</u>	<u>aynupã</u> (martillar)

Obs.: Devido à tradução de ytá por Montoya (op. cit.), que pode significar, entre outros, pedra ou ferro, as três últimas expressões que designam macho y martillo, maça de guerra con porra e martillo, podem denominar instrumentos líticos ou férreos.

Ainda quanto aos tipos de rochas, foram identificadas na documentação histórica (cf. Furlong, 1962, in Souza, 1987:356-7), quatro classes: itacuru, itaqui (pedra branca, semelhante a de amolar), itátatá (pedra dura) e tobatí (ou cara branca, utilizada moída no revestimento das paredes das construções com coloração branca).

Percebe-se que os instrumentos confeccionados em pedra pelos Guarani de São Lourenço, observados a partir dos vestígios arqueológicos, eram úteis em variadas atividades cotidianas — para cortar, raspar, desbastar, aplainar, talhar, polir, afiar, furar, bater, masserar, lançar... Souza (op. cit.) reuniu em Montoya termos e expressões em Tupi-guarani colonial que designam atos técnicos produzidos por instrumentos, possivelmente líticos: ayciá, ato de cortar com machado ou cunha; añopã íbira, ato de desbastar madeira; amômbú, ato de perfurar; aycutug, ato de perfurar com punção. Segundo Restivo (op. cit.) o ato de cortar corresponde a mesma expressão arrolada por Montoya — ayacia ou ayahia; o ato de desbastar madeira, añanangog, añopang, añopí ãbira e ãbírape, e o ato de desbastar uma tábua, añopãÿ e añanangog ãbírape. A ação de bater, martelar, já mencionada no quadro, é traduzida pelo termo aynupã.

4.1 Considerações preliminares

A mostra de implementos líticos resgatados no sítio demonstram a manutenção, pelos Guarani, de elementos compositores da indústria de objetos confeccionados em pedra pelo grupo através da sua trajetória histórica-cultural.

Embora evidências de que peças de ferro fossem elaboradas no povoado, necessidades diárias do emprego de instrumentos eram satisfeitas pelo fabrico de peças de pedra. O basalto, abundante na área, o arenito silicificado e a ágata, matéria-primas tradicionalmente usadas pelos grupos pré-coloniais, continuaram sendo matrizes da produção de implementos lascados e/ou polidos. O arenito friável (utilizado anteriormente como polidor), passou a ter um uso significativo na redução por encontrar-se uma quantidade relativa de pedreiras e por adaptar-se a novos objetos, desconhecidos da cultura indígena (discos, cunhas, lenticulares...).

Brochado (1969:190-91), ao comentar o material lítico proveniente de São Lourenço, São João e São Miguel (fase Ijuí) o classifica como semelhante ao do Guarani pré-colonial "(...) *talhadores lascados com ponta e bisel; alguns fragmentos de objetos polidos, planos, tabulares, de diversos formatos, a maioria em arenito, com sinais de utilização como desgastadores ou polidores; alguns batedores de aresta, muitos fragmentos de boleadeiras com sulco, e nódulos e lascas de quartzo ou ágata, entre os quais um com sinais de uso, possivelmente como pedernei-*

ra numa arma de fogo". Ribeiro (1989:13) identificou, em peças resgatadas em São Lourenço, uma lasca com retoques e um raspador de calcedônia, um batedor de basalto, um possível polidor de arenito e duas lenticulares de basalto. Excetuando-se as últimas, as restantes enquadram-se no conjunto de implementos líticos comuns nos sítios Guarani pré-coloniais, onde estão incluídos pequenas lascas com bordos cortantes, raspadores, talhadores, picões, polidores em arenito, afiadores, furadores, percutores, batedores, lâminas de machado polidas predominantemente, e bolas de pedra sulcadas ou alisadas, picoteadas ou bem polidas.

Se a hipótese de que havia fundição de ferro em São Lourenço for comprovada, provavelmente os homens produzissem implementos férreos para os trabalhos diários. Sepp (1973), na Missão de São João Batista, a partir do basalto vesicular ou ytacuru, que contém minerais ferrosos, deu início à fabricação de instrumentos de ferro nas missões. Os fornos utilizados na época eram os catalões, que atingiam altas temperaturas. Parte do material ferroso era perdido, juntamente com as impurezas e sais não-minerais, originando as escórias. Estas evidências em forma de blocos e fragmentos, encontram-se nas superfícies de São Lourenço (áreas 3 e 10 de coleta superficial), sugerindo a ocorrência do processo de fundição no povoado missioneiro. Dentre os objetos coletados, a maioria é oriundo do século XVIII: cravos de seção e cabeça quadrangulares, lâminas (de facas e foices),

ponta de flecha metálica³⁴ e, possivelmente, uma fechadura de confecção muito simples (Kern e Carle, 1989).

O ferro sempre desempenhou um papel importante no contato entre indígenas e europeus e, especificamente no contexto jesuítico-Guarani, o machado de ferro "(...) machados de ferro e redução aparecem com frequência estreitamente unidos" (Meliã, 1982:231). Provavelmente lâminas de machado tenham sido produzidas e utilizadas nas reduções, associadas ao fabrico doméstico das cunhas de pedra polidas.

Implemento típico de horticultores de floresta tropical, o machado de lâmina de pedra polida (inteiramente ou somente no bordo) tradicionalmente era confeccionado sobre rocha vulcânica (basalto, diabase e melafire) sob as formas petaloidal ou trapezoidal. Este instrumento é referido como essencial da cultura Guarani nas informações etno-históricas, cumprindo as funções de derrubada de árvores, possibilitando a preparação da área de roças, construção de canoas, com o escavamento dos troncos, ou para outras finalidades (Souza, 1987:353-54). Sepp comenta que as hachas de piedra foram ainda utilizadas nos primei-

³⁴ Segundo Kern e Carle, "do ponto de vista das transformações culturais por que passam os Guarani nesta época, o implemento metálico mais interessante é uma ponta de flecha encontrada em meio às cinzas de uma fogueira, em um dos níveis de ocupação da cozinha. Ela sintetiza por um lado a revolução tecnológica da metalurgia do ferro, e por outro lado a persistência dos padrões culturais dos guaranis, na forma (ponta com aletas e pedúnculo) e no seu uso social (a caça e a guerra)" (p.3).

ros tempos da redução dos índios (1973:240).

Montoya (op. cit.) refere-se ao machado como ytâi (cunha de piedra), enquanto Restivo (op. cit.), como yíacangua (hacha de cortar). A certeza de que o primeiro refere-se ao machado com lâmina de pedra polida não aplica-se ao segundo, que pode significar (ou não) machado com lâmina de ferro. As lâminas de pedra polida são ausentes nos sítios de contato, assim como os furadores, mãos-de-pilão, e alisadores de meia-cana (Brochado, Calderón, Chmyz, Dias Jr. e outros, 1969:23). Portanto, a presença de dois fragmentos deste implemento na Redução de São Lourenço Mártir, indica sua produção e uso no período inicial da missão e, ou, durante todo o período de existência desta e, ou posterior ao abandono do povoado.

Evidencia-se, entretanto, a continuidade da utilização de instrumentos lascados, produzidos sobre lascas e sobre blocos (lascas com bordos cortantes, denominadas raspadores, raspadores plano-convexos; plainas; picão; talhadores), de blocos com sinais de uso como percutores, batedores, bigornas e polidores, afiadores e furadores. Os termos ou expressões do Vocabulário de Restivo (op. cit.) relacionados às peças arqueológicas, são referentes a itaquí (piedra de amolar), coincidente com a tradução de Montoya (op. cit.), e aynupã (martillar), cujo substantivo, conforme Montoya, é itá nûpûhá mÿrî (martillo, se traduzido como percutor ou batedor).

A presença destes elementos materiais da cultura Guara-

ni na Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço Mártir reflete uma persistência dos indígenas em manipular implementos cujo domínio de confecção e utilização pertencia a um contexto sócio-cultural e econômico secular e, portanto, significativo na sua tradição.

Assim como a manufatura de artefatos cerâmicos, os implementos produzidos em pedra — ambos característicos dos Guarani — são símbolos visíveis de singularidade e de identidade étnica.

A análise e as interpretações sobre o material lítico tecidas neste Capítulo são preliminares e demonstram a necessidade de um estudo mais aprofundado quanto aos aspectos tecnológicos e sociais que envolvem os objetos confeccionados em pedra pelos Guarani. O conjunto dos implementos deve ser reavaliado sobre uma perspectiva teórica mais consistente e refletido frente a todas as interrogações e problemas que acompanham a cultura material missioneira.

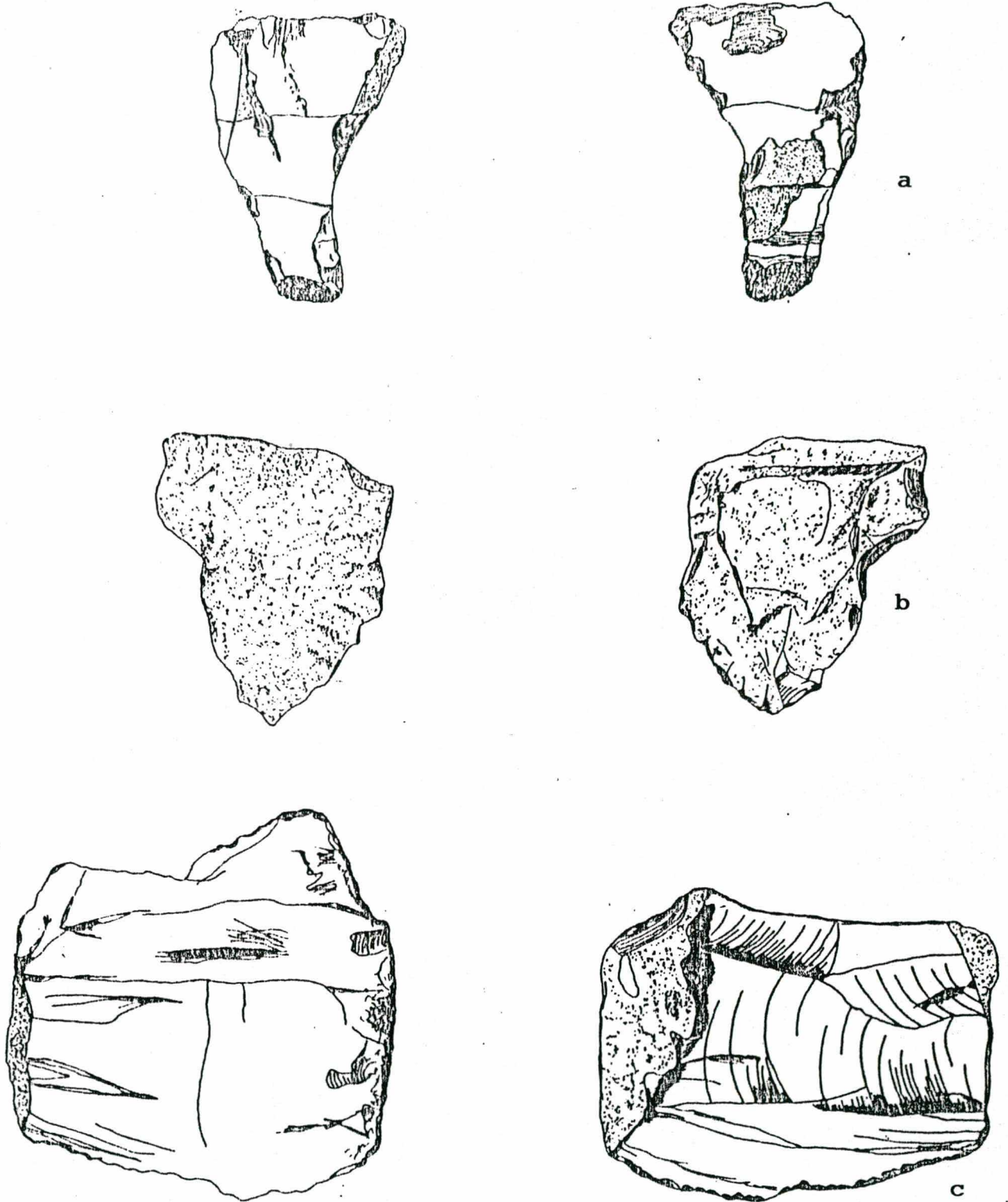
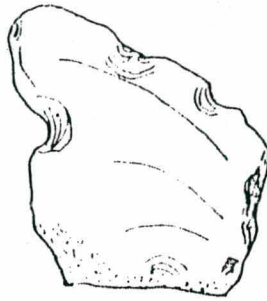
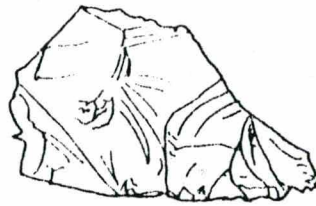


Fig. 41



a



b



c

Fig. 42

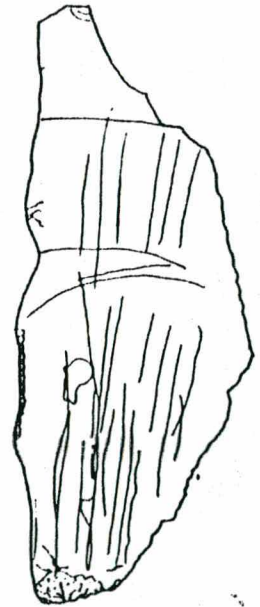
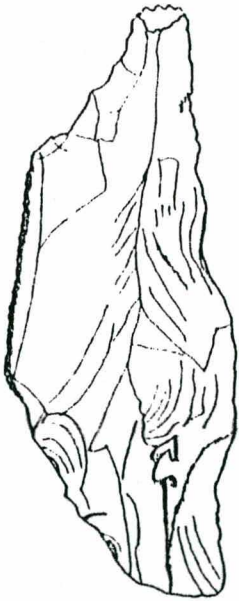
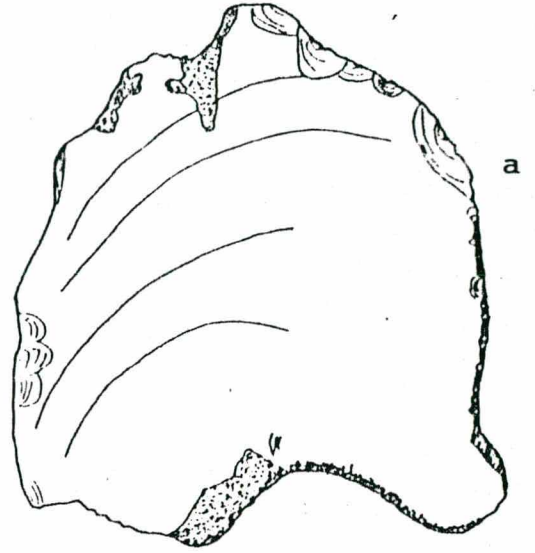
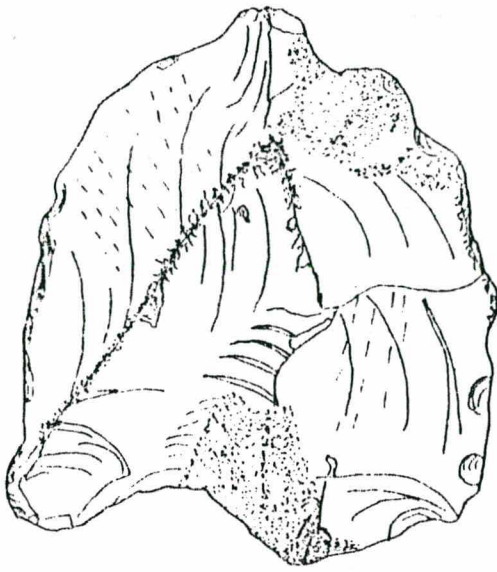
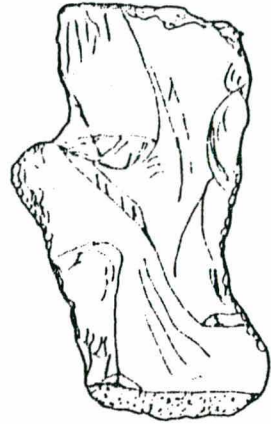
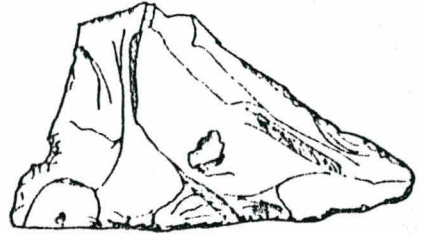
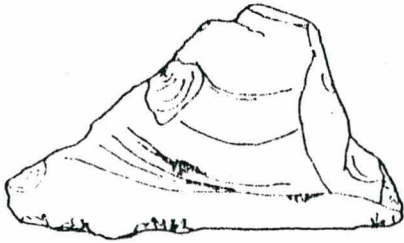


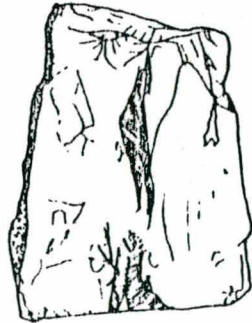
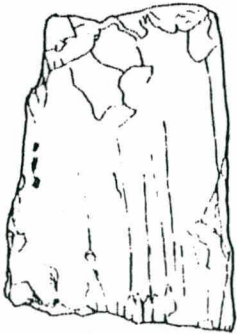
Fig. 43



a

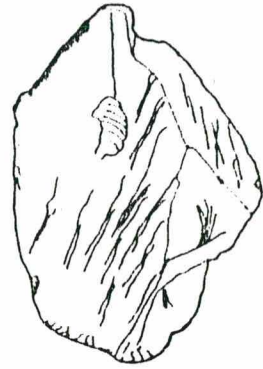
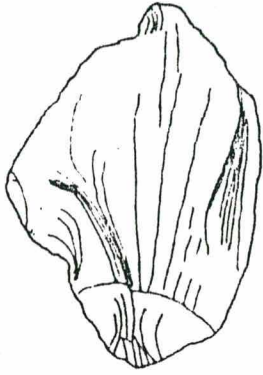


b



c

Fig. 44



a



b

Fig. 45

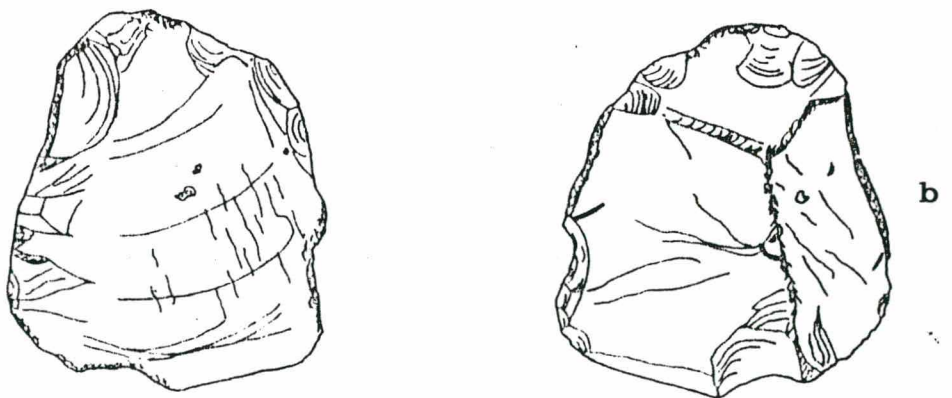
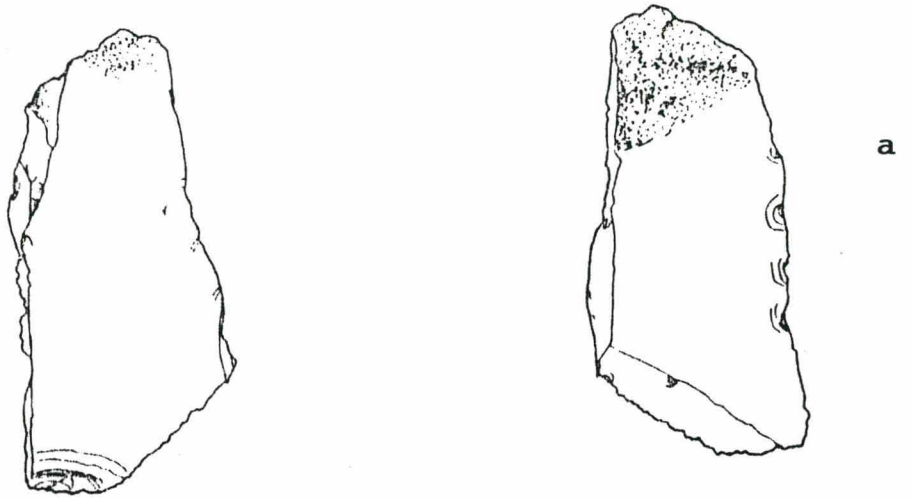


Fig. 46



Fig. 47

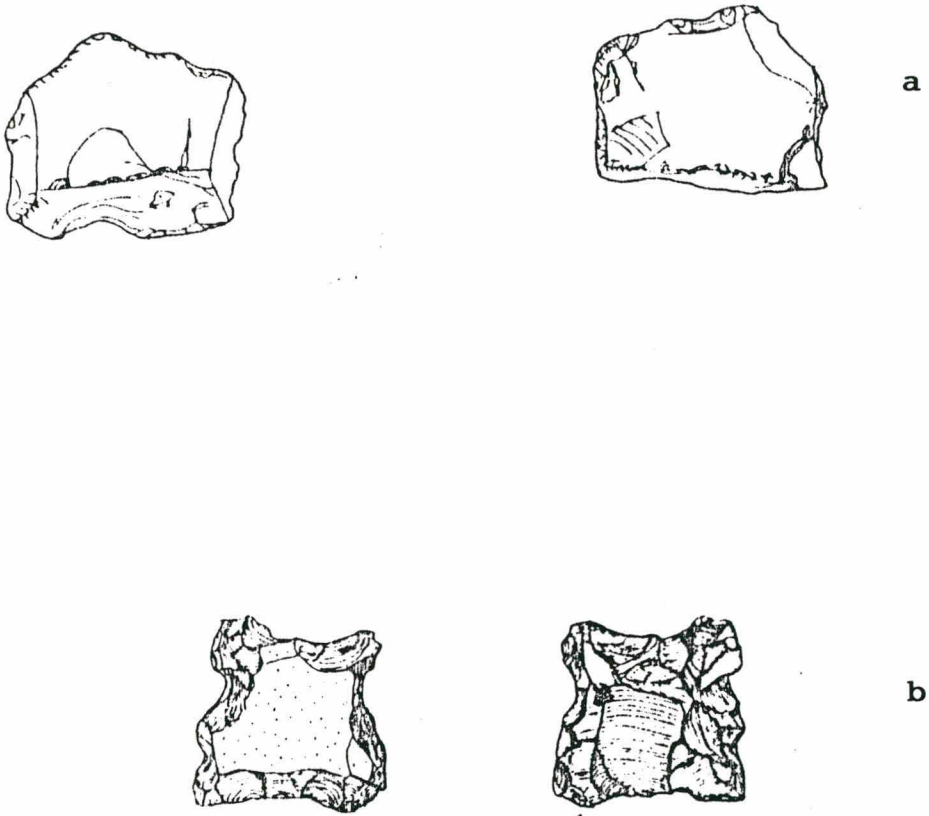
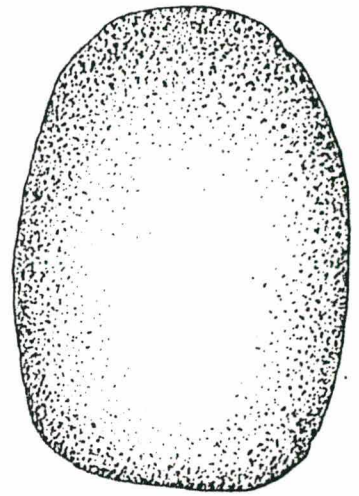
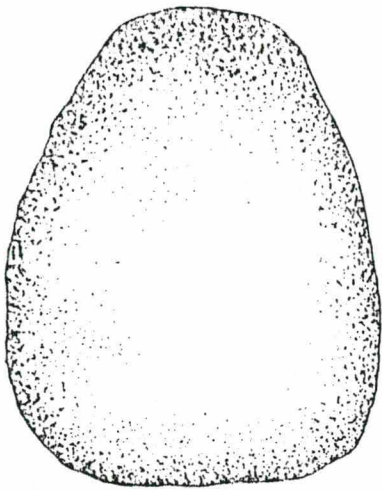
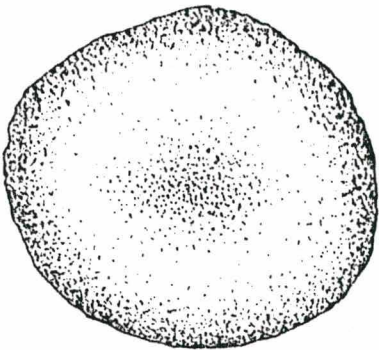


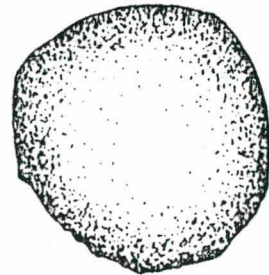
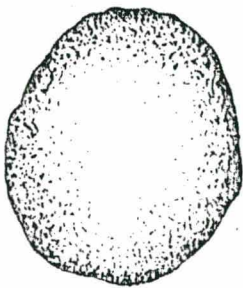
Fig. 48



a



b



c

Fig. 49

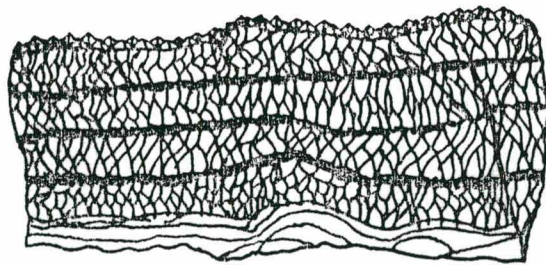
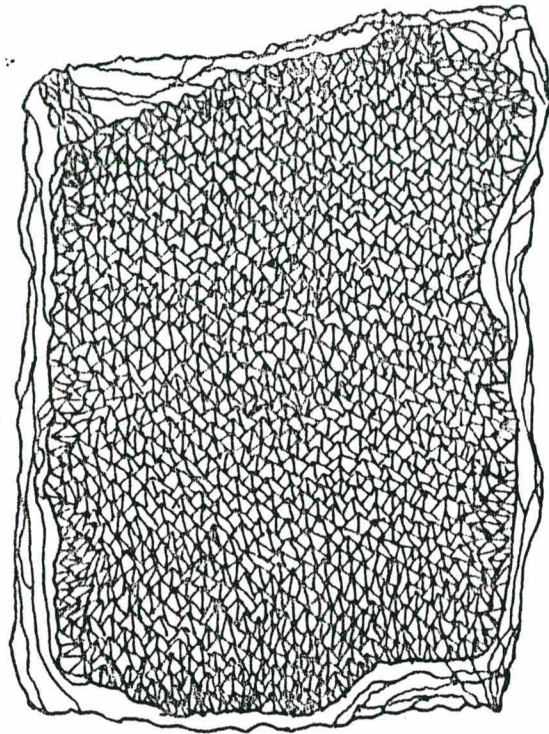
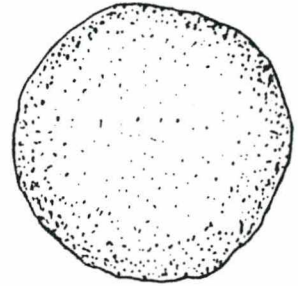
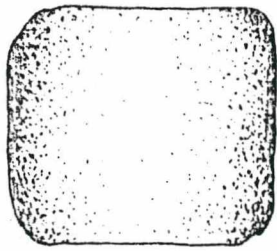
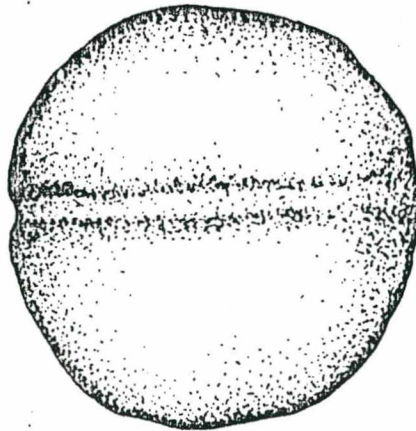


Fig. 50



a



b

Fig. 51

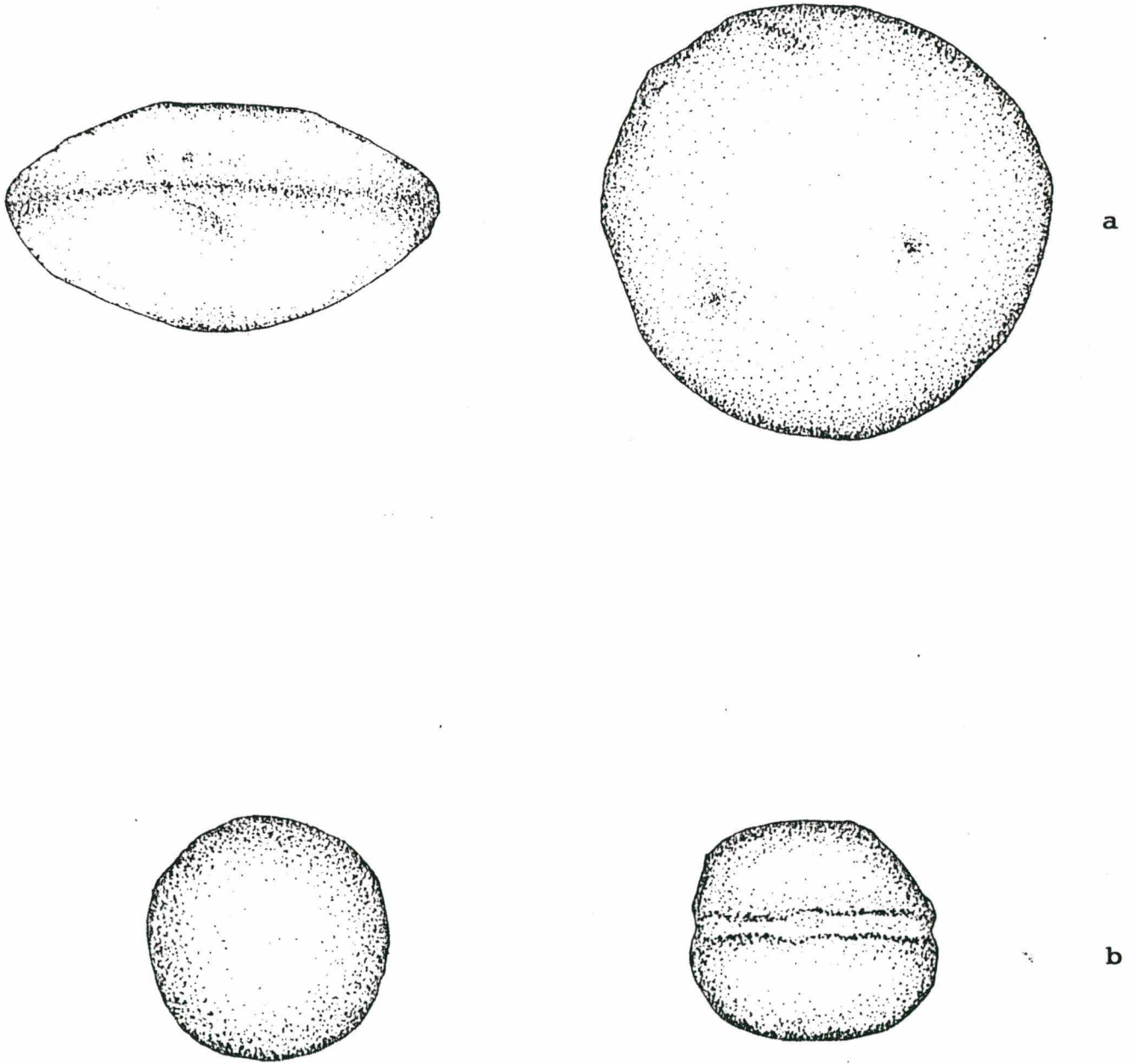


Fig. 52

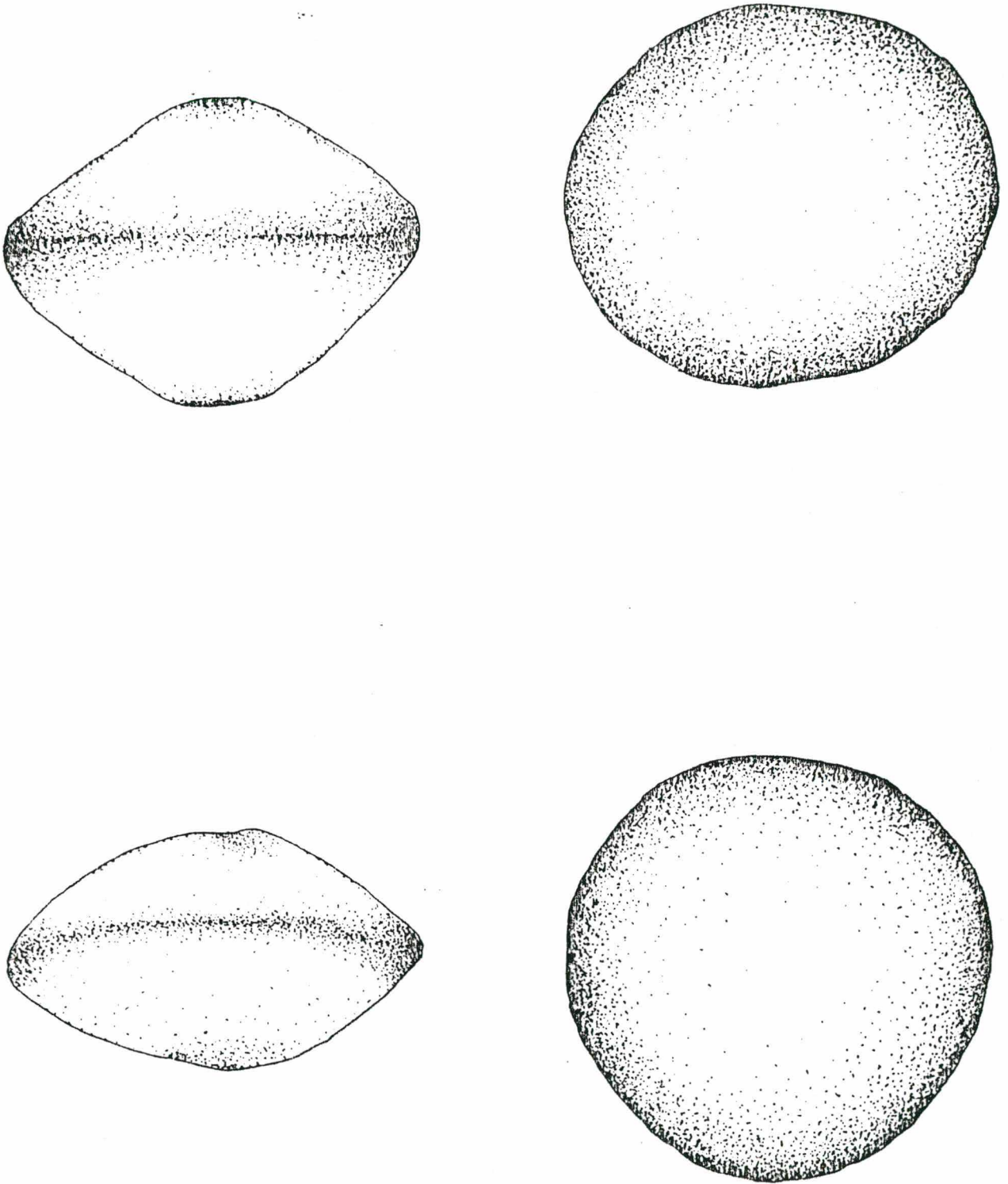


Fig. 53

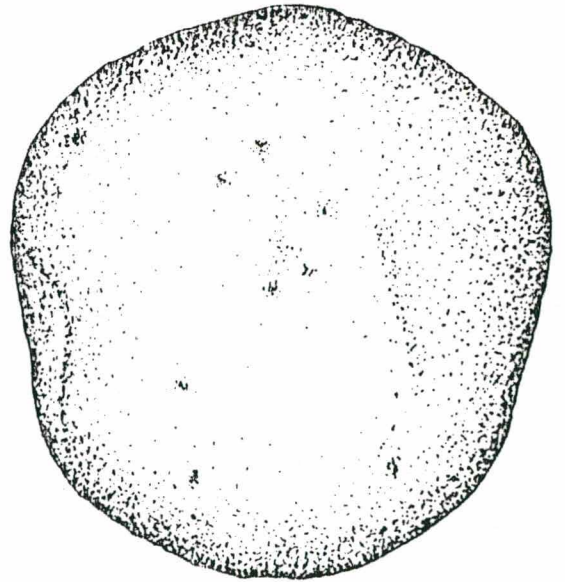
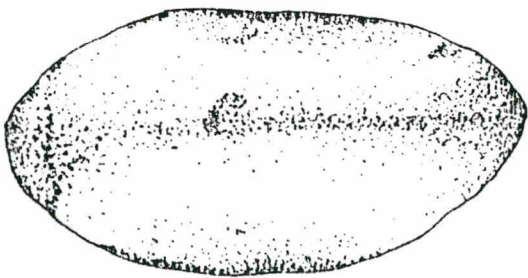
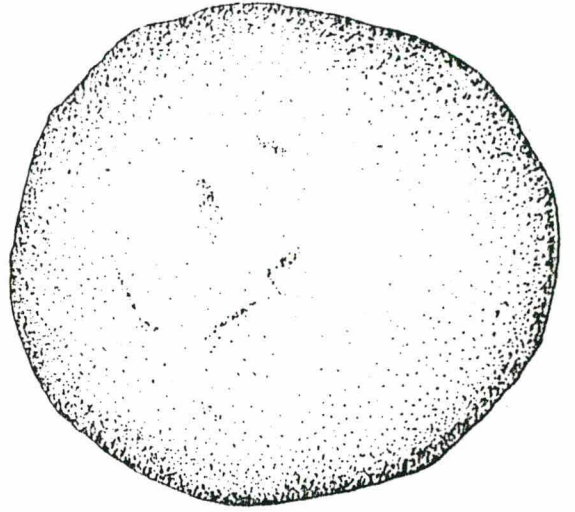
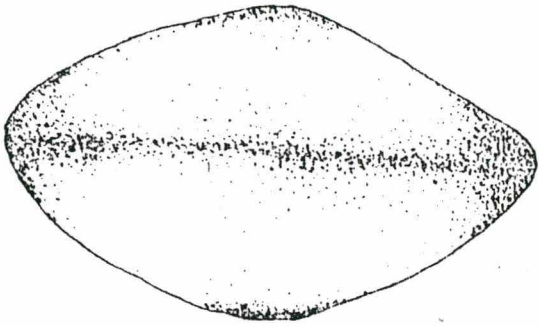


Fig. 54

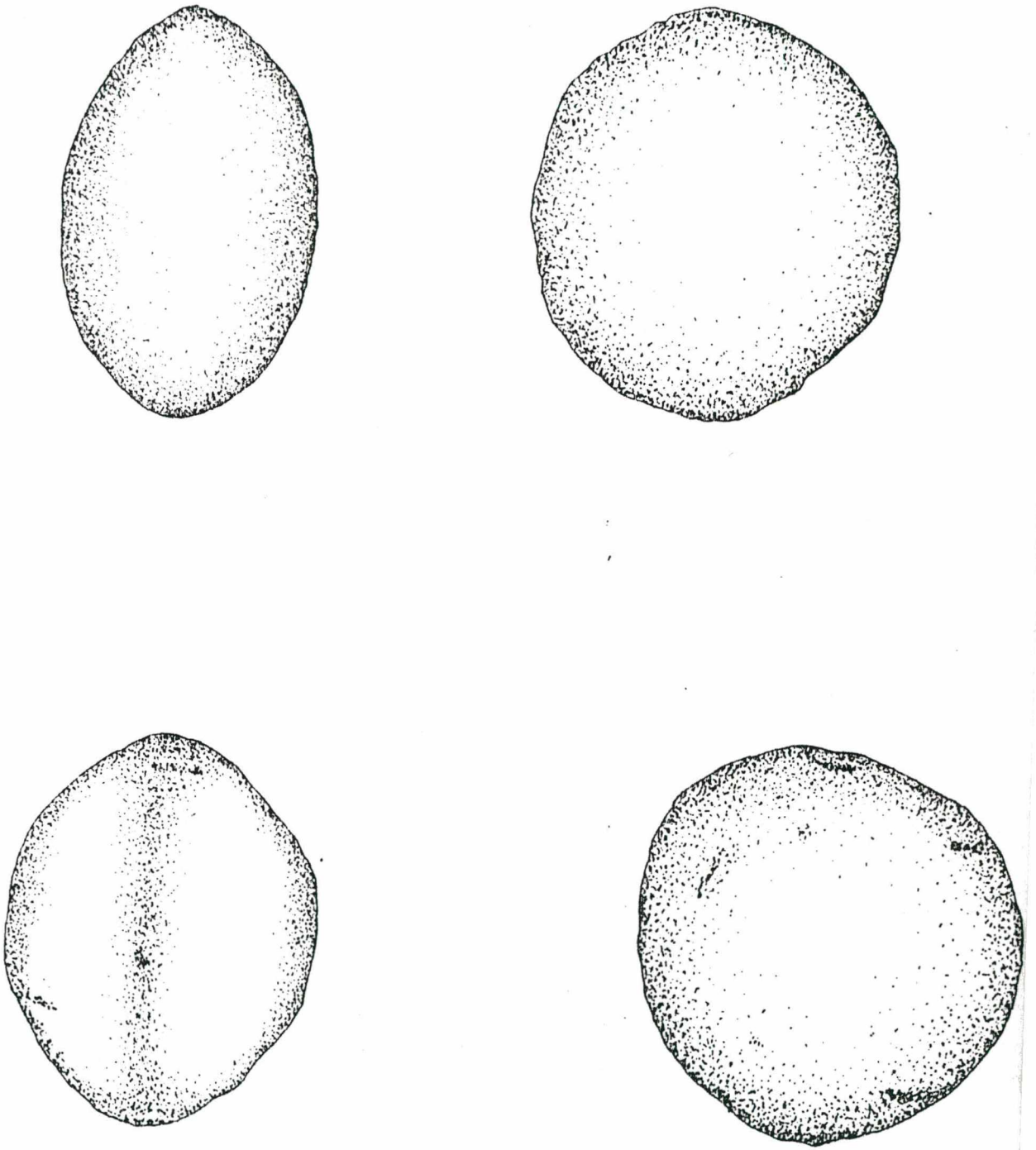


Fig. 55

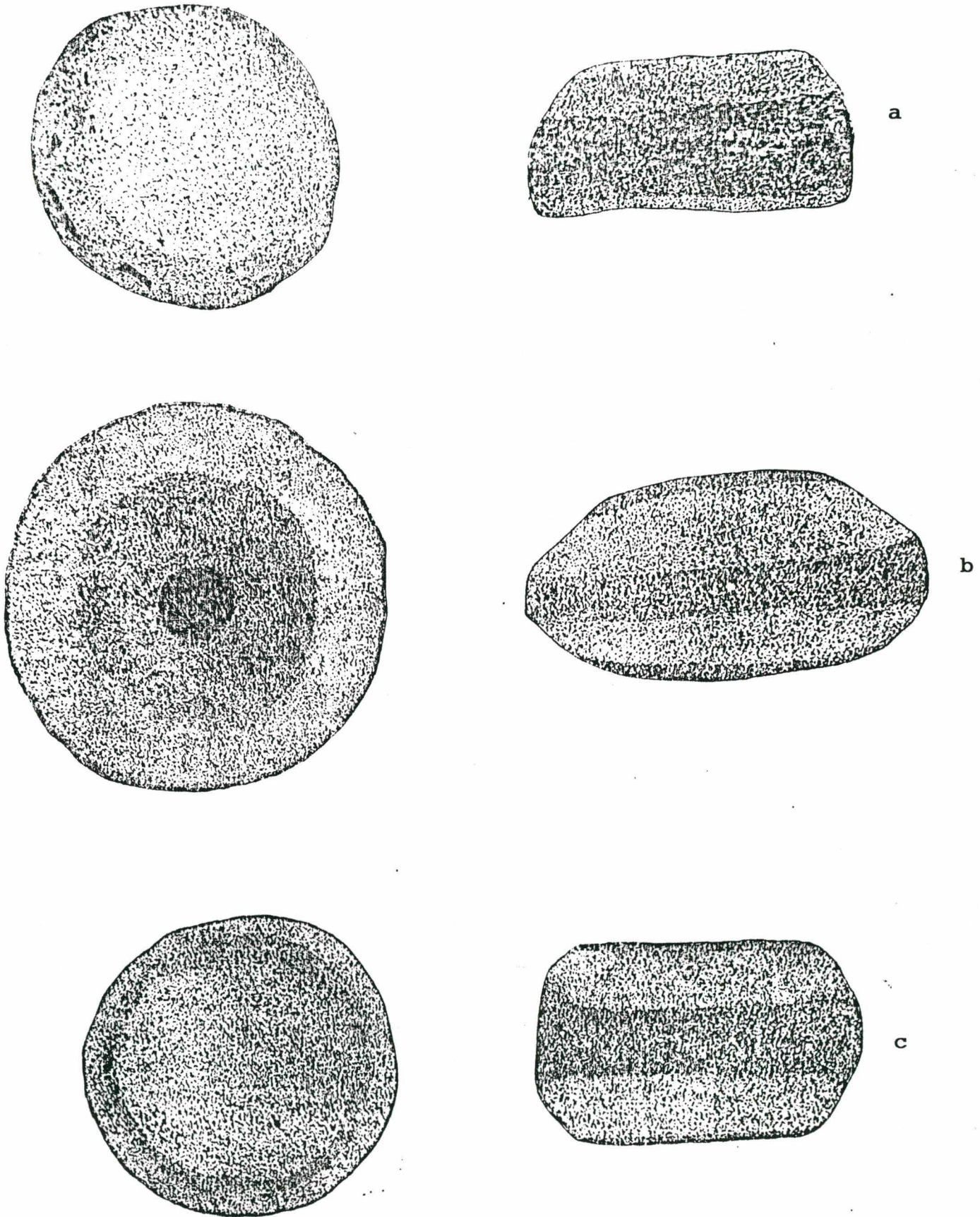


Fig. 56

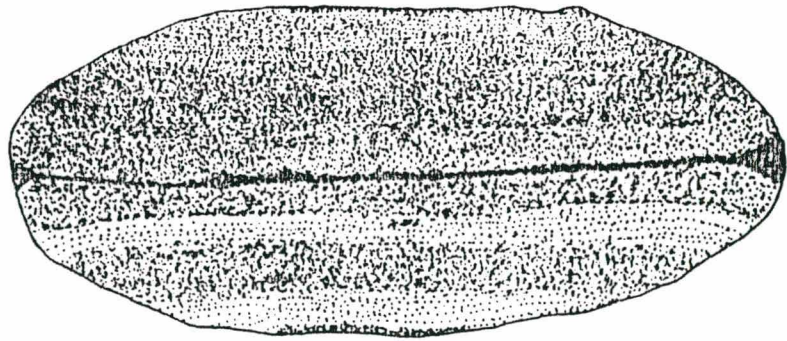
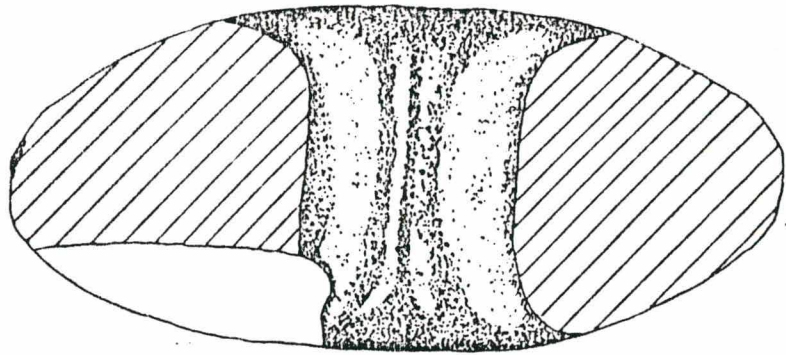
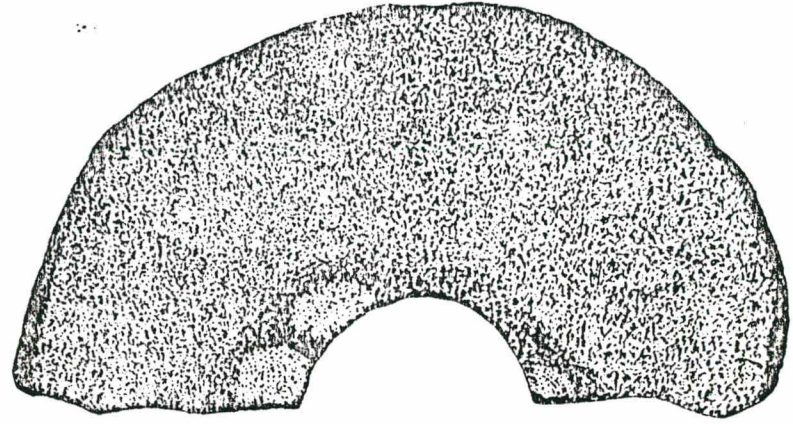


Fig. 57

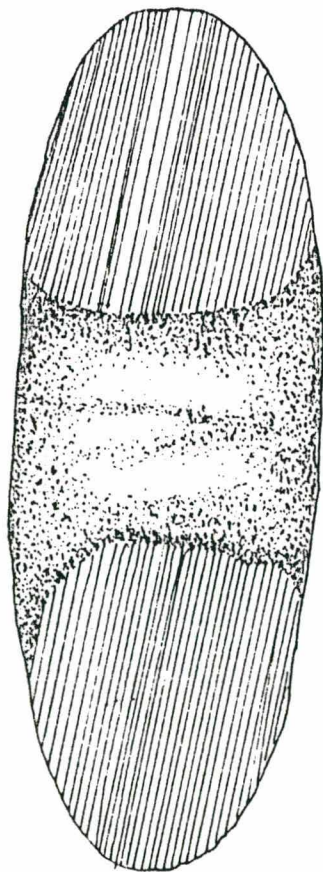
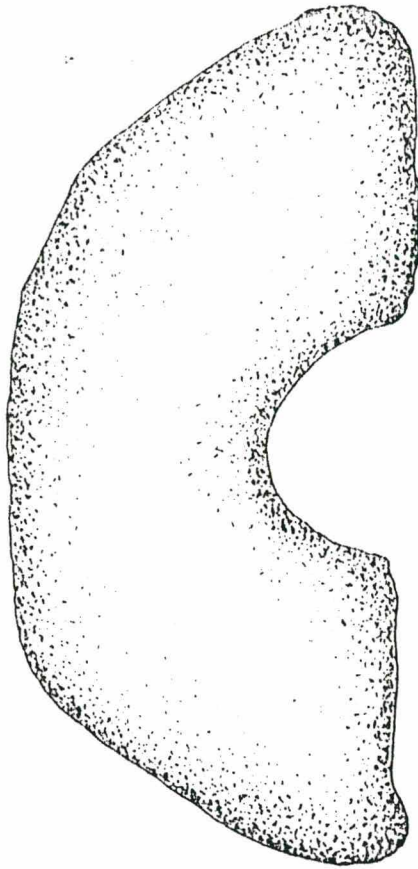


Fig. 58

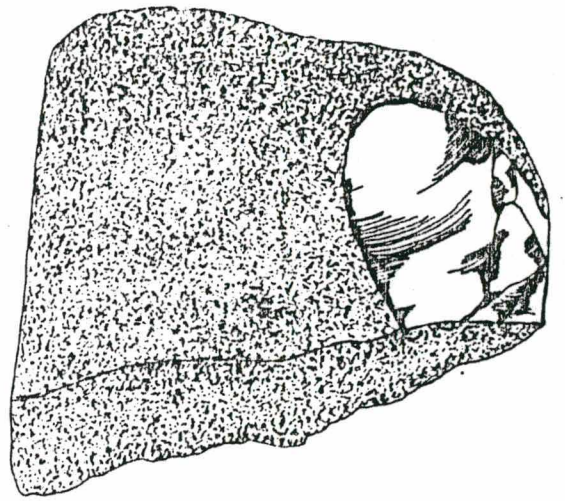
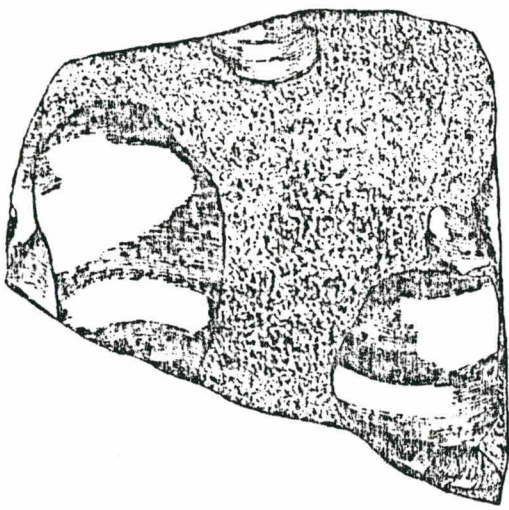


Fig. 59

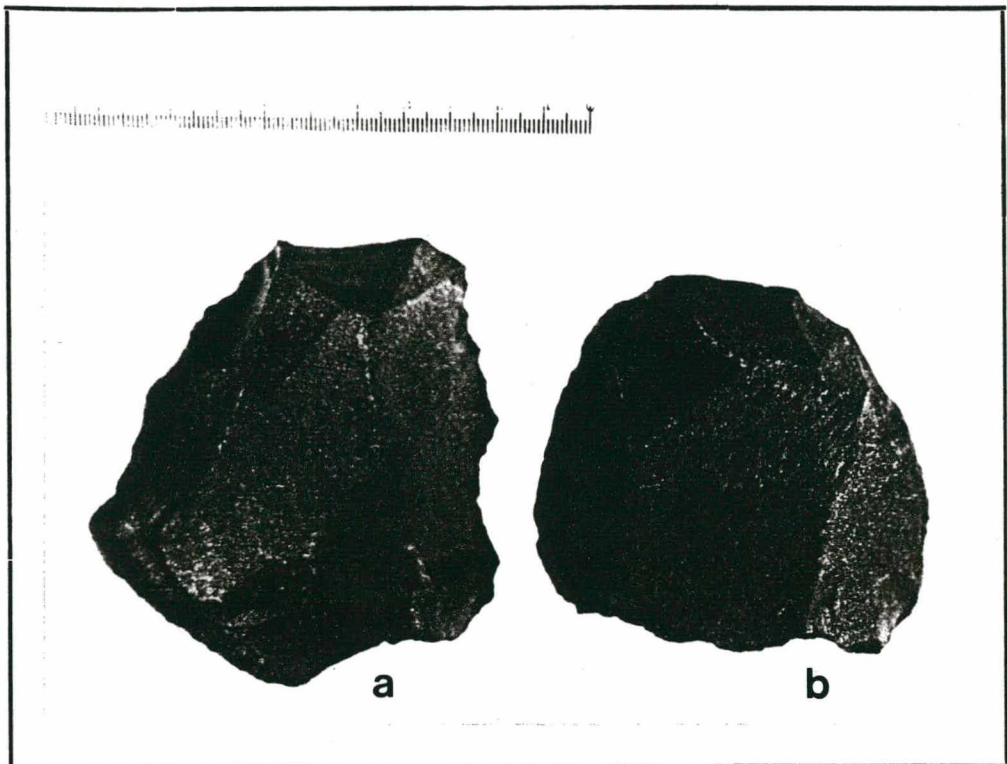


Foto nº 1:

a, b - Raspador plano-convexo em arenito silicificado

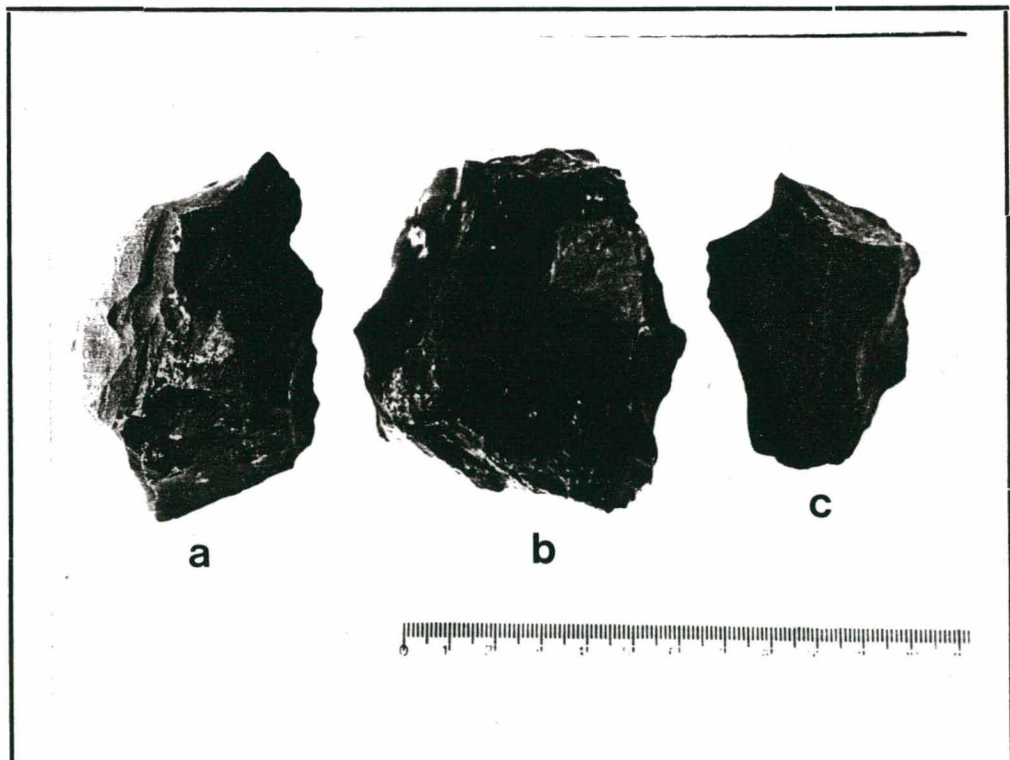


Foto nº 2:

a, c - Raspador plano-convexo sobre basalto
b - Raspador sobre ágata

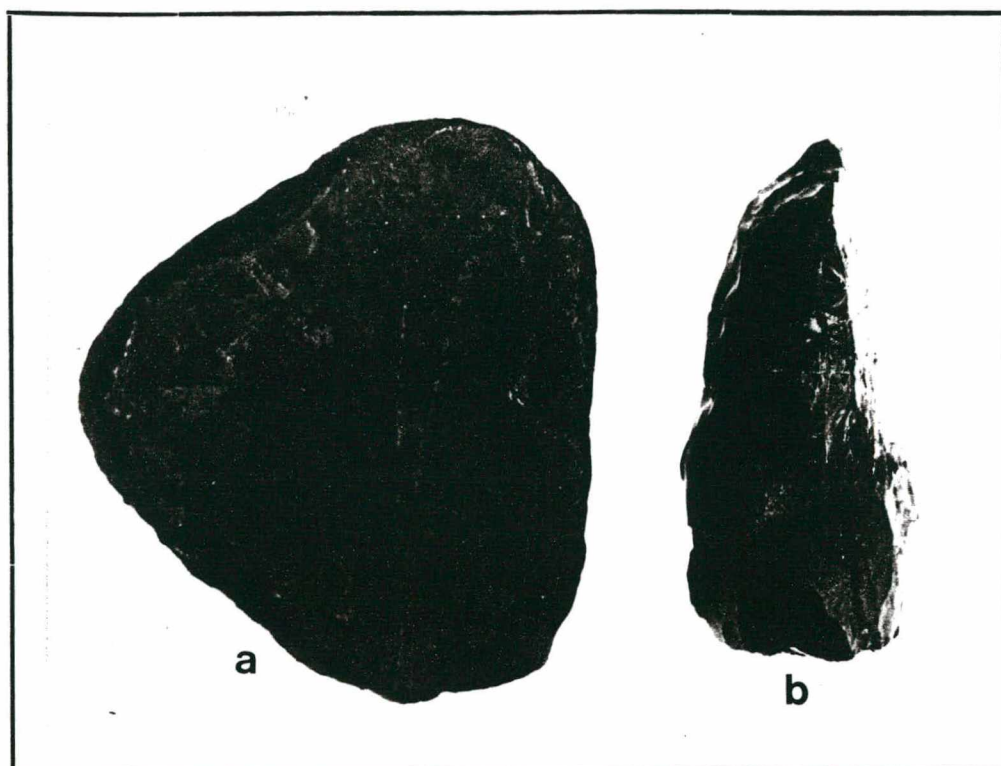


Foto nº 3:

a - Batedor em basalto

b - Talhador poliédrico em ponta com duplo gume lateral com retoques em basalto

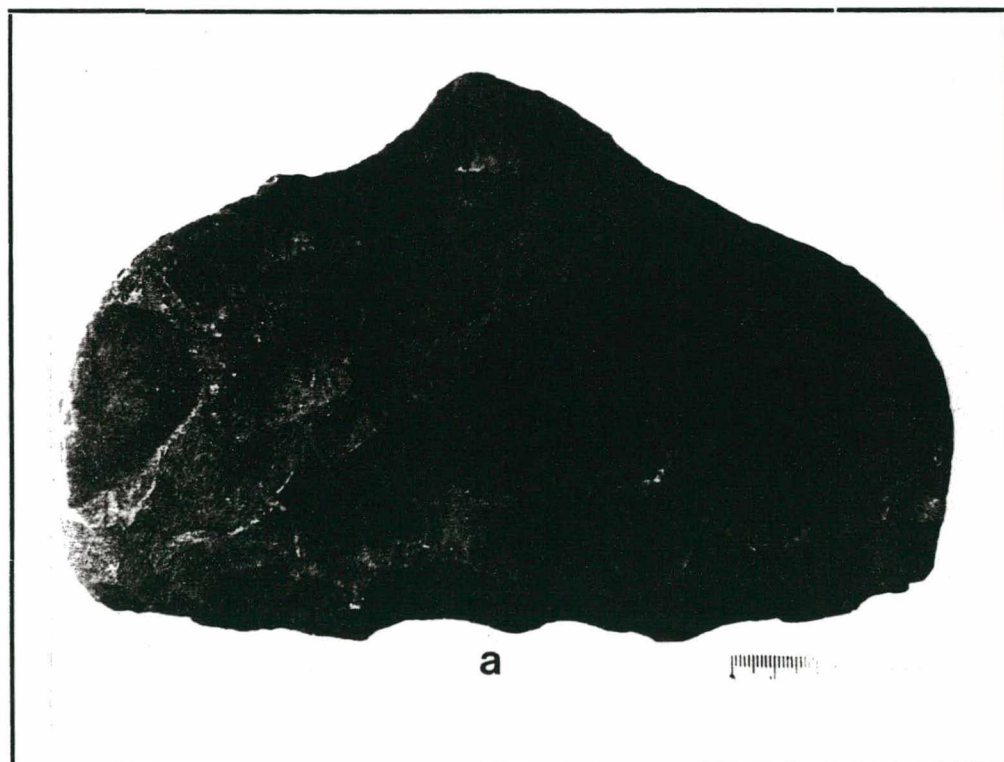


Foto nº 4:

a - Talhador com gumes laterais em basalto.

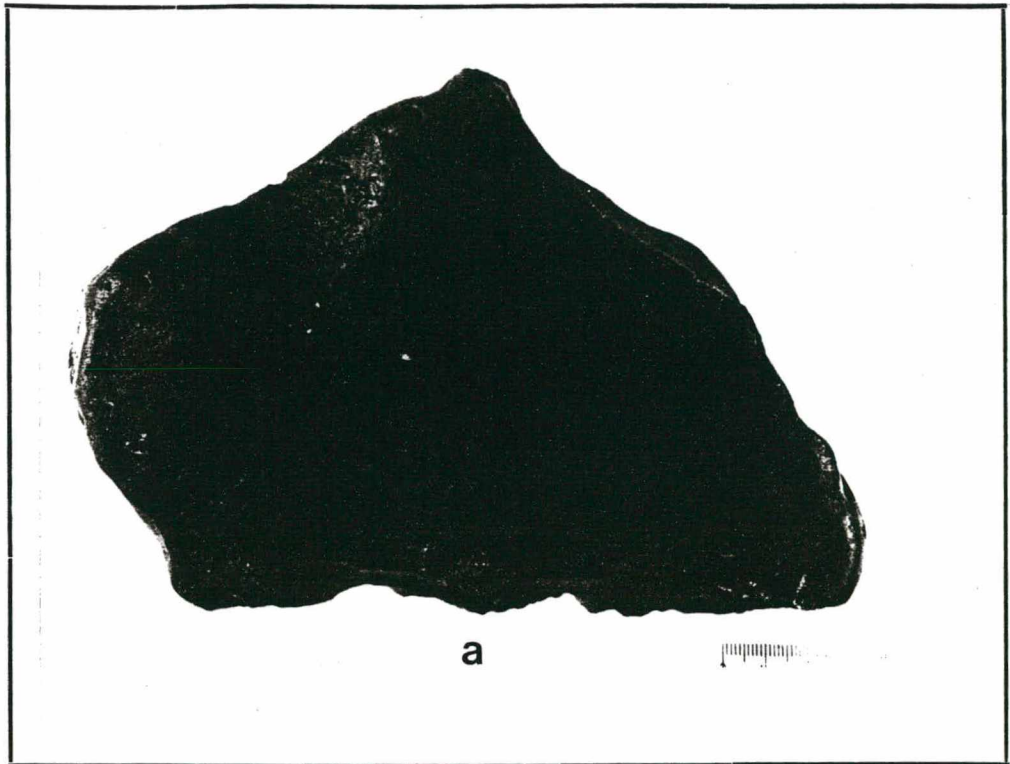


Foto nº 5:

a - Talhador com gume lateral em basalto

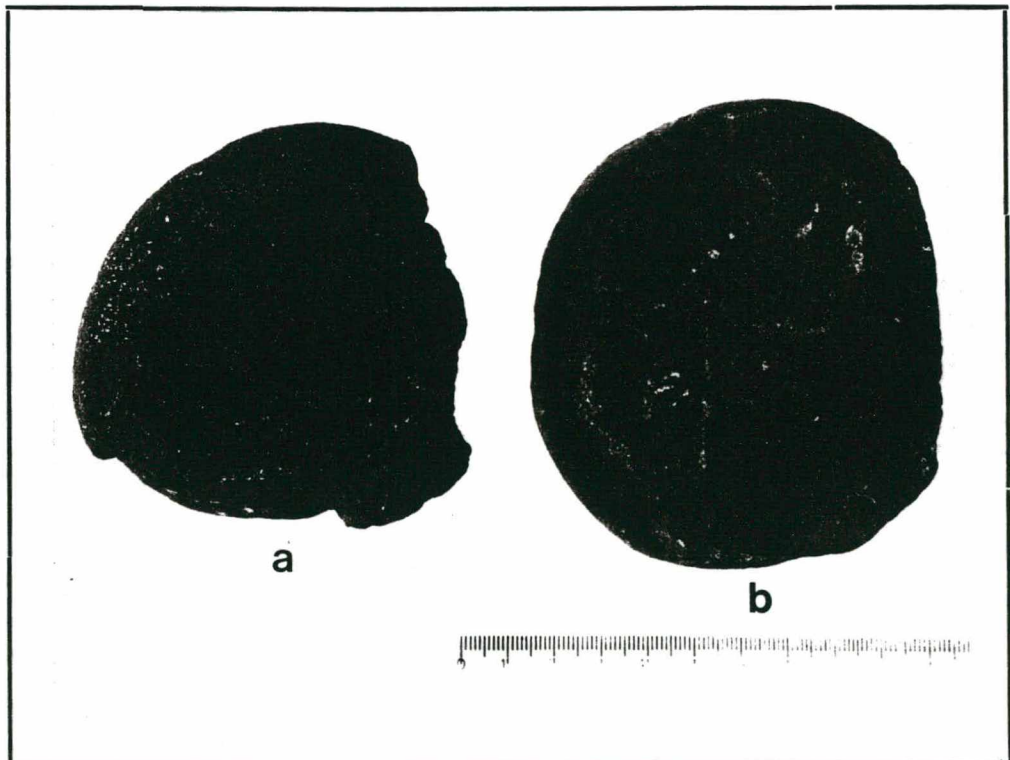


Foto nº 6:

a - Provável local de masseramento em basalto

b - Bigorna e batedor associados em basalto

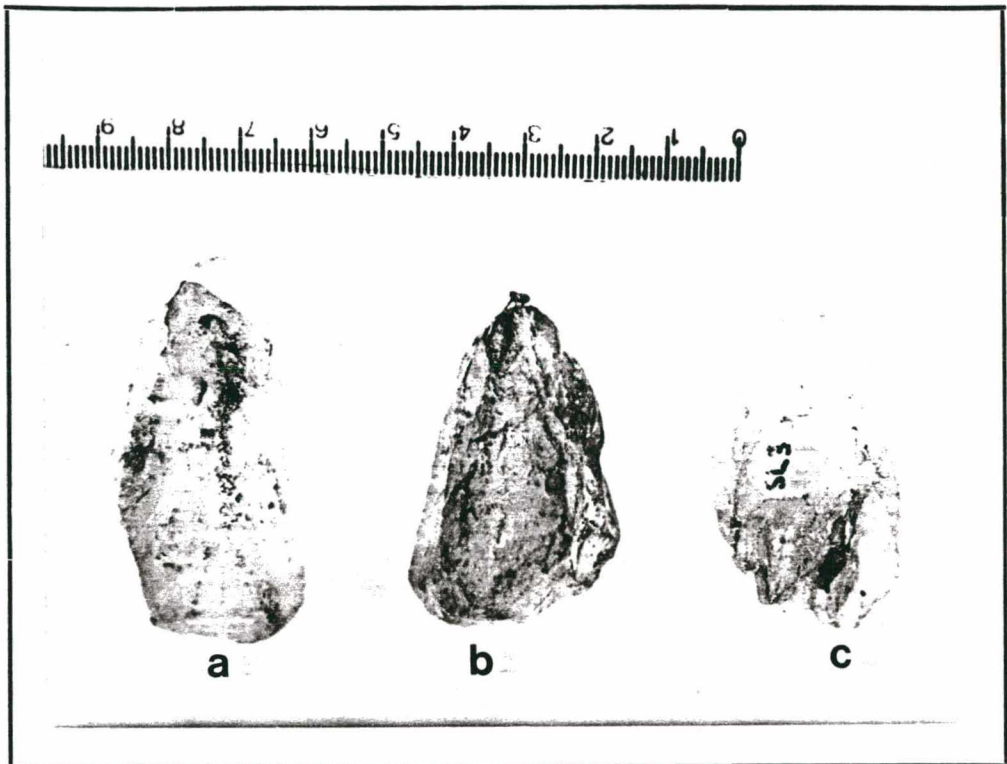


Foto nº 7:

a, b, c - Fragmentos de cristal de quartzo com desgaste nas extremidades

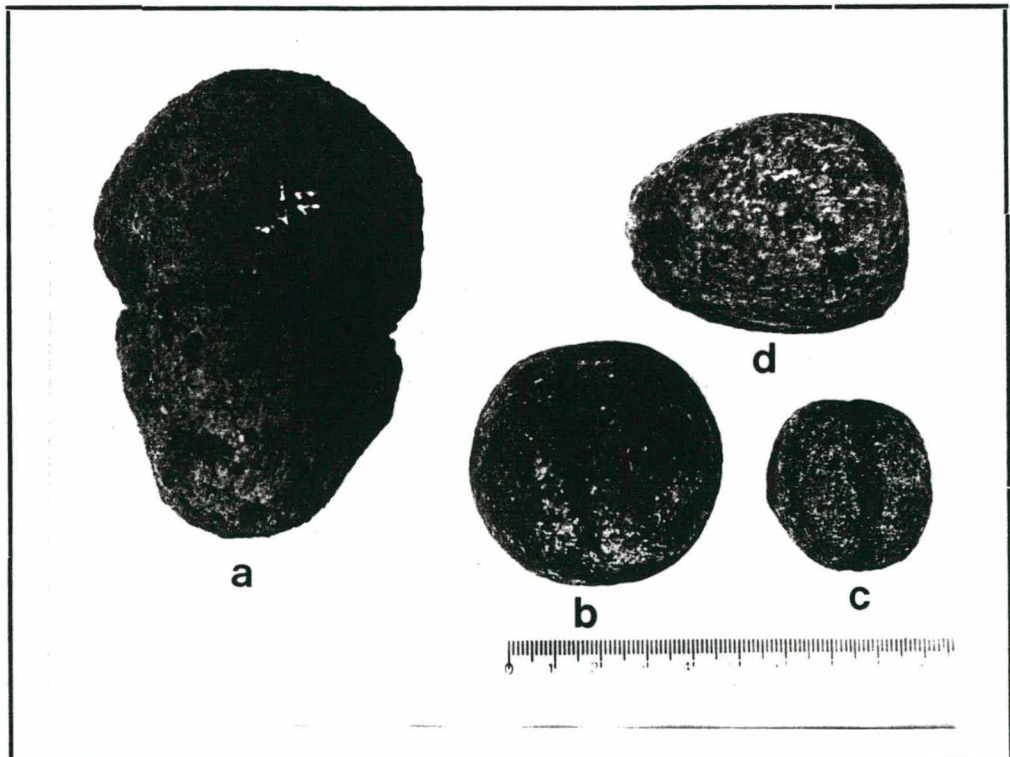


Foto nº 8:

a, b, c - Boleadeiras de basalto (a, b) e arenito (c)
d - Percutor ovolar de basalto

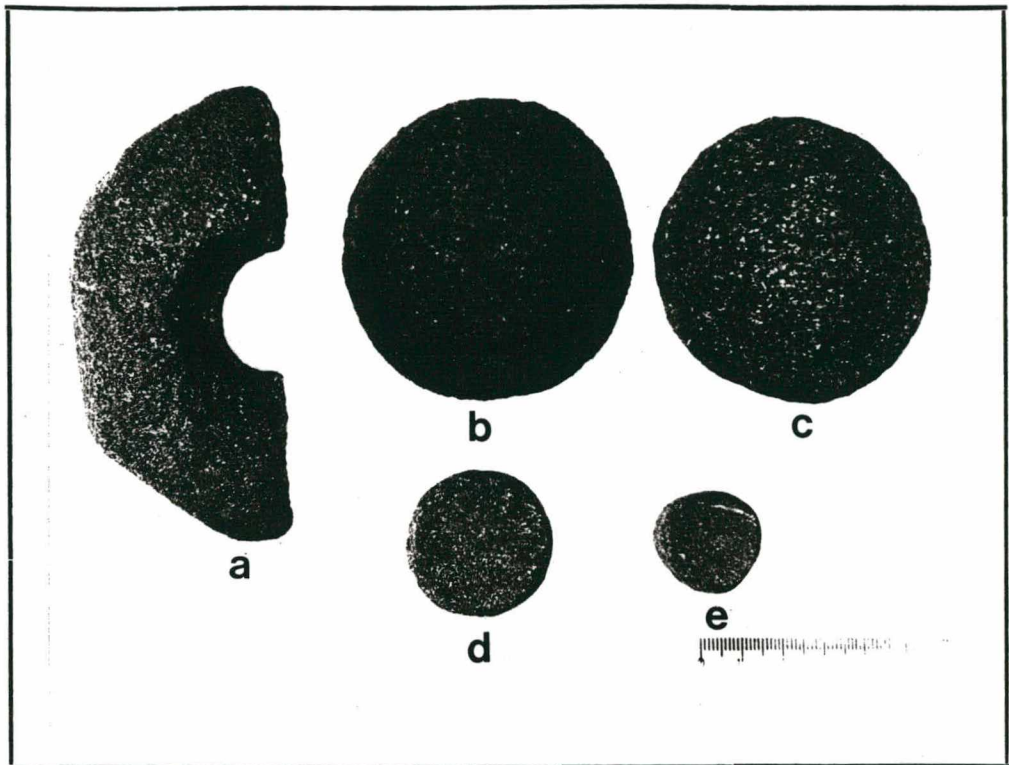


Foto nº 9:

a - Itaiçã ou maça de guerra de arenito

b, c - Lenticulares de basalto (b) e arenito (c)

d, e - Discos polidos de arenito

CONCLUSÃO

No princípio da conquista ibérica na Bacia do rio da Prata, iniciaram os contatos étnicos entre espanhóis e portugueses, representantes da sociedade colonial e populações Guarani. A partir de 1609, com o estabelecimento da Província Jesuítica do Paraguai, intensificaram-se tais contatos através da inserção dos indígenas em Missões Jeesítico-Guarani cuja duração foi de aproximadamente, cento e cinquenta anos.

O sistema reducional caracterizou-se pela concretização de uma ação civilizadora e evangelizadora, a qual presupunha a conversão dos elementos básicos e estruturais da sociedade indígena aos valores e padrões sócio-culturais e econômicos da sociedade cristã ocidental. A ação transformadora dos jesuítas, entretanto, esbarrou em situações de conflito e resistência étnica dos Guarani pela manutenção do seu modo de ser, seu teko, ameaçado pela imposição de uma nova ordem de relações sociais, valores e necessidades.

Este quadro, conformado pela contradição entre modos de vida e projetos sociais antagônicos de unidades étnicas

diferentes, resultou num sistema interétnico marcadamente assimétrico. E é no interior do sistema interétnico, onde estabelecem-se relações de contraste e vivenciam-se as diferenças, que emerge a identidade étnica, identidade que surge por oposição.

A base na qual a identidade étnica se define está na afirmação do nós diante dos outros e, mesmo que os elementos sócio-culturais e econômicos transformem-se no sistema interétnico, a identidade não é afetada, é irreduzível às variações. Entretanto, o sentimento de ser e permanecer índio é construído através de traços culturais que realçam e preservam tal identidade. Os Guarani garantiam sua sobrevivência étnico-cultural nos povoados missioneiros pela manifestação de elementos contrastantes que preservavam sua singularidade e continuidade como grupo étnico, seja através de fenômenos não materiais, como também materiais.

As situações de conflito étnico e manutenção de hábitos e costumes do Guarani pré-colonial observados na documentação jesuítica, vem alicerçar as interpretações sobre os vestígios arqueológicos cerâmico e lítico da Missão de São Lourenço Mártir. Mesmo em contato contínuo com uma nova tradição tecnológica e o que esta representava, os artesãos Guarani - mulheres e homens - persistiram em vários elementos dos modos de fazer e usar os artefatos. Os objetos cerâmicos e implementos confeccionados em pedra, com suas evidências originais da cul-

tura material Guarani anterior ao contato com o colonizador, representam a resistência dos indígenas em sujeitar-se totalmente ao modelo de vida introduzidos pelos jesuítas.

Neste sentido, mesmo que a manufatura de implementos, recipientes e outros objetos tenha se realizado junto às influências da tradição européia, a manutenção de diversos elementos materiais da tradição tecnológica Guarani, vem representar a diferença e a sua afirmação étnica frente à sociedade colonial.

Entendendo a cultura material como a materialização do comportamento, de idéias e conceitos, a parafernália material produzida pelo Guarani de São Lourenço é um símbolo de identidade étnica. Além de nela estar manifestada esta identidade, através dos significados simbólicos que lhes são atribuídos pela etnia, é essencial para a persistência dessa identidade.

Este trabalho caracteriza-se como um estudo de caso, na tentativa de interpretação dos restos arqueológicos a partir da sua significação no contexto social. A analogia histórica foi fundamental para o desenvolvimento desta abordagem, apesar do limitado número de informações relativas à cultura material. Possivelmente novas interpretações surjam, mais consistentes e fundamentadas, se ampliadas a análise dos vestígios arqueológicos e a busca de novos dados históricos sobre as missões jesuíticas.

BIBLIOGRAFIA CITADA E CONSULTADA

01. ALBUQUERQUE, Marcos. Subsídios ao estudo arqueológico dos primeiros contatos entre os portugueses e os indígenas da tradição Tupiguarani no NE do Brasil. **CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História**. Recife, nº 5, 1982, p. 105-16.
02. ARDANAZ, Daisy Rípodas. Pervivencia de hechiceros en las misiones guaraníes. **Folia Historica del Nordeste**, Instituto de Historia de la Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional del Nordeste, Inst. de Investigaciones Geohistoricas, CONICET - FUNDANORD, nº6, Resistência, 1984. p.199-217.
03. ARTIGAS, J. Llorens; MATHEUS, J. Corredor; ROCA, F. Cortalá. **Cerâmica popular española actual**. Editorial Blume. Barcelona, 1974.
04. AZARA, Félix. Geografía esférica e física de las provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes (1790). **Anales del Museo Nacional de Montevideo**. Montevideo, 1904.
05. BECKER, Ítala e SCHMITZ, P. I. Cachimbos do Rio Grande do Sul. **Pesquisas**, Antrop. nº 20, Anais do III Simp. de Arq. da Área do Prata, Inst. Anch. Pesq., São Leopoldo, 1969. p.139-62.
06. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia - Construção da Pessoa e Resistência Cultural**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.
07. BROCHADO, José P.; CALDERÓN, Valentin; CHMYZ, Igor; DIAS Jr., Ondemar F., e outros. **Arqueologia Brasileira em 1968**. Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Publicações avulsas, nº 12, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1969(a).
08. BROCHADO, J. P. e outros. A cerâmica das Missões Orientais do Uruguai. Um estudo de aculturação indígena através da mudança na cerâmica. **Pesquisas**. Antrop. 20, Inst. Anch. Pesq., São Leopoldo, 1969(b). p.169-201.

09. BROCHADO, J. P. **Desarrollo de la tradición cerámica Tupiguarani (A.D.500-1800)**. Gabinete de Arqueologia UFRGS, Publ. nº 3, Porto Alegre, 1973 (a).
10. BROCHADO, J. P. Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. **Relaciones**, Sociedad Argentina de Antropologia, Buenos Aires, nº 7, 1973(b). p.7-39.
11. BROCHADO, J. P. Contatos europeus e indígenas: um estudo de aculturação através das mudanças na cultura material. **Rev. do Inst. de Filos. e Ciências Humanas**. UFRGS, Ano II nº 2, Porto Alegre, 1974. p.11-47.
12. BROCHADO, J. P. A Tradição Cerâmica Tupiguarani na América do Sul. **CLIO, Rev. C. Mest. Hist.**, Universidade Federal PE, nº 3, 1980. p.47-60.
13. BROCHADO, José Proenza. **An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America**. Tese de Doutorado, Urbana, Illinois, 1984.
14. BRUXEL, Arnaldo. **Os Trinta Povos Guaranis**. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Sulina. 1978.
15. CARDIEL, José. **Declaración de la Verdad**. Buenos Aires, Imprensa de Juli, A. Alsino, 1900. 491p.
16. CAZZETTA, Miriam. **Relatório das Escavações Arqueológicas em São Lourenço Mártir, Olaria, 1987**. (mimeo)
17. CAZZETTA, Miriam. **A indústria oleira nas Missões**. Palestra proferida na VI Mostra de Arte Missioneira, em São Luiz Gonzaga, RS, novembro/1989. (mimeo)
18. CERUTI, Carlos N. Evidencias del contacto hispano-indígena en la cerámica de Santa Fe La Vieja (Cayastá). **Presencia hispanica en la Arqueologia Argentina**. Museo Regional de Antropologia "Juan A. Martinet" e Inst. de História, Facultad de Humanidades, Univ. Nacional del Nordeste, Resistencia, Provincia de Chaco, v. 2, 1983, p. 487-519.
19. CHANG, K. C. Major Aspects of the Interrelationship of Archaeology and Ethnology. **Current Anthropology**, v. 8(3), june/1967. p.227-40.
20. CHARLTON, T. H. Archaeology, Ethnohistory, and Ethnology: interpretative interfaces. In: Schiffer, M.B. (ed.), **Advances in Archaeological Method and Theory**. v.4, 1981. p.129-76.
21. CHMYZ, Igor. **Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica**. Revisada e ampliada, Manuais de arqueologia, nº 1, Centro de Estudos Pesq. Arq., Curitiba, 1970.

22. CHMYZ, Igor. **Cad. Arqueologia.** ano 1, nº 1. Museu de Arqueologia e Artes Populares. Universidade Federal do Paraná, Paranaguá, 1976.
23. CUNHA, Juliano. **Primeiro Relatório de análise do material lítico da Missão de São Lourenço Mártir,** 1988. (mimeo)
24. CUNHA, Juliano. **Segundo Relatório de análise tecnotipológica do material lítico missioneiro,** 1989. (mimeo)
25. CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil.** São Paulo, Ed. Brasiliense/EDUSP, 1986.
26. D'ORBIGNY, Alcides. **El hombre americano (1829).** Buenos Aires, Ed. Futuro, 1944.
27. DECKMANN, Eliane Cristina. Ensaio sobre Etno-História. In: **Estudos Leopoldenses,** v.24, nº 106, setembro/outubro, História 2, São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1988. p.39/45.
28. DIAS, Ondemar F. A Cerâmica Neo-Brasileira. **ARQUEO-IAB, Textos Avulsos,** nº 1, Instituto de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, 1988. p.3-13.
29. DOCUMENTOS para la História Argentina, Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Campaña de Jesús (1609-1614), Buenos Aires, Talheres S.A. Casa Jacobo Peuser, Ltda. Tomo XIX. Iglesia, 1927.
30. DOCUMENTOS para la História Argentina, Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Campaña de Jesús (1615-1637), Tomo XX, Iglesia. Buenos Aires, Talheres S.A. Casa Jacobo Penser, Ltda., Faculdade de Filosofia y Letras Inst. de Investigaciones Históricas, 1929.
31. FURLONG, S. J. G. **José Cardiel, S. J. y su Carta-Relación (1747).** Lib. del Plata, SRL, Buenos Aires, 1953.
32. FURLONG, Guilherme. **Misiones y sus Pueblos de Guaranies.** Buenos Aires, Imp. Balmes, 1962.
33. GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1978.
34. GOMES, Mércio P. **Os índios e o Brasil.** Petrópolis, Vozes, 1988.
35. GOULD, Richard. A beyond analogy in ethnoarchaeology. In: Gould, R. A. **Exploration in Ethno-archaeology.** Albuquerque, Univ. of New Mexico Press, 1978. p.249-93.
36. GUTIÉRREZ, Ramón. Estructura socio-política, sistema productivo y resultante espacial en las misiones jesuíticas del Paraguay durante el siglo XVIII. In: **Estudios Paraguayos,** Rev. de la Univ. Católica "Nuestra Señora de La Assunción", v.II, nº 2, Assunción del Paraguay, diciembre 1974. p.83-140.

37. HAUBERT, Maxime. **Índios e Jesuítas no Tempo das Missões (A Vida Cotidiana)**. São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1990.
38. HODDER, I. *The Present Past. An Introduction to Anthropology for Archaeologists*. London, B.T. Bastford Ltd, 1982. p.11-27.
39. KERN, Arno A. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.
40. KERN, Arno A. O processo histórico platino no século XVII: da aldeia guarani ao povoado missioneiro. In: **Estudos Ibero Americanos**, XI(1), PUCRGS, IFCH, Porto Alegre, 1985. p.23-41.
41. KERN, Arno A. **Problemas teórico-metodológicos relativos à análise do processo histórico missioneiro**. Texto apresentado no VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros (1985) e na VIª Reunião da SBPH (1986), manuscrito.
42. KERN, Arno A. **Projeto: Arqueologia Histórica Missioneira: reduções jesuíticas de São Miguel, São João e São Lourenço, RS-Brasil (Acordo de Cooperação Técnica SPHAN, UFRGS; PUCRS, FISC)**.
43. KERN, Arno A. A Arqueologia Histórica, a História e os Trinta Povos das Missões. **Rev. CLIO (Série Arqueológica)**, nº 5, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1989(a) p.101-14.
44. KERN, Arno Alvarez. Escavações arqueológicas na Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço (RS, Brasil). **Estudos Ibero-Americanos**, Revista do Departamento de História, Pós-Graduação em História, v. XV, nº 1, Porto Alegre, PUCRS, junho 1989(b), p.111-33.
45. KERN, Arno A.; CARLE, Cláudio B. **Arqueologia Histórica Missioneira: campanhas arqueológicas de 1985, 86 e 87 em São Lourenço das Missões (RS, Brasil)**. Os implementos de metal. Texto no prelo, 1989.
46. KERN, Arno. **A cultura material, a História e a Arqueologia**. Trabalho apresentado na 10ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), na Mesa Redonda "Tipos de Cultura" (24-27 de julho de 1990).
47. KRAMER, Carol. **Ethnoarchaeology Implications of Ethnography for Archaeology**, Columbia Univ. Press, 1979.
48. LA SALVIA, Fernando e BROCHADO, José P. A cerâmica Guarani: análise e interpretação. In: **Montoya e as Reduções num tempo de Fronteiras. Anais do VI Simpósio Nac. de Estudos Missioneiros**. Santa Rosa, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1985. p.193-215.
49. LA SALVIA, Fernando e BROCHADO, José P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre, Ed. Posenato Arte & Cultura, 1989.

50. LEROI-GOURHAN, André. **Evolução e Técnicas, I - O Homem e a Matéria.** São Paulo, Perspectivas do Homem, Edições 70, 1971.
51. LÉVI-STRAUSS. **Antropologia Estrutural.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.
52. LÉVI-STRAUSS, Claude. **A Oleira Ciumenta.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.
53. LIMA, Tânia Andrade. Cerâmica indígena brasileira. In: **Suma Etnológica Brasileira.** Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Darcy Ribeiro (Editor) et alii, v.2, Tecnologia Indígena, Coord. Berta G. Ribeiro, Petrópolis, Ed. Vozes, 1987. p.173-229.
54. MELIÁ, Bartolomeu. O Guarani Reduzido. In: **Das Reduções Latino-americanas às lutas indígenas atuais.** IX Simpósio Latino-Americano da CEHILA, Manaus, 29 de julho a 01 de agosto de 1981/Eduardo Hoornaert, organizador, São Paulo, Edições Paulinas, 1982. p.229-41.
55. MELIÁ, Bartolomeu. **El Guaraní - Conquistado y Reducido.** Ensayos de Etnohistória. Biblioteca Paraguaya de Antropología, v.5, Assunción, Centro de Estudios Antropológicos, Universidade Católica, 1986.
56. MELIÁ, Bartolomeu. **Los Guaraní-Chiriguano 1, Ñande Reko nuestro modo de ser.** La Paz, Centro de Investigación y Promoción del Campesinato, 1988.
57. MELIÁ, Bartolomeu. **As reduções Guaraníticas: uma missão no Paraguai Colonial.** Comunicação apresentada no Simpósio Internacional: Missões 300 Anos, a visão do artista, Porto Alegre, UFRGS, jun. 1988. 16fig. (mimeo)
58. MEGGERS, Betty e EVANS, C. **Como interpretar a linguagem da cerâmica.** Manual para arqueólogos. Smithsonian Inst., Washington, D.C., 1970.
59. MENESES, Ulpiano T.B. **A Cultura material no estudo das sociedades antigas.** Dept. de História, FFLCH/USP. p. 104-17, sd.
60. MILLER, Tom O. Jr. Etnoarqueologia: implicações para o Brasil. **Arquivo Mus. Hist. Nat.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. v.VI/VII, 1981/82. p. 293-309.
61. MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Vocabulario y Tesoro de la lengua Guaraní ó mais bien tupi** [1639]. Viena, Faesy y Frick - Paris, Maisonneuve y Cia., 1876.

62. MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape** [1639]. Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 1985.
63. MÜLLER, Regina A. P. **De como cinquenta e duas pessoas reproduzem uma sociedade indígena, OS ASURINÍ DO XINGU**. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Departamento de Ciências Humanas, USP, São Paulo. 1987.
64. NAUE, G.; LA SALVIA, F.; BROCHADO, J.P. Programa para o Salvamento do Patrimônio Histórico-Cultural - Rio Uruguai. **Relatório**. v.I, (1988/89) Tomo IV, I forma, área Machadinho, RS, Porto Alegre.
65. NEVES, Luiz Felipe Baêta. **O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios, Colonialismo e Repressão Cultural**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1978.
66. NEWTON, Dolores. Cultura Material e História Cultural, Introdução. In: **Suma Etnológica Brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Darcy Ribeiro (Editor) et alii. v.2, Tecnologia Indígena, Coord. Berta G. Ribeiro, Petrópolis, Ed. Vozes, 1987. p.15-25.
67. NIMUENDAJU, Carl Unkel. **As lendas da criação e destruição do Mundo, como fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani**. São Paulo, Edit. Mucitec, Ed. da Universidade de São Paulo, 1987.
68. NOVAES, Sylvia. **Habitações indígenas** (organizadora). São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1983.
69. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, São Paulo, 1976.
70. PAUCKE, Florian. **Hacia alla y para acá (Una estada entre los indios macobíes, 1749-1767)**. Tomo II, 1943.
71. PERASSO, José Antonio. **Interpretación de Estructuras en Arqueología Histórica: sítio Trinidad (Itapuá, Paraguay)**. Assunción, Arte Nuevo Editores, 1984.
72. PINTOS, Aníbal Barrios. **Historia de los Pueblos Orientales**. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 1971.
73. PORTO, Aurélio. **História das Missões Orientais do Uruguai**. 2.ed. Porto Alegre, Selbach, v.III e IV, 1954.
74. RESTIVO, Paulo. **Vocabulário de la lengua Guarani, secundum vocabularium Antonii Ruiz de Montoya**. Ano MDCCXXII in Civitate S. Mariae Majoris. Stuttgartardiae, In adudbus Guilielmi Kohlhammer, 1893.

75. RIBEIRO, Berta G. A linguagem simbólica da cultura material, Introdução. In: **Suma etnológica brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Darcy Ribeiro (Editor) et alii. v.3, Arte Índia, Coord. Berta G. Ribeiro, Petrópolis, Vozes, 1986. p.15-27.
76. RIBEIRO, Darcy. Apresentação. In: **Suma etnológica brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Darcy Ribeiro (Editor) et alii, v.3, Arte Índia, Coordenação Berta Ribeiro, FINEP, Petrópolis, Vozes, 1986. p.9-10.
77. RIBEIRO, Pedro Augusto M.; RIBEIRO, Catharina T.; SILVEIRA, Ítela da. Arqueologia e História da Aldeia de São Nicolau do Rio Pardo, RS, Brasil. **Revista do CEPA**, v. 15, nº 18, Santa Cruz do Sul, APESC/FISC, junho 1988.
78. RIBEIRO, Pedro Augusto M.; RIBEIRO, Catharina T.; KLAMT, Servio Celio e BUCHAIM, Joaquim Jorge S. Escavações Arqueológicas na Missão de São Lourenço Mártir, São Luiz Gonzaga, RS, Brasil. **Estudos Ibero-Americanos**. Rev. Departamento História, Pós-Graduação em História, v. XV. nº 1, Porto Alegre, PUCRS, junho 1989. p.135-51.
79. ROVIRA, Beatriz E. **Arqueologia Histórica del Conjunto Jesuítico de Nuestra Señora de la Candelaria, provincia de Misiones**. Trabalho de Tese apresentado para al grado de Doctor en Ciencias Naturales, Universidade Nacional de La Plata, Argentina, 1989.
80. RYE, Owen S. **Pottery Technology, Principles and Reconstruction**. Manuals on Archaeology 4, Taraxacum, Washington, 1981.
81. SÁ, Cristina. Observações sobre a habitação em três grupos indígenas brasileiros. In: **Habitações Indígenas**. Sylvia Novaes (organ.), Ed. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983. p.103-146.
82. SAIN-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)**. Rio de Janeiro, Ed. Ariel Ltda., 1935.
83. SANTOS, Maria Cristina. **Os movimentos Guarani de resistência à colonização da Bacia Platina (1537-1660)**. Dissertação apresentada no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração História Iberoamericana, PUCRS, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 1988.
84. SCHIFFER, Michael B. Archaeological context and sistemic context. **American Antiquity**. v.37, nº 2, April/1972. p.156/65.

85. SCHMITZ, Pedro Ingnácio. O Guarani no Rio Grande do Sul. In: **Boletim do MARSUL**, nº 2, Est. do RS, Secretaria de Educação e Cultura, Subsecretaria de Cultura, Taquara, p.1-março, 1985.
86. SEFFNER, Fernando. **Relatório de trabalho de campo: escavação das ruínas de São Lourenço Mártir**. 1986. (mimeo)
87. SEPP, Antônio. Algunas advertencias tocantes al Gobierno temporal de los pueblos en sus fábricas, sementeras, estancias y otras faunas. Traduzido por Mansueto Bernardi, In: **Separata de Pesquisas**, 2:35-45, São Leopoldo, Inst. Inc. de Pesquisas, 1958.
88. SEPP, S. J. A. **Continuación de los labores apostólicos**. Tomo II, Ed. Univ. de Buenos Aires, 1973.
89. SEPP, Antônio S. J. **Jardín de flores paracuário**. Tomo II. Buenos Aires, Edit. Universitária de Buenos Aires, 1974.
90. SEPP, Antônio S. J. **Viagem às missões Jesuíticas e trabalhos apostólicos**. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1980.
91. SHADEN, Egon. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962.
92. SILVEIRA, Hemetério J. V. da. **As Missões Orientais e seus antigos domínios**. Porto Alegre, ERUS, 1979.
93. SOUZA, José Otávio C. **Uma introdução ao Sistema técnico-econômico Guarani**. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Inst. de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, novembro de 1987.
94. SOUZA, José C. **Uma análise do discurso missionário: o caso da "indolência" e "imprevidência" dos guaranis**. Texto apresentado em conferência no VIII Simpósio de Estudos Missionários em outubro de 1989, Santa Rosa. (mimeo)
95. STANISLAWSKI, Michael B. Ethnoarchaeology and settlement archaeology. **Ethnohistory**, v.20(4), 1973. p.375-92.
96. VIALOU, Águeda Vilhena. **Tecno-Tipologia das indústrias líticas do sítio Almeida em seu quadro natural, Arqueo-etnológico e regional**. Universidade de São Paulo, Museu Paulista, Inst. de Pré-História, 1980.
97. WÜST, Irmhild. Analogia etnográfica na investigação arqueológica. In: Schmitz, Pedro J.; BARBOSA, Altair, S.; WÜST, Irmhild. **Arqueologia de Goiás em 1976**. Goiás, Universidade Católica de Goiás/IAD/UNISINOS, 1976. p. 25-9.